

GABRIEL DELANNE

**O ESPIRITISMO
PERANTE A CIÊNCIA**



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.

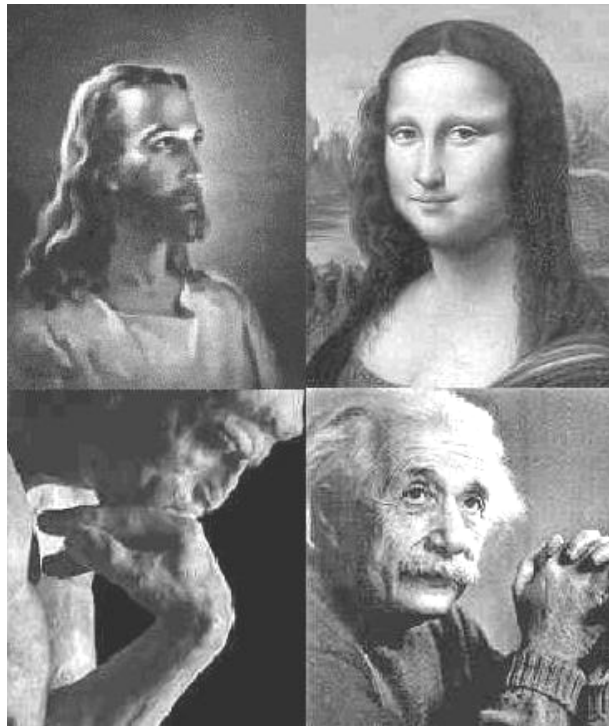


www.ebookespírita.org

Gabriel Delanne

O Espiritismo Perante a Ciência

Traduzido do Francês
Gabriel Delanne - *Le Spiritisme devant la science*,
Paris, E. Dentu, 1885



Os Grandes Mestres do Pensamento



Conteúdo resumido

Gabriel Delanne foi um dos cientistas que deram continuidade ao trabalho de Kardec, na divulgação da Doutrina Espírita.

Nesta obra, o autor demonstra que o Espiritismo, longe de contrariar a Ciência, é nela que se firma, não havendo incompatibilidade entre um e outro.

Aprecia casos comprovados experimentalmente de aparições materializadas, telepatia, transportes, visão a distância e premonição, entre outros, relatando a adoção, por grande número de cientistas, da teoria espírita como a única explicação geral de todos os fenômenos investigados.

Aconselha a pesquisa séria da mediunidade e reprovadamente os que, por preconceito ou fanatismo, não admitem a adoção de medidas preventivas contra as mistificações no campo experimental.

Acrescenta um Apêndice que visa informar sobre a consagração pela Ciência de algumas das mais importantes teorias da obra, várias décadas após a sua publicação.

Sumário

Primeira Parte	4
I – Temos alma?	4
II – O materialismo positivista	32
Segunda Parte.....	65
I – O magnetismo e sua história.....	65
II – O sonambulismo natural	71
III – O sonambulismo magnético.....	84
IV – O hipnotismo	101
V – Ensaio de teoria geral.....	116
Terceira Parte.....	122
I – Provas da imortalidade da alma pela experiência.....	122
II – As teorias dos incrédulos e o testemunho dos fatos.....	139
III – As objeções	160
Quarta Parte	181
I – Que é o perispírito?.....	181

II – Provas da existência do perispírito – Sua utilidade – Seu papel.....	190
III – O perispírito durante a desencarnação – Sua composição	214
IV – Hipótese	261
Quinta Parte	274
I – Algumas observações preliminares	274
II – Os médiuns escreventes	284
III – Mediunidades sensoriais – Médiuns videntes e médiuns auditivos	307
Apêndice.....	352

Primeira Parte

I

Temos alma?

Temos alma? Tal é a questão que nos propomos estudar neste capítulo. Parece, à primeira vista, que este problema pode ser facilmente resolvido, porque desde a mais remota Antigüidade as pesquisas dos filósofos tiveram por objeto o homem, sua natureza física e intelectual; poder-se-ia crer que chegaram a um resultado? Pois bem, conforme alguns sábios modernos, não é assim.

Os antigos que tinham tomado por divisa a célebre máxima “*conhece-te a ti mesmo*” não se conheciam. Eles imaginavam que o homem fosse composto de dois elementos distintos: a alma e o corpo; basearam, nessa dualidade, todas as deduções da filosofia, e eis que, em nossa época, uma escola nova acha que eles se enganaram; que em nós tudo é matéria; que a antiga entidade qualificada com o nome de alma não existe; e que é preciso abjurar esse velho erro, filho da ignorância e da superstição.

Antes de nos submetermos passivamente a esse aresto, examinemos se os argumentos fornecidos pelos materialistas têm, realmente, o valor que lhes querem atribuir. Procuraremos acompanhá-los no próprio terreno e tentaremos discriminar o que de verdadeiro e de falso existe em suas teorias. Anteporemos, em relação aos seus trabalhos, as conclusões imparciais da ciência e da especulação modernas. Dessa comparação nascerá, assim o esperamos, a certeza de que existe em nós um princípio independente da matéria, que dirige o corpo, e a que chamamos alma.

Àqueles que duvidarem da utilidade, para o homem, do princípio espiritual, responderemos: não há assunto mais digno de nossa atenção, porque nada nos interessa mais do que saber quem somos, para onde vamos e donde viemos.

Tais questões se impõem ao espírito, após os dolorosos acontecimentos aos quais ninguém está isento neste mundo.

A alma, iludida e mutilada, recolhe-se a si própria, depois dos combates da existência, e indaga por que o homem está na Terra, se seu destino é o de sofrer sempre?

Quando se vê o vício triunfante ostentar o seu esplendor, a quem não ocorre a idéia de que os sentimentos de justiça e de honestidade são palavras vãs? Afinal de contas, não é a satisfação dos sentidos o fim supremo ao qual aspiram todos os seres?

Quem de nós, tendo ardentemente perseguido a realização de um sonho, não sentiu o coração vazio e a alma desenganada, depois de o haver atingido? Quem de nós não indagou, quando o turbilhão da existência lhe tenha deixado um instante de repouso: – Por que estamos na Terra e qual será o nosso futuro?

O sentimento que nos impele a essa pesquisa é determinado pela razão que quer, imperiosamente, conhecer o *porquê* e o *como* dos acontecimentos que se realizam em torno de nós. É ela que nos põe no coração o desejo de aprofundar o mistério de nossa existência. Se em meio ao ruído das cidades essa necessidade se impõe algumas vezes ao nosso espírito, com muito maior força, ainda, ela se apossa de nós, quando, ao deixar os centros populosos, nos encontramos face a face com as naturezas eternas, imutáveis. Ao contemplar os vastos horizontes de imensa paisagem, os céus profundos, semeados de estrelas, verificamos a nossa pequenez no conjunto da criação. E ao lembrar que os mesmos lugares em que agora nos encontramos foram pisados por inumeráveis legiões de homens, que não deixaram outros traços além do pó de seus ossos, perguntamos, com angústia, por que esses homens viveram, amaram e sofreram?

Quaisquer que sejam as nossas ocupações, quaisquer que possam ser os nossos estudos, somos levados invariavelmente a ocupar-nos de nosso destino, sentimos a necessidade de conhecer-nos e de saber em virtude de que leis nós existimos.

Seremos o joguete das forças cegas da natureza? Nossa raça, que apareceu na Terra depois de tantas outras, não será mais que um anel dessa imensa cadeia de seres que se deve suceder em sua superfície? Ou efetivamente será a plena eclosão da força vital imanente de nosso Globo?

A morte, enfim, dissolverá os elementos constitutivos do nosso corpo para os mergulhar de novo no cadinho universal, ou conservaremos, depois dessa transformação, uma individualidade para amar e recordar?

Todos esses pontos de interrogação se erguem diante de nós nas horas de dúvida e de reflexão; eles prendem o espírito na rede de idéias que suscitam e obrigam o mais indiferente dos homens a indagar: Existe a alma?

Um golpe de vista sobre a história da Filosofia

Os mais antigos filósofos de que há lembrança na história acreditavam que éramos duplos e que em nós residia um princípio inteligente, diretor da máquina humana; eles, porém, não aprofundaram as condições do seu funcionamento. As vistas gerais que possuíam eram bastante vagas, porque queriam descobrir a causa primária dos fenômenos do Universo.

Em suas pesquisas só se apoiavam em hipóteses; por isso a teoria dos quatro elementos, que resulta dos seus trabalhos, foi abandonada. Mas, fato digno de atenção é o de haver Leucippo admitido, para explicar o mundo sensível, três coisas: o vácuo, os átomos e o movimento, e vemos, hoje, essas deduções, em grande parte, adotadas pela ciência contemporânea.

Com Sócrates apareceu o estudo metódico do homem: esse grande espírito estabeleceu a existência da alma e se baseou em razões de extrema lógica. Platão, seu discípulo, levou mais longe ainda essa crença. O filósofo da Academia admitia, a exemplo de Pitágoras, um mundo distinto dos seres materiais: “o mundo das idéias”. Segundo Platão, a alma conhece as idéias pela razão; ela as contemplou em uma vida anterior à existência atual.

Eis uma novidade: até então, limitavam-se todos a crer que a alma era feita ao mesmo tempo em que o corpo. A teoria platônica ensinava que ela vive anteriormente: veremos adiante como são justas as suas deduções. Aristóteles, apelidado o príncipe dos filósofos, é tão espiritualista como seus predecessores e cumpre reconhecer que toda a Antigüidade acreditou na existência da alma, como em sua imortalidade. As lutas entre as diferentes

escolas provinham, antes, das divergências na explicação dos fenômenos do entendimento, que da alma em si mesma.

Foi assim que se criou a facção sensualista, cujos representantes mais ilustres foram Leucippo e Epicuro. Este último fazia derivar todos os conhecimentos da sensação. Admitia a alma, mas a supunha formada de átomos e, por conseqüência, incapaz de sobreviver à morte do corpo. Era, pois, em realidade, um materialista, e se achava em oposição formal com os idealistas representados por Sócrates, Platão e Aristóteles.

Zenon pode ser filiado a essa escola, mas, diversamente de Epicuro, separava a sensação das idéias gerais e, ainda, os sentidos da razão.

Sem ir tão longe quanto os cínicos, os estóicos consideravam indiferentemente os prazeres e as penas. Julgavam imorais todas as ações que se afastavam da lei e do dever. Esta severidade de princípios foi, durante muitos séculos, a força da Humanidade e o único dique contraposto às paixões desenfreadas da Antigüidade pagã.

A escola neoplatônica de Alexandria forneceu luminosos gênios, tais como Orígenes, Porfírio, Jamblico, que souberam elevar-se até as mais sublimes concepções da filosofia.

Eles admitem a preexistência da alma e a necessidade de seu regresso à Terra.

Achavam o homem incapaz de adquirir, de uma só vez, a soma dos conhecimentos que o elevasse a uma condição superior, e defenderam essa nobre doutrina, com coragem e audácia sem iguais, contra os sectários do Cristianismo nascente.

Próclus foi o último reflexo desse foco intelectual, e a Humanidade ficou, durante longos séculos, amortalhada sob as espessas trevas da Idade Média.

Nessa época de crença não se duvidava da alma nem da imortalidade, mas os dogmas da Igreja, que se adaptavam, maravilhosamente, ao espírito bárbaro das nações atrasadas, tinham-se tornado impotentes em face do despertar das consciências.

A antiga filosofia apoiava-se na razão; a teologia de São Tomás de Aquino só repousava na fé e as tentativas de libertação,

que resultavam do divórcio entre a fé e a razão, eram cruelmente punidas.

Sendo o progresso uma lei do nosso Globo, devia chegar o momento em que se efetuaria o acordar das inteligências; foi o que se deu com Bacon. Este sábio, fatigado com as disputas dos escolásticos que se esgotavam em discussões estéreis, atraiu as atenções para o estudo da natureza. Criou-se com ele a ciência indutiva. O sábio recomendou, antes de tudo, a ordem e a classificação nas pesquisas: quis que a filosofia saísse de seus antigos limites; abriu um campo novo às investigações e sugeriu a observação como o mais seguro meio de se chegar à verdade.

Morto Bacon, revelou-se, em França, Descartes. Esse profundo pensador repeliu todos os dados antigos, para adquirir conhecimentos novos por meio de um método que descobriu. Partindo do princípio: *eu penso, logo existo*, Descartes estabelecia a existência e a espiritualidade da alma; porque, dizia ele, se é possível supor que o corpo não exista, é impossível negar o pensamento, que se afirma por si próprio, cuja existência se verifica à medida que ele se exerce. Em uma palavra, somos algo que ouve, que concebe, que afirma, que nega, que quer ou não quer.

Nestas condições, a faculdade de pensar pertence ao indivíduo, abstração feita dos órgãos do corpo.

O método preconizado por esse poderoso renovador inspirou uma plêiade de grandes homens, entre os quais podemos citar: Bossuet, Fénelon, Mallebranche e Spinoza. Ao mesmo tempo, o impulso baconiano formava Hobbes, Gassendi e Locke.

Segundo Hobbes, não existe outra realidade além do corpo, outra origem de nossas idéias além da sensação, outro fim na natureza além da satisfação dos sentidos; seu modo de ver também levava diretamente à apologia do despotismo como forma social.

Gassendi foi um discípulo de Epicuro, de quem renovou as doutrinas; mas, o mais célebre filósofo dessa época é Locke, que pode ser encarado, com justa razão, como fundador da psicologia. Ele combateu o sistema cartesiano das idéias inatas e impri-

miu, na Inglaterra e na França, grande impulso aos estudos filosóficos.

Quase na mesma época viveram Bossuet e Fénelon, que escreveram admiráveis livros sobre Deus e a alma. Em tais obras, cheias da lógica mais sã, podemos nos convencer da existência dessas grandes verdades tão bem postas em relevo por aqueles eminentes espíritos. A profundidade dos pensamentos é realçada, ainda, por uma linguagem admirável e nunca o espírito francês ostentou maior clareza, elegância e força como nesses livros imortais.

Leibnitz, a mais vasta inteligência produzida nos tempos modernos, colocou-se entre as duas escolas que se disputavam o império dos espíritos, entre Locke e Descartes. Refutou o que ambos tinham de absoluto; mas, com sua morte, seu sistema não tardou a ser abandonado, mesmo na Alemanha, onde havia inicialmente sido acolhido com simpatia.

Na França, os Enciclopedistas fizeram triunfar as idéias de Locke; elas conduziram, com Condillac, Helvetius e d'Holbach, a um materialismo absoluto; esse materialismo é a consequência inevitável das teorias que, reduzindo o homem à pura sensação, não podem assinalar-lhe outro fim que não o da felicidade material.

Não tardou a verificar-se quanto esse método, chamado empirismo, levava a tristes resultados. Sentiu-se, imperiosamente, a necessidade de uma reforma e ela foi realizada por Thomas Reid, na Escócia, e Emmanuel Kant, na Alemanha.

Em França, a escola eclética admitiu o racionalismo de Descartes e brilhou com vivo clarão sustentando a tese espiritualista.

As vozes eloqüentes de Jouffroy, Cousin, Villemain demonstraram a existência e a imaterialidade da alma, com tal evidência, que lhes coube a vitória no terreno filosófico. Mas a escola materialista operou uma alteração de frente; deixando o domínio da especulação, desceu ao estudo do corpo humano e pretendeu demonstrar que, em nós, o que pensa, o que sente, o que ama, não é uma entidade chamada alma, senão o organismo humano, a matéria, que só ela pode sentir e perceber.

Devemos confessar que, para a massa dos leitores, é difícil tomar pé, em meio às contradições, aos sistemas e às utopias pregadas pelos maiores espíritos. Cansam as pesquisas metafísicas que se agitam no vazio; exige-se o retorno ao estudo metuculooso dos fatos: daí o êxito dos positivistas.

É preciso, entretanto, colocar nitidamente a questão. A fim de que o equívoco não seja mais possível, vamos fazê-lo o mais claramente que pudermos.

Só podem existir duas suposições quanto à natureza do princípio pensante: matéria ou espírito; uma sujeita à destruição, o outro imperecível.

Todos os meios termos, por mais sutis que sejam, epicurismo, espinosismo, panteísmo, sensualismo, idealismo, espiritualismo vêm confundir-se nestas duas opiniões.

“Que importa – diz Foissac –, que os epicuristas admitam uma alma racional formada dos átomos mais polidos e mais perfeitos, se essa alma morre com os órgãos, ou se, pelo menos, os átomos que a formam se desagregam e voltam ao estado elementar? Que importa que Spinoza e os panteístas reconheçam que um Deus vive em mim, que minha alma é uma parcela do grande todo? Não concebo a alma senão com o caráter de unidade indivisível e a conservação da individualidade do *eu*. Se minha alma, depois de ter sentido, sofrido, pensado, amado, esperado, vai-se perder nesse oceano fabuloso chamado a alma do Mundo, o *eu* se dissolve e desaparece: isto é a extinção e a morte de minhas afeições, de minhas recordações, de minhas esperanças, é o abismo das consolações desta vida e o verdadeiro nada da alma.”

Assim, a alternativa é esta: ou com a morte terrestre, todo o ser desaparece e se desagrega, ou dele resta uma emanção, uma individualidade que conserva o que constituía a personalidade, isto é, a memória, e, como consequência, a responsabilidade.

Pois bem, restringindo-nos ao terreno dos fatos, vamos passar em revista as objeções que se nos opõem e demonstrar que a alma é uma realidade que se afirma pelo estudo dos fenômenos do pensamento; que jamais se a poderia confundir com o corpo,

que ela domina; e que quanto mais se penetra nas profundezas da fisiologia, tanto mais se revela, luminosa e clara, aos olhos do pesquisador imparcial, a existência de um princípio pensante.¹

As teorias materialistas

Os mais ilustres representantes das teorias materialistas são, na Alemanha, Moleschott e Büchner. Eles reuniram em suas obras a maior parte dos argumentos que militam em seu favor. Vamos examinar, primeiro, os sistemas que eles preconizam. Em outro capítulo, ocupar-nos-emos com uma segunda categoria de adversários: os positivistas.

Compulsando os anais da fisiologia, ou sejam, os fenômenos da vida, é que os sábios acima citados esperam provar que estão certos. Eles examinam minuciosamente todos os elementos que entram na composição dos corpos organizados, estabelecem com autoridade a grande lei da equivalência das forças que se traduz nas ações vitais, medem, pesam, analisam com talento excepcional todas as ações físicas e químicas que se verificam no corpo humano. Mas se, deixando as ciências exatas, se aventuram no domínio filosófico, bem se lhes pode recusar o testemunho.

É que eles tentam, com efeito, uma empresa impossível. Querem banir dos conhecimentos humanos todos os fatos que não caem diretamente sob os sentidos.

Na pressa de repelir idéias antigas, não refletem que admitem causas tão estranhas, entidades científicas tão bizarras como as dos espiritualistas.

Não vemos, em primeiro lugar, esses sábios que rejeitam a alma, porque ela é imaterial, admitirem a existência de um agente imponderável, invisível e intangível que se chama vida? Que é, com efeito, a vida? É, responde Longet, o conjunto das funções que distinguem os corpos organizados dos corpos inorgânicos. Não avançamos nada sobre o conhecimento da vida, aceitando essa definição, porque ignoramos sempre qual é a causa dessas funções. Elas não se executam senão em virtude de uma força que age constantemente, que se conhece por seus efeitos, mas cuja natureza íntima permanece sempre um mistério.

Que força é esta que anima a matéria, que dirige as operações tão numerosas e tão complicadas que se passam no interior do corpo?

Nossas máquinas, ainda tão rudimentares, exigem, se as comparamos ao mais simples vegetal, um cuidado constante para o bom funcionamento de cada uma de suas partes, uma vigilância contínua para remediar os acidentes que se podem produzir. Na natureza, ao contrário, tudo se executa maravilhosamente. As ações mais diversas, as mais dessemelhantes combinam-se para manter essa harmonia que constitui o ser em bom equilíbrio orgânico.

Que é o que designa a cada substância o posto que ela deve ocupar no organismo? O que repara essa máquina quando ela vem a estragar-se? Em uma palavra, que poder é este, de que resulta a vida?

Para responder a essas perguntas, os fisiologistas imaginaram uma força, que denominam princípio vital. Desejamos muito acreditar nessa força, mas faremos observar que esse princípio é invisível, intangível, imponderável, que não acusa sua presença senão pelos efeitos que manifesta, e que os espiritualistas estão nas mesmas condições quando falam da alma. Se os materialistas admitem a vida e nenhum deles a pode negar, nenhuma razão têm para repelir a existência do princípio pensante do homem.

Moleschott publicou uma obra intitulada *A circulação da vida*, na qual expõe a nova forma das crenças materialistas. Vamos resumi-la rapidamente, para que se veja como são desprovidas de justeza suas alegações e por que sofismas consegue ele dar às suas deduções uma aparência de lógica.

Estabelece, como princípio, que não podemos verificar em nós e em torno de nós senão a matéria; que nada existe sem ela; que o poder criador reside em seu seio e que pelo seu estudo é que o filósofo pode tudo explicar.

Discorre, complacientemente, sobre as provas que a ciência forneceu a respeito dessa grande frase de Lavoisier: “nada se cria, nada se perde”. A balança demonstra que, em suas transformações, os corpos se decompõem, mas os átomos que os

constituem podem reencontrar-se integralmente em outras combinações. Ou, dito por outra forma, não se cria matéria.

O corpo do homem rejeita o que nutre a planta; a planta transforma o ar, que nutre o animal; o animal nutre o homem, e os seus resíduos, levados pelo ar à superfície da terra vegetal, renovam e entretêm a vida das plantas. Todos os mundos: vegetais, minerais, animais, se unem, se penetram, se confundem e transmitem a vida por um movimento que é dado ao homem verificar e compreender. Eis por que – diz ele – “a circulação da matéria é a alma do Mundo”.

Essa matéria, que nos aparece sob aspectos tão diversos, que se transforma em tão múltiplos avatares, é, entretanto, sempre a mesma. Como essência é imutável, eterna. Moleschott faz notar que é ela inseparável de uma de suas propriedades: a força. Não concebe uma sem a outra. Não pode admitir que a forma exista independente da matéria, ou vice-versa. Daí conclui que as forças designadas sob os nomes de Deus, alma, vontade, pensamento, etc. são propriedades da matéria. Segundo ele, acreditar que essas forças possam ter uma existência real é cair num erro ridículo.

Ouçamo-lo:

“Seria uma idéia absolutamente sem significação a de que uma força pairasse acima da matéria e pudesse, à vontade, casar-se com ela. As propriedades do azoto, do carbono, do hidrogênio, do oxigênio, do enxofre, do fósforo, residem em si de toda a eternidade.”

Daí resulta que a força vital, a idéia diretriz, a alma, não passam, realmente, de modificações da matéria, de alguns dos seus aspectos particulares. A matéria, por toda parte e sempre, sob infinita variedade de formas, não é mais que a combinação físico-química dos elementos.

Tais são, em suas grandes linhas, as primeiras afirmações de Moleschott. Serão exatas? É o que se trata de verificar. Resumamos.

- 1 - Ele nega, em absoluto, todo plano, toda vontade dirigente na marcha dos acontecimentos do Universo.

2 - Ele afirma que a força é um atributo da matéria. Vejamos se os fatos lhe dão razão.

A idéia diretriz

Notamos, em primeiro lugar, que existem, no infinito, terras como a nossa, que obedecem a regras invariáveis, cuja harmonia é de tal forma grandiosa, que o espírito, espantado e confuso diante de tantas maravilhas, não pode duvidar de que uma profunda sabedoria tenha presidido ao seu planejamento. Não será a um sábio como Moleschott que seja necessário lembrar essa extrema complicação da máquina celeste, nem preciso mostrar esses milhares de milhões de mundos que rolam no éter e emaranham suas órbitas numa harmonia tão poderosamente combinada, que a mais fértil imaginação mal lhes pode aprofundar as leis mais simples.

Quem não se sente maravilhado diante do esplendor de uma bela noite de verão? Quem não estremeceu de indescritível emoção vendo essa poeira de sóis suspensa no espaço? Quem não sentiu involuntário terror ao lembrar-se de que o astro que nos conduz caminha no éter, sem outro sustentáculo que a atração de um planeta longínquo? E quem não refletiu um dia que os movimentos tão precisos desse vasto maquinismo revelaram a inteligência de um sublime operário? Quem não compreendeu que a harmonia não pode nascer do caos e que o acaso, essa força cega, não poderia engendrar a ordem e a regularidade?

Sim, nos espaços sem limites, dão-se as transformações eternas da matéria; sim, ela muda de aspectos, de propriedades, de formas, mas verificamos que o faz em virtude de leis *imutáveis*, guiadas pela mais inflexível lógica; eis por que acreditamos em uma inteligência suprema, reguladora do Universo.

Se, desviando os olhos da abóbada azulada, lançarmos a vista em torno de nós, notaremos a mesma influência diretriz.

Sabemos, como Moleschott, que nada se cria, que nada se perde em nosso pequeno mundo. A Astronomia nos ensina que a Terra rodopia em torno do Sol através dos campos da extensão e sabemos que a gravidade retém em sua superfície todos os

corpos que a compõem. Podemos compreender perfeitamente, portanto, que ela não adquire nem perde coisa alguma em sua incessante carreira.

Provam-nos as novas descobertas que todas as substâncias se transformam umas nas outras, que os corpos, estudados à luz da química, diferem pelo número e pela proporção dos elementos simples que entram em sua composição. Nada é mais exato e ninguém pensa em contestar essas verdades demonstradas.

Se encararmos a multiplicidade enorme das trocas que se realizam entre todos os corpos, o que mais nos surpreende não são essas combinações em si, mas o maravilhoso conhecimento das necessidades de cada ser que elas atestam. Nada se perde no imenso laboratório da natureza. Todos os seres, por ínfimos que nos pareçam, têm sua utilidade para o bom funcionamento do conjunto da criação; cada substância é utilizada por forma a produzir seu máximo de efeito, e a “circulação da matéria” entretém a vida na superfície do nosso Globo. Sim, esse movimento perpétuo é a alma do Mundo, e, quanto mais complicado ele é, quanto mais variado, tanto mais testemunha em favor de uma ação diretriz.

A ciência contemporânea descobriu nossas origens; sabemos que, desde quando a Terra não era mais que um amontoado de matéria cósmica, produziram-se metamorfoses que a trouxeram lentamente, gradualmente, à época atual. É em razão dessa *progressão evolutiva* que reconhecemos a necessidade de uma influência que se exerce de maneira constante, para conduzir os seres e as coisas, da fase rudimentar a estados cada vez mais aperfeiçoados.

Não se pode negar, quando examinamos o desenvolvimento da vida através dos períodos geológicos, que uma inteligência haja dirigido a marcha ascendente de tudo o que existe, para um fim que ignoramos, mas cuja existência é evidente.

É fácil verificar que os seres se têm modificado de maneira contínua, em virtude de um plano grandioso, à medida que as condições da vida se transformam à superfície do Globo; encontramos nas entranhas da Terra o esboço da maior parte das raças,

vegetais e animais, que compõem, hoje, a fauna e a flora terrestres.

A que agente atribuir essa marcha progressiva? É o acaso que combina, com tanto cuidado, a ação de todos os elementos? Seria absurdo supô-lo, pois o acaso é uma palavra que significa a ausência de todo o cálculo, de toda a previsão.

Afastada esta hipótese, restam-nos as leis físico-químicas de que fala Moleschott. Faremos ainda aqui observar que essas leis não são inteligentes. Nunca se admitiu que o oxigênio se combinasse por prazer com o hidrogênio; o azoto, o fósforo, o carbono, etc., têm propriedades que possuem de toda a eternidade, é evidente; mas não é menos verdade que se tratam de forças cegas, que não se dirigem em virtude de um impulso próprio, e se estas energias passivas ao se aliarem produzem resultados harmônicos, bem coordenados, é que elas são postas em ação por um poder que as domina. A Química, a Física, a Astronomia, explicando os fatos que pertencem às suas respectivas esferas, de forma alguma atingiram a causa primária. A Biologia moderna também não toca nessa causa; não suprime Deus; ela o vê mais longe e, sobretudo, mais alto.

A força é independente da matéria

Examinemos, agora, a segunda proposição de Moleschott, que pretende seja a força um atributo da matéria, isto é, que impossível seja conceber uma sem a outra.

Em sua opinião, estudar separadamente a força e a matéria é uma falta de senso, donde resulta que, estando a energia contida na matéria, as forças como a alma, o pensamento, Deus, não são mais que propriedades dessa matéria. Se demonstrarmos que tal asserção é falsa, estabeleceremos, implicitamente, a realidade da alma. Para responder a um sábio não há melhor método que o de lhe opor outros sábios.

Diz d'Alembert, secundando Newton, “que um corpo abandonado a si próprio deve persistir eternamente em seu estado de movimento ou de repouso uniforme”. Em outras palavras: estando um corpo em repouso, não poderia por si mesmo deslocar-se.

Laplace assim exprime o mesmo pensamento. Um ponto em repouso não pode dar a si o movimento, pois que não dispõe de raciocínio que o faça mover num sentido em vez de outro. Solicitado por uma força qualquer e, em seguida, abandonado a si mesmo, move-se constantemente de maneira uniforme, na direção dessa força; não experimenta nenhuma resistência; em todo o tempo, sua força e sua direção de movimento são as mesmas. Essa tendência da matéria para perseverar em seu estado de movimento e de repouso é o que se chama *inércia*. É esta a primeira lei do movimento dos corpos.

Assim, Newton, d'Alembert e Laplace reconhecem que a matéria é indiferente ao movimento e ao repouso, que só se move quando uma força atua sobre ela, porque, naturalmente, é inerte. É, portanto, uma afirmação gratuita e sem fundamento científico, atribuir força à matéria. Cremos que dificilmente podem recusar-se o testemunho e a competência dos três grandes homens acima citados; para dar mais peso, entretanto, à nossa asserção, diremos que o Cardeal Gerdil e Euler estabelecem, por cálculos matemáticos, a certeza da inércia dos corpos; não podemos reproduzi-los aqui, mas faremos valer um argumento decisivo, em apoio de nossa convicção. Temos excelente prova do princípio da inércia nas aplicações que se fizeram das teorias da mecânica aos fenômenos astronômicos.

Com efeito, se esta ciência que tem por base a inércia não se apoiasse em um fato real, suas deduções seriam falsas e inverificáveis pela experiência. Se a lei da inércia não passasse de uma concepção do espírito, sem nenhum valor positivo, fora impossível a Leverrier achar e calcular a órbita de um planeta desconhecido, até sua época, e suas previsões, sobretudo, jamais se teriam realizado, as quais, entretanto, se verificaram ponto por ponto.

Essa descoberta demonstra que as leis encontradas pela razão são exatas, porque se verificam pela observação de um fenômeno cuja possibilidade não se suspeitava, quando os princípios da mecânica celeste foram estabelecidos. Não é evidente que se conheciam as propriedades dos corpos e mais tarde se conheceram as curvas que eles descrevem, muito antes de se ter observado no céu o movimento dos astros? Ora, não sendo a mecânica

senão o estudo das forças em ação, é certo que suas leis são rigorosas, porque se verificam na Natureza.

Não só os matemáticos trataram dessa questão: M. H. Martin, em seu livro *As ciências e a filosofia*, demonstra, segundo o Sr. Dupré, que em virtude das leis da termodinâmica, é necessário admitir uma ação inicial exterior e independente da matéria.

É, aliás, fácil a convicção, raciocinando de acordo com o método positivo, de que o testemunho dos sentidos não pode fazer-nos ver a força como um atributo da matéria; ao contrário, verificamos pela experiência cotidiana que um corpo fica inerte e permanecerá eternamente na mesma posição, se nada lhe vier dar o movimento. Uma pedra, que lançarmos, permanece, depois de sua queda, no estado em que se achava quando a força que a animava cessou de atuar. Uma bola não rolará sem o primeiro impulso que lhe determine o deslocamento. Sendo o Universo o conjunto dos corpos pode-se dizer do conjunto da criação o que se diz de cada corpo em particular, e se o Universo está em movimento, é impossível achar que a causa desse movimento esteja em si próprio.

Vê-se até aqui que Moleschott não foi feliz na escolha de suas afirmações. Erige como verdade os pontos mais contestáveis; não é, pois, de surpreender que, partindo de dados tão falsos, chegue a conclusões absolutamente errôneas. O estudo imparcial dos fatos nos leva a encarar o Mundo como formado de dois princípios independentes um do outro: a força e a matéria.

É preciso, além disso, observar que a força é a causa efetiva a que obedecem os seres, orgânicos ou não. Todas as forças, portanto, designadas sob os nomes de Deus, alma, vontade, têm uma existência real fora da matéria e esta é o instrumento passivo, sobre o qual elas se exercem.

Continuemos a análise do livro de Moleschott e veremos que em suas apreciações sobre o homem ele não mostra mais perspicácia do que em seu estudo sobre a Natureza.

O grande argumento que ele oferece como prova de convicção é o mesmo que o dos materialistas em geral. Consiste em dizer – o cérebro é o órgão pelo qual se manifesta o pensamento,

logo, é o cérebro que segrega o pensamento. Esse raciocínio é quase tão lógico como se disséssemos: “o piano é o instrumento que serve para que se faça ouvir uma melodia, logo, o piano segrega a melodia”.

Se alguém se exprimisse por tal forma diante de um incrédulo, é mais que provável que ele encolheria os ombros desdenhosamente; mas, fato estranho, quando se trata da alma, ele aceita imediatamente semelhante maneira de discutir. É que os materialistas não querem, sob nenhum pretexto, acreditar num princípio pensante; negam a existência do músico, daí as singulares teorias que nos expõem.

Os materialistas se encontram em face desse problema: o homem pensa; o pensamento não tem nenhuma das qualidades da matéria; é invisível, não tem forma, nem peso, nem cor; entretanto, existe. É preciso, pois, por se mostrarem coerentes, que o façam provir da matéria.

Certo, a dificuldade é grande para explicar como uma coisa material, o cérebro, pode engendrar uma ação imaterial, o pensamento. Vamos ver, então, desfilarem os sofismas, com o auxílio dos quais nossos adversários dão a aparência de um arrazoado.

O cérebro é necessário à manifestação do pensamento; os filósofos gregos já o sabiam e não caíam, por isso, no erro dos cépticos de hoje; estabelecem a distinção entre a causa e o instrumento que serve para produzir o efeito.

Certos fisiologistas, como Cabanis, não encaravam o assunto de tão perto. Este diz, com efeito:

“Vemos as impressões chegarem ao cérebro por intermédio dos nervos; elas se acham, então, isoladas e sem coerência. O órgão entra em ação, age sobre as impressões e as reenvia metamorfoseadas em idéias, que se manifestam, exteriormente, pela linguagem da fisionomia ou do gesto, pelos sinais da palavra ou da escrita. Concluimos, com a mesma segurança, que o cérebro digere, de alguma sorte, estas impressões; que ele faz, organicamente, a secreção do pensamento.”

Tal doutrina tão bem se implantou no espírito dos materialistas que, segundo Carl Vogt, os pensamentos têm com o cérebro quase “a mesma relação que a bÍlis com o fÍgado ou a urina com os rins”.

Broussais já tinha dito em seu testamento:

“Desde que eu soube, pela cirurgia, que o pus acumulado à superfície do cérebro destruía nossas faculdades, e que a saída desse pus lhes permitia o reaparecimento, não as pude considerar de outra forma que não atos do cérebro vivo, embora não soubesse nem o que era o cérebro, nem o que era a vida.”

Moleschott, seguindo nessa alheta, diz a seu turno, variando um pouco a argumentação:

“O pensamento não é mais que um fluido, como o calor ou o som; é um movimento, uma transformação da matéria cerebral; a atividade do cérebro é uma propriedade do cérebro, tão necessária como a força, por toda parte inerente à matéria, de que é caráter essencial e inalienável. É tão impossível que o cérebro intacto não pense, como é impossível seja o pensamento ligado à outra matéria que não o cérebro.”

Segundo o sábio químico, qualquer alteração do pensamento modifica o cérebro, e qualquer dano a esse órgão suprime o pensamento no todo ou em parte. Afirma ele:

“Sabemos, por experiência, que a abundância excessiva do líquido céfalo-raquidiano produz o estupor; a apoplexia é seguida do aniquilamento da consciência; a inflamação do cérebro provoca o delÍrio; a síncope, que diminui o movimento do sangue para o cérebro, provoca a perda do conhecimento; a afluência do sangue venoso para o cérebro produz a alucinação e a vertigem; uma completa idiotia é o efeito necessário, inevitável, da degenerescência dos dois hemisférios cerebrais; enfim, toda excitação nervosa na periferia do corpo só desperta uma sensação consciente no momento em que repercute no cérebro.”

Conclui, pois, que nos fenômenos psicológicos o que se observa é a eterna dualidade da criação; uma força, o pensamento que modifica; uma matéria, o cérebro.

Toda a argumentação de Moleschott consiste em dizer que, com órgãos sãos, os atos intelectuais se exercem facilmente; ao contrário, se o cérebro adoece, a alma não pode mais se servir dele, e as faculdades reaparecem quando as causas que o alteravam cessam de agir.

É sempre a história do piano. Se uma das cordas chega a quebrar-se, será impossível fazer vibrar a nota que lhe corresponde; substitua-se a corda e imediatamente o som voltará a produzir-se. Mas, quando fosse demonstrado que o pensamento é sempre a resultante do estado do cérebro, não bastaria isso para afirmar-se que o encéfalo produz o pensamento. Quando muito, daí se poderiam induzir as relações íntimas existentes entre ambos. Não está ainda provado que a integridade do cérebro seja indispensável à produção dos fenômenos espirituais.

Eis o que diz Longet, cuja competência em fisiologia é unanimemente reconhecida:

“Nunca se negou a solidariedade dos órgãos sãos com uma inteligência sã – *mens sana in corpore sano*; mas essa dependência tão natural não é de tal forma absoluta que se não encontrem numerosos exemplos do contrário; vêem débeis crianças assombrar pela precocidade da inteligência e extensão do espírito; velhos decrepitos, já vizinhos da tumba, conservam intactos os julgamentos, a memória, o fogo do gênio, o ardor da coragem.

Há poucos anos, o Professor Lordat escreveu notável tratado sobre a *insenescência*² do senso íntimo nos velhos.

A loucura é acompanhada, muitas vezes, de uma lesão apreciável dos centros nervosos; mas, que diremos dos casos em que Esquirol e os autores mais conscienciosos afamam não haver encontrado nenhum vestígio de alteração no cérebro? Os anais da Ciência nos fornecem grande número de fatos, perfeitamente observados, de alteração profunda da subs-

tância cerebral, sem que, durante a vida, se haja notado a mais leve alteração da inteligência.

Viram-se porções do cérebro retirado, balas atravessarem esse órgão de um lado a outro, sem o menor desarranjo do espírito; basta, entretanto, alguns delgados filetes de sangue em um pequeno ponto, para acender a febre, excitar um delírio furioso e trazer rapidamente a morte. Apressemos-nos em reconhecer que a integridade dos órgãos, sua boa conformação, um volume suficiente são condições favoráveis ao livre exercício, ao vigor das faculdades intelectuais, mas não confundamos o órgão com a função; e é, sobretudo, falando do cérebro e do pensamento, que essa distinção se torna importante, porque muitos órgãos da economia concorrem para esse grande fenômeno da vida intelectual: a privação do ar a faz cessar imediatamente; uma bala que atravessa o coração a destrói com rapidez. Quem ousaria, entretanto, dar como causa primária ao pensamento, o ar que respiramos ou o sangue vermelho que circula nos canais arteriais?"

Eis o que diz a Ciência e parece-nos que suas conclusões não são inteiramente a favor de Moleschott; não é possível afirmar que o pensamento esteja sempre em harmonia com a integridade do cérebro, logo, ele não é produzido pelo cérebro.

Vimos também, mais acima, o sábio holandês atribuir o pensamento a uma vibração da matéria cerebral. Seria essa teoria mais justa que as precedentes? Vamos vê-lo imediatamente.

Desde logo esbarramos numa dificuldade; é difícil compreender como uma sensação gera uma idéia. A sensação é uma impressão produzida nos nervos sensitivos por um abalo externo; este determina um movimento ondulatório que se propaga até o cérebro pelas fibras nervosas. Lá chegado, esse movimento faz vibrar as células do sensorium. Como pode o movimento mecânico das células determinar uma idéia? Como compreender que esse abalo seja percebido pelo ser pensante?

As células nervosas, formadas de colestérina, água, fósforo, ácido húmico, etc., associados em certas proporções, não é, por si mesma, inteligente; o movimento vibratório é simples ação

material. Como pode o pensamento nascer desse abalo da célula nervosa? Foi o que se esqueceram de ensinar-nos.

Os espiritualistas interpretam os fatos dizendo que há em nós uma individualidade intelectual, que é advertida por essa vibração de que uma ação foi exercida sobre o corpo, e é quando a alma tem consciência desse movimento vibratório que nós experimentamos a percepção. O que prova até à evidência que tudo se passa assim é o fenômeno tão ordinário da distração.

Quando trabalhamos num aposento, não acontece frequentemente ficarmos insensíveis ao tique-taque de um relógio? E não sucede, mesmo, ficarmos insensíveis às horas que batem? Por que não as ouvimos? As vibrações, produzidas pelo som impressionaram nosso ouvido, propagaram-se através do organismo até o cérebro, mas, estando a alma preocupada por outros pensamentos, não pôde transformar a sensação em percepção, de sorte que não tivemos consciência dos ruídos produzidos pelo relógio. Esse simples fato demonstra, de maneira concludente, a existência da alma.

Outras objeções

Estamos certos, agora, de que o pensamento não é produzido, nem pelo conjunto do cérebro, nem por um movimento vibratório de suas moléculas. Asseguremo-nos de que não é ele além disso produto da matéria cerebral.

Retomemos, para examiná-las, as teorias de Cabanis e Carl Vogt: é possível que o pensamento seja uma secreção do cérebro? Tão falsa se apresenta essa idéia, tão pouco em harmonia com a realidade dos fatos, que um declarado materialista como Büchner recusa-se admiti-la.

Diz-nos ele:

“Apesar do mais escrupuloso exame, não podemos encontrar analogia entre a secreção da bÍlis ou a da urina, e o processo pelo qual se forma o pensamento no cérebro. A urina e a bÍlis são matérias palpáveis, ponderáveis e visíveis; e ainda mais, matérias excrementÍcias que o corpo usou e que ele rejeita. O pensamento, o espírito, a alma, pelo contrário, nada

tem de material, não é ela mesma uma substância, mas o encadeamento de forças diversas formando uma unidade, o efeito do concurso de muitas substâncias dotadas de forças e de qualidades.

Quando uma máquina feita pela mão do homem produz um efeito, põe em movimento seu mecanismo ou outros corpos, dá uma pancada, indica a hora ou coisa semelhante, esse efeito, considerado em si, é coisa essencialmente diferente de certas matérias excrementícias que ela produz, talvez, durante essa atividade.

Assim, o cérebro é o princípio e a fonte, ou, para melhor dizer, a causa única do espírito, do pensamento; mas, não é por isso o órgão secretor. Ele produz algo que não é rejeitado, que não dura materialmente, mas que se consome a si mesmo no momento da produção. A secreção do fígado, dos rins, se realiza sem o sabermos, independentemente da atividade superior dos nervos; ela produz uma matéria palpável. A atividade do cérebro não pode existir sem a consciência completa e não segrega substâncias, porém forças. Todas as funções vegetativas, a respiração, a pulsação do coração, a digestão, a secreção dos órgãos excretores se verificam tanto no sono como em estado de vigília; mas as manifestações da vida se suspendem no momento em que o cérebro, sob a influência de uma circulação mais lenta, fica mergulhado no sono.”

Para Büchner o pensamento não é uma secreção; provém de um conjunto de forças diversas que formam unidade; é uma resultante; mas uma resultante de quê? Será do conjunto do cérebro ou somente de certas partes? Poderá algo invisível e imponderável, como o pensamento, ser produzido por diferentes órgãos que se reúnem para um efeito comum?

O autor nada nos diz, nem temos necessidade de explicação para perceber que essa maneira de encarar o pensamento é ainda errônea. Büchner reconhece que o pensamento é imaterial; perguntamos, agora, como poderia ser produzido pelo cérebro, que só se compõe de matéria?

Abordemos mais de perto o assunto e veremos que, de qualquer maneira que o encaremos, é impossível supor que o cérebro segregue o pensamento, ou que este dele se desprenda, como a eletricidade dos corpos que a contém.

É evidente, averiguado, incontestável, que o trabalho cerebral determina uma elevação de temperatura no cérebro. Produz-se uma oxidação das células, que se pode medir, como fez Schiff, operando sobre cães ou sobre o homem; como o atestam as experiências de Broca, em estudantes de medicina; ou, enfim, as de Bayson, que pesava os sulfatos e os fosfatos que entravam em seu corpo pela alimentação, para demonstrar que a quantidade dos sais, rejeitada pelas excreções, aumentava de maneira sensível, após um trabalho cerebral.

Como podem estas experiências, de que os materialistas têm pretendido fazer um argumento, infirmar a existência da alma? Elas demonstram, simplesmente, que quando o cérebro trabalha, o sangue aí aflui e determina uns movimentos moleculares, que se traduzem materialmente por ações químicas. Acreditar que o pensamento seja o produto dessas reações seria erro grave, porque, se o cérebro segrega o pensamento, é preciso explicar a natureza e o resultado dessa secreção. É um líquido, um sólido, um corpo simples ou composto? Desde que se afaste resolutamente a hipótese espiritual, deve-se estabelecer que pela elevação de temperatura se obtém um objeto material. Ora, quem pretenderá jamais que o pensamento, esta coisa fugitiva, esteja nesse caso?

Admitindo que o pensamento é uma força, como a eletricidade e o calor, que emana do cérebro em certos momentos, e como toda força é um movimento vibratório do éter, recairemos na teoria de Moleschott, que demonstramos falsa.

Vê-se, qualquer que seja o processo de análise empregado, que é impossível supor o pensamento como emanção do cérebro e ainda menos como secreções ou vibrações da matéria cerebral. Não podemos admitir os sistemas materialistas sem nos encontrarmos em oposição formal com os fatos e com a razão; e, se verificamos no cérebro uma série de atos que precedem, acom-

panham ou seguem o pensamento, é absolutamente ilógico atribuir-lhes a produção desse pensamento.

Uma das faculdades da alma que mais têm chamado a atenção dos filósofos é a memória. Faculdade misteriosa essa, que reflete e conserva os acidentes, as formas e as modificações do pensamento, do espaço e do tempo; na ausência dos sentidos e longe da impressão dos agentes externos, ela representa essa sucessão de idéias, de imagens e de acontecimentos já desaparecidos, já caídos no nada. Ela os ressuscita espiritualmente, tais como o cérebro os sentiu, a consciência os percebeu e formou.

Para explicar-lhe o mecanismo, Aristóteles admite que as impressões exteriores se gravam no espírito, quase pela forma por que se reproduz uma letra, colocando-se um sinete sobre a cera. Descartes crê também que essa faculdade provém dos vestígios que deixam em nós as impressões dos sentidos ou as modificações do pensamento. Adotemos a maneira de ver desses grandes homens e indaguemos como será possível conciliá-la com os dados que Moleschott nos fornece sobre a natureza do princípio pensante.

O sábio químico afirma, em magnífico capítulo, que um movimento incessante da matéria, que transformações maravilhosas e múltiplas se executam no interior de nosso corpo, e, apoiando-se nos trabalhos de Thompson, de Vierodt e de Lehumann, os quais, por sua vez, tinham por base os de Cuvier e Flourens, declara que “os fatos justificam plenamente a suposição de que o corpo renova a maior parte de sua substância em um lapso de vinte a trinta dias”. E alhures diz mais: “O ar que respiramos muda *a cada instante* a composição do cérebro e dos nervos.”

Se isto é verdade, se somos uma nova entidade de trinta em trinta dias, se todas as moléculas que compõem nosso ser entram no turbilhão vital, como conservamos, ainda, na idade madura, a lembrança de atos que se passaram em nossa mocidade? Como explicará Moleschott que nos conservemos sempre os mesmos, apesar desse mutações?

É incontestável que possuímos a invencível certeza de ser sempre idênticos; mesmo quando envelhecemos, sabemos que a

essência de nós mesmos não muda. Em meio às vicissitudes da existência, nossas faculdades podem aumentar ou obliterar-se, nossos gostos variar ao infinito e nossa conduta apresentar as mais singulares contradições; estamos certos, porém, de que conservamos o mesmo ser; temos consciência de que outro não tomou nosso lugar e, entretanto, todos os elementos de nosso corpo foram renovados muitas vezes. Nem um átomo, do que o formava há dez anos, subsistem nele presentemente. Como se mantém, então, em nós a memória dos acontecimentos passados?

Respondem os espiritualistas que existe em nós um princípio que não muda e cuja natureza indivisível não está, como a matéria, submetida à destruição. É a alma que conserva a lembrança dos fatos, as conquistas da inteligência e as virtudes adquiridas por incessante luta contra as paixões.

Não podemos admitir as teorias materialistas, porque elas tendem simplesmente a suprimir a responsabilidade dos atos.

Se não somos, com efeito, senão uma associação de moléculas, sem cessar renovadas, se as nossas faculdades são apenas a tradução exata do desenvolvimento que o acaso daria a certas partes do cérebro, com que direito poderia o homem prevalecer-se de suas qualidades e por que se condenaria um malfeitor, desde que sua inclinação para o crime dependeria de certa disposição orgânica que ele não pode modificar?

Os combates sustentados contra os impulsos que nos arrastam para o mal indicam que há em nós uma força consciente dirigida pelas leis da moral.

Essas lutas interiores revelam a ação da vontade, a despeito de todos os sofismas com que se pretende estabelecer que ela é quimérica. Não somos senhores sempre, é verdade, de dominar as nossas sensações; elas se nos impõem, muitas vezes, com energia: um espetáculo sensibilizador enche-nos de doce emoção; provoca a nossa revolta a vista de uma injustiça; encanta-nos uma harmonia suave; mas essas impressões tão diversas são bem diferentes da vontade, que é caráter mais íntimo do *eu* e da personalidade humana.

Quando estamos em face de um ato a realizar, ponderamos os motivos que nos podem dirigir; faz-se ouvir a voz do interesse em oposição à do dever e o que constitui o mérito é o poder que temos de escolher entre os dois móveis.

Por sermos livres é que somos responsáveis; esta grande verdade está tão firmada na consciência universal que nunca se viu punir um louco por ter cometido um crime. O livre-arbítrio não é uma ilusão. É ele que dá ao homem honesto a força de preferir a morte à infração das leis; é ele que impele os grandes corações a devotamentos heróicos; e se o homem não passasse do juguete cego das forças físico-químicas, seria preciso despedirmo-nos de todos os nobres sentimentos, de todas as aspirações generosas!

Tentaram provar, comparando-se o peso de grande número de cérebros humanos, que a inteligência mais desenvolvida correspondia sempre a um encéfalo mais pesado. Estatísticas numerosas foram estabelecidas, mas até agora os resultados não são bastante precisos para permitir que se formule uma lei. Vê-se, é verdade, que, à medida que nos aproximamos das raças inferiores, a capacidade craniana diminui. Nestes últimos tempos, Bischof, Nicolucci, Hervé, Broca e outros fizeram pesquisas muito curiosas a esse respeito, mas, tanto como seus predecessores, não puderam deduzir uma regra dos casos numerosos que observaram; viram-se idiotas com o volume do cérebro tão considerável quanto o de pessoas que gozavam da integridade de suas faculdades intelectuais.

Nesta espécie de pesquisa é preciso não confundir o órgão com a função. Se vemos que certas partes do corpo crescem mais que outras, é que elas trabalham mais. Sabe-se que os ferreiros têm o braço direito mais forte que o esquerdo, porque é com aquele que manejam o martelo, assim como os torneiros têm a perna esquerda mais volumosa que a direita, porque é a de que se servem constantemente. Concluir-se-á que estes homens são ferreiros ou torneiros porque seus membros se acham mais desenvolvidos?

O raciocínio é o mesmo para com o cérebro. Se, em certos casos, se observa uma correlação entre seu volume e uma grande atividade intelectual, prova isto tão-só que o espírito atua sobre

ele com intensidade. Disse excelentemente Hervé: “O encéfalo cresce em proporção à atividade funcional de que é a sede. É essa uma lei que se aplica a todos os órgãos, em toda a série animal; ora, qual é a atividade funcional do cérebro? A intelectual e a moral.”

O peso e o volume do cérebro nada têm, portanto, de comum com a existência da alma e não podem invalidá-la.

Conclusão

Diremos, em resumo, que do estudo dos fatos ressalta a certeza de que possuímos um princípio pensante, independente da matéria, que não está submetido, como esta, às transformações da vida, e no qual reside a memória. Para combater tão simples verdade os sábios investigaram as mais íntimas profundezas do ser, a fim de haurirem aí seus argumentos.

Surpreende-nos ver como eles se extraviam, quando abandonam o sólido terreno da experiência e se aventuram, guiados por hipóteses, no domínio filosófico. É que não querem admitir senão o que é visível, tangível, que se pode medir. Nada teríamos que alegar contra esse método, se dele se servissem sempre; mas o que não é justo é que só o apliquem aos fenômenos psíquicos. Broussais dizia: “Dissequei muitos cadáveres, mas nunca encontrei a alma.” Entretanto admitia a vida e as ciências naturais que só repousam sobre entidades.

Ouçamos Langel:

“A Química contenta-se com palavras, todas as vezes que lhe é impossível penetrar a essência mesma dos fenômenos. De que fala ela sem cessar? De afinidade. Não é isso uma força hipotética, uma entidade tão pouco tangível como a vida e a alma? A Química deixa à Fisiologia a idéia da vida e recusa ocupar-se com ela. Mas a idéia em torno da qual a Química se desenvolve tem alguma coisa de mais real? Essa idéia é muitas vezes inapreensível, não só em sua essência senão ainda em seus efeitos. Pode-se, por exemplo, meditar um instante nas leis de Berthollet, sem compreender que estamos em face de um mistério impenetrável?”

Nas experiências que lhe serviram de fundamento as reações químicas são conduzidas em condições puramente estáticas e independentes das afinidades propriamente ditas; mas no fenômeno de uma combinação, nessa atração que precipita um para os outros átomos que se procuram, que se juntam, escapando aos compostos que os aprisionavam, não há com que confundir o espírito?

Por mim, penso que quanto mais se estudam as ciências em sua metafísica, mais se acentua a convicção de que esta nada tem de inconciliável com a filosofia mais idealista. As ciências analisam as reações, tomam as medidas, descobrem as leis que regulam o mundo fenomenal; mas não há nenhum problema, por humilde que seja, que não as coloque em face de duas idéias sobre as quais o método experimental não tem nenhuma inferência; em 1º lugar, a essência da substância modificada pelos fenômenos; em 2º lugar, a força que provoca essas modificações.

Só conhecemos, só vemos o exterior, as aparências: a verdadeira realidade, a realidade substancial e a causa nos escapam.”

Não podemos terminar melhor esta revista do que citando as seguintes palavras do ilustre fisiologista Claude Bernard:

“A matéria, qualquer que seja, é sempre destituída de espontaneidade e nada provoca; só faz exprimir por suas propriedades a idéia de quem criou a máquina que funciona. De sorte que a matéria organizada do cérebro, que manifesta fenômenos de sensibilidade e de inteligência próprios ao ser vivo, não tem, do pensamento e dos fenômenos que ela manifesta, mais consciência do que a matéria bruta teria de uma máquina inerte, de um relógio, por exemplo, que não possui consciência dos movimentos que manifesta ou da hora que indica; assim, também, os caracteres de impressão e o papel não têm consciência das idéias que reproduzem. Assegurar que o cérebro segrega o pensamento, seria o mesmo dizer que o relógio segrega a hora ou a idéia do tempo.

É preciso não supor que foi a matéria quem criou a lei de ordem e de sucessão; seria isso cair no erro grosseiro dos materialistas.”

II

O materialismo positivista

Na curta resenha que fizemos dos diferentes sistemas filosóficos, deixamos de referir-nos a duas escolas importantes: os falansterianos e os fourieristas. Não nos interessam elas diretamente, visto que as suas teorias são mais sociais que filosóficas. É preciso, entretanto, notar que Saint-Simon prestou um verdadeiro serviço ao espírito humano, mostrando, com sagacidade, que se deve conceder à alma maior importância que aquela que lhe deram os filósofos do século XVIII.

O próprio Fourier, apesar do sensualismo de sua época, acreditava na alma e na sua imortalidade. Seus continuadores se distinguem, no movimento moderno, pela feição dos seus escritos, que sobressaem entre os trabalhos mais materialistas do fim do nosso século.

Afora esses dois grandes homens, assinalaremos uma plêiade de pensadores de escol, tais como Pierre Leroux, Jean Raynaud, Lamennais e outros, que reergueram brilhantemente o estandarte espiritualista; poder-se-ia acreditar que a vitória lhes estava definitivamente assegurada, quando se revelou, entre os discípulos de Saint-Simon, um filósofo de primeira ordem: Augusto Comte. Fundou ele um sistema denominado *positivismo*, que teve o mérito de opor à imaginação, realmente muito errante dos seus predecessores, as frias e rígidas doutrinas da tradição baconiana.

Comte procurou reanimar o sensualismo, aplicando-lhe a idéia do progresso, mas faliu em sua tentativa, e foi forçado, depois de ter querido explicar tudo pela experiência e pela observação, a reconhecer que existe em nós uma faculdade: o sentimento, que não pode ser ignorado impunemente. Acabou por inventar uma espécie de religião que se perdia nas nuvens de um misticismo incompreensível. Era, segundo Huxley, “um catolicismo a que faltava o cristianismo”.

Seus discípulos não o acompanharam nessa estrada; os dissidentes caíram no excesso oposto e são agora verdadeiros materialistas, bem que disto pretendam escusar-se.

Um dos mais ilustres representantes do Positivismo é Littré. Durante toda a sua vida, esse trabalhador infatigável defendeu a nova concepção, expurgando-a daquilo que seu vigoroso espírito achava inútil ou supérfluo. Foram estas supressões que o determinaram a separar-se de Augusto Comte, decadente, e a reduzir as doutrinas de seu mestre ao que elas tinham de verdadeiramente útil; mas, acentua ainda as tendências materialistas, que o Positivismo contém em gérmen, e vemos essa inteligência em contradição consigo mesma, quando pretende ficar neutra entre os dois sistemas que disputam a conquista dos espíritos: o espiritualismo e o materialismo.

Principiemos por expor o que se chama a concepção positiva do Mundo, isto é, “a filosofia que resulta da coordenação do saber humano”. Ela é mais uma negação que um dogma. Os positivistas têm por objetivo o estudo da natureza pelos sentidos, pela observação e pela análise. Tudo o que se afasta dessa ordem de coisas é para eles o desconhecido, *o porquê*, ao qual renunciariam, deliberadamente, pesquisar.

As realidades dos metafísicos podem existir, não as negam; mas como não entram no domínio dos fatos sensíveis, acham inútil e perigoso querer defini-las; em suma, elas são incognoscíveis, isto é, inteiramente fora do alcance do entendimento.

“Assim, a base do estado positivo do espírito humano, o caráter essencial da mentalidade positiva, consiste em afastar a *imaginação* na explicação das coisas e só proceder pela verificação real, *pela observação*; em eliminar todas as suposições indemonstráveis e inverificáveis e nos limitarmos a observar as relações naturais, a fim de prevê-las, para as modificar em nosso proveito, quando isso for possível, ou as suportar, convenientemente, quando não forem acessíveis ao nosso domínio.”³

Além da esfera dos fenômenos comprovados, existe um desconhecido que o espírito procura em vão penetrar; assim, Littré,

traçando o programa da escola, recomendou absoluta neutralidade em todas as questões dogmáticas relativas à essência das coisas. Ele o afirma nitidamente na seguinte página:

“Não se conhecendo nem a origem nem o fim das coisas, não há motivo para negar que haja algo além dessa origem e desse fim (isto é contra os materialistas e os ateus), assim como não há razão para o afirmar (isto agora é contra os espiritualistas, os metafísicos e os teólogos). A doutrina positiva põe de lado a questão suprema de uma inteligência divina, pelo fato de reconhecer sua absoluta ignorância nesse sentido, como aliás acontece às ciências particulares, que lhe são afluentes, no que toca à origem e ao fim das coisas, o que implica necessariamente que, se a doutrina positiva não nega a inteligência divina, não a afirma; conserva-se perfeitamente neutra entre a negação e a afirmação, as quais se valem, no ponto em que estamos.

Não é preciso dizer que ela exclui o materialismo, que é uma explicação daquilo que ninguém pode explicar.

Não busca mais o que o naturalismo tem de exorbitante, pois exclama, como De Maistre, falando da Natureza: quem é esta mulher?”⁴

Vê-se, está bem claro, que o verdadeiro positivista não se deve inclinar para nenhum sentido; é-lhe absolutamente interdito meditar sobre os problemas que não se podem resolver pelo método direto da análise e da observação.

Este equilíbrio de que fala Littré pode ser mantido? É possível, quando as leis da Natureza revelam um encadeamento admirável de fenômenos, restringir-nos aos estreitos limites dos fatos conhecidos, sem tentar elevar-nos à causa primária, qual quer que ela seja?

– Não. Não é natural parar em caminho e dizer: Não iremos mais longe. A invencível curiosidade humana leva-nos a franquear os limites que se lhe quer impor e, voluntariamente ou não, os homens de ciência são chamados a se pronunciarem, quer num sentido, quer noutro. Apressemos-nos a acrescentar que o estado suspensivo, recomendado como expressão da sabedoria, é

violado por Littré e seus partidários; eles se declaram francamente materialistas, assim como o prova a seguinte passagem, que o mestre escreveu no prefácio do livro de Leblais sobre o materialismo:

“O físico reconhece que a matéria pesa; o fisiologista, que *a substância nervosa pensa*, sem que um ou outro tenha a pretensão de explicar por que uma pesa e a outra pensa.”

Não nos deteremos em salientar a impropriedade da comparação entre o peso, fenômeno físico, e o pensamento, ação espiritual, que não pode ser assimilada a nenhuma propriedade da matéria. O que importa notar é essa afirmação: “a substância nervosa pensa”, afirmação que vimos reproduzidas por todos os materialistas.

Um filósofo da escola de Comte deveria ser, entretanto, de absoluta ignorância quanto aos fatos psíquicos; para ele, os fenômenos do pensamento não podem ser o produto da substância cerebral, pois que nunca conseguiram verificar, experimentalmente, se certa quantidade de fósforo, por exemplo, junta à massa cerebral, tornaria o pensamento mais ativo, ou se a mesma quantidade, retirada desse órgão, aniquilaria o pensamento. Ele sai da neutralidade que seu programa exige, para pronunciar-se negativamente. Daí termos razão no dizer que os positivistas não passam de materialistas disfarçados.

Querem ainda uma prova? Littré fornece quando examina o Universo e procura as leis que o dirigem. Eis o que se lê nas *Paroles de Philosophie Positive*:

“O Universo nos aparece, presentemente, como tendo suas causas em si mesmo, causas que chamamos leis. A imanência é a ciência que explica o Universo pelas causas que nele residem...”

A imanência é diretamente infinita, porque, deixando os tipos e as figuras, ela nos põe, sem intermediário, em relação com os eternos motores de um universo ilimitado, e descobre, ao pensamento estupefato e maravilhado, os mundos librados no abismo do espaço e a vida librada no abismo do tempo.”

Não se pode negar, nesta passagem, o estabelecimento de uma doutrina muito nitidamente formulada. Opõe-se à idéia do Criador – a da imanência –, isto é, a propriedade que teria o Universo de se mover em virtude de leis que lhe são próprias. Como o faz notar Caro, é essa uma afirmativa que ultrapassa singularmente “a esfera dos fatos verificáveis e das verdades demonstradas”, de que Littré não pretende afastar-se.

Em suma, o mais ilustre representante da ciência positiva é materialista, senão em princípio, pelo menos efetivamente.

Contrário ao seu programa e à realidade, afirma que a matéria pensa, e crê que a Natureza se governa por si mesma.

São estas conclusões que nós denunciemos como falsas, em virtude das razões que expusemos no capítulo precedente.

O método positivo rejeita todo instrumento de estudo, que não os sentidos; mas existe em nós essa propriedade de nos conhecermos que se chama *senso íntimo*, e que tem seu valor, pois é por ele que somos informados da existência do pensamento. Sem dúvida, não se pode precisar em que consiste; é impossível encontrar o órgão que lhe corresponda; entretanto, ninguém recusará sua manifestação, que se afirma por um exercício ininterrupto. Citemos uma bela página do padre Elie Méric, tirada do livro *A vida no espírito e na matéria*:

“Os Srs. Littré e Robin não expuseram o positivismo mais claramente que Broussais. Uns e outros nos acusam de explicar o pensamento por uns arranjos misteriosos, impalpáveis – a *alma*.

É preciso provar, pois, que temos a percepção clara da alma, do pensamento, do juízo, da vontade e da relação necessária entre a alma e suas faculdades. É preciso demonstrar que possuímos dessas coisas uma percepção tão real como dos fenômenos materiais.

Por uma propensão invencível e uma convicção raciocinada, eu sei e sinto que penso, que imagino, que amo, que arazo. Sei que pensamentos me acodem; que idéias se me apresentam sob a forma de imagens, que certos objetos, certas criaturas despertam em mim um sentimento de amor e outras

um sentimento de ódio. Sei e sinto que posso refletir sobre essas idéias, essas imagens, esses desejos, esses sentimentos, observá-los, descrevê-los, analisá-los; que eu raciocino, enfim.

Posso renovar esse fenômeno, evocar uma lembrança pela memória, acordar o amor e o ódio, chamar uma imagem desaparecida, ao sabor de minha vontade. É uma experiência que posso renovar, tantas vezes quantas um físico ou um químico renovarão uma experiência de física ou de química. Tal fato é tão certo como a circulação do sangue e a transformação dos elementos em minha própria substância.

Sob pena de fazer violência ao senso íntimo, de renegar o testemunho da consciência universal ou de ceder a preconceitos deploráveis e culpáveis, eis realidades que o Positivismo deve reconhecer e afirmar; entretanto, essas realidades, esses fenômenos não são materiais; não os conhecemos pelo testemunho dos sentidos.”

O declive, por onde escorregam os positivistas, deve levá-los, fatalmente, ao materialismo, do qual, teoricamente, têm a pretensão de se afastarem. O desdém que mostram por tudo que não é diretamente mensurável denota a negação antecipada das realidades espirituais. Apesar de toda a sua ciência, não podem explicar o pensamento; ele se produz em condições determinadas que têm, sem dúvida, certa relação com estados especiais do cérebro; mas, como sucede com Moleschott, não lhes é possível afirmar que esse pensamento seja o produto do cérebro.

O cérebro, sua composição, seu modo de funcionamento, tal é o campo de batalha atual onde se concentram os esforços dos partidos opostos. É penetrando nas profundezas de sua constituição íntima, perscrutando com tenacidade os recônditos desse órgão, que um sábio fisiologista, Luys, espera dar ganho de causa aos positivistas.

Ele quer mostrar que a atividade intelectual é produzida simplesmente pelo jogo das forças naturais das células do córtice cerebral, estimuladas pelas excitações do exterior e trazidas pelos nervos centrípetos.

É conseqüente com suas doutrinas, porque, hoje, a maior parte dos discípulos de Littré professam injustificável horror pela antiga filosofia; repelem em bloco todos os fatos certos, aos quais se tinha chegado pelo estudo atento dos estados de consciência, para adotar uma psicologia nova, que absolutamente não participa de qualquer filosofia, antes constitui outra ciência.

Esta psicologia não se ocupa da alma e de suas faculdades, consideradas em si mesmas, senão dos fenômenos pelos quais se manifesta a inteligência e das condições invariáveis das leis que regem a sua produção. Ela não pede só à consciência que lhe faça conhecer o espírito; não se limita à ação interna, que julga, muitas vezes, ilusória, mas apela para o método das ciências naturais e dispõe, por vezes, apesar da delicadeza do assunto e do temor respeitoso que a domina, da própria experimentação, graças à patologia.

Seu primeiro princípio, seu ponto de partida, é o fato, admitido há pouco tempo pela ciência oficial, de que o cérebro é o órgão do pensamento, do espírito, ou melhor, que a inteligência, a alma – se quisermos compreender sob esse vocábulo o conjunto das idéias e dos sentimentos – é uma função do cérebro.

Outros, exagerando, ainda, esse sistema, esperam chegar, um dia, a determinar a que vibrações da massa fosfórea correspondem, por exemplo, a noção do infinito!

Retomemos, ainda uma vez, o estudo do cérebro, não mais o encarando, com Moleschott, sob o ponto de vista de sua composição química, mas em sua estrutura anatômica e em sua vida fisiológica. Seguiremos, passo a passo, o livro de J. Luys: *O Cérebro e suas funções*, e poremos ainda aí, em evidência, todos os artifícios empregados para falsear as conclusões naturais dessas investigações, que são todas a favor dos espiritualistas.

O cérebro e suas funções

Para bem compreender a discussão, é indispensável que sigamos o autor na análise minuciosa que ele faz das diferentes partes do cérebro, resumindo, de maneira sucinta, o que está em relação com o nosso assunto.

Luis é um experimentador de primeira ordem; aperfeiçoou os métodos de investigação da substância cerebral, empregando uma série de cortes metodicamente espaçados, de milímetro em milímetro, quer no sentido horizontal, quer no vertical, quer no antero-posterior; e esses cortes, praticados segundo as três direções da massa sólida que se trata de estudar, foram reproduzidos pela fotografia.

As operações, assim regularmente conduzidas, permitiram representações tão exatas quanto possíveis da realidade, e conservar as disposições mútuas das partes mais delicadas dos centros nervosos. Pode-se, comparando as seções, horizontais ou verticais, seguir determinada ordem de fibras nervosas em sua progressão para o seu ponto de partida ou para o seu ponto de chegada. Estudou-se, milímetro por milímetro, a marcha natural e os emaranhados sucessivos das diferentes categorias de fibrilas nervosas, sem nada mudar, sem nada lacerar, deixando, de alguma sorte, as coisas em seu estado normal. Além disso, as porções observadas ao microscópio foram aumentadas por meio da fotografia, o que permitiu verificar certos detalhes anatômicos que não haviam ainda sido notados.

O sistema nervoso do homem apresenta 3 grandes divisões:

- 1 - O cérebro e o cerebelo;⁵
- 2 - A medula espinhal;
- 3 - Os nervos.

Não temos que tratar da medula espinhal nem dos nervos; o que nos interessa é o cérebro.

Ele é constituído por dois hemisférios A e C reunidos por meio de uma série de fibras brancas transversais B, que fazem comunicar as partes semelhantes de cada lobo, de modo que as duas metades façam um só corpo, cujas moléculas estão todas em relação umas com as outras.

Cada lobo, tomado separadamente, apresenta por seu turno:

- 1 - Massas de substância cinzenta: compostas de milhões de células, que são os elementos essencialmente ativos do sistema, estão dispostas:

Em primeiro lugar na periferia do lobo, sob a forma de uma camada delgada, ondulosa e contínua; é o córtice cerebral “A” (figura 1). Além disso, nas regiões centrais, sob a forma de dois núcleos cinzentos, ligados entre si, e que não são mais do que a substância cinzenta das camas óticas ⁶ dos corpos estriados “C” (figura 2).

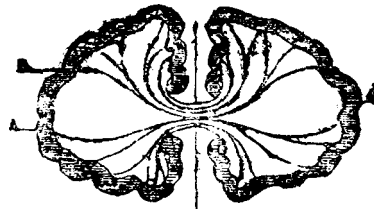


Figura 1

- A- Camada cortical cinzenta do cérebro.
- B- Fibras brancas que fazem comunicar duas partes semelhantes de cada hemisfério.

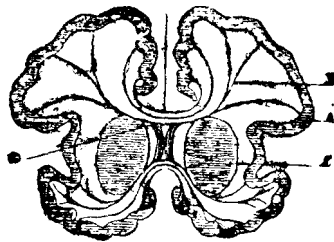


Figura 2

- A mesma figura que a precedente, porém com as camas óticas.
- A- Camada cortical cinzenta.
 - B- Fibras brancas comissurais.
 - C- Camas óticas.
 - D- Fibras brancas que fazem comunicar as camas óticas entre si e com cada um dos hemisférios.

2 - Aglomerações de fibras brancas: a substância branca, inteiramente composta de tubos nervosos justapostos, ocupa os espaços compreendidos entre a superfície dos lobos e os núcleos centrais. As fibras que a constituem representam traços de união entre tal ou qual região do córtice cerebral e tal ou qual dos núcleos centrais. Podem ser consideradas como uma série de fios elétricos estendidos entre duas estações e em duas direções diferentes. As que reú-

nem os diversos pontos da superfície dos hemisférios aos núcleos centrais são comparáveis a uma roda, cujos raios ligam a circunferência ao centro; as outras se dirigem transversalmente e juntam duas partes semelhantes de cada hemisfério.

Substância cortical dos hemisférios – Todos conhecem a aparência exterior dos lobos do cérebro. Basta lembrar os miolos, servidos habitualmente nas nossas mesas, para ver, de imediato, que a substância cortical cinzenta se apresenta sob a aparência de uma lâmina cinzenta, ondulosa, dobrada muitas vezes sobre si mesma, e formando uma série de sinuosidades múltiplas, cujo fim é aumentar-lhe a superfície. Pensou-se que havia nessas dobras certas disposições gerais; seu maior número, porém, toma as mais variadas formas, conforme os indivíduos. Os hemisférios não são rigorosamente homólogos, isto é, não têm, absolutamente, a mesma conformação, mas as modificações entre os dois lobos são de mínima importância.

A espessura da camada cerebral é em média de 2 a 3 milímetros; em geral, é mais abundantemente repartida nas regiões anteriores do que nas regiões posteriores. A massa varia conforme a idade e a raça: Gratiolet notou que nas espécies de pequena estatura a massa da substância cortical é pouco abundante.

Quando se toma uma fatia delgada dessa matéria cinzenta do córtice cerebral e a comprime entre duas lâminas de vidro, nota-se que ela se divide em zonas de desigual transparência e que estas zonas se dispõem em uma estriação regular e fixa. Veremos o que apresenta o córtice cerebral, visto a olho nu, o que todos podem verificar em cérebros frescos.

Penetremos, agora, com o auxílio de lentes de aumento, no interior dessa substância mole, amorfa em aparência, e cujo aspecto homogêneo está longe de revelar seus maravilhosos pormenores.

Que se encontra na substância cerebral como elemento anatómico fixo, como unidade primária? A célula nervosa, com seus vários atributos, suas configurações definidas; vêem-se também fibras nervosas e um tecido que reúne todos esses elementos, o

qual é atravessado por vasos sanguíneos muito pequenos, chamados capilares.

É do estudo da célula que depende a ciência das propriedades do cérebro, pois que ela é a unidade primordial do tecido cerebral, e quando conhecermos as propriedades íntimas desse elemento, teremos uma idéia exata do papel da matéria cortical.

Vemos na parte inferior desta camada dos hemisférios o começo das fibras que ligam a superfície ao centro. Elas são, a princípio, ramificadas ao infinito, de forma a entrarem em contato com grande número de células da camada cortical; depois se vão condensando até a saída do córtice dos hemisférios, onde têm a forma de fibras compactas.

Examinando as células nervosas, vemos que elas têm, como toda célula, uma forma determinada por uma membrana envolvente, a maior parte das vezes irregular, cujos contornos parecem braços que se prolongam em diversos sentidos; depois, no interior, um núcleo apresentando um ponto brilhante, que se chama nucléolo. No córtice do cérebro (Figura 3), as células menores ocupam as regiões superiores “A”, e as células maiores, as regiões profundas “B”; estas últimas têm, aproximadamente, um volume duplo das primeiras, e a passagem das pequenas para as grandes se opera por transições insensíveis. As ramificações de todas essas células formam verdadeiros tecidos, cujas moléculas são aptas a vibrar de algum modo, em uníssono.

Para se ter idéia do número imenso dessas células nervosas, bastas saber que no espaço de um milímetro quadrado de substância cortical, com a espessura de um décimo de milímetro, conta-se cerca de cem a cento e vinte células nervosas de volume variado.



Figura 3

Corte e aumento do córtice do cérebro.

A- Pequenas células.

B- Grandes células.

C- Começo das fibras brancas que ligam a camada cortical aos lobos óticos.

D- Capilar condutor do sangue.

Que se imagine o número de vezes que esta pequena quantidade está contida no todo e chegar-se-á a muitos milhões.

Ficamos confusos ao penetrar no mundo desses infinitamente pequenos, onde se reencontram essas mesmas divisões infinitas da matéria, que impressionam tão vivamente o espírito, no estudo do mundo sideral.

Ao examinar a estrutura de um elemento anatômico, só visível com um aumento de setecentos a oitocentos diâmetros, se pensarmos que esse mesmo elemento se repete por milhões, na espessura da camada cerebral, não podemos deixar de ser tomados de admiração.

Refletindo-se que cada um desses pequenos aparelhos tem sua autonomia, sua individualidade, sua sensibilidade orgânica, íntima, que é ligado a seus congêneres, que participa da vida comum, e que é o obreiro silencioso e infatigável que elabora discretamente as forças nervosas necessárias à atividade psíquica, que se consome incessantemente, reconhecer-se-á a maravi-

lhosa organização que preside ao mundo dos infinitamente pequenos.

Do que precede, decorre que a substância cortical representa imenso aparelho formado por elementos nervosos dotados de sensibilidade própria, mas solidários, porque as séries de células superpostas em andares, a correspondência delas entre si, implicam a idéia de que as atividades nervosas de cada zona podem ser despertadas isoladamente, que têm a faculdade de associar-se, de modificar-se de uma região para outra, segundo a natureza das células intermediárias postas em vibração; que, enfim, as ações nervosas, como as ondulações vibratórias, devem propagar-se gradativamente, conforme a direção das células orgânicas, no sentido horizontal ou no vertical, das zonas profundas às superficiais e vice-versa.

Estamos até aqui no firme terreno da observação; é preciso deixá-lo para entrar nas deduções fisiológicas, que oferecem quase sempre assunto à discussão.

No ponto de vista da significação fisiológica de certas zonas e do modo de distribuição da sensibilidade e da motilidade (faculdade de dar o movimento), é permitido supor, apoiando-nos nas leis de analogia, que as regiões superiores, ocupadas principalmente pelas pequenas células, devem achar-se, sobretudo, em relação com as manifestações da sensibilidade, enquanto as regiões profundas, povoadas pelos grupos das grandes células, podem ser consideradas, principalmente, como centros de emissão do fenômeno da motricidade, isto é, das incitações que determinam o movimento.

Apóiam-se estas deduções num fato de observação, o de que, na medula espinhal, os nervos sensitivos comunicam-se com as pequenas células da medula, e os nervos motores, com as grandes células, nas quais se verificam as diversas ações da motricidade. Por analogia, estaríamos no direito de considerar as células superiores da camada cortical como a esfera de difusão da sensibilidade geral e especial, e, por isso mesmo, o grande reservatório comum, *sensorium commune*, de todas as sensibilidades do organismo; de outro lado, poder-se-iam admitir as camadas

profundas como o lugar de emissão dos fenômenos do movimento.

Substância branca – A substância branca é composta, em grande parte, de fibras nervosas brancas B (figuras 1 e 2), formadas essencialmente por um filamento central chamado *cylinder axis*, envolto numa bainha; entre o cilindro e a bainha se encontra uma substância oleofosforada, transparente durante a vida, e que se chama mielina. Tem por fim isolar o cilindro, tal como a borracha com os fios destinados a conduzir eletricidade. A comparação é tanto mais justa quanto as fibras brancas só servem para transmitir as excitações nervosas do centro à periferia e reciprocamente.

O exame dos centros optoestriados terminará a revista das principais partes do cérebro, sem o que não poderíamos compreender a teoria de Luys.

Camas óticas (v. figura 4) – As camas óticas (vide nota anterior) e os corpos estriados são, de alguma sorte, os eixos naturais em torno dos quais gravitam os elementos do sistema; apresentam-se sob a forma de massa cinzenta, cuja estrutura e relações gerais foram conhecidas há bem pouco tempo. Parecem uns ovos, de cor avermelhada, ocupando o meio do cérebro, como se pode verificar a compasso; são, por assim dizer, o centro de atração de todas essas fibras, de que comandam o agrupamento e a direção.

Uma série de pequenos núcleos, colocados uns ao lado dos outros, indo de trás para diante do cérebro, são as partes principais da cama ótica. Essas excrescências, implantadas na massa, são em número de quatro; a maior, parte foi descrita pelos anatomistas, por Arnold em particular, salvo os núcleos médios, assinalados por Luys; eles formam, à superfície da cama ótica, tuberosidades que dão a esse corpo um aspecto mamiloso.

Podemos verificar, numa série de cortes horizontais e verticais, que esses núcleos formam verdadeiros pequenos centros, constituídos por células emaranhadas, que se comunicam isoladamente com grupos especiais de fibras nervosas aferentes.

Vejam agora, do ponto de vista fisiológico, a importância desses centros.

Até os últimos anos, as camadas óticas eram para os autores um problema insolúvel, terra desconhecida de que a anatomia apenas precisava a situação; compreende-se, facilmente, que a função de cada um dos núcleos estava longe de ser fixada.

Foi estudando e examinando, ele mesmo, que Luys chegou a considerar esses núcleos como pequenos focos de concentração, isolados e independentes, para as diferentes categorias de impressões sensoriais que chegam à sua substância.

Assim, o centro anterior, que comunica com o nervo olfativo, é o que deve transmitir as impressões que vêm das regiões periféricas, isto é, do nariz, destinadas àquele nervo. Temos a prova disso nas espécies animais de faro muito desenvolvido, onde o núcleo é proporcionalmente muito grande. Ele é bem o ponto para onde convergem todas as sensações olfativas, antes de serem irradiadas para a periferia cortical.

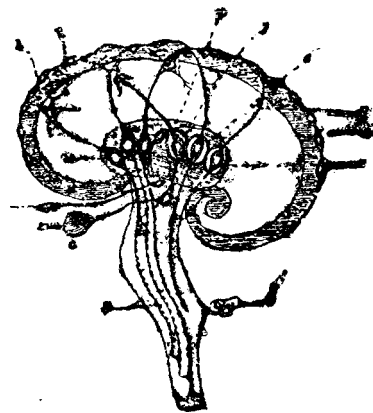


Figura 4

- A - Córtice do cérebro.
- B - Fibra comissural que liga o córtice às camadas óticas.
- C - Camadas óticas.
- D - Corpo estriado.
- E - Núcleos medianos.
- F - Orelha.
- G - Olho.

Mecanismo da sensação

Uma sensação luminosa chega em I; impressiona a retina, que comunica seu movimento ao centro J por intermédio do nervo ótico. Desse núcleo J a sensação é reenviada à camada cortical B. Aí chegada, abala as células vizinhas L, que propagam o movimento às zonas profundas. A ação ondulatória volta transformada ao núcleo do corpo estriado e em seguida se espalha pelo corpo por meio do nervo N.

Foi assim que se determinaram para os outros sentidos as funções seguintes:

- 1^a- O núcleo médio é destinado à condensação das sensações visuais;
- 2^a- O núcleo mediano é o ponto de concentração da sensibilidade geral;
- 3^a- O núcleo posterior serve para condensar as sensações auditivas.

Esses dados, posto que novos, são, segundo Luys, confirmados por experiências fisiológicas e, de outro lado, pelo exame dos sintomas clínicos, que são, nessas matérias, o critério irrefragável de toda doutrina verdadeiramente científica.

Admitidas as deduções precedentemente expostas, compreender-se-á possível encarar as *camas* óticas como regiões intermediárias entre as incitações puramente espinhais, isto é, vindas da medula espinhal, e as atividades mais apuradas da vida psíquica.

Por seus núcleos isolados e independentes, as *camas* servem de pontos de concentração a cada ordem de impressões sensoriais, que encontram em suas redes de células um lugar de passagem e um campo de transformação. É aí que estas impressões são logo condensadas, armazenadas e trabalhadas pela ação especial dos elementos que elas agitam em seu percurso. Daí, como de um último ponto depois de terem emergido de gânglio em gânglio, através dos condutores centrípetos que as transportam, são lançadas nas regiões da periferia cortical sob uma forma nova e, de algum modo, *espiritualizadas*, para servir de materiais incitadores à atividade das células da substância cortical.

São as únicas portas abertas pelas quais passam todas as incitações exteriores destinadas a serem aproveitadas pelas células corticais e os únicos condutos que permitem à atividade psíquica manifestar-se no exterior.

Mostra o exame do cérebro que cada um dos centros de que falamos está mais particularmente em relação com certas partes da substância cortical.

Pode-se, pois, admitir hoje esta verdade outrora tão controvertida das localizações cerebrais. É fácil compreender, agora, como o desenvolvimento periférico de tal ou qual aparelho sensorial determina, nas regiões centrais, um aparelho receptor, de alguma sorte proporcional; como a riqueza em elementos nervosos da própria substância cortical, o grau de sensibilidade própria, a energia específica de cada um deles poderão, em dado momento, desempenhar preponderante papel no conjunto das faculdades mentais e determinar o temperamento e a atividade específica dessa ou daquela organização. Enfim, as experiências de Schiff estabelecem que as incitações da vida orgânica penetram também até os lobos óticos. É, pois, sob um duplo ponto de vista que podemos considerar os lobos óticos como o nó de todo o conjunto do sistema cerebral.

O corpo estriado é agora o último órgão que devemos estudar.

Corpo estriado – A massa de substância cinzenta designada pelo nome de corpo estriado é, com a cama ótica, a porção complementar dos dois núcleos cinzentos que ocupam o lugar central de cada hemisfério e que são, como já temos várias vezes assinalado, os pólos naturais em torno dos quais gravitam todos os elementos nervosos.

As camas óticas parecem o prolongamento das células sensitivas da medula, enquanto o corpo estriado seria a continuação das células motoras do eixo espinhal.

A massa dos corpos estriados se compõe de grandes células semelhantes às da região inferior do córtice cerebral e ligadas entre si da mesma maneira. Tal como nas camas óticas, existem fibras que unem o corpo estriado à substância cortical.

Essas fibras representam, pois, propriamente falando, os traços de união naturais entre as regiões corticais donde emergem as incitações voluntárias e os diferentes pontos do corpo estriado onde elas se reforçam. Foram as experiências de Frisch e de Hitzing, e, depois, as de Fournier, que demonstraram a existência de uma ordem especial de fibras nervosas, irradiadas dos diferentes departamentos da substância cortical e que se vão distribuir nos territórios isolados da substância cinzenta dos corpos estriados, a qual se acha assim associada, de modo direto e instantâneo, a todos os abalos das regiões da substância cerebral dos hemisférios.

Deve-se notar nos corpos estriados a presença de pequenas partículas amarelas, que são postas em relação com o cerebelo por fibras especiais. Segundo Luys, esses núcleos amarelos seriam os receptores da força nervosa desprendida pelo cerebelo, sob o nome de influxo cerebeloso. Essa inervação, verdadeira força extranumerária, serve para aumentar a ação do corpo estriado. É ela que, semelhante a uma corrente contínua, derrama a força nervosa que carrega as células do corpo estriado; é ela que dá a nossos movimentos sua força, sua regularidade, sua continuidade.

No interior dos tecidos do corpo estriado, as incitações partidas dos centros motores do córtice cerebral fazem uma primeira parada em seu curso descendente; entram em relação mais íntima com elementos novos que reforçam, *materializam*, de alguma sorte, as excitações tão fracas, em seu começo, das células motrizes do córtice cerebral. O influxo da vontade sai do corpo estriado, aumentado, por assim dizer, e vai às diversas partes dos pedúnculos cerebrais, onde aciona, por sua vez, diferentes grupos de células, das quais excita as propriedades dinâmicas.

Conhecendo agora os elementos gerais do cérebro, examinaremos a marcha da sensação através de todos esses órgãos. Não podendo entrar em todo o desenvolvimento que o autor deu a esse estudo, limitar-nos-emos a ver a maneira pela qual uma excitação exterior chega ao cérebro e como volta à periferia, sob a forma de incitação motriz.

Mecanismo da sensação – Os nervos que vão ter à superfície do corpo não vibram indiferentemente sob todos os impulsos; é preciso que as fibrilas que os compõem possam entrar em movimento sob determinadas incitações; por exemplo, as sensações luminosas são de nenhum efeito para o nervo auditivo e reciprocamente.

Suponhamos, para maior clareza, que só temos que ver com as vibrações luminosas. Quando a retina é impressionada pelo movimento ondulatório do éter, é preciso certo tempo para que esse abalo material determine vibrações no nervo ótico; mas, uma vez produzidas, elas se propagam pouco a pouco até os tálamos óticos. Aí essas vibrações se concentram no primeiro núcleo, cuja existência já verificamos; experimentam nesse pequeno centro uma ação que tem por fim *espiritualizá-las*, já tendo sido *animalizadas* no trajeto dos nervos.

Depois do tempo de parada necessário àquela operação, são lançadas para o sensorio, isto é, para a parte periférica do cérebro, onde se espalham na camada das pequenas células e põem em ação toda uma série de elementos nervosos, relativos às impressões visuais.

Cada ordem de incitação sensorial é assim dispersa e localizada em um lugar especial do córtice do cérebro. A anatomia mostra, além disso, que há localizações definidas, regiões limitadas, organicamente destinadas a receber, a condensar, a transformar tal ou qual categoria de impressões vindas dos sentidos.

A fisiologia experimental provou, por seu lado, que, nos animais vivos, como há muito tempo mostraram as belas experiências de Flourens, poder-se-ia, tirando-se metodicamente fatias da substância cerebral, fazer que eles perdessem, ou a faculdade de perceber as impressões visuais, ou as auditivas.

Ainda mais: Schiff pôs em evidência este fato, o de que o cérebro de um cão se aquecia parcialmente, conforme a natureza das excitações que recebia. Logo, as impressões sensoriais chegam todas, em último lugar, às redes da substância cortical, transformadas pela ação dos meios intermediários que encontraram no percurso; enfim, é aí que elas se amortecem e se extin-

guem, para reviverem sob forma nova, pondo em jogo as regiões da atividade psíquica, onde são definitivamente recebidas.

Chegamos ao ponto delicado da demonstração; pudemos ver a marcha evolutiva dos movimentos vibratórios, fazendo, entretanto, reservas quanto à *animalização* e à *espiritualização* das vibrações materiais; como compreender, porém, que elas se transformem em idéias?

Sigamos o autor em seu raciocínio.

Distribuída a indicação sensorial no meio da rede do córtice cerebral, quais são os fenômenos novos que se produzem?

Segundo Luys, só a analogia nos permite supor que as células sensitivas cerebrais se comportam como as da medula espinhal e que, em presença das incitações fisiológicas que lhes são próprias, reagem de maneira semelhante. (Sabe-se que, na ação reflexa, a excitação dos nervos sensitivos transmite às pequenas células da medula espinhal uma irritação que se comunica às grandes células da medula e excita os nervos motores que lhes correspondem, de forma que a excitação volta a seu ponto de partida sob a forma de incitação motriz. É desta forma que uma rã, a que se cortou a cabeça, contrai ainda uma pata irritada por um ácido.)

Luys admite, pois, que no momento em que a célula cortical recebe a impressão do exterior, ela como que se ergue, desenvolve sua sensibilidade própria e desprende as energias íntimas que encerra. É assim que o movimento se propaga pouco a pouco, despertando as atividades latentes de novos grupos de células, que, por sua vez, se tornam focos de atividade para os vizinhos.

Dando-se o que acabamos de ver, em todas as direções, as excitações partidas das células da substância cortical se propagam para o interior e atuam nas grandes células, que transmitem esses abalos ao corpo estriado, que os reforça e os lança no organismo sob a forma de incitações motrizes.

Tais são segundo Luys, a gênese e a marcha de uma ordem qualquer de sensações, mas acrescenta que é preciso não confundir a evolução dos fenômenos da sensibilidade com simples ações reflexas, como as do eixo espinhal; e se pode dizer que a

motricidade voluntária não é mais que um ato de sensibilidade transformada, é, entretanto, a sensibilidade duplicada, triplicada, multiplicada por todas as atividades cerebrais postas em comoção e a personalidade sensível e vibrátil que entra em jogo, sob uma forma somática, e que se revela no exterior por uma série de manifestações refletidas e coordenadas.

Detenhamo-nos por um instante e procuremos o sentido de todas essas hipóteses. Compreendemos como a excitação nervosa chega até a camada superficial do cérebro, mas, uma vez aí, Luys nos fala de células que se *erguem*. Confessamos que não o entendemos. Quer ele dizer que as células desenvolvem todas as energias que contém? Concordamos. Mas que relação pode haver entre uma ação nervosa, por mais *ereta* que seja, e o pensamento?

O autor, sabendo que essa argumentação é insuficiente, acrescenta que a célula desprende sua sensibilidade própria e com isso deixa perceber que a célula é capaz de sentir. Veremos mais tarde se essa opinião tem fundamento. Enfim, ele indica o movimento de retorno dessas excitações, mas esquece de notar que, entre a chegada e a partida das sensações, se produz um fato muito importante – o da percepção, isto é, o conhecimento pelo *eu*, pela personalidade humana, das ações realizadas.

Aqui é útil insistir, porque todas as evoluções das vibrações nervosas, tão sabiamente descritas, não são mais que os preliminares do ato da percepção, e é preciso que essas vibrações despertem alguma coisa, uma força latente que delas tome conhecimento. Sem isso, elas serão letra morta para o entendimento, como o demonstra o fenômeno da distração, de que falamos no capítulo precedente.

O que prova, neste caso, a necessidade de intervenção de um agente novo é, como diz Luys, que não se devem confundir os atos do cérebro com simples ações reflexas; percebe-se que há uma diferença; ela, porém, só consiste, a seu ver, na multiplicidade e intensidade das forças que se manifestam. Na medula as operações são simples, no cérebro são complexas. Sendo assim, porque as ações, inconscientes no eixo espinhal, se tornam fatos de consciência no cérebro? O sábio fisiologista foi obrigado a

admitir, para apoiar sua teoria, que existe uma analogia completa entre as diferentes ordens de células do cérebro e as diferentes ordens de células da medula espinhal; o mesmo deve-se admitir quando se trata da sensibilidade e, entretanto, nada denota nas células do córtice cortical que a consciência aí resida.

Debalde se analisam todas as forças “que entram em jogo sob uma forma somática”; elas são impotentes para fazer compreender a natureza ou a geração de uma idéia, enquanto se obstinarem em negar a alma.

Conseqüências das teorias precedentes

O capítulo precedente fez desdobrar-se sob nossos olhos o panorama das operações misteriosas que se realizam no seio da massa cerebral. Acompanhamos a função de cada um dos órgãos do cérebro; pudemos admitir, teoricamente, que as coisas se passam como o ensina Luys. Mas, na realidade, os atos múltiplos da vida não têm a simplicidade inicial que supusemos.

Um exemplo no-lo fará entender.

Quando assistimos a uma representação teatral, os olhos e os ouvidos são impressionados ao mesmo tempo, e surge um mundo de idéias determinadas por milhares de sensações, que chegam instantaneamente ao cérebro. Se juntarmos a essas duas causas as impressões produzidas pela decoração da sala, pelo calor, pela representação dos atores, pela música, chegar-se-á a um total enorme de ações sensitivas percebidas pelo cérebro.

Como essas diversas vibrações conseguem harmonizar-se? Como se combinam os movimentos vibratórios para produzir no espectador o sentimento de prazer ou de descontentamento?

Em vão se nos mostrará que cada um dos sentidos tem um lugar reservado no córtice cerebral; que as excitações exteriores, que lhes correspondem, dirigem-se diretamente para a parte que lhes compete; mal podemos compreender como as excitações desses diferentes territórios de células se vão procurar e fundir para produzir uma idéia.

Para compreender o que se deu seria preciso supor que as células nervosas são capazes de *sentir*, e ainda assim não seria fácil imaginar qual a resultante das sensações de cada uma.

Se, pelo contrário, admitirmos a existência da alma, tudo, então, se torna claro. Temos um centro onde se reúnem as sensações e, conseqüentemente, as idéias a comparar. É ele que armazena as múltiplas impressões que recebe, e as analisa, pesa, compara com as que possuía anteriormente; o resultado de todas essas operações é o juízo.

Pretende Luys que não é necessário recorrer à intervenção da alma para explicar todas as ações do espírito, que se podem deduzir das 3 propriedades fundamentais seguintes, que ele atribui ao sistema nervoso:

- 1 – A sensibilidade;
- 2 – A fosforescência orgânica;
- 3 – O automatismo.

São essas propriedades gerais que Luys estuda na segunda parte do seu trabalho.

Uma vez conhecidas e definidas essas propriedades, Luys entra no estudo das diversas combinações, às quais se prestam, e pretende estabelecer que as operações do espírito não são mais que sensações transformadas por meio de atos reflexos múltiplos.

Se assim é para o cérebro e para os centros da medula espinhal, apenas com a diferença de que os processos são mais complicados, seremos, no ponto de vista fisiológico, autômatos, cujas molas são movidas por excitações externas, quer diretamente, suscitando reações imediatas, quer indiretamente, depois de uma travessia mais ou menos longa nos centros nervosos.

É essa a opinião de certo número de sábios que representam, em nossa época, a escola positiva. A filosofia deles não passa da forma científica das teorias de Hume, que não adquiriram valor, passando para este novo terreno. Apesar das declarações e do tom doutoral que apresentam, não no-la podem impor.

Quanto à vontade, escreve Luys:

“As controvérsias dos filósofos e metafísicos, que vêm de longa data, só tiveram um fim: exprimir em fraseologia sonora a ignorância mais ou menos absoluta das condições da vida psíquica.”

Não sabemos até que pontos são fundadas essas palavras, mas o que iremos demonstrar é que o sábio professor apresenta hipóteses muito contestáveis para explicar os fenômenos do espírito; a um positivista, a um homem que vê de tão alto a filosofia, seria prudente não se deixar expor ao desmentido dos fatos.

Da sensibilidade dos elementos nervosos

Toda argumentação de Luys assenta num equívoco de palavras; para ele, a sensibilidade, a faculdade de sentir pertence à célula nervosa; é um fato que enuncia sem trazer, aliás, a menor prova. Assim a define:

“A sensibilidade é essa propriedade fundamental que caracteriza a vida das células; graças a ela as células vivas entram em conflito com o meio; reagem de modo próprio, em virtude das afinidades íntimas postas em ação, mostrando *apetência* para as incitações que as lisonjeiam e repulsa para as que as contrariam. A atração para as coisas agradáveis e a repulsa às desagradáveis são, pois, os corolários indispensáveis a toda organização apta a viver, e a manifestação aparente de toda a sensibilidade.”

Admitindo que as células sejam capazes de experimentar atração e repulsão, isto é, supondo-as dotadas da faculdade de discernir, mostra Luys que, à medida que se sobe na escala dos seres, somente em certas células se especializa essa propriedade; faz ele ver que o desenvolvimento da sensibilidade marcha de par com a extensão, cada vez maior, do sistema nervoso, para chegar, no homem, ao seu máximo poder.

Raciocinar assim não é difícil e dispensa grande esforço de imaginação, pois se supõe demonstrada a questão em litígio. Admitir que a célula escolhe entre os diversos elementos com que se acha em relação, é tão racional como supor que, numa

combinação química, o oxigênio *escolhe* o corpo com o qual se alia.

Mas, dir-se-á, as células são vivas, têm um grau de capacidade e de propriedade maior que os corpos inorgânicos; podem não estar, portanto, submetidas tão só às leis que regem os corpos simples, e possuir um rudimento de consciência. Eis o que responde Claude Bernard, o ilustre fisiologista, em suas *Leçons sur les tissus vivants*, à pág. 63:

“Visto que só os elementos anatômicos são vivos, só eles nos poderão dar os caracteres da vida. Ora, cada tecido apresenta propriedades diferentes e dir-se-ia, assim, que não há caráter vital essencial. Os fisiologistas, entretanto, ensaiaram determinar esse caráter no meio das variações de propriedades dos tecidos, e lhe chamaram irritabilidade, isto é, a aptidão a reagir, fisiologicamente, contra a influência das circunstâncias externas, como a própria palavra o indica. Essa propriedade não pertence nem às matérias minerais nem às orgânicas, é privilégio exclusivo da matéria organizada e viva, ou seja, dos elementos anatômicos vivos, que são, por consequência, as únicas partes irritáveis do organismo. Todos os seres vivos são, pois, irritáveis pelos elementos histológicos que compreendem, e perdem essa propriedade no momento da morte. A propriedade de ser *irritável* distingue, portanto, a matéria organizada da que o não é; e, além disso, entre as matérias organizadas, faz reconhecer a que é viva, e a que o deixa de ser. Em suma, a irritabilidade caracteriza a vida.

A matéria, mesmo a viva, é inerte por si própria, no sentido de que deve ser considerada como desprovida de espontaneidade. Mas essa mesma matéria é irritável e pode, assim, entrar em atividade para manifestar suas propriedades particulares, o que seria impossível se fosse, ao mesmo tempo, desprovida de espontaneidade e irritabilidade. A irritabilidade é, pois, a propriedade fundamental da vida.”

O trecho é bem explícito; mesmo a matéria viva é inerte; é preciso um excitante para que possa agir, e quando manifesta os caracteres da vida, fá-lo à maneira dos corpos inorgânicos, sem

nenhuma participação voluntária; não pode, pois, reagir de modo próprio, como o quer Luys. Uma célula nervosa não pode mostrar repulsão, porque lhe é impossível escolher entre os diferentes corpos com os quais está em contacto.

Ensina Claude Bernard que há três categorias de excitantes: os irritantes físicos, os químicos e os vitais. Se a célula é posta em presença de um deles, não pode escolher nem manifestar repulsão, reage, porque a isso é obrigada. Se a colocarem em contacto com um corpo que não entra numa dessas categorias indicadas, ficará inerte, tal como dois gases, que, não tendo afinidades, não se combinam.

A fisiologia está, pois, em oposição formal com Luys; ela não admite que nos fenômenos manifestados pela vida das células possa haver intervenção de qualquer vontade, por menor que a possamos supor. Podemos negar, legitimamente, que a sensibilidade, essa faculdade de sentir o que se passa em nós, seja uma propriedade das células nervosas do corpo. É necessário, pois, atribuí-la à alma.

Vejamos a opinião de outro sábio, Rosenthal, exposta em *Les Mescles et les Nerfs*:

“Para que a percepção das sensações se produza, parece absolutamente indispensável que a excitação chegue até o cérebro. É muito duvidoso, e ainda menos provado, que outra parte do encéfalo, e sobretudo a medula, possam produzir sensações. Quando as irritações chegam ao cérebro, não se produzem as sensações somente, mas também *percepções exatas sobre a espécie de irritação*, sua causa e o ponto onde foi ela praticada. Algumas vezes, entretanto, esses fenômenos não se realizam, e a excitação passa despercebida. É o que acontece, por exemplo, quando nossa atenção é fortemente atraída para outra parte...

Mas não é possível dar a menor explicação de como essa percepção se forma.

Pode ser que haja produção de fenômenos moleculares no interior das células nervosas, mas esses fenômenos só podem ser movimentos. Ora, podemos compreender como movimen-

tos produzem movimentos, mas não sabemos absolutamente como esses movimentos poderiam produzir uma percepção.”

Está pois estabelecido que é hipótese não justificada admitir a percepção, ou por outra, os fenômenos da sensibilidade como pertencentes à célula nervosa. A ciência positiva de Luys é apanhada em flagrante delito de concepções não demonstradas e apenas imaginada com vistas ao fim a atingir. Assim, também, as vibrações que se *animalizam* e depois se *espiritualizam* só foram apresentadas para afastar a alma da explicação do pensamento.

É singular ver tomados como sonhadores e gente pouco científica os que crêem no Espírito, enquanto os representantes da ciência oficial querem persuadir-nos de que existem vibrações espirituais, e contestam a existência de um princípio imaterial.

Vamos à segunda hipótese do autor, arriscada para explicar a memória.

Fosforescência orgânica dos elementos nervosos

Luys foi o primeiro que propôs assimilar a faculdade da memória a uma ação física. Supondo as células nervosas como certos corpos capazes de armazenar, de algum modo, as vibrações que lhes chegam, tal como as substâncias fosforescentes que continuam a brilhar depois de desaparecida a fonte luminosa, assim as células nervosas poderiam vibrar, mesmo depois que cessasse de agir a causa excitante.

Graças aos trabalhos dos físicos modernos, é certo que as vibrações do éter, sob a forma de ondulações luminosas, são susceptíveis, para os corpos fosforescentes, de se prolongarem por um tempo mais ou menos longo, e de sobreviverem à causa que os produz.

Niepe de Saint Victor, em suas pesquisas sobre as propriedades dinâmicas da luz, chegou a mostrar que as vibrações luminosas podiam armazenar-se numa folha de papel, em estado de vibrações silenciosas, durante um tempo mais ou menos longo, prestes a reaparecerem sob a ação de uma substância reveladora. Foi assim que se pôde, tendo-se conservado, na obscuridade, gravuras expostas precedentemente aos raios solares, revelar,

muitos meses após a insolação, com auxílio de reativos especiais, os traços persistentes da ação fotogênica do Sol sobre a superfície delas.

Que sucede, com efeito, quando se expõe ao Sol uma placa de colódio seco, e muitas semanas depois se desenvolve a imagem latente que ela contém?

Surgem impressões persistentes, recolhe-se um vestígio do sol ausente, e isto é tão verdadeiro, acusa tão perfeitamente a persistência de um movimento vibratório de limitada duração, que, ultrapassando-se os limites, esperando-se muito tempo, o movimento se vai enfraquecendo como uma fonte de calor que resfriasse e cessasse de manifestar sua existência.

Esta curiosa propriedade de certos corpos inorgânicos se encontra, sob formas novas, com aparências apropriadas, é verdadeira, mas copiadas e semelhantes no estudo da vida dos elementos nervosos.

Em apoio à sua teoria, Luys cita exemplos de fosforescência orgânica, tirados do funcionamento dos órgãos dos sentidos.

Quem não sabe, diz ele, que as células da retina continuam a ser impressionada quando já desapareceram as incitações? Segundo Plateau, essa persistência das impressões podia ser avaliada de 32 a 35 segundos. Graças a ela, duas impressões sucessivas e rápidas se confundem e chegam a dar uma impressão contínua. Um carvão incandescente que se faz girar, na ponta de uma corda, produz a ilusão de um círculo de fogo; um disco em rotação no qual estão pintadas as cores do espectro só nos dá a sensação da luz branca, porque todas as suas cores se confundem e formam uma resultante única, que é a noção do branco.

Todos os que se ocupam com os estudos microscópicos sabem que, após um trabalho prolongado, as imagens vistas no foco do instrumento ficam um tanto fotografadas no fundo do olho e basta fechar os olhos, depois de algumas horas de estudo, para as ver aparecer com grande nitidez. O mesmo se dá com as impressões auditivas: os nervos conservam, durante algum tempo, os traços das impressões que os excitaram. Quando se viaja em trem de ferro, ouve-se, ainda, horas após a chegada, o

ruído das trepidações do vagão; uma ária, certos estribilhos favoritos, ressoam, involuntariamente, nos ouvidos e isso algumas vezes de modo desagradável, muito tempo depois que foram ouvidos. O Doutor Moos, de Heidelberg, refere o caso de um indivíduo em quem as sensações musicais persistiram durante quinze dias.

Os dois aparelhos sensoriais da vista e do ouvido são os únicos em que as sensações parecem deixar uma impressão duradoura. As redes gustativas não parecem desprovidas desta qualidade, mas não a apresentam com intensidade.

Prosseguindo seu estudo, o autor atribui à fosforescência orgânica as ações que derivam do hábito, como os exercícios do corpo, a dança, a esgrima, o toque dos instrumentos de música, etc. Depois, filia a essa fosforescência todos os fenômenos da memória.

Essa explicação não nos pode satisfazer, por muitas razões: a fosforescência dos elementos nervosos está demonstrada para um tempo muito curto; ademais, nenhuma experiência estabeleceu que ela existisse no cérebro.

Viu-se, pelos exemplos citados mais acima, que a duração das impressões persistentes, depois de cessada a causa, é muito limitada; sua maior influência limita-se à reminiscência de algumas semanas. Supor nas células centrais semelhante propriedade e mesmo em grau mais forte é aventurar-se em terreno desconhecido.

O que contradiz esta maneira de ver é que, nas substâncias inorgânicas, é preciso não passar de certo limite, quando se quer obter fatos relativos à fosforescência. No organismo humano, submetido a excitações diferentes, e em um aparelho tão complicado como o cérebro, é certo que as vibrações tão diversas das células nervosas só podem ter duração limitada.

Há uma segunda razão que destrói radicalmente a suposição de um armazenamento da vibração.

Diz Luys textualmente:

“Esta aptidão maravilhosa (fosforescência orgânica) da célula cerebral, incessantemente entretida pelas condições favo-

ráveis do meio em que ela vive, mantém-se, incessantemente, em estado de verdor, enquanto as condições físicas de seu agregado material respeitadas, e ela está associada aos fenômenos vitais do organismo.”

Como vimos, Moleschott supõe que o corpo se renova de trinta em trinta dias; sem ir tão longe, podemos admitir que todas as moléculas do corpo são substituídas por outras ao fim de sete anos, como quer Flourens.⁷ Esse naturalista, operando em coelhos, mostrou que, em determinado lapso de tempo, os ossos estavam inteiramente mudados, e que em lugar dos antigos, novos se haviam formado.

Ora, o que se dá com os ossos, dá-se com os demais tecidos e com as células nervosas em particular. Se a fosforescência orgânica é uma propriedade do elemento nervoso, ela impressiona ou o conjunto da célula ou as moléculas que a compõem. Quando a célula inteira se renova, isto é, quando os elementos que a constituem são absorvidos pelo organismo, as moléculas que vêm tomar o lugar das que desapareceram não possuem mais o movimento vibratório que impressionou suas antecessoras, de sorte que, quando todas as células são mudadas, não existe nenhum dos movimentos vibratórios antigos, ou por outra, a fosforescência orgânica desapareceu, tanto de cada uma das moléculas como do conjunto da célula.

Se só nessa propriedade residisse a memória, deveria esta ficar aniquilada completamente ao fim de um tempo mais ou menos longo, mas que não poderia exceder de sete anos. De sete em sete anos, teríamos que reaprender tudo que já sabíamos; ou melhor, como a evolução das partículas do corpo se faz constantemente, nossas lembranças desapareceriam à medida que as moléculas se renovassem, de sorte que seríamos incapazes de aprender o que quer que fosse.

Sabemos que não é o que acontece, e que nossa personalidade e nossa memória persistem, apesar da torrente de matéria que atravessa nosso corpo.

A despeito das moléculas diversas que se incorporam em nós, temos a lembrança e a consciência de sermos sempre os mesmos,

e isto só se pode explicar admitindo a existência de uma força que não varia como a matéria na qual se registram os conhecimentos que adquirimos pelo trabalho. Esta força, essência imaterial, é a alma, que, apesar das negações materialistas, revela sua presença, por pouco que se estudem, imparcialmente, os fenômenos que se passam em nós.

O automatismo

Luys define o automatismo: A propriedade que apresentam as células nervosas vivas de entrarem espontaneamente em movimento e traduzirem de modo inconsciente os estados diversos da célula postos em agitação. Por outra forma: A atividade automática da célula viva é a reação espontânea da sensibilidade íntima da célula, solicitada de qualquer maneira.

É sempre a teoria do elemento nervoso que age diretamente, em virtude de suas forças íntimas, e de modo próprio; e é com tal equívoco que o autor pode interpretar o fato a seu favor.

É incontestável que se passam em nós ações de que não temos consciência. As experiências de Charles Robin, feitas no cadáver de um supliciado, mostraram que as funções da medula se perpetuavam enquanto a vida dos elementos não havia desaparecido, e isto com tanta regularidade como se o cérebro as dirigisse.

Devemos atribuí-las às propriedades íntimas das células nervosas? Para o saber, recorramos a Claude Bernard, que assim se exprime:

“No homem há duas espécies de movimentos:

1º- os conscientes ou voluntários;

2º- os inconscientes, involuntários, ou reflexos (ou automáticos), porque, sob nomes diversos, são a mesma coisa.

O movimento reflexo é um movimento para cuja execução concorrem *sempre* três ordens distintas de elementos do sistema nervoso: o elemento sensitivo, o elemento motor e a célula.

Se se produzisse um movimento sem uma dessas condições, sem a participação de um desses elementos, não seria mais um movimento reflexo. Com efeito, todo movimento reflexo implica três coisas bem distintas:

- 1º-uma excitação do nervo sensitivo num lugar qualquer de seu comprimento;
- 2º-uma excitação do nervo motor que se traduz pela contração de um músculo;
- 3º-um centro que serve de transição e, por assim dizer, de traço de união desses dois elementos, de maneira a produzir a irritação do segundo, sob a influência do primeiro.”

Sabemos já que a matéria viva é inerte, que não pode entrar em movimento por si própria; as ações automáticas são devidas sempre à irritação de um nervo sensitivo, que transmite a excitação a um nervo motor por meio da célula. É por esta forma que se executam os atos da respiração, da contração do coração, da digestão etc., nos quais a vontade não intervém habitualmente; entretanto, verificou-se que existe um ponto colocado no cérebro que modera as ações reflexas. A alma manifesta, por conseguinte, a sua presença sempre, quer de maneira direta, pelos movimentos voluntários, quer indireta, nas ações reflexas, pela intervenção dos centros moderadores.

A argumentação de Luys limita-se a afirmações desmentidas pela ciência, de sorte que seus raciocínios, apoiando-se em bases falsas, chegam a deduções em oposição formal à verdade. Nem a sensação, nem a fosforescência, nem o automatismo têm o sentido e o alcance que se lhes quer emprestar. É por meio dessas interpretações mutiladas que a teoria materialista parece ter uma força que efetivamente ela não possui.

Conclusão

Das teorias examinadas até agora, nenhuma dá a certeza de que a alma não seja uma entidade. Com um exame atento, deduz-se, pelo contrário, a convicção de que o espírito ou alma existe realmente e manifesta sua presença em todas as ações da vida.

Nem os profundos conhecimentos químicos de Moleschott, nem o grande talento de sábios como Broussais, Büchner, Carl Vogt, Luys etc. são suficientes, não só a invalidar a crença na alma como, simplesmente, a fazer duvidar de sua realidade.

Há um século temos a nosso alcance um poderoso instrumento de investigação que nos revela, de maneira formal, a existência da alma; queremos falar da ciência magnética.

Nas discussões precedentes, ainda podem subsistir dúvidas no espírito de certos leitores.

A autoridade de nossos contraditores poderá fazer pensar que eles são incapazes de se enganar por tão grosseiro modo; poderão suspeitar as nossas conclusões, que são, aliás, as da ciência oficial. Mas, com os fatos fornecidos pelo magnetismo, separa-se a alma do corpo; ela dele se desprende e manifesta sua realidade por fenômenos surpreendentes; ela se afirma separada do seu invólucro carnal e se diz vivendo uma existência especial.

Esta é a razão pela qual nos ocuparemos, na segunda parte, dos fatos que deixam fora de dúvida a existência do *eu* pensante, da alma.

Segunda Parte

I

O magnetismo e sua história

Saindo das graves discussões dos capítulos precedentes, parecerá talvez bizarro a certas pessoas, que entremos num assunto como o magnetismo, ciência que até então não pôde achar direito de cidade nas academias.

Muito tempo desconhecido, ridicularizado e mesmo perseguido, o magnetismo, como todas as grandes verdades, tem vida forte; longe de definhar ao sopro das perseguições, tomou um desenvolvimento considerável e se nos apresenta com seu cortejo de homens ilustres e eruditos, com milhões de experiências probantes, como para mostrar à Humanidade de que aberrações são capazes as corporações científicas.

Há hoje uma reação em seu favor. Em todas as partes, os jornais e as revistas médicas se ocupam com os fatos maravilhosos produzidos pelo hipnotismo, nome novo de que o magnetismo se revestiu. Ao abrigo desse pseudônimo, insinuou-se no santuário dos príncipes da ciência, que o não reconhecendo, a princípio, lhe fizeram boa acolhida; agora, porém, sabendo com que tratam, desejaria negar-lhe o parentesco estreito com o magnetismo, que continuam a proscrever.

Antes de estudar esse recém-chegado em capítulo especial, ocupemo-nos do magnetismo propriamente dito. Na primeira parte desta obra, ficou estabelecido que a ciência não autorizava ninguém a falar em seu nome, quando se trata de combater a existência da alma. Os mais eminentes fisiologistas reconhecem sua incapacidade para explicar a vida intelectual, sem a intervenção de uma força inteligente. A filosofia concluiu pela necessidade do princípio pensante; a experiência, por sua vez, prova à evidência, pelos processos do magnetismo, a presença da alma como potência diretriz da máquina humana.

Há um século pesquisas minuciosas se fazem nesse domínio. Homens sérios, convictos e dedicados mostraram que o charlatanismo não tem parte alguma nas verdadeiras ações magnéticas e que se achavam em face de uma modificação nervosa que era preciso estudar.

Puységur, Deleuze, Du Potet, Charpignon, Lafontaine e outros, homens de ciência e de incontestada honestidade, descreveram, em suas numerosas publicações, milhares de experiências verídicas, que constam em atas assinadas pelos nomes mais honestos e mais conhecidos. Negar hoje os fatos seria infantilidade ou má-fé.

A fim de mostrar nossa imparcialidade, só tomaremos, como demonstração da existência da alma, as experiências bem averiguadas; reportar-nos-emos, em grande parte, ao relatório sobre o magnetismo apresentado à Academia de Medicina, e lido nas sessões de 21 e 28 de junho de 1831, em Paris, por Husson, relator.

Os outros testemunhos serão tomados, ora a adversários das doutrinas espiritualistas, que não poderão ser acusados de complacência, ora a escritores especiais, que trataram destas questões, mas, neste caso, as suas narrativas se apóiam na autoridade de médicos, que as acompanharam em todas as suas fases.

Deste modo, poderemos raciocinar sobre observações autênticas e delas tirar conclusões tão claras como as que se deduzem do estudo da natureza e que foram formuladas sob o nome de leis físicas e químicas.

Histórico

A ciência magnética compreende certo número de divisões, conforme as diferentes categorias de fenômenos. Assinalaremos, aqui, os fatos que se relacionam com o desprendimento da alma, deixando de lado o aspecto terapêutico dessa ciência cultivada pelos nossos antepassados.

Sem fazer a história detalhada do magnetismo, podemos lembrar que ele foi conhecido em todos os tempos. Os anais dos povos da antigüidade formigam em narrativas circunstanciadas,

que mostram o profundo conhecimento que do magnetismo tinham os antigos sacerdotes.

Os magos da Caldeia, os brâmanes da Índia curavam pelo olhar e por meio dele proporcionavam o sono. Ainda hoje, na Ásia, os sacerdotes estão de posse do segredo dos seus predecessores, e particularmente no Hindostão os faquires cultivam com êxito as práticas magnéticas, como relatam os viajantes que percorreram essas regiões.

Os egípcios colheram sua religião e seus mistérios na grande fonte da Índia; empregavam, no alívio dos sofrimentos, os passes e a aposição de mãos, como os executamos ainda em nossos dias. Cita Heródoto, em muitas passagens, os santuários onde iam ter os peregrinos, desejosos de curar-se com os remédios que os hierofantes descobriam em sonho. Diodoro de Sicília diz positivamente que os doentes chegavam em multidão ao templo de Ísis, para aí serem adormecidos pelos sacerdotes. A maior parte dos pacientes caíam em crise e indicavam, eles mesmos, o tratamento que os devia reconduzir à saúde.

O templo de Serápis, de Alexandria, era afamado, porque restituía o sono aos que dele se viam privados. Conta Estrabão que, em Mênfis, os sacerdotes adormeciam e nesse estado davam consultas médicas. A História está repleta das narrações de curas por esse processo. Arnóbio, Celso e Jâmblico ensinam em seus escritos que havia entre os egípcios, em todas as épocas, pessoas dotadas da faculdade de curar por meio da aposição das mãos e de insuflações, conseguindo, muitas vezes, fazer desaparecer doenças tidas como incuráveis.

Os gregos, por sua vez, receberam dos povos do Egito grande número de conhecimentos e não tardaram a igualar, senão a ultrapassar os mestres. Os hierofantes do altar de Trofônus tinham adquirido grande celebridade nesses misteres. O que prova que o magnetismo estava muito espalhado nessa época é que, no dizer de Heródoto, alguns padres mataram por ciúme certa mágica que fazia curas por meio de fricções magnéticas.

O ilustre taumaturgo Apolônio de Tiana não ignorava essas práticas; ele curava a epilepsia com objetos magnetizados,

predizia o futuro e anunciava os acontecimentos que se passavam ao longe. Conserva-se a lembrança do seguinte caso:

Em sua velhice, o filósofo se refugiara em Éfeso. Ensinava um dia em praça pública, quando seus discípulos o viram deter-se, de repente, e exclamar, com voz vibrante: “Coragem, fere o tirano!” Interrompeu-se alguns instantes, na atitude de quem espera com ansiedade, e continuou:

– Perdei o temor, Efésios, o tirano já não existe, acaba de ser assassinado.

Alguns dias depois, soube-se que no momento em que Apolônio falava, Domiciano tombava sob o punhal de um liberto.

Os romanos também tiveram templos onde se reconstituía a saúde por operações magnéticas. Conta Celso que Asclepiades de Pruse adormecia, magneticamente, as pessoas atacadas de frenesi. Galeno, um dos pais da medicina moderna, suprimia certas doenças com a aplicação dos mesmos remédios que o fizeram passar por feiticeiro e o obrigaram a deixar Roma.

Declarou este notável sábio, que devia grande parte de sua experiência às luzes que recebia em sonho. Também dizia Hipócrates que as melhores mezinhas lhe eram indicadas durante o sono. Quem obteve, porém, maior fama nessa matéria, foi Simão, *o mágico*, que soprando nos epilépticos, destruía o mal de que estavam atacados.

Na Gália os druidas e as druidesas possuíam em alto grau a faculdade de curar, como o atestam muitos historiadores; sua medicina magnética tornou-se tão célebre que os vinham consultar de todas as partes do Mundo. É fácil verificar quanto sua fama era universal, consultando Tácito, Plínio e Celso. Na Idade Média, o magnetismo foi praticado, principalmente, pelos sábios. O clero, ignorante e supersticioso, temia a intervenção do diabo nessas operações um tanto estranhas, de sorte que esta ciência ficou sendo o apanágio dos homens instruídos.

Avicena, doutor famoso, que viveu de 980 a 1036, escreveu que a alma age não só sobre o seu próprio corpo, senão ainda sobre corpos estranhos que pode influenciar, à distância.

Ficin, em 1460, Cornélio Agripa, Pomponáceo em 1500 e sobretudo Paracelso, contemporâneo deles, estabeleceram as bases do magnetismo moderno, como devia ser ensinado mais tarde por Mésmer.

Arnaud de Villeneuve foi buscar nos autores árabes o conhecimento dos efeitos magnéticos e seu êxito foi tão grande que ele atraiu o ódio de seus confrades e foi condenado pela Sorbona.

Em 1608, Glocênus, professor de medicina em Marbourg, editou uma obra que tratava das curas magnéticas. Desde essa época ele procurou dar uma explicação racional desses fenômenos.

Van Helmont dizia, reabilitando a memória de Paracelso, de quem ele foi o continuador: O magnetismo só tem de novo o nome, só é um paradoxo para os que riem de tudo e que atribuem a Satã o que não podem explicar. Há no homem – diz mais adiante – uma tal energia, que ele pode atuar fora de si e influenciar de maneira durável um ser ou um objeto de que está afastado. Tal força é infinita no Criador, mas limitada na criatura, pelos obstáculos naturais. Estas concepções novas, estas vistas ousadas foram atacadas pela Igreja, que se encontra sempre na rota dos inovadores, empenhada em lhes impedir a passagem, e o célebre médico foi obrigado a refugiar-se na Holanda, onde já estava o grande Descartes.

Socorreu Van Helmont, em sua luta, o escocês Robert Fludd; mais tarde, Maxwell, em 1679, sustentou as mesmas idéias. O padre Kircher, falando de Fludd, dizia que seus escritos foram inspirados pelo diabo; cita, entretanto, numerosos exemplos de simpatias e antipatias e dá, mesmo, indicações para bem magnetizar.

Em 1682, assinalaremos Greatrakes, na Inglaterra, que fez milagres, simplesmente com as mãos, sem procurar, aliás, saber a maneira pela qual a ação se dava.

Em França, Borel e Vallée, no começo do século XVII, empregaram o magnetismo por insuflações para combater as moléstias nervosas rebeldes a qualquer outro tratamento. Gassner encheu a Alemanha com o ruído dos resultados obtidos pelo

magnetismo, como é ele praticado em nossos dias. Fixava energeticamente o olhar nos olhos do doente e o friccionava de alto a baixo, sacudindo os dedos, quando chegava à extremidade, para expulsar os princípios maus.

Não narraremos a odisséia de Mésmer; ela é bastante conhecida e por isso cremos desnecessário reproduzi-la; basta assinalar que a vulgarização da ciência magnética lhe é devida.

O magnetismo é hoje estudado metodicamente, e uma notável propriedade descoberta pelo marquês de Puységur lhe fez dar passos de gigante: queremos falar do sonambulismo provocado, que será objeto de nosso próximo estudo. Não tendo o intuito de estender-nos sobre a história do magnetismo, paramos aqui. Era apenas nossa intenção mostrar que esta ciência, motejada pelos ignorantes ou parciais, tem uma genealogia gloriosa e remonta a épocas bem afastadas.

Ainda há pouco tempo, atribuíam-se à credulidade e à superstição as narrativas dos antigos relativas às curas magnéticas. Atualmente, as pesquisas nesse campo tendo-nos feito ver que se podiam obter os mesmos resultados, enchemo-nos por isso de admiração por esses sacerdotes que possuíam uma ciência tão completa da vida e que a exerciam com tanta habilidade.

II

O sonambulismo natural

Após fatigante jornada, quando repousamos os membros lassos, sentimos pouco a pouco que um bem-estar nos invade; produz-se uma tranqüilidade geral, uma calma no cérebro; nossos olhos se fecham, dormimos. Que atos se realizam durante essa suspensão da vida ativa?

O sono tem por caráter essencial romper a solidariedade que existe, habitualmente, entre as diferentes partes do corpo, entre as diversas funções do organismo, entre as múltiplas faculdades do homem. Durante esse tempo, cada uma das unidades que compõem o todo concentra em si mesma a força que lhe é própria, isola-se das outras, e assim o corpo se separa do mundo exterior pelo repouso dos sentidos.

Até aqui se emitiram as mais contraditórias teorias para explicar esse estado, mas é também inteiramente difícil compreender a situação em que nos encontramos quando não se está dormindo, porque a vida é repartida por períodos de atividade e de repouso que não são menos naturais, nem menos normal, um do que o outro. O sono não é, pois, como alguns o pretenderam, a imagem da morte. Estudando com Longet os sintomas que se manifestam nos seres que vão dormir, verificamos que o sono não se apodera bruscamente de nós: nossos órgãos amortecem, sucessivamente, em graus variáveis; alguns velam ainda, enquanto outros já estão mergulhados em completo entorpecimento. Em geral, são os músculos dos membros os que primeiro se relaxam e enfraquecem. Os braços e as pernas, imobilizados, ficam na posição escolhida e que está em relação com a forma das articulações e das principais massas musculares.

Depois dos membros, são os músculos voluntários do tronco que se afrouxam; na calma da noite, nossos sentidos inativos não recebem qualquer impressão de fora, e esta inação, que favorece a sonolência, é logo seguida de uma atonia completa. Quase sempre, a vista é o sentido que primeiro enfraquece; o olhar fatigado se embacia, perde o brilho e se fixa em objetos que não

vê mais, ao mesmo tempo em que a pálpebra se fecha; depois, é o ouvido que adormece e termina a sucessão dos fenômenos que assinalaram a invasão do sono.

É de notar que o ouvido, tão rebelde à fadiga, resiste também por último aos ataques da morte; ouve-se, ainda, quando os demais sentidos já cessaram de viver, assim como se percebem sons, quando os diferentes órgãos já se acham adormecidos. Outra circunstância singular é a seguinte: é pelo ouvido que penetram, as mais das vezes, as influências soporíficas, e o ouvido vigia, ainda, quando o corpo, por sua ação, não é mais do que uma massa inerte. Sabe-se, com efeito, com que facilidade a monotonia de um som aniquila o conhecimento: o ruído de uma queda d'água, o murmúrio do vento através das grandes árvores, as melopéias dolentes, as ingênuas e tocantes cantigas das mães, embalando os filhos, são tantas provas do que dizemos.

O gosto, o olfato, o tato cessam, geralmente de manifestar propriedades ativas desde os primeiros sinais do sono, que podemos encarar como o repouso do corpo.

É durante esse estado que os órgãos e os sentidos recuperam a força nervosa que despenderam durante a vigília, e quando a máquina humana se torna novamente apta às funções da vida de relação, o homem desperta.

A série de atos que acabamos de descrever é a que se exerce normalmente. Não indicamos os casos particulares que podem apresentar-se e que variam conforme os indivíduos, mas existe um ponto em que é bom insistir, porque nos porá na via das explicações relativas aos sonhos: é a marcha decrescente das faculdades, no momento do sono.

Pode muito bem acontecer que a percepção ou o poder de conhecer se extinga em nós, antes que os sentidos adormeçam. Com efeito, quantas vezes, após laboriosas vigílias, sucede-nos deixar cair um livro no qual já não distinguíamos senão pontinhos pretos. Um pouco antes, víamos estas letras, nós as reuníamos, líamos, mas já não concebíamos; mais tarde, víamos, mas não líamos, perdíamos a consciência de nosso estado. Nesse

último caso, é incontestável que a percepção enfraquece antes do sentido que transmite a impressão.

Outras vezes, ao contrário, o órgão sensorial adormece antes da concepção, de sorte que a última imagem percebida serve de ponto de partida a uma série de idéias que nascem em razão do gênero de trabalho do indivíduo. Que a idéia de luz seja, por exemplo, a última recebida pelos sentidos; ao físico, ela irá levar o espírito ao estudo da luz; ele reverá as experiências múltiplas da refração, da polarização, etc., cujos inumeráveis problemas poderão desfilar diante dele; ao fisiologista, lembrará os mistérios da visão; ao pintor, quadros mágicos, esplêndidos ocasos, auroras imaculadas; ao homem do Mundo, festas e saraus.

Ora, como todas essas visões interiores podem ser determinadas por uma ou várias sensações finais, produzidas nos órgãos dos sentidos, e como são elas capazes de atuar simultaneamente, as faculdades do espírito se misturam umas às outras, produzindo as mais fantásticas e extraordinárias associações de idéias. É precisamente o que acontece no sonho habitual, que sobrevém, muitas vezes, também, por causas puramente materiais, que agem no corpo adormecido.

O sono, pois, no momento mesmo em que sobrevém, destrói a solidariedade que existe entre as diversas faculdades do espírito, de maneira que elas adormecem sucessivamente; quando uma delas fica em atividade, adquire uma força tão grande que nenhuma sensação externa lhe neutraliza a ação.

Existem provas notáveis do fato. Se nos preocupamos com a solução de um problema ou se nos domina uma idéia, todas as nossas forças se concentram nesse ponto único, e se a lembrança permanecesse, veríamos de que obras-primas seria capaz o espírito humano.

Isto nos conduz ao caso particular do sono, que se chamou sonambulismo. Neste estado, o indivíduo caminha dormindo e procede como se estivesse acordado. Os tratados de fisiologia estão cheios de observações sobre esta curiosa anomalia. Podemos citar exemplos históricos de sonambulismo.

Foi durante o sono que Cardan compôs uma de suas obras, que Condillac, o famoso filósofo sensualista, terminou seu curso de estudos. Voltaire refez em sonho, completamente, e melhor do que o fizera acordado, um dos cantos da *Henriade*. Massillon, dormindo, escrevia muitos dos seus elegantes sermões; enfim, Burdach, o fisiologista, que se interessou muito por esta questão, conta o seguinte

“A 17 de junho de 1882, fazendo a sesta, sonhei que o sono como o alongamento dos músculos é um retorno a si mesmo, que consiste na supressão do antagonismo. Alegre, com a viva luz que essa idéia me parecia espalhar sobre os fenômenos vitais, acordei; mas, logo depois tudo entrou em sombra, porque esse modo de ver estava, no momento, em contradição com minhas idéias, mas se tornou o gérmen das que se desenvolveram depois em meu cérebro.”

Este último fato é simplesmente um sonho, mas os citados acima apresentam caráter especial. Assim, para compor uma obra ou escrever sermões, quando o corpo está adormecido, é preciso que o autor se desloque, que seus membros façam certos movimentos em relação com o fim a atingir: há aí o sonambulismo natural. Distingue-se pois do sonho por dois caracteres:

- 1 - o andar durante o sono;
- 2 - a perda da lembrança do que se passou, ao acordar.

Durante o sonambulismo, os membros obedecem à vontade e esta atua sobre o corpo, sem ser solicitada por qualquer estimulante exterior.

Isso se produz com freqüência nos indivíduos jovens. As crianças, sobretudo as irritáveis, levantam-se, muitas vezes, de noite, ou executam na cama movimentos variados, sem que, aliás, lhes seja o sono interrompido. Se os órgãos da voz despertam, traduzirão os pensamentos do sonho; assim é que milhares de seres têm o hábito de sonhar alto. Podem suceder-lhes sustentar conversa, durante certo tempo, com pessoas acordadas; mas é preciso que se lhes adivinhe o objeto de suas preocupações, porque a resposta que eles dão se dirigem, não ao interlocutor real, mas à personagem ideal do sonho.

Tais são, em seu conjunto, os ensinamentos dados pela fisiologia, para explicar o sonambulismo. É fácil verificar que são insuficientes, na grande maioria dos casos.

Temos, na primeira linha, a *Enciclopédia*, que não pode ser acusada de ternura para com as teorias espiritualistas. Relata, no artigo “sonambulismo”, a história de um jovem padre que se levantava todas as noites, ia, à escrivaninha, compunha sermões e tornava a deitar. Alguns de seus amigos, desejosos de saber se ele, de fato, dormia, espiaram-no, e uma noite em que ele escrevia, como de costume, interpuseram um grosso cartão entre seus olhos e o papel. Ele não se interrompeu, continuou a redação e, terminada esta, deitou-se, como de hábito, sem suspeitar da prova a que fora submetido. O autor do artigo acrescenta: “Quando ele terminava uma página, lia-a alto, do princípio a fim (se se pode chamar leitura a esta ação sem o concurso dos olhos). Se lhe desagradava alguma coisa, ele a retocava e fazia as correções, em cima, com muita exatidão. Eu vi o começo de um desses sermões que ele escrevia dormindo; pareceu-me bem feito e corretamente escrito. Mas havia uma emenda surpreendente: tendo posto num lugar – *ce divin enfant*, achou, relendo, dever substituir a palavra *divin* por *adorable*; viu, porém, que o *ce*, que ficava bem antes de *divin*, não o era antes de *adorable*, e colocou muito acertadamente um *t* ao lado das letras precedentes, de sorte que se lia *cet adorable enfant*.”

Aqui não é possível limitarmo-nos às explicações acima enunciadas, para explicar os fatos, porque há uma fase do fenômeno em que não seria demais insistir: é a visão sem os olhos. É este um detalhe muito importante, porque se nos é demonstrado que um sonâmbulo pode caminhar em um quarto, escrever com os olhos fechados, fazer correções, que indicam uma vista bem nítida, isso nos provará que há nele uma força que seguramente o dirige, que age fora dos sentidos, numa palavra, que a alma vela quando o corpo dorme.

Na história referida pela *Enciclopédia*, pode-se pretender que uma forte contensão do espírito, durante a vigília, predispuísse o cérebro do jovem sacerdote à redação de suas homilias. Mas se é fácil admitir que ele tinha o hábito de trabalhar em sua secretá-

ria e que, maquinalmente, para ela vinha durante o sono, é impossível explicar como via através de um cartão, de forma a escrever corretamente, voltar às páginas, quando chegava ao fim delas, adicionar letras no lugar preciso onde isso fosse útil, praticar, finalmente, todos os atos que exigem o auxílio da vista.

Os fatos que se seguem, tão estranhos como o precedente, e onde qualquer contestação é impossível, são tomados ao Doutor Debay, que faz profissão de materialismo e que não é benévolo para com os espiritualistas, em geral, e os espíritas, em particular. Exporemos, depois, as teorias luminosas que ele apresenta, admitidas em geral pelos incrédulos, e mais uma vez assinalaremos a lamentável insuficiência desses sistemas, que querem dispensar a alma, na explicação dos fenômenos da vida.

É este o 1º caso observado pelo próprio doutor:

“Por bela noite de verão, percebi, à claridade da lua, uma forma humana caminhando pelos telhados de uma casa muito alta; vi-a rastejar, estender-se, e depois se agarrar fortemente aos ângulos agudos do teto e assentar-se no alto da cumeeira.

Para melhor observar essa estranha aparição, muni-me de um binóculo, e distingui, claramente, uma mulher ainda jovem com o filhinho nos braços, estreitado ao peito. Ela ficou perto de meia hora nessa perigosa posição; desceu, depois, com surpreendente agilidade e desapareceu.

No dia seguinte, à mesma hora, fez a mesma ascensão, na mesma atitude, e com a mesma agilidade percorreu os telhados. De manhã, relatei ao proprietário da casa o que vira. Ele me ouviu assustado e contou que sua filha era sonâmbula, mas ignorava completamente os seus passeios noturnos; induzi-o a tomar minuciosas precauções, a fim de impedir um terrível acidente.

Veio a noite e vi, ainda, a moça executando as manobras dos dias precedentes; corri de novo a advertir o pai; encontrei-o triste e pensativo. Disse-me que, depois de a filha deitar-se, tinha ele mesmo lhe fechado a porta do quarto, com dupla volta, tomando ainda a precaução de colocar um cadeado por fora.

Ah! – dizia ele – a pobre rapariga, não tendo outra salda, abriu a janela, e, como de costume, dirigiu-se para o telhado. De volta, após um quarto de hora, bateu com o punho num batente da janela que o vento fechara, ferira-se ligeiramente e acordou dando um grito agudo. Por inaudita felicidade, a criança, que escapara de suas mãos, caíra numa poltrona, que ela tivera o cuidado de colocar junto à janela, para lhe servir de degrau.

Nesse momento, a sonâmbula entrou. Era uma mulher delicada e adoentada; trazia no rosto, interessante, o cunho da tristeza e denotava uma idiossincrasia histérica. A prisão do marido, condenado político, impressionara-a extremamente e contribuía para sua exaltação moral. Quando lhe falei dos seus passeios perigosos, sorriu languidamente e não quis acreditar. Enfim, interrogando-a sobre a natureza dos seus sonhos, disse ela que parecia ter tido, havia já alguns dias, um sono pesado, penoso; umas vezes sonhava que gendarmes, guardas, toda a horda de policiais lhe invadia o domicílio, para apoderar-se do republicano; outras vezes era ao filho e a ela que queriam levar.

Seguia-se-lhe ao despertar grande lassidão; sentia-se fatigada, triste, abatida, com dor de cabeça, e tudo atribuía à dolorosa separação que a privava do esposo.”

Tal é a narrativa do doutor, que ele faz seguir das seguintes observações:

“Refletindo-se nas condições físicas e morais dessa moça, descobre-se que ela era predisposta ao sonambulismo, por sua organização, e que um pensamento a acompanhava sempre: a prisão do marido. Dessa idéia, durante o sono, nasciam muitas outras, por associação: o órgão encefálico, fortemente estimulado, punha em jogo o aparelho locomotor e o dirigia para o teto da casa. O motivo dessa perigosa ascensão eis o perigo de que se acreditava ameaçada, ela e seu filho.”

Muito bem. Mas aqui não se pode invocar o conhecimento dos lugares e o hábito, para explicar o caminhar da sonâmbula

por sobre as arestas agudas do telhado, porque, certamente, essa dama não fazia ali os seus passeios ordinários.

Ora, perguntamos qual era a força que a dirigia? Aonde ia ela buscar a segurança e a lucidez necessárias para guiá-la naquele caminho perigoso? Ainda mesmo que ela pudesse servir-se dos olhos, a criança, que sustinha nos braços, ser-lhe-ia causa de terrores, de que ela seria vítima.

Nesse estado, é preciso reconhecer que a alma dirigia o corpo sem o socorro dos sentidos, e para que a dúvida não seja possível, tomemos, ainda, do mesmo autor, dois outros fatos, onde, com o corpo adormecido, gozava a alma de todas as suas faculdades intelectuais.

O professor Soave, ensinando filosofia e história natural na Universidade de Pádua deu à publicidade o seguinte caso de sonambulismo:

Um farmacêutico da Pavia, sábio químico, a quem se devem importantes descobrimentos, levantava-se todas as noites, durante o sono, e ia a seu laboratório continuar os trabalhos inacabados. Acendia os fornos, preparava os alambiques, retortas, vasos, etc., e prosseguia em suas experiências com uma prudência e agilidade, de que, acordado, talvez não fosse capaz; manejava as mais perigosas substâncias, os mais violentos venenos, sem que jamais lhe acontecesse o menor acidente.

Quando lhe faltava o tempo para preparar, durante o dia, as receitas mandadas aviar pelos médicos, ia busca na gaveta onde estavam fechadas, abria-as, colocava-las na mesa, umas sobre as outras, e procedia ao seu preparo, com todo o cuidado e as precauções requeridas.

Era verdadeiramente extraordinário vê-lo tomar a balança, escolher os gramas, decigramas e centigramas, pesar com precisão farmacêutica as doses mínimas das substâncias contidas nas receitas, triturá-las, misturá-las, prová-las, pô-las depois em frascos ou em pacotes, segundo a natureza dos remédios, colar os rótulos, e dispor, finalmente, os preparados nas prateleiras da farmácia, pronto para ser entregue, quando os viessem buscar.

Terminados os trabalhos, ele extinguiu os fornos, punha em ordem os objetos e voltava para a cama, onde dormia tranqüilo até à hora de acordar. Nota o Prof. Soave que o sonâmbulo tinha constantemente os olhos fechados; confessa que, se a memória dos lugares e a idéia de acabar os trabalhos bastassem para guiá-lo no laboratório, a leitura e o preparo das receitas, cujo conteúdo ignorava, ficariam inexplicáveis.

Eis-nos chegados, enfim, a uma circunstância que, conforme confissão dos sábios, não se pode compreender por suas teorias. Eles são incapazes de explicar esses fenômenos estranhos, mas essa incapacidade se origina, apenas, da sua obstinação. Enquanto rejeitarem sistematicamente a alma, a natureza humana terá sempre mistérios que eles não poderão sondar.

Conta também o Dr. Esquirol que um farmacêutico se levantava todas as noites e preparava as poções cujas fórmulas se encontravam na mesa. Para verificar se havia discernimento por parte do sonâmbulo, ou apenas movimentos automáticos, um médico colocou no balcão da farmácia a nota seguinte:

- Sublimado corrosivo 2 oitavas
- Água destilada 4 onças

Para tomar de uma vez.

O farmacêutico levantou-se durante o sono e, como de hábito, desceu a seu laboratório; apanhou a receita, leu-a várias vezes, pareceu muito espantado e entabulou o seguinte monólogo, que o autor da narrativa, oculto no laboratório, escreveu palavra por palavra:

“É impossível que o doutor não se tenha enganado nesta fórmula; 2 grãos já seriam bastante; mas há aqui legivelmente escrito 2 oitavas, que são mais de 150 grãos. Isto é mais do que suficiente para envenenar 20 pessoas. Ele enganou-se, indubitavelmente. Não preparo esta porção.”

O sonâmbulo tomou, em seguida, diversas prescrições que estavam na mesa, preparou-as, rotulou-as e colocou-as em ordem para serem entregues no outro dia.

Sigamos o Dr. Debay nas explicações que dá sobre a narrativa acima. Temos três casos de sonambulismo natural, impossí-

veis de se compreender, sem admitir-se a existência de um princípio espiritual, diretor da matéria e não submetido ao sono como o corpo. Os sábios procuram disfarçar a ignorância, por meio de teorias obscuras, mais difíceis de admitir que as nossas. Assim, Debay explica que o olho não é o único órgão por onde se opera a visão e que pode transmitir ao cérebro, a percepção dos objetos. Somos desta opinião; onde diferimos é na interpretação do mecanismo da vista sonambúlica, que, segundo, o nosso doutor, se pode fazer pela ponta do nariz, pelo epigástrico ou pela extremidade dos dedos!

Não ria, leitor! Pretende ele que a visão pelo epigástrico ou pela ponta do nariz não é tão sem fundamento como (a justo título) poderia acreditar-se; que existem, talvez, ramificações do nervo óptico, que vão a essas extremidades, e por elas o sonâmbulo poderá guiar-se.

Se nos deixássemos levar por essa concepção, docemente fantasista, seria possível justificar a crença de que o homem perfeito seria o que possuísse um olho fixo à extremidade de uma longa cauda móvel.

“Pela hipótese das ramificações – continua Debay – o estímulo exterior agiria sobre essas anastomoses desconhecidas e as vibrações que determinassem no cérebro bastariam para produzir a percepção.” E acrescenta gravemente: “Não convém negar; mais sábio é duvidar, esperando novas demonstrações.”

Que se deve dizer diante de tais suposições? Para uma discussão séria é preciso examinar o primeiro caso assinalado.

Debay explica esses fenômenos por uma comparação. Assim como um comandante dirige seu navio servindo-se de um mapa, da mesma forma, no sonambulismo, a memória dirige o corpo pelas impressões que ela lhe fornece.

Admira ver um médico, um fisiologista emitir tal asserção. Não sabíamos que a memória dirige o corpo, mas a vontade, guiada por diversas influências, de que uma delas poderia ser a memória. Apesar da dificuldade em admitir tal teoria quando os movimentos do indivíduo se produzem numa residência que lhe é habitual, que dizer das circunstâncias em que o sonâmbulo se

conduz, maravilhosamente, e com uma segurança que não teria, mesmo acordado, em meios que lhe são totalmente desconhecidos?

Tomemos o exemplo daquela jovem senhora cujo marido foi preso. É possível afirmar que a memória a conduzia, quando ela caminhava pelo telhado, rastejava, esgueirava-se pelas arestas pontiagudas e se assentava, enfim, na cumeeira? Impossível supor que se entregasse a tais exercícios, em seu estado normal. Mas, então, que poder a protegia e lhe evitava as quedas? Por que órgão via ela, desde que em tal estado tinha os olhos completamente fechados?

Não se pode imaginar que ramificações do nervo ótico, terminando no epigástrico ou alhures, sejam capazes de transmitir vibrações luminosas ao cérebro, porque sabemos, e desde muito, que as sensações luminosas e auditivas são localizadas nos órgãos desses sentidos, e que é tão difícil explicar a visão pelos ouvidos como a audição pelos olhos.

E ainda que o nervo ótico se ramificasse, como quer Debay, não tendo as extremidades aparelho receptor, ou seja, a câmara escura que constitui a parte essencial do olho, elas não poderiam, de forma alguma, transmitir vibrações luminosas ao cérebro.

Entretanto, o fato aí está; ele se apresenta inegável; é preciso explicá-lo exclusivamente pelo mecanismo da máquina humana ou admitir a alma como causa eficiente.

Dir-se-á, com o doutor, que quando a visão não se dá, o cérebro supre essa função por uma visão interna dos objetos que procura. Que quer isto dizer? E como poderia existir essa percepção íntima para objetos que não foram vistos pelos olhos do corpo? Essa hipótese é absolutamente inadmissível e o autor apresenta logo outra.

Os órgãos dos sentidos, diz ele, desenvolvidos em excesso no sonâmbulo, experimentam, à distância, a ação dos corpos e lhe fazem evitar os perigos que o ameaçam.

Entramos no domínio da fantasia com esta suposição, que não pode, mesmo, explicar todas as particularidades observadas. Com efeito, no caso referido por Esquirol, o farmacêutico ador-

mecido que preparava suas poções pôde ser advertido do perigo que correria seu cliente se ele se conformasse com a receita, não por uma emanção do papel.

Ele procedeu como em estado ordinário e discutiu metodicamente a impossibilidade de um tal remédio. Perguntamos: quem discutia, quem via?

Poder-se-ia admitir, em rigor, que um indivíduo praticasse durante o sono, atos puramente mecânicos, como os que executa acordado e não exigem qualquer aplicação do espírito; assim, que o cocheiro cuide de seus cavalos, que o artista toque piano, que a cozinheira lave sua vasilhame. Neste caso, é natural conceber certas ações reflexas do sistema nervoso, superexcitado por idéia fixa. Mas quando o raciocínio entra em jogo, quando todas as faculdades funcionam, como de ordinário, e é notório que o indivíduo está adormecido, ou por outra, quando as funções da vida de relação cessam, dizemos que é preciso aceitar a existência de um agente que não dorme, que pensa, que arrazoa, que quer, e a esta força que vela sobre o corpo e o conduz chamamos alma.

Afinal, o Dr. Debay, que acha um desvario a crença nos Espíritos, não é muito positivo e seu cepticismo não repousa em qualquer prova da insânia de nossas crenças.

Diremos, em resumo, para não alongar a discussão: fica estabelecido que o sonambulismo natural oferece caracteres notáveis, que serão incompreensíveis se negarmos a realidade da alma. Poderíamos citar mil outros casos de sonambulismo; deles estão cheios os tratados de fisiologia, mas não nos ofereceriam nada mais típico do que os já apontados. O capítulo seguinte é consagrado ao exame do sonambulismo magnético e, aí, ainda verificaremos que a afirmativa espiritualista é bem fundada.

Um último reparo. Durante o famoso debate na Academia de Medicina, por ocasião da leitura do relatório do Sr. Husson, os fatos combatidos foram, sobretudo, os de visão sem o auxílio dos olhos. Mas se os doutos incrédulos tivessem pensado que os sonâmbulos se movem habilmente com os olhos fechados, teriam

evitado o ridículo de rejeitar um fato reconhecido por eles próprios.

III

O sonambulismo magnético

O Curso de Magnetismo do barão du Potet contém, em grande número, documentos que nos persuadem ser uma verdade o sonambulismo artificial, isto é, provocado pelo magnetismo. Acrescentamos-lhes outras narrativas, tomadas às autoridades da ciência magnética, Charpignon e Lafontaine, sempre com o apoio das atas assinadas pelos médicos mais conhecidos. Os fatos que se seguem têm, pois, todos os caracteres de autenticidade.

O sonambulismo magnético é comumente caracterizado por inteira insensibilidade da pele; pode-se impunemente picar o adormecido, beliscá-lo, fazer-lhe queimaduras: ele não desperta nem dá qualquer sinal de sofrimento.

O amoníaco concentrado, levado pela respiração às vias aéreas, não determina a menor alteração, e o que, no estado habitual, poderia produzir a morte, fica sem efeito nesta espécie de sonambulismo. Se a sensibilidade se extingue, o ouvido não parece menos desprovido de ação. Nenhum ruído se faz ouvir; a voz, a queda ou a agitação dos corpos sonoros não comunica qualquer som aos nervos acústicos; eles parecem inteiramente paralisados; tiros de pistola, junto ao orifício do conduto auditivo, ferindo as carnes, deixam crer na privação desse sentido.

Mas tal estado só não existe para o magnetizador, porque este pode fazer ouvir as mais fracas modulações da sua voz; sua palavra se faz compreender a distâncias onde qualquer outro nada ouviria nem mesmo poderia ver o movimento dos lábios.

Numerosas experiências foram feitas por du Potet, em 1820, no “Hôtel Dieu” de Paris. Ele assim as relata aos seus discípulos:

“Sabeis que o sonambulismo se ofereceu à nossa observação e que grande numero de médicos incrédulos, atraídos pela novidade do espetáculo, dele foram testemunhas. Quiseram assegurar-se por si mesmos da verdade do que eu lhes dizia. Deixei-os fazer o que entenderam, porque, em fenômenos ex-

traordinários, só se deve acreditar pelo testemunho dos sentidos.

A presença de muita gente não impediu a produção do sonambulismo, e uma vez produzido este estado, os assistentes usaram de todos os meios para verificar a insensibilidade dos magnetizados. Começaram por lhes passar fios de pena muito leves nos lábios e nas asas do nariz; depois lhes pinçaram a pele de tal modo que produziram equimoses; introduziram fumaça nas fossas nasais; puseram os pés de uma sonâmbula em um banho de mostarda fortemente sinapizado e com água em alto grau de calor.

Nenhum desses meios determinou a menor alteração, o mais ligeiro sinal de sofrimento; o pulso se mostrou regular. Mas, ao despertar, todas as dores, que deviam ser provenientes dessas experiências fizeram-se sentir vivamente, e os doentes se indignaram com o tratamento que os fizeram experimentar.”

Não se deve esquecer que essas experiências foram executadas, não por du Potet, mas por incrédulos; ele apenas deu a conhecer os seus (deles) testemunhos escritos. Eis, entre outras, uma ata assinada pelo Dr. Roboam:

“Eu, abaixo assinado, certifico que a 8 de janeiro de 1821, a pedido do Senhor Recamier, pus em sono magnético a chamada Le Roy (Lise), do leito nº 22, da sala Ste. Agnês; ele a tinha, anteriormente, ameaçado com um cautério, se ela se deixasse adormecer.

Contra a vontade da doente, eu, Roboam, fi-la passar ao sono magnético, durante o qual Gilbert queimou agárico junto às fossas nasais e essa desagradável fumaça nada produziu de notável. Recamier aplicou-lhe ele mesmo um cautério na região epigástrica, o qual produziu uma escara de 15 linhas de comprimento e 9 de largura; durante sua aplicação, a doente não manifestou a menor dor, por gritos, movimentos ou variações do pulso; permaneceu em insensibilidade completa; despertada, sentiu muita dor.”

Estavam presentes a esta sessão os senhores Crilbert, Créqui, etc.

Assinado: Roboam, doutor em Medicina.⁸

Se nos estendemos sobre esse testemunho, é para bem mostrar que o magnetismo é uma força e o sonambulismo uma verdade, a despeito de todos os corpos sábios que quiseram abafar esse descobrimento.

Eis ainda uma última prova da insensibilidade dos sonâmbulos.

Alguns cirurgiões do “Hôtel Dieu” mudaram de hospital, e um deles, o Dr. Margue, ficou no vasto hospício da Salpêtrière. Em sua nova residência, ocupou-se com o magnetismo e em breve o sonambulismo se manifestou em muitos doentes. Esquirol, de quem já falamos, não se opôs a esses estudos; tolerou, mesmo, que se tornassem públicos: a multidão dos curiosos era grande e os incrédulos numerosos.

Renovaram nas pobres mulheres as experiências do “Hôtel Dieu” depois, como acreditassem que a dor podia ser suportada, até certo ponto, sem ser manifestada, que se podia sofrer a mais forte queimadura sem mostrar sinal externo, supôs-se que o melhor seria dar-lhes a respirar amoníaco concentrado. Para isso, procurou-se no hospital um vaso que contivesse quatro onças de amoníaco e o colocaram muitos minutos seguidos no nariz de cada sonâmbula, tendo-se o cuidado de fazer com que a inspiração levasse para o peito o gás deletério. Repetiram a operação várias vezes e nunca puderam os observadores surpreender a sombra de qualquer manifestação de incômodo ou mal-estar.

Detalhe pungente: um doutor, sem dúvida mais incrédulo que os outros, quis certificar-se por si mesmo, de que o vaso continha amoníaco, e, tendo-se aproximado para cheirá-lo, quase pagou com a vida a imprudente curiosidade.

Esses fenômenos, pois, provam que o sonambulismo é um estado particular do sistema nervoso, que apresenta grandes analogias com a paralisia sensitiva produzida pelos anestésicos, como o clorofórmio e o éter. Veremos mais longe quanto esta assimilação é completa.

Os fatos que acabamos de descrever foram examinados com escrupulosa atenção e afirmados por testemunhas honoráveis como Husson, Bricheteau, Delens e uma multidão de outros médicos. As atas, redigidas no lugar, foram depositadas com o Sr. Dubois, tabelião em Paris, sendo uma cópia daquelas publicada numa brochura, que teve grande repercussão, e ninguém jamais desmentiu a veracidade dos fatos.

Determinemos agora outros caracteres do sonambulismo magnético. O sonâmbulo sente com mais precisão, que no estado normal, qual a parte do seu corpo que é afetada; ele a vê, e muitas vezes indica o remédio conveniente. Em grau mais elevado, abarca de relance toda a sua anatomia e seu poder se estende até ler o pensamento das pessoas que entram em relação consigo.

Um dos sinais característicos do sono sonambúlico é o esquecimento, ao despertar, de tudo que se passou.

Chegamos, enfim, ao que se chama *transposição dos sentidos*, que é a faculdade que têm certos sonâmbulos de ver sem a intervenção dos olhos, de cheirar sem o órgão da olfação, de ouvir sem o auxílio do ouvido.

Se insistimos nessas estranhas faculdades, é que não pode apresentar para elas uma explicação racional quem se obstina em não reconhecer a existência da alma, a de um poder que se manifesta fora das condições da vida habitual. Os exemplos que se seguem estabelecem, peremptoriamente, a dupla vista.

Deleuze, bibliotecário e professor de história natural no Jardim das Plantas, em uma memória sobre a clarividência dos sonâmbulos, narra este episódio:

“A jovem doente me havia lido corretamente sete ou oito linhas, *posto que seus olhos estivessem cobertos de modo a não poder servir-se deles*. Foi ela depois obrigada a parar, dizendo-se muito fatigada.”

Alguns dias depois, querendo convencer incrédulos, Deleuze apresentou à jovem uma caixa de papelão, fechada, na qual estavam escritas às palavras: *amizade, saúde, felicidade*. Ela segurou a caixa por algum tempo, manifestou muita fadiga, e disse que a primeira palavra era amizade, mas que não podia ler

as outras. Instada para que fizesse novos esforços, consentiu e disse, restituindo a caixa: não vejo bem, mas creio que as duas palavras são: *bondade, doçura*. Enganara-se nos dois últimos termos, mas, como se vê, tinham muita semelhança com os que estavam escritos, e essa coincidência não pode ser atribuída ao acaso.⁹

Escolhemos este fato entre muitos outros, para mostrar que a faculdade sonambúlica pode, na mesma pessoa, apresentar graus diversos, que vão da vista incompleta à vista perfeita. Demos a palavra ao Senhor Rostan, que escreveu o artigo *Magnetismo*, no dicionário de ciências médicas.

“Mas se a vista é abolida no seu sentido natural, está para mim inteiramente demonstrado que ela existe em muitas partes do corpo. Eis uma experiência que repeti freqüentemente; esta experiência foi feita em presença de Ferrus. Apanhei o meu relógio, coloquei-o a três ou quatro polegadas atrás do occipúcio e perguntei à sonâmbula se via alguma coisa.

– Certamente, vejo alguma coisa que brilha e que me faz mal.”

Sua fisionomia exprimia dor e a nossa devia exprimir espanto. Entreolhamo-nos e Ferrus, quebrando o silêncio, me disse que desde que ela via alguma coisa brilhar, diria sem dúvida o que era.

“– Que vê? – *Ah, não sei, não posso dizer.* – Olhe bem. – *Espera, isso me fatiga... espera: é um relógio.*

Novo motivo de surpresa. Mas, se ela sabe que é um relógio – disse Ferrus –, poderá sem dúvida ver que horas são.

– *Oh! não, é muito difícil.*

– Preste atenção, procure bem.

– *Espera... vou esforçar-me, direi talvez a hora, mas não passo ver os minutos. São 8 horas menos dez.*

Era exato. Ferrus quis repetir a experiência ele mesmo, e ela se reproduziu com o mesmo êxito. Fez-me ele virar, muitas vezes, os ponteiros do seu relógio, que lhe apresentamos, e ela, sem o ver, nenhuma vez se enganou.”

Temos aqui uma prova concludente e que apresenta uma circunstância particular, que deve ser estudada. Desde logo, o fenômeno da visão sem os olhos está bem estabelecido. Já demonstramos que a teoria do Doutor Debay, isto é, aquela das ramificações nervosas, aceita por todos os incrédulos, é inadmissível. Só resta, para compreender o que se passa, reconhecer que é a alma que momentaneamente se desprende e percebe de maneira diversa da vida corrente.

Já temos duas provas de clarividência, porém, a pequena distância, porque segundo Deleuze, a moça sustinha a caixa em suas mãos e Rostan diz que ela colocou o relógio a três ou quatro polegadas, atrás do *occiput*; pode constatar-se a visão à distância em outras condições. É ainda a um doutor que tomaremos o caso passado em Sabóia. A sonâmbula, filha de um rico negociante de Grenoble, não pode ser suspeita de desempenhar uma farsa e por isso o caso se reveste de grande valor.

Entre as diferentes fases que apresentou esta doença que o Doutor Despine, chefe de clínica do estabelecimento de Aix, descreveu com muitos detalhes, ele insiste especialmente sobre a do sonambulismo.

Transcrevemos literalmente:

“Não só a nossa enferma ouvia pela palma da mão, como a vimos ler sem o auxílio dos olhos, pela extremidade dos dedos, que agitava com rapidez acima da página que queria ler, sem a tocar, como para multiplicar as superfícies sensíveis; vimo-la ler assim uma página inteira de um romance da moda.

De outras vezes ela escolheu, num maço de trintas cartas, uma que lhe tinha sido indicada; leu no mostrador, e do outro lado do vidro, a hora num relógio; escrevia cartas e corrigia, relendo-as, os erros que lhe tinham escapado; recopiava uma carta, palavra por palavra. Durante todas as operações um anteparo de papelão espesso interceptava-lhe completamente a vista.

Os mesmos fenômenos se realizavam pela planta dos pés e pelo epigástrico.”

A visão aqui apresenta a maior intensidade: leitura de páginas inteiras, redação de cartas etc., e isso com minuciosa vigilância, estando a sonâmbula de olhos fechados, com um cartão interposto entre o papel e ela.

A dupla vista vai agora se firmar em todo o seu esplendor e é o Doutor Charpignon, de Orleans, quem nos conta o seguinte:

“Uma noite, tínhamos em nossa casa duas sonâmbulas, e em uma casa vizinha dava-se um baile.

Apenas preludiou a orquestra, uma delas se agitou, pois ouviu o som dos instrumentos.

Já dissemos que certos sonâmbulos, isolados, são sensíveis à música. Em breve, a segunda sonâmbula ouviu também e elas compreenderam que se tratava de um baile.

– Querem vê-lo? – perguntei-lhes.

– Certamente.

Imediatamente as duas jovens começaram a rir e a conversar sobre a atitude dos dançantes e as vestes das dançarinas.

– Veja aquelas moças de vestido azul, como dançam jocosamente, e o pai delas que gira com a noiva... Ah! como esta senhora é desembaraçada; ela se queixa de que não está doce seu copo d'água e quer mais açúcar. E este homenzinho! Que roupa vermelha esquisita! Nunca vimos espetáculo mais engraçado e curioso!

Duas pessoas presentes, duvidando que houvesse visão real, foram à sala do baile e ficaram admirados vendo as moças de roupa azul, os homenzinhos de traje vermelho, e o par da noiva que as duas moças tinham designado.

Outra vez – continua Charpignon – uma das nossas pacientes desejou, num dos seus sonambulismos, ir ver a irmã que estava em Blois. Ela conhecia o caminho e o seguiu mentalmente.

– Olá! – exclamou ela – aonde vai Senhor Jouanneau?

– Onde está você?

– Eu estou em Meung, nas Malvas, e encontro o Senhor Jouanneau, em trajes domingueiros, que vai, sem dúvida, jantar em algum castelo.

Depois, continuou a viagem. Ora, quem se tinha apresentado, espontaneamente, à vista da sonâmbula, era um habitante de Meung, conhecido das pessoas presentes; escreveram-lhe para saber o que havia de verdade sobre seu passeio no lugar e hora indicados. A resposta confirmou minuciosamente o que dissera a senhorita Celina.”

Quantas reflexões! Quantos estudos psicológicos nesse fato fortuitamente produzido! A visão dessa sonâmbula não fora lançada, como geralmente acontece, no lugar desejado; ela percorrera toda a estrada de Orleans a Blois e notara, nessa rápida viagem, tudo o que podia chamar sua atenção.

Já não é só a clarividência à curta distância, mas a vista real com os olhos fechados, que se exerce ao longo de uma viagem. É preciso dizer adeus a todas as ramificações possíveis, porque, desde que o corpo da jovem estava em Orleans, necessariamente uma parte dela mesma deve ter-se destacado para ver o que se passava na estrada de Malva. Desgoste, embora, aos materialistas, isto só pode ser a alma.

Resta, é verdade, o recurso de negar os fatos; é mais cômodo que raciocinar. Mas, a quem se fará crer que doutores como Rostan, Deleuze, Despines e Charpignon, investigando longe uns dos outros, em pacientes diversos e com todas as precauções possíveis, pudessem ser enganados por meninas! A boa-fé desses senhores está acima de qualquer suspeita, porque eles não tinham outro escopo, publicando seus trabalhos, que o de afirmar a verdade.

Nessa época, sobretudo, em que tudo que se referia ao magnetismo era escarnecido pela multidão ignorante e pelas academias céticas, grande ato de coragem foi a declaração deles.

Para os espiritualistas, os fatos referidos podem parecer anormais, porém não inexplicáveis, uma vez que a alma, essa parte imaterial do homem, pode, em certas circunstâncias, destacar-se do corpo e transportar-se a distância. Mas, para os materi-

alistas, que não se contentam com um levantar de ombros em face desses relatórios, é indispensável achar uma explicação boa ou má, a fim de não ficarem omissos.

Conhecemos já a teoria dos plexos nervosos e de suas ramificações; vejamos outra, que se acha comumente em livros que tratam do mesmerismo, sob o ponto de vista material.

Os magnetizadores pretendem que o fluido nervoso que percorre os nervos não se detém sempre na superfície da pele, lança-se algumas vezes para fora, sob o império da vontade, formando assim uma verdadeira atmosfera nervosa em torno do paciente, esfera de atividade semelhante à dos corpos eletrizados.

Até que tudo é então bem racional, já essa doutrina foi admitida pelo célebre fisiologista Humboldt; ela pode explicar os fatos do magnetismo puro, tal como a ação do magnetizador sobre o seu paciente e o efeito curativo do agente magnético. Pode-se supor, com efeito, que o operador emita bastante fluido nervoso para saturar o magnetizado, de maneira a fazê-lo recuperar as forças que perdeu. Mas, para o sonambulismo, e particularmente para a dupla vista, a explicação é insuficiente. Veja-se o que, então, imaginaram. Citemos textualmente, porque vale a pena.

“Sabe-se que o mundo não acaba onde pára o nosso olhar; uma imensidade de coisas escapa a nossos sentidos, porque eles não são bastante desenvolvidos, bastante sutis para captá-los. Resulta da nossa imperfeição sensorial e intelectual que a impossibilidade não está onde a julgamos ver, mas, ao contrário, muito além do ponto em que a colocamos.

Tomemos, por exemplo, um casco de tartaruga; interponhamo-lo entre os olhos e um livro aberto; logo cessaremos de ler, porque os raios luminosos partindo do livro para se irem refletir na retina, são interceptados por um obstáculo.

Admitamos, agora, de um lado, que a luz penetra todos os corpos, em graus diversos, e, de outro lado, que o espesso casco seja dividido em cem lâminas extremamente delgadas; cada lâmina isolada será necessariamente diáfana, podendo-lhe ver através.

É precisamente o que se passa com o sonâmbulo; os nervos ópticos adquirem tão alto grau de força visual, que os corpos mais espessos, mais opacos, passam ao estado de transparência, de diafaneidade completa. É fácil, então, aos raios objetivos, atravessar esses corpos e, penetrando nas pálpebras fechadas da sonâmbula, ir desenharem-se sobre a retina que eles representam.”

Eis por que sua filha é muda!

Observemos, em primeiro lugar, que a luz não atravessa todos os corpos. É falsa, pois, a hipótese. Em seguida, supondo-se que o casco de tartaruga seja dividido em cem lâminas e que, separadamente, cada uma delas possa ser atravessada pela luz, não é menos certo que, reunidas, ofereçam intransponível barreira ao olhar ordinário e, com mais forte razão, ao de uma sonâmbula adormecida.

Adquiram os nervos ópticos a força que se lhes queira emprestar e a energia visual só se exercerá quando os raios refletidos pelos objetos se puderem desenhar na retina; ora, a sonâmbula, de olhos fechados, nada pode ver com o auxílio deles.

Narra Herschell que conheceu um homem que distinguia a olho nu os satélites de Júpiter; certo, esse indivíduo tinha uma faculdade visual pouco ordinária, mas estamos convencidos de que, quando fechava os olhos, não via mais nada. Ora, por mais ativos que se possam tornar, os nervos ópticos não servem de explicação ao fenômeno, quando as pálpebras estão fechadas.

E, na citação precedente, que significa a última frase? Como podem raios desenharem-se na retina que eles representam?

Isso nada quer dizer.

De tudo se deve concluir que, quanto mais se estudam os estados particulares do corpo humano, mais a existência da alma se impõe como uma verdade brilhante; os que querem negá-la ficam reduzidos às mais ridículas concepções ao explicar os fenômenos do pensamento e do magnetismo, assim natural como provocado.

Não podemos esconder que fatos tão caracterizados, como os que acabamos de narrar, sejam pouco comuns na vida ordinária;

mas todos os que se ocuparam, mais ou menos seguidamente, de magnetismo, puderam verificá-los. Os livros, jornais e revistas que tratam do assunto estão cheios de observações semelhantes, e só por ignorância ou má-fé será possível recusá-las hoje.

Chegamos, agora, ao relatório de Husson, sobre as experiências magnéticas feitas pela comissão da Academia de Medicina, durante três anos, e lido nas sessões de 21 a 28 de junho de 1831. Nele descobriremos um terceiro caráter do sonambulismo: a previsão do futuro.

A comissão se reuniu no Gabinete de Bourdois no dia 6 de outubro, ao meio-dia, hora em que chegou Cazot. Foissac, o magnetizador, tinha sido convidado a vir às doze e trinta; ele ficou no salão, sem Cazot o saber e sem nenhuma comunicação conosco. Foram, entretanto, dizer-lhe, por uma porta oculta, que Cazot estava sentado num sofá, a dez pés de uma porta fechada, e que a comissão desejava que o adormecesse e o acordasse nessa distância, ficando ele na sala e Cazot no gabinete.

Às 12:37, enquanto Cazot conversava conosco ou examinava os quadros do gabinete, Foissac, do aposento contíguo, começou a magnetizá-lo. Notamos que ao fim de quatro minutos, Cazot pestaneja ligeiramente, mostra-se inquieto, e adormece, enfim, depois de nove minutos. Guersent, que o tratara no hospital das crianças, de ataques de epilepsia, pergunta se o conhece. Resposta afirmativa. Itard indaga quando ele terá um acesso; ele responde que “de hoje há quatro semanas, – a 3 de novembro, às 4:05 da tarde”.

Perguntam-lhe, em seguida, quando terá outro. Depois de se concentrar e hesitar um pouco, diz ele que será cinco semanas após o que acaba de indicar, a 9 de dezembro, as 9:30 da manhã. A ata dessa sessão foi lida em presença de Foissac para que a assinasse conosco; tentamos induzi-lo em erro, dizendo o relator que o primeiro acesso de Cazot seria a 4 de novembro, domingo; enganou-o, ainda, o relator, quanto ao segundo. Foissac tomou nota das falsas indicações, como se fossem exatas. Mas, alguns dias depois, pondo Cazot em sonambulismo, como o costumava fazer, para tirar-lhe as dores

de cabeça, soube, por ele, que era a 3 e não a 4 o seu primeiro ataque. Avisou a Itard, a 1º de novembro, supondo que hou- vera erro na ata, cuja pretendida veracidade foi, entretanto, mantida por Itard.

A comissão tomou as precauções convenientes para obser- var o ataque de 3 de novembro; ela foi às 4 horas da tarde à casa de Georges, chapeleiro onde Cazot estava empregado; soube aí que Cazot tinha trabalhado toda a manhã, até às 2 horas, e que, ao jantar, sentira dor de cabeça; descera, entre- tanto, para retomar ao trabalho, mas que a dor aumentara e, tendo uma vertigem, subira a seu quarto, onde se deitou e adormeceu.

Bourdols, Fouquier e o relator subiram, precedidos de Ge- orges, ao quarto de Cazot. Georges entrou sozinho e o encon- trou dormindo profundamente, o que nos mostrou pela porta entreaberta. Depois, falou-lhe alto, agitou-o, sacudiu-o pelos braços, sem que o acordasse, e às 4:06, em meio às tentativas feitas por Georges para despertá-lo, Cazot foi presa dos prin- cipais sintomas que caracterizam um ataque de epilepsia, em tudo iguais aos que lhe havíamos observado precedentemente.

O segundo ataque, anunciado para 9 de dezembro, isto é, com *dois meses de antecedência*, sucedeu as 9:30 e se carac- terizou pelos mesmos fenômenos precursores e pelos mesmos sintomas dos de 7 de setembro, 1º de outubro e 3 de novem- bro.

Enfim, a 11 de fevereiro, Cazot fixou a época de um novo ataque, a 22 de abril seguinte, às 12:05, e este se realizou co- mo os antecedentes, com diferença de uns 5 minutos. Esse ataque, notável pela violência, pela espécie de furor com que Cazot mordia a mão e o antebraço, pelos abalos bruscos que o levantavam, durava 35 minutos, quando Foissac, que estava presente, magnetizou o doente. Logo cessou o estado convul- sivo, que cedeu lugar ao sonambulismo magnético, durante o qual Cazot se levantou, sentou-se e disse que estava muito fatigado; que teria, ainda, dois ataques; um, dali a 9 semanas, às 6:03 (25 de junho). Não quer pensar no segundo ataque e acrescenta que, dentro de três semanas, depois do acesso de

25 de junho, ficará louco; sua loucura durará três dias e será tão mau que baterá em todos, maltratará, mesmo, a mulher e o filho; que não o deverão deixar com eles, e que não sabe se matará alguém, que não mencionou. Será preciso, então, sangrá-lo imediatamente nos pés. Enfim, disse ele, curar-me-ei em agosto e, uma vez curado, a doença não mais voltará, quaisquer que sejam as circunstâncias.

Foi a 22 de abril que estas precauções nos foram anunciadas, e dois dias depois, querendo Cazot deter um cavalo fogoso que tomara o freio nos dentes, foi precipitado sob a roda do carro, que lhe fraturou a arcada orbitária esquerda, molestando-o horripelmente. Transportado ao hospital, aí faleceu a 15 de maio.

Vemos nesta observação um homem sujeito a ataques epiléticos durante dez anos. O magnetismo atua nele, *embora ele ignore o que se lhe faz*. Torna-se sonâmbulo; melhoram os sintomas da doença, os acessos diminuem; as dores de cabeça e a opressão desaparecem, sob a influência do magnetismo; ele prescreve um tratamento apropriado à natureza do seu mal, com o qual promete a cura. *Magnetizado, sem o saber e de longe*, cai em sonambulismo, donde é retirado com *a mesma prontidão* com que é magnetizado de perto. Indica, enfim, com rara precisão, um mês ou dois antes, o dia e hora em que deve ter um ataque de epilepsia. Entretanto, dotado de previsão para acessos afastados, e ainda mais para acessos que não se realizarão, não prevê que dois dias mais tarde será atingido por um acidente mortal.

Sem procurar indagar o que semelhante observação pode ter de contraditório à primeira vista, a Comissão faz notar que as previsões de Cazot só se referem a seus acessos, que eles se reduzem à consciência das modificações orgânicas que se preparam, e são como o resultado necessário das funções internas; que essas previsões, apesar de mais extensas, são inteiramente semelhantes às de certos epiléticos, os quais reconhecem, por certos sintomas precursores, que irão ter um acesso. Seria de espantar que os sonâmbulos, cujas sensações são mais vivas, como vimos, pudessem prever seus acessos,

muito tempo antes, por alguns sintomas ou impressões internas que escapam ao homem acordado?

É dessa forma que se poderia compreender a previsão atestada por Arétée, em duas passagens de suas obras imortais, por Sauvage, que refere um exemplo e por Cabanis.

Acrescentemos que a previsão de Cazot não é rigorosa, absoluta, mas condicional, pois que, predizendo um ataque, diz que ele não se dará se o magnetizarem; ela é toda orgânica, interna. Concebemos porque ele não predisse um acontecimento externo, a saber, que o acaso lhe faria encontrar um cavalo feroso, ao qual teria a imprudência de querer deter, e que receberia uma ferida mortal.

Ele pôde prever um ataque que nunca se deveria dar; foi como o ponteiro de um relógio, que deve percorrer, em um tempo dado, certa porção do círculo do mostrador, e que não o descreve por que o relógio se quebra.”

O Doutor Husson define perfeitamente o papel do sonâmbulo na previsão. É o de um espectador que examina o jogo dos órgãos de uma máquina e percebe que, em dado momento, produzir-se-á um acidente. Neste exemplo, a alma afirma-se independente do corpo, pois que julga, calcula, raciocina, e indica exatamente as crises que se realizarão em um tempo muito afastado.

Deve-se convir que o preconceito está profundamente enraizado no coração humano, porque esses fatos se produzem há um século, claramente, não isolados, mas na Europa inteira, e ainda se encontram sábios, pouco ciosos do seu nome, que ridicularizam tais práticas e lhes chamam simples imposturas charlatanescas.

Os casos que relatamos têm, entretanto, tanta autenticidade como qualquer fenômeno físico ou químico. Sábios de primeira ordem, uma comissão da Academia, proclamaram a verdade e o caráter científico desses estudos; eis por que nos assiste o direito de afirmar que temos em mãos a prova experimental da existência da alma.

Quando se vê um homem ou uma mulher em sonambulismo, isto é, em um estado tal que as mais violentas ações físicas são incapazes de lhe produzir a menor impressão; quando se verifica que este ser, que se acreditaria morto, vê, ouve o magnetizador, designa os objetos colocados atrás de si; indica o que se passa, não só na casa, mas também a grande distância, como duvidar que reside nele um agente que não obedece às leis da matéria, como recusar a evidência?

Esse indivíduo, no qual os órgãos sensoriais são inativos, tem uma percepção mais viva, mais nítida que em estado ordinário; prevê os acidentes que hão de sobreviver no curso de sua doença; enfim, dá todos os sinais de uma atividade intelectual mais intensa, mais penetrante que a dos assistentes. Francamente, perante esse conjunto esmagador de provas, diremos que é impossível negar a alma.

O magnetismo não tem que lutar somente contra os materialistas, senão também com os incrédulos, mesmo espiritualistas.

Bersot, que escreveu interessante volume sobre o magnetismo, passa em revista os fenômenos naturais que apresentam analogias com o Mesmerismo e o Espiritismo. Nós os reencontraremos em outro capítulo para o que diz respeito a esta última ordem de idéias; aqui só nos ocupamos do sonambulismo.

Bersot pretende explicar os fatos maravilhosos que verificamos. Vejamos como. Em primeiro lugar não nega o sono sonambúlico:

“No magnetismo animal o que parece incontestável é o sono, a insensibilidade e a obediência ao magnetizador. Não falemos da insensibilidade, que é um fato comum; o sono é artificial e não é menos real por isso; só há que discutir o artifício.”

Muito bem. Mas se a insensibilidade está tão bem averiguada e é tão comum, porque diz ele, mais adiante, a propósito dos gestos que o sonâmbulo reproduz:

“Não é certo que os sentidos, neste estado extraordinário, estão bastante excitados para perceber o que, de outro modo, lhes seria insensível; que o ouvido apanha o movimento indi-

cado e sua direção, que o tato julga pela impressão do calor proveniente de um corpo que se aproxima ou se afasta? Explicando-se as coisas assim, prescinde é verdade, do mistério, mas eu, confesso, sou um dos que se contentam com os mistérios que já existem no Mundo, e que não introduzem outros por prazer.”

Suprimindo, com tão lógicas explicações, os casos embaraçosos, é difícil a Bersot encontrar mistérios. Tão trivial lhe parece a *insensibilidade*, que dela não se quer ocupar, e duas páginas adiante arrisca uma teoria que se baseia, pelo contrário, numa sensibilidade muito maior que a do estado ordinário. Para um crítico, isto não é convincente.

Muito lhe custa ter que recusar aos sonâmbulos a previsão do futuro; convidamo-lo a ler o relatório de Husson e isto o aliviará de grande peso.

Enfim, declara que não acredita na vista através dos corpos; é uma infelicidade, contra a qual nada podemos; mas entre sua incredulidade e a afirmação dos homens de ciência, já citados, não hesitamos: cremo-los mais aptos a decidir que Bersot.

O autor declara que não tem repugnância em admitir a comunicação de espírito a espírito, mas não pode crer que ela se estabeleça entre magnetizador e sonâmbulo, porque, diz ele, quando a alma está no corpo, só se pode comunicar sob certas condições físicas, que não se desprezam à vontade.

Certamente. Se quisermos, no estado normal, ler o pensamento de outrem, haveria alguma dificuldade na operação, apesar de ter Cumberland dado provas de que isso não é impraticável. Mas, na espécie, o sonâmbulo se acha em estado especial, com a alma desprendida, ou menos ligada ao corpo, o que lhe permite a radiação à distância, a clarividência.

Eis a que se reduzem as objeções; é tudo o que os críticos mais credenciados encontram como “explicação” dos fatos do sonambulismo. Deve reconhecer-se que seus leitores não são difíceis de satisfazer, uma vez que se contentam com tão magros argumentos. Entretanto, o fato ou existe ou não existe. Se ele existe, dai-vos ao trabalho de o verificar cuidadosamente e

trazei-nos argumentos plausíveis, em vez de vossas negações que sobre nada repousam; se ele não existe, é inútil, então, discutir.

Vejamos outro exemplo da desenvoltura com que Bersot explica os fatos maravilhosos. Ouçamo-lo:

“O dom de falar línguas desconhecidas que se encontra tantas vezes entre os convulsionários das Cevenas, e que vemos em certos doentes convulsivos, sugere uma reflexão. Se forem línguas existentes, mas que o doente nunca lera ou ouvira falar antes, que se nos permita negar simplesmente o fato, sem maiores explicações.”

É mais fácil que fazer compreender como se pode produzir o fenômeno, e duvidamos que Bersot convença muita gente com a eloqüência persuasiva que emprega; confissão é essa de impossibilidade, que é bom registrar. Mas se a negação pura tem seus atrativos, não rivaliza com a explicação dada para o caso em que o doente fala uma língua de que ouviu algumas palavras, ao acaso, como o latim, que tem passado mais ou menos pelos olhos de todo o mundo.

Esse prodígio é devido tão-só a uma excitação da memória e da inteligência. Por exemplo, se um sujeito, durante a crise, fala o latim, é simplesmente porque ouviu o cura da aldeia ou o médico da terra pronunciarem algumas palavras nesse idioma. E ele empregará, então, no seu discurso, regras gramaticais que nunca aprendeu, vocábulos que nunca feriram seu ouvido; mas não importa, é tudo determinado por uma superexcitação da memória e da inteligência.

Francamente, é difícil zombar dos homens com maior desenvoltura. Cremos sonhar, lendo coisas que tais, e os espíritas, tachados de loucos e impostores, nunca pregaram teorias tão absurdas e tão contrárias ao bom senso.

A despeito de todas as críticas, diremos com Charles Richet: – “Desde 1875, os numerosos autores que se deram ao estudo do magnetismo tiraram *todos*, sem exceção nenhuma, a conclusão de que o sonambulismo é um fato indiscutível.”

IV

O hipnotismo

Há alguns anos fala-se muito, nos hospitais e no mundo médico, de um novo estado nervoso chamado hipnotismo. Definamos primeiro o que se entende por esta palavra.

Se um paciente fixa durante algum tempo um objeto brilhante, de vidro ou metal, colocado acima da fronte, a fadiga nervosa que resulta dessa tensão do olhar produz, insensivelmente, um sono particular, caracterizado pela insensibilidade total ou parcial que se manifesta em todo o corpo, pela tendência a conservar a posição que se dá aos membros, e por uma dupla vista análoga à que determina o magnetismo.

Quem primeiro se ocupou desta doutrina foi o abade Faria; teve como continuadores o General Noizet e o Dr. Bertrand. Em 1841, Jenner Braid, cirurgião em Manchester, a princípio muito cético, acabou por descobrir, na fixidez prolongada do olhar, a causa dos fenômenos que tinha visto produzidos por um magnetizador francês, o Sr. Lafontaine.

Ele tentou demonstrar que nem um fluido nem a vontade eram comunicados pelo operador ao paciente, e que tudo se passava no cérebro deste. Em 1843, publicou uma obra intitulada *A Neuripnologia*, ou o hipnotismo, onde expunha suas vistas sobre o estado produzido pelo esgotamento nervoso. Essas pesquisas tiveram pouca repercussão; o trabalho de Braid é, entretanto, assinalado pela primeira vez por Carpenter, em 1849, na Enciclopédia de Tood.

Em França, só em 1855 é que o dicionário de Robin e Littré o mencionaram, e a obra do médico inglês só foi traduzida para a língua francesa em 1883, pelo Doutor Jules Simon.

Azam, professor na Escola de medicina de Bordéus, tinha, contudo, em 1859, reproduzido com êxito algumas experiências descritas por Braid, e o doutor Broca comunicou o resultado delas à Academia de Medicina, nesse mesmo ano. Desde então, foi lançada a nova ciência e dela começaram a ocupar-se. Mas,

com quantos obstáculos devia topar a recente descoberta, antes de ser geralmente admitida!

Como não se procurava nessa época, no hipnotismo, senão um meio de provocar a anestesia, reconheceu-se, desde logo, que era difícil mergulhar os doentes no sono nervoso, por causa da emoção que causa sempre a expectativa de uma operação grave.

Foi em vão que, em 1866, o Doutor Durand de Cros publicou, sob o pseudônimo de Philips, um curso teórico e prático do Braidismo. Essa obra, as conferências públicas e as conferências interessantes feitas pelo autor em Paris e em algumas grandes cidades deixaram o mundo médico hostil ou indiferente.

É preciso chegar-se ao ano de 1875, para se encontrarem novas pesquisas na matéria. Foram elas empreendidas por Charcot, Bourneville, Regnard e Paul Richer, seus discípulos. Eles operaram em históricas, na Salpêtrière. Eis, sucintamente, os resultados a que chegaram:

1º- O doente é colocado diante do foco de uma lâmpada de Drummond ou em face de um arco voltaico; pede-se-lhe que fixe os olhos nessa luz viva e, ao fim de algum tempo, que pode variar de alguns segundos a alguns minutos, ele entra em estado cataléptico, caracterizado pelos seguintes sintomas: o olhar fixo e muito aberto, o corpo em insensibilidade completa, os membros na postura que se lhes queira dar. A comunicação com o Mundo exterior é interceptada; ele não vê e não ouve mais nada.

Circunstância notável a assinalar é que a fisionomia reproduz, fielmente, a expressão do gesto. Se dá ao corpo uma atitude trágica, imediatamente o rosto toma uma expressão dura; se, ao contrário, se lhe aproximam as mãos dos lábios, como para enviar um beijo, logo o paciente apresenta um ar sorridente. Podem-se variar ao infinito as causas que constituem o que se chamam sugestões. Esse estado cataléptico dura o tempo em que a retina estiver influenciada pelos raios luminosos.

2º- Se suprimir bruscamente o foco de luz, apagando-o, velando-o, ou fechando as pálpebras do doente, verifica-se, ins-

tantaneamente, uma alteração no estado do hipnotizado. A catalepsia cessa; se o doente estiver de pé, cai de costas, com o pescoço para frente. Fica ele, então, numa espécie de sonolência particular, que Charcot chama letargia, e que não passa do verdadeiro sonambulismo. A rigidez dos membros desaparece, os olhos se fecham. Salvo a anestesia, que continua completa, nenhum dos antigos caracteres subsiste.

Se o chamam, o paciente dirige-se para o observador, apesar de ter os olhos fechados. Podem fazê-lo ler, escrever, coser... Nesse estado, responde, com mais precisão que de comum, às perguntas que se lhe fazem; a inteligência parece mais desenvolvida que na vida habitual.

É útil lembrar que Braid fez experiências sobre esse estado particular, e que, em 1860, aditou a seu livro um curioso relato.

O médico inglês não crê nos fluidos magnetizadores; atribui tudo que descreve à grande sensibilidade dos sentidos. Diz que os hipnotizados, *não doentes*, de forma alguma histéricos, podem, tendo os olhos fechados, escrever, desenhar, descobrir objetos ocultos, *designar os indivíduos a quem esses objetos pertencem*, ouvir uma conversa em voz baixa, num aposento vizinho, enfim, predizer o futuro.

Esses fatos se assemelham aos do sonambulismo magnético, tanto mais quanto o paciente não conserva a menor lembrança do que disse ou fez durante o sono hipnótico. Voltemos aos trabalhos de Charcot.

O estado letárgico ou soporífero, que vimos suceder ao estado cataléptico, cessa imediatamente quando se sopra a fronte do paciente. Há, ainda, uma particularidade notável: pode-se, à vontade, passar o doente do estado letárgico ao cataléptico; basta para isso abrir-lhe a pálpebra, de sorte que a luz possa impressionar-lhe a retina. É preciso, para obter as alterações, que a claridade ou a obscuridade sejam produzidas bruscamente, sem o que o paciente se conservará na última fase em que estava. A influência luminosa não é o único agente que provoca o hipnotismo.

Sentando-se uma doente na caixa de ressonância de um grande diapásão, e afastando-se por meio de uma haste, violentamente, os ramos deste, o diapásão vibra e a sensitiva entra em catalepsia; suprimindo-se instantaneamente o som, a letargia se declara com os mesmos sintomas que no caso precedente.

Enfim, chegou-se também a produzir os mesmo efeitos por meio do olhar. Nesse caso, o olho do experimentador substitui as ações físicas mencionadas acima e é dessa maneira que Donato e Carl Hensen obtêm magníficos resultados.

Uma passagem do livro que Bernheim, professor da Faculdade de Nancy, publicou, ultimamente, sobre o hipnotismo, nos fará ver que ele se ocupou muito com o assunto.

“Eis como procedo para obter o hipnotismo.

Começo por dizer ao doente que é possível curá-lo ou aliviá-lo pelo sono; que não se trata de nenhuma prática nociva ou extraordinária, mas de simples sono que se pode provocar em qualquer pessoa, sono calmo, benéfico, etc. Em caso de necessidade faço dormir em sua presença uma ou duas pessoas, para mostrar-lhe que o sono nada tem de penoso, nem servirá para experiências; quando afasto do seu espírito a preocupação que a idéia do magnetismo faz nascer e o temor um tanto místico ligado a esse desconhecido, o paciente se torna confiante e entrega-se.

Digo-lhe, então: Olhe-me bem e só pense em dormir. Vai sentir peso nas pálpebras e fadiga nos olhos; seus olhos piscam, vão umedecer-se; a vista torna-se confusa, os olhos fecham-se.

Alguns pacientes fecham os olhos e dormem imediatamente. Com outros, repito, acentuo, acrescento o gesto, pouco importa a sua natureza. Coloco dois dedos da mão direita diante dos olhos da pessoa e convido-a a fixá-los, ou, com as duas mãos, passo-as de cima para baixo, diante dos seus olhos; ou, ainda, faço com que fixe meus olhos, e me esforço em concentrar sua atenção na idéia do sono. E digo: suas pálpebras se fecham; não poderá mais abri-las; tem um peso nos braços, nas pernas; não sente mais nada; suas mãos estão

imóveis, nada mais vê; o sono chega, e acrescento em tom imperioso: – durma. Muitas vezes esta palavra tudo resolve os olhos se fecham, o doente dorme.”

Paremos um instante, para assinalar a curiosa semelhança entre a maneira de operar de Bernheim para hipnotizar e a que emprega Deleuze para magnetizar.

O professor Bernheim faz gestos, passeia as mãos de cima a baixo do doente e termina pronunciando com voz imperiosa a palavra durma! Os magnetizadores não fazem outra coisa, e como os resultados obtidos por Bernheim são os mesmos que relatamos no artigo do sonambulismo, estamos no direito de concluir que magnetismo e hipnotismo não passam de denominações diferentes do mesmo fenômeno. Os processos descritos no memorial do doutor, para determinar o sonambulismo, podem ser considerados como um aperfeiçoamento do método magnético, relativo à produção do sono, como vamos ver; o que se segue vai prová-lo de modo evidente.

Bernheim prossegue:

“Se o paciente não fecha os olhos ou não os conserva fechados, não prolongo a fixidez das suas vistas nas minhas ou nos meus dedos: porque alguns mantêm os olhos indefinidamente arregalados, e em vez de conceberem, assim, a idéia do sono, só têm a de fixar com rigidez; fechar os olhos dá então melhor resultado.

Ao fim de dois minutos ou três, no máximo, mantenho-lhe as pálpebras fechadas ou as abaixo, lenta e docemente, sobre os globos oculares, fechando-os progressivamente cada vez mais, imitando o que se dá quando o sono vem naturalmente; acabo por mantê-los fechados, continuando com a sugestão: – Suas pálpebras estão coladas, não poderá mais abri-las; torna-se cada vez maior a necessidade de dormir; não resistirá mais. Abaixo gradualmente a voz e repito a injunção – durma! É raro que se passem quatro ou cinco minutos sem que o sono venha.

Em alguns, consegue-se melhor, procedendo com doçura; em outros, rebeldes à sugestão doce, convém a aspereza, o

tom autoritário, para reprimir a tendência ao riso ou a veleidade de resistência involuntária que esta manobra pode provocar.

Muitas vezes, em pessoas aparentemente refratárias, fui bem sucedido, mantendo por muito tempo a oclusão dos olhos, impondo silêncio e imobilidade, falando continuamente e repetindo as mesmas fórmulas: “Você sente um entorpecimento, um torpor; seus braços e suas pernas estão imóveis; eis que aparece calor em suas pálpebras; seu sistema nervoso se acalma; você não tem mais vontade; seus olhos permanecem fechados; o sono chega”, etc. Ao fim de oito a dez minutos dessa sugestão auditiva prolongada, retiro os dedos e os olhos ficam fechados; levanto os braços, eles permanecem no ar; é o sono cataléptico.

Muitas pessoas se impressionam logo na primeira sessão; outras, na segunda ou na terceira. Depois de uma ou duas hipnotizações, a influência torna-se rápida. Basta, quase, olhá-las, estender os dedos diante dos seus olhos e dizer “durma”, para que, em alguns segundos, instantaneamente, mesmo, os olhos se fechem e todos os fenômenos do sono apareçam. Outros não adquirem, senão ao fim de certo número de sessões, em geral pouco numerosas, a aptidão de dormir depressa.”

Tentaram fazer, a respeito dessas experiências, as mesmas observações que para o magnetismo; quiseram atribuí-las a efeitos da imaginação. Durante muito tempo, esse argumento foi o cavalo de batalha de nossos adversários, mas demonstrou-se que o hipnotismo se exercia, também, sobre os animais. Desde então, foi-se a explicação dos incrédulos.

Um frango, que se prende a uma tábua, onde se traça um risco, fica logo em estado hipnótico, se o obrigam a olhar para esse risco, durante certo tempo.

Deveríamos ter já mencionado os trabalhos de Liébault, de Nancy, que serviram de ponto de partida a Bernheim, na publicação de sua brochura. Liébault, sem conhecer as pesquisas de

Braid, estudou, muitos anos, particularmente sob o ponto de vista terapêutico, as questões que se ligam ao hipnotismo.

Em 1886, ele publicou um livro importante sobre *o Sono e os estados análogos*, que passou quase despercebido.

Levando mais longe que o médico inglês o método sugestivo, ele o aplicou com êxito na cura de algumas doenças. Ultimamente, a curiosidade pública foi vivamente suscitada por duas conferências feitas no círculo St. Simon, por Brémaud, doutor da infantaria de marinha. O interesse que elas apresentavam vinha do espírito científico do autor e do caráter especial do auditório, composto em grande parte de membros do Instituto.

Tratava-se de demonstrar não somente que o hipnotismo é uma verdade, coisa incontestável depois dos sábios trabalhos de Charcot e Dumontpallier, mas, ainda, que esse estado pode ser produzido em quaisquer indivíduos, e não especialmente em histérico-epilépticos, como pretendiam os retardatários da ciência, que fizeram dessa condição o último refúgio da resistência às novas doutrinas.

Diversos jornais, *Le Temps*, *Le Debats*, *La France*, etc. que citamos livremente, fornecem-nos interessantes observações.

O Doutor Brémaud, depois de haver sido testemunha de um caso de hipnotismo parcial, na ilha Bourbon, não pensava mais nessas estranhas manifestações, quando, há dois anos, o famoso Donato veio dar em Brest representações de magnetismo. As mesmas experiências que, por um momento, abalaram Paris inteiro, produziram em Brest extraordinária emoção. Amigos pediram a Brémaud, cuja consciência científica conheciam, que investigasse a parte de verdade e a de charlatanismo que podiam existir nessas exibições.

O que intrigara o doutor, conhecedor dos trabalhos da Salpêtrière, era ver Donato operar em grande número de jovens de Brest, que não pareciam doentes, e com os quais tinha prontamente obtido resultados análogos.

Pôs-se à procura da maior parte dos que se haviam prestado à influência de Donato, fê-los vir a sua casa, estudou-os de perto e, sem muito trabalho, conseguiu produzir neles os mesmos efeitos

que o magnetizador. Com seu concurso, deu algumas sessões na Escola de Medicina Naval, onde reproduziu, exatamente, todos os exercícios de que tanto o público se havia admirado. Prosseguiu as experiências em muitos marinheiros postos à sua disposição e chegou à certeza de que, entre os homens reputados sãos de corpo e de espírito, havia grande número suscetível de ser posto em estado de hipnotismo, letargia, catalepsia e sonambulismo, verificado já em indivíduos atingidos de histeria e epilepsia.

Acreditou, mesmo, poder estabelecer, para a raça Bretã, que, em 10 indivíduos de 16 a 27 anos, há 2 ou 3, isto é, cerca de um quarto sobre os quais as experiências instituídas podem dar bom resultado. Esta proporção – diz Brémaud – pode variar com a raça, o meio, o gênero de vida. É o que compete às pesquisas determinar.

Um segundo resultado foi o de notar, no desenvolvimento desses estados mórbidos que formam série progressiva, um estado inicial que, segundo ele, não se produziria nos Histéριο-epilépticos, até aqui observados, e que denomina *fascinação*.

O paciente é, a princípio, fascinado, isto é, antes de chegar à letargia ou à catalepsia, cai em estado de abulia completa, ou por outra, perde a vontade, torna-se o escravo do operador; puro autômato, obedece inconscientemente a qualquer impulso. O segundo grau, provocado por processos mais simples, é a letargia e depois a catalepsia, pela contração dos músculos. Esta se obtém parcial ou total, à vontade; uma pancada num membro; ligeira fricção fá-la cessar.

Da letargia passa-se ao sonambulismo. Neste último estado, certos sentidos ou certas faculdades, conforme os indivíduos, adquirem uma acuidade ou um poder verdadeiramente espantosos. O Doutor Brémaud citou exemplos muito notáveis, se bem que estejam longe de poder comparar-se aos assinalados por Braid.

Um de seus pacientes, que ele tinha em seu gabinete, perto do fogão, repetiu-lhe a conversa que duas pessoas mantinham em voz baixa na rua, a uns 50 metros. Um dos seus parentes, so-

nambulizado, resolveu, sem esforço, difícil problema de trigonometria, que não compreendia acordado, nem mesmo compreendeu depois de voltar ao estado normal.

Notemos ainda, que, segundo o hábito dos homens de ciência, Brémaud atribui aos sentidos um papel que eles não podem representar. Não é crível que o ouvido, faculdade particular do organismo, possa projetar-se para o exterior, franquear paredes e irradiar a cinqüenta metros, de maneira a acompanhar uma palestra em voz baixa. Não se percebe, também, como um rapaz poderia resolver melhor um problema de trigonometria, mergulhado no sono do que em estado normal. Admitida a alma, tudo se explica, se torna simples e compreensível.

Como os fatos valem mais que as narrativas, Brémaud fazia-se acompanhar de dois rapazes de 23 e 26 anos, pessoas conhecidas, com uma situação oficial ao abrigo de qualquer suspeita e em perfeito estado de saúde. À medida que descrevia os fenômenos, ele os ia produzindo e fazendo verificar pelo auditório. A catalepsia era bem real; a contratura das pernas, dos braços, do corpo bem positiva, o estado sonambúlico perfeito. Todos se renderam à evidência, e experiências muito curiosas foram feitas sucessivamente. Assim, viu-se um desses jovens, posto em estado de fascinação, obedecer instantaneamente a qualquer ordem; ouviram-no repetir, como um perfeito fonógrafo, palavras chinesas, russas, com exata entonação, como se estivesse habituado a falar esses idiomas e em estado de compreendê-los.

A outro se fez beber um copo d'água; persuadiram-no de que havia bebido catorze copos de cerveja, e em conseqüência ele sentiu-se realmente embriagado, ou então via efetivamente as figuras que representavam no espaço, e ria, se eram engraçadas, amedrontava-se, se eram aterradoras.

Observação muito importante: se, enquanto o paciente está nessa contemplação, se lhe põe diante dos olhos um vidro prismático, ele vê duas figuras, o que prova, diz o Doutor Brémaud, que não há, propriamente, alucinação, isto é, exteriorização de uma idéia subjetiva, mas ilusão sensível produzida pela ação do raio luminoso sobre os nervos oculares.

Veremos, no último capítulo, que há, realmente, uma figura, formada fluidicamente.

A experiência pode apresentar-se sob forma talvez ainda mais interessante se, naquele estado, separarem-se os dois olhos do paciente por um anteparo. Pode-se, então, mostrar ao indivíduo uma figura grotesca do lado direito; e essa metade do rosto se torna hilariante, e depois descrever, à esquerda, uma imagem horrível, e a outra metade do rosto se contrai com terror, de sorte que o paciente fica como que partilhado entre dois seres, de que cada um experimenta sensações contrárias, obedece a impulsos opostos e vive uma vida diferente, o que se pode explicar, provavelmente, pela dissociação dos dois hemisférios cerebrais.

O Doutor Brémaud mostrou aos assistentes fenômenos inesperados: a aniquilação da vontade e mesmo do *eu*, a dissociação das funções, cuja unidade constitui a vida psíquica normal, estado de insensibilidade, rigidez, letargia, onde a própria vida parece desaparecer, e em seguida uma excitação nervosa, onde os músculos, os sentidos e certas faculdades intelectuais adquirem poder espantoso.

Todos esses fenômenos não são novos e só são curiosos porque produzidos em pessoas jovens *perfeitamente sãs de corpo e de espírito* e porque o doutor Brémaud não pode ser acusado de charlatanismo.

Entrevê-se, sem que seja necessário insistir, o interesse múltiplo que se liga à solução de tais problemas; é impossível ficarmos indiferentes às perspectivas oferecidas ao nosso espírito. Sob o ponto de vista prático, a importância é talvez maior ainda para a medicina legal e, sem dúvida, também para o tratamento dos alienados.

O sistema nervoso pode ser influenciado por causas externas, ainda mal definidas, a ponto de modificarem completamente o indivíduo no moral e no físico, de transformarem-no em autômato e de substituírem, por várias sugestões, à sua vontade uma vontade estranha. As experiências tentadas na Alemanha e na França, nesses últimos anos, não deixam nenhuma dúvida a respeito.

Liégeois, professor em Direito da Faculdade de Nancy, acaba de chamar a atenção novamente sobre estes fatos, em uma memória interessante lida na Academia de ciências morais e políticas, a 5 de abril de 1884.

Liégeois quis, a princípio, verificar pessoalmente a realidade dos fenômenos hipnóticos e ver até que extremos limites se podem estender a influência do homem a seu semelhante. Com o concurso do Professor Bernheim, seu colega cuja maneira de operar explicamos, hipnotizou certo número de pessoas, *sãs de corpo e de espírito*, e chegou às mesmas conclusões de seus antecessores.

O hipnotizado torna-se um autômato inconsciente; o mais curioso é que conserva, durante dias, semanas, traços desse automatismo, a tal ponto que as sugestões anteriores persistem muito tempo e podem levá-lo à prática de atos independentes da sua vontade.

O operador poderá inspirar a seu paciente a idéia de ações criminosas que, ao despertar, serão executadas fatalmente, em todos os pontos, com dias e meses de intervalo, segundo afirma Liégeois.

Assim, certos pacientes foram, no dia e hora fixados por Liégeois, acusar-se na polícia ou ao procurador da República, de crimes imaginários, com todos os pormenores e nos termos que lhes haviam sido ditados na véspera ou antevéspera.

Alguns hipnotizados executaram ou julgaram executar atos terríveis. Uma rapariga, entre outras, deu em sua mãe um tiro de pistola, com o maior sangue frio; inútil dizer que a arma não estava carregada. Outros reconheceram obrigações que absolutamente não tinham contraído. Outros, enfim, a quem se havia sugerido certas frases, certas narrativas, afirmaram, sob sua honra, que tinham visto ou ouvido o que lhes tinha sido indicado durante o sono hipnótico.

Há, pois, incontestavelmente, um campo novo aberto à medicina legal.

É conhecida a história de Didier, condenado uma primeira vez pela polícia correcional, sem saber do que se tratava, e que

agira em estado sonambúlico; foi depois absolvido, na Corte de Apelação, graças ao Doutor Motet, comissionado para o exame médico legal, e que, magnetizando-o, o fez repetir a cena que motivara a prisão. Reconheceu-se a não culpabilidade, ou pelo menos, a irresponsabilidade do paciente, e o julgamento do qual se apelava foi anulado.

Não terminaremos sem falar, com Parville, do livro, refeito de fatos estranhos, mas verificados, que acaba de publicar Richet: *L'homme et l'intelligence*.

Não insistiremos nos fenômenos mais conhecidos, mas examinaremos alguns casos em que a personalidade desaparece completamente.

“Estás mais velha”, diz-se a uma jovem hipnotizada e logo o seu caminhar, os seus sentimentos são de uma velha. “Estás uma menina” e logo a paciente apresenta a linguagem, os gestos, os gostos de uma criança. Pode-se transformar a hipnotizada em camponesa, atriz, general ou sacerdote. Nada tão curioso como fazê-la general, com uma palavra.

“Passe-me o binóculo – diz ela. – Está bem. Onde está o comandante do 2º de zuavos? Há ali Kroumirs; vejo-os subindo o barranco. Comandante, chame uma companhia e carregue sobre eles. Que se leve também uma bateria de campanha. São bons, estes zuavos. Como eles sobem!

Que é que me quer? Como? Não há ordens? (à parte). É um mau oficial, não sabe fazer nada! Vejamos, meu cavalo, minha espada... (faz o gesto de afivelar a espada na cinta.) Avance-mos... ah!... estou ferido!”

E tudo isto é pronunciado em voz baixa, com um simples mover de lábios. A paciente acredita-se a personagem que se lhe diz que é, e tanto assim que se encoleriza quando a acusam de enganar a assistência. Pode-se, ainda, pela sugestão, metamorfosear um homem em animal, em cão, em macaco, em papagaio.

Conta Richet que, certa vez, hipnotizara um amigo e lhe disse: – eis transformado em papagaio, meu pobre rapaz.

Após um momento de hesitação, respondeu este:

– Devo comer a semente que está na gaiola?

De outra vez, uma dama a quem persuadiram que era uma cabra, trepou com agilidade num canapé e fez todos os esforços para subir numa estante.

Verificamos que o hipnotizado vê, realmente, o que se lhe quer mostrar, mas o que há de mais notável é a sugestão por ordem, devendo realizar-se em tempo determinado. A mais simples a produzir-se é a do sono. – “Amanhã dormirás às 3 horas”. E, no dia seguinte, o paciente dorme quando soam às três horas, não importa o lugar em que se ache. Não parece um sonho de fadas, em que um mal encantador faz dormir um palácio inteiro?

É bem uma verdade. Disseram-lhe, no estado sonambúlico – dormirás; ele esquece a ordem, ao acordar, e, apesar de tudo, dorme, chegado o momento. O operador, provavelmente, não pensa mais na recomendação; ela está, porém, gravada, burilada no cérebro do hipnotizado, e o autômato obedece, assim como um aparelho registrador que indicasse um fenômeno no momento em que se produz, movido por máquina de relógio.

Eis aqui provas ainda mais demonstrativas dessa espécie de obsessão imperativa.

A. está adormecida. Richet lhe diz: “Quando acordar, pegue este livro, que está na mesa, leia o título, e o coloque em minha biblioteca.” A. acorda, esfrega os olhos, olha em redor, espantada, põe o chapéu para sair, depois lança a vista sobre a mesa, vê o livro, apanha-o, lê o título.

– Ó – disse ela –, V. lê Montaigne, vou colocá-lo em seu lugar; e o põe na biblioteca.

Perguntaram-lhe por que fez isso. Ela admira-se. – “Não podia olhar o livro?” – diz tranqüilamente. Eis um ato executado, sem motivo conhecido, e o resultado direto de uma sugestão.

B. está adormecida. “Quando acordar, tirará o abajur da lâmpada.” Acordam-na. Não está claro – diz ela – e retira o abajur.

Outra vez: – “quando acordar, ponha bastante açúcar em seu chá”. Servem o chá. A paciente, bem acordada, havia um quarto de hora, enche a xícara de açúcar.

– “Mas que faz? – perguntaram-lhe.

– Ponho açúcar.

– Mas põe demais.

– Tanto pior –, e põe mais açúcar ainda. Depois, achando o chá detestável:

– Que quer? Foi uma tolice. Mas nunca fez V. tolices?”

Entre as experiências de Richet, é preciso citar a seguinte, que é a mais característica.

A paciente está adormecida. – “Virá em tal dia, há tal hora”. Acordada, ela tudo esquece e pergunta:

– Quando quer que eu volte?

– Quando puder, em próximo dia da semana.

– A que hora?

– Quando quiser.

E regularmente, com uma pontualidade surpreendente, ela chega no dia e hora indicados.

Certa vez A. chega à hora exata, com um tempo horrível.

– “Não sei, realmente, por que vim – disse ela –; tinha tanta gente em casa; corri até cá e não tenho tempo de ficar. É um absurdo; não compreendo por que vim. Será um fenômeno de magnetismo?”

De outra feita, esta senhora chega também à hora prescrita e confessa que não sabia, antes de se pôr a caminho, que iria. Evidentemente, ela obedece, aqui, como a uma ordem imperativa. De nada se lembra; ignora, absolutamente, o que lhe ordenaram durante o sono e, entretanto, obedece. A lembrança inconsciente, ignorada, persiste em estado latente e determina o ato. Será preciso, como diz Liégeois, desconfiar da inconsciência; há ali um domínio absolutamente ignorado, que reclama um estudo aprofundado e muito curioso.

Ao terminar, diremos com Parville:

Magnetismo, hipnotismo, ilusões ontem, realidade hoje. Certamente, foi preciso tempo, muito tempo, antes de se decidirem a estudar de perto esses fatos estranhos, mas pode-se afirmar, agora, que os mais eminentes fisiologistas consideram como

incontestáveis os principais fenômenos do hipnotismo e do magnetismo animal. É, pois, com certeza absoluta que concluímos pela existência da alma, que se afirma em todas essas experiências.

V

Ensaio de teoria geral

Ao lado dos fenômenos que estudamos, podem enfileirar-se os estados produzidos pelos anestésicos, como o clorofórmio, o éter, o protóxido de azoto e outros. Os pacientes, submetidos à ação desses agentes, são de uma insensibilidade completa às impressões exteriores. É essa propriedade que se utiliza em cirurgia para tirar ao doente a sensação da dor.

Não podemos, visto o quadro restrito desta obra, estudar detalhadamente todos os efeitos provocados por esses produtos químicos, limitar-nos-emos ao fato seguinte:

O Doutor Velpeau, num relatório que apresentou à Academia de Ciências, em 1842, concluiu pela adoção do tratamento pelo clorofórmio, em todas as operações cirúrgicas bastante dolorosas. Cita grande número de circunstâncias em que os anestésicos deram bons resultados e assinala, como caráter distintivo do sono produzido, a perda de lembrança do que se passou ao acordar.

Relata a seguinte experiência em uma senhora, a quem operava um câncer num seio. Depois de havê-la adormecido pelos processos ordinários, efetuava a operação, quando a doente lhe disse, com grande espanto para ele, que via o que se passava em casa de uma de suas amigas, não longe dali. Ele não ligou maior importância a essa comunicação, que tomou por fantasia da paciente. Mas, qual não lhe foi a surpresa, quando a senhora em questão, ao vir inquirir da saúde da amiga, declarou que fazia exatamente o que a doente vira durante o seu sono. Ainda aqui não nos deteremos em pôr em evidência o desprendimento da alma, que consideramos perfeitamente demonstrado.

O que temos que assinalar são as analogias notáveis existentes entre o sonambulismo magnético, o hipnotismo e a anestesia provocada por substâncias químicas.

Nestas três categorias de fenômenos é fácil constatar caracteres comuns, que vamos assinalar:

- 1 - a insensibilidade;
- 2 - a perda da lembrança, ao acordar;

3 - a dupla vista.

Tal identidade nos resultados indica identidade de causa. Devemos procurá-la e podemos, nos três casos, atribuir os fenômenos verificados a uma modificação no sistema nervoso.

Essa modificação, produzida no conjunto do sistema nervoso, determina o desprendimento da alma; e quando esta parte imaterial de nós mesmos se torna mais livre que no estado normal, quando está menos ligada ao corpo, pode irradiar, à distância, e apresentar os caracteres que se atribuem, à falta de melhor explicação, a uma superexcitação dos órgãos dos sentidos.

Vamos provar o que adiantamos:

É incontestável que o sistema nervoso fica profundamente modificado nesses fenômenos; estudemos, pois, com Claude Bemard, quais os excitantes que o podem influenciar.

Há 3 espécies de excitantes do sistema nervoso: os físicos, os químicos e os vitais.

Fixemos mais especialmente nossa atenção nos irritantes químicos e entre esses estudemos a ação dos anestésicos no organismo.

Segundo Claude Bemard, “os anestésicos diminuem a excitabilidade, não, porém, de maneira geral nem em todos os tecidos: assim, o clorofórmio só atua nos nervos da sensibilidade; o mesmo se dá com o éter, o álcool, o protóxido de azoto. Quando estão sob a influência dos anestésicos, os nervos sensitivos não são mais atacados pelos excitantes normais, nem mesmo pelos anormais, que, em estado ordinário, aumentariam a intensidade dos fenômenos, a ponto de produzir a morte. É que a vida dos nervos se torna, então, quase latente, ou pelo menos, se encontram eles num estado de entorpecimento que os protege”.

Quando se aplicam no homem os anestésicos, podemos notar, no caso citado por Vulpian, que o estado nervoso em que se achava o paciente, caracterizado pela insensibilidade, pela perda da lembrança, ao acordar, e pela dupla vista, coincide com a insensibilidade dos nervos, com a do sentimento, com uma vida latente dos nervos sensitivos. Cremos, pois, que, todas as vezes

que encontrarmos reunidas essas condições, o sistema nervoso sensitivo estará paralisado.

É o que acontece quando se examinam os fenômenos do hipnotismo. Todos os agentes físicos empregados, como a luz, o som, o olhar, são excitantes do sistema nervoso, que mergulham o paciente num estado especial, chamado sono hipnótico, por não se poder definir melhor esse gênero de vida particular. Este sono deriva da paralisia dos nervos sensitivos, sob a influência dos excitantes físicos, que agem em determinadas condições.

O método operatório do Professor Bernheim, que alia aos processos hipnóticos as práticas dos magnetizadores, leva-nos a perguntar se os excitantes físicos poderiam, por vezes, substituir-se aos excitantes vitais.

Responde Claude Bemard:

“Algumas vezes, os excitantes físicos podem produzir os efeitos que resultam igualmente da ação dos excitantes vitais. Assim, certos ácidos provocam a contração do músculo; a eletricidade produz o mesmo efeito. Mas, no estado fisiológico, esse fenômeno se manifesta sob a influência do nervo. Du Bois-Reymond acreditava poder atribuir essa influência a uma causa física, considerando o nervo como um órgão que segregasse, de algum modo, a eletricidade. Infelizmente, os fatos não vieram, ainda, demonstrar esta hipótese, à qual o próprio Bois-Reymond parece ter renunciado. Somos, pois, forçados a chamar esta força nervosa, até nova ordem, um irritante vital, isto é, uma força que ainda não se pôde fazer entrar no número das forças físico-químicas, visto que esta expressão vital não tem outro sentido.”

O que os magnetizadores chamam o *fluido*, em que pese a Bersot, tem, pois, uma existência real no corpo humano. Esse fluido nervoso é um irritante vital, pode agir à distância, ser lançado pela vontade em determinada direção, como se vê nas experiências da Academia, relatadas por Husson. Vimos, com efeito, que o paciente Cazot adormecia sob o influxo enviado pelo magnetizador Foissac, colocado em outro quarto.

Notaremos, ainda, que a vontade é uma força e, de nenhum modo, como se supôs, simples estado de consciência.

É o que se verifica do seguinte lanço de Claude Bernard: “A ação da vontade constitui um excitante vital por excelência, impossível de substituir, e que atuaria de modo particular sobre a medula espinal. Estes fatos foram bem postos em evidência por Van Deen.”

De outro lado, Rosenthal, no livro *Les Muscles et les Nerfs*, descreve uma experiência, por onde se pode medir a influência da vontade, pelas correntes elétricas, que ela determina nos músculos.

Podemos, portanto, admitir, que os fatos do sonambulismo provocado pelas práticas magnéticas são devidos à ação do fluido nervoso do magnetizador, dirigido por sua vontade, e que vai irritar o sistema nervoso sensitivo do paciente, para o mergulhar em um estado especial, durante o qual os nervos sensitivos ficam aniquilados, entorpecidos.

É à vontade, *esse irritante vital por excelência*, que se propaga pelo fluido nervoso, o qual serve de condutor, do magnetizador ao paciente. No caso do sonambulismo natural, é a própria vontade do paciente que o leva a esse estado. Basta a intensa preocupação de alguma coisa, para explicar porque o espírito superexcitado faz mover seu corpo, no estado sonambúlico.

Os diferentes excitantes de que falamos só atuam sobre o sistema nervoso sensitivo. Mas não têm todos e sempre a mesma intensidade; daí as diferentes fases dos fenômenos observados. Isto está de perfeito acordo com a fisiologia:

“Todos os irritantes, qualquer que seja a sua natureza, físicos, químicos ou vitais, devem ser tidos como irritantes especiais de certos tecidos, de certos órgãos.

Mas a especialidade não é tudo; cumpre, ainda, ter-se em conta a quantidade do irritante. A importância dessa consideração foi já indicada por Brown, que chamava *incitação normal* a que produzia o irritante empregado em sua dose ordinária. Quando se ultrapassava essa dose, a incitação tornava-se *irritação* e produzia fenômenos mórbidos. Foram esses dados

que Broussais seguiu e que formaram a base de sua patologia geral. A quantidade do irritante, é, pois, um ponto importante.

Assim, quando se faz passar em um órgão uma corrente elétrica muito fraca, os tecidos não são irritados nem reagem. Mas, aumentada a força da corrente, obter-se fenômenos cuja intensidade irá crescendo, com certas qualidades da corrente, até tomar um verdadeiro caráter mórbido.

Há, pois, certa medida a atingir na aplicação de um irritante e essa medida depende, ao mesmo tempo, da quantidade maior ou menor do irritante e da suscetibilidade mais ou menos delicada do próprio órgão.”

Daí o poder mais ou menos forte dos magnetizadores, conforme a energia de sua vontade e a força de seu fluido nervoso. Também se compreende que os pacientes sejam mais ou menos sensíveis, conforme mais ou menos grosseiros ou delicados sejam seus organismos.

Braid pretendia estabelecer, por suas experiências, que o sonambulismo magnético não era determinado pela ação fluídica do operador sobre o paciente. Ele empregava irritantes físicos para produzir o sono, mas só tinha visto um lado da questão. Poder-se-ia responder-lhe, agindo com os anestésicos, que só esses agentes eram capazes de produzir o sonambulismo.

Em suma, de todos esses reparos, se verifica que a alma se desprende, quando o sistema nervoso sensitivo está paralisado.

Creemos, portanto, bem estabelecido, que os diferentes estados do corpo humano conhecidos pelos nomes de sonambulismo natural, sonambulismo magnético, hipnotismo e estado anestésico são devidos, simplesmente, à ação de irritantes de diversas naturezas do sistema nervoso sensitivo.

A fascinação é o primeiro grau da ação modificadora, a letargia é um estado mais acentuado do fenômeno, o sonambulismo é a ação integral do irritante sobre o sistema nervoso e, enfim, a catalepsia é o exagero da ação irritante,¹⁰ o começo dos estados mórbidos.

Este é o lado puramente material de tais fenômenos. Os aspectos psíquicos, que se têm querido atribuir a uma superexcita-

ção dos sentidos, são devidos, já o dissemos, ao desprendimento da alma. Enquanto não se nos tiver demonstrado que estamos em erro por outros argumentos que não os que se têm apresentado até agora, temos o direito de afirmar que a existência da alma está experimentalmente provada pelos fatos do magnetismo, do hipnotismo e da anestesia.

Teremos ocasião, na quarta parte desta obra, que trata do perispírito, de voltar à série dos atos que se realizam no momento em que a alma se desliga das peias do corpo.

Terceira Parte

I

Provas da imortalidade da alma pela experiência

À pergunta – existe a alma? – a ciência responde talvez, os fenômenos do magnetismo, do hipnotismo e da anestesia dizem que sim, e nisso confirmam todas as deduções da filosofia e as afirmações da consciência.

Constrangidos, pela evidência dos fatos, a admitir uma força diretriz no homem, grande número de materialistas se refugiam em uma última negativa, sustentando que essa energia se extingue com o corpo, de que ela não era senão uma emanção. Como todas as forças físicas e químicas, dizem eles, a alma, essa resultante vital, cessa com a causa que a produz; morto o homem, está aniquilada a alma.

Será possível? Não seremos mais que um simples conglomerado vulgar de moléculas sem solidariedade umas com as outras? Deve desaparecer para sempre nossa individualidade cheia de amor e, do que foi um homem, não restará verdadeiramente senão um cadáver destinado a desagregar-se, lentamente, na fria noite do túmulo?

Ante a grandiosa questão da imortalidade do ser pensante, diante desse temível problema que tem apaixonado as maiores inteligências, em face desse ignoto, cheio de mistério, não hesitamos em responder de maneira afirmativa.

Temos provas seguras da existência da alma após a morte; podemos estabelecer irrefutavelmente que estamos com a verdade, e isto com o auxílio de experiências simples, práticas, ao alcance de todos, e para cuja explicação não se faz mister um gênio transcendente. O ignorante pode, como o sábio, ter uma convicção, e esse resultado é devido a uma ciência nova – o Espiritismo.

Quando se pensa na gravidade ligada à solução do problema da sobrevivência do *eu* e nas conseqüências que daí resultam,

não se poderia achar demasiado insistir nos fenômenos que nos mostram, de forma probante, a existência da alma depois da morte. A vida social, as leis que a dirigem são baseadas num ideal moral que só se pode apoiar na crença em Deus e numa vida futura.

Há longos séculos, com efeito, os povos, confiando nos princípios de suas religiões, que lhes pareciam inabaláveis, aceitaram as leis ditadas por seus legisladores. Mas, com os tempos modernos, com a discussão livre, levantaram-se dúvidas sobre a legitimidade dessas leis; o direito divino, que fazia de um homem o senhor de um povo, sossobrou na tormenta de 93, e esse resultado é devido, assim em política como em filosofia, ao descrédito em que caíram as idéias religiosas. Havia aliança íntima entre a realeza e o clero; quando os enciclopedistas minaram os dogmas, com o mesmo golpe ruiu o trono.

A fé cega, imposta pelos padres, produziu erros e crimes sem número, contra os quais se revoltou o espírito humano, livre dos preconceitos. Ninguém encara, sem horror, as matanças dos valdenses, dos albigenses, dos camisardos. Os gritos das vítimas de S. Bartolomeu, dos Savonarola e dos João Huss repercutem dolorosamente no fundo dos corações, e os suplícios da Inquisição, seus monstruosos autos-de-fé lançam sangrenta mancha na história do catolicismo. Os fanáticos que condenaram Galileu nada conheciam das maravilhas do Universo; a fé estreita e intolerante que possuíam só podia gerar a ignorância e a credulidade.

Os cristãos da idade média faziam mesquinha idéia de nosso Mundo, que só conheciam em parte. Consideravam-no como a base do Universo; não viam no Céu senão a morada de Deus e nas estrelas mais que pontos luminosos. Tinham, assim, estabelecido uma hierarquia grosseira, colocando o inferno no centro da Terra e o paraíso acima do Sol, de sorte que éramos o eixo de toda a criação, e fora do nosso mundículo nada existia.

A Astronomia, porém, veio destruir essa fabulosa concepção. Ampliaram-se os nossos conhecimentos, a nossos olhos, enlevados, o infinito descobriu os seus espaços. As estrelas não são mais pontos brilhantes disseminados pela mão do Criador, para

iluminar as noites, porém mundos imensos que rolam no vazio, sóis radiantes, que arrastam em sua corrida, através do infinito, um cortejo de planetas. A imensidade nos apareceu com suas profundezas insondáveis; sabemos que nossa Terra é parte ínfima dessa poeira de mundos que turbilhonam no éter, de sorte que as crenças baseadas em nosso orgulho apagaram-se ao sopro da realidade.

O Universo inteiro ostentou diante de nós os esplendores de sua harmonia eterna, a simetria inalterável de suas transformações, sua imutabilidade, sua imensidade! Diante de tão novos espetáculos, reconheceram os homens a inanidade de suas crenças primitivas, queimaram o que haviam adorado e, levando o desdém do passado aos últimos limites, repeliram a noção de Deus e a da alma, como de entidades vetustas, sem nenhum valor objetivo. Assim se estabeleceu a corrente materialista nascida no 18º século, da luta contra os abusos.

O homem de nossa época não quer mais crer, desconfia mesmo da razão e se refugia na experiência sensível como a única que lhe pode trazer a verdade; eis por que exige ele provas positivas dos fenômenos que eram, até então, do domínio da filosofia. Estas considerações explicam-nos o pouco êxito de escritores eminentes como Ballanche, Constant Savy, Esquiros, Charles Bonnet, Jean Reynaud, que pregaram a imortalidade da alma.

Em nossos dias, um filósofo e sábio, Camille Flammarion, segue a rota gloriosa desses grandes homens. Este vulgarizador de gênio semeia a mancheias as idéias da palingenesia humana, e os resultados correspondem a seus nobres esforços; ele deve, porém, a fama que alcançou, mais à beleza do estilo que às idéias que emite. O espírito humano, agitado há séculos entre os mais diversos sistemas, está cansado das especulações metafísicas e se aferra à observação material como a uma tábua de salvação. Daí o grande crédito dos homens de ciência no momento atual. Eles formam uns corpos sagrados, cujos julgamentos não têm apelação. Possuem a soberba dos antigos colégios sacerdotais, sem lhes partilhar as raras virtudes, e em ambas as partes a intolerância é a mesma.

A maioria do povo, que só percebe o exterior das coisas, vendo os conhecimentos antigos destruídos pelos descobrimentos modernos, crê cegamente em seus novos condutores e se lança, após eles, no materialismo absoluto.

Não mais se raciocina; vai-se de cabeça baixa às últimas conseqüências, e, porque está provado que o cérebro é a sede do pensamento, já não existe a alma; porque não se acredita mais em Jeová a pairar sobre as nuvens, Deus não passa de fabuloso mito.

Contra essas tendências é que o Espiritismo vem reagir. Sendo o nosso século o da demonstração material, ele apresenta ao observador imparcial fatos bem verificados.

O Espiritismo deixa de parte as teorias nebulosas, desprende-se dos dogmas e das superstições e vai apoiar-se na base inabalável da observação científica; os próprios positivistas poderão declarar-se satisfeitos com as provas que fornecemos à discussão, porque elas nos são trazidas pelos maiores nomes de que se honra a ciência contemporânea.

Há 50 anos que essa doutrina reapareceu no Mundo, foi submetida a críticas apaixonadas, a ataques muitas vezes desleais. Seus adeptos foram escarnecidos, ridicularizados, anatematizados; quis-se fazer deles os últimos representantes da feitiçaria; entretanto, apesar das perseguições, acham-se na hora atual mais numerosos e mais poderosos do que nunca; encontram-se, não entre os ignorantes, mas entre os esclarecidos; escritores, artistas, sábios.

O Espiritismo se espalha no Mundo com rapidez inaudita; nenhuma filosofia, nenhuma religião tomou tão considerável desenvolvimento em tão curto tempo.

Hoje, mais de 40 publicações, mensais ou hebdomadárias, levam ao longe o resultado das pesquisas empreendidas em todas as partes do Mundo, e seus partidários, grupados em sociedade, contam muitos milhões de aderentes em toda a superfície do Globo.

A que é devida essa progressão formidável? Tão-só à simplicidade dos ensinamentos espiritistas, baseados na justiça de Deus, e,

sobretudo, aos meios práticos que essa nova ciência emprega para convencer a todos da imortalidade da alma.

Há duas fases distintas na história do Espiritismo, que é útil assinalar. A primeira compreende o período que vai do ano de 1846, data de sua aparição, até o ano de 1869, que foi o da morte de um escritor célebre, Allan Kardec. Durante esse tempo, estudou-se em toda parte o fenômeno espírita, as experiências se multiplicaram e os observadores sérios descobriram que os fatos novos eram produzidos por inteligências que viviam uma existência diferente da nossa. Dessa certeza nasceu o desejo de estudar tão curiosas manifestações, e, com documentos recolhidos em toda parte, Allan Kardec, compôs *O Livro dos Espíritos* e, mais tarde, *O Livro dos Médiuns*, que são o indispensável às pessoas desejosas de se iniciarem nessas novas práticas. O grande filósofo que os escreveu, imprimiu vigoroso impulso a tais investigações, e à sua dedicação infatigável, pode-se dizer, é que se deve a propagação tão rápida dessas consoladoras verdades.

O segundo período, que se estende de 1869 até nossos dias, é caracterizado pelo movimento científico, que se voltou para as manifestações dos Espíritos. A Inglaterra, a Alemanha, a América parecem caminhar de acordo nessas pesquisas. Já os mais autorizados sábios desses países proclamam alto a realidade dos fenômenos espiritistas e, dentro em pouco, o mundo inteiro se associará a esses nobres trabalhos, que têm por fim arrancar-nos à crença degradante do materialismo. Já veremos os documentos em que se estriba nossa afirmação.

Passou o tempo em que se podia, *a priori*, repelir as nossas idéias sem lhes dar a honra de as discutir; hoje, o Espiritismo se impõe à atenção pública. É preciso que os absurdos preconceitos que o acolheram no berço desapareçam diante da realidade. É necessário saber que, longe de serem visionários, de possuírem cérebro oco, os espiritistas são observadores frios e metódicos, que só relatam os fatos bem observados.

Força é que se convençam de que muitos milhões de homens não são vítimas de uma loucura contagiosa; que, se crêem, é porque a doutrina lhes oferece os mais dignos ensinamentos, porque

abre ao espírito os mais vastos horizontes. Convém, enfim, que se deixem de lado as fáceis zombarias empregadas há vinte e cinco anos nos jornalecos, e que nem mesmo fazem rir os que os editam. A nova ciência que ensinamos não consiste, somente, no movimento de uma mesa, porque, tão grande é a distância que vai destes modestos ensaios às suas conseqüências, quão a maçã de Newton à gravitação universal.

Convidamos os homens de boa-fé a fazerem pesquisas sérias, pedimos-lhes que meditem nos ensinamentos de nossa filosofia e eles se convencerão de que nas nossas explicações nunca inter-vém o sobrenatural.

O Espiritismo repele o milagre com todas as forças. Faz de Deus o ideal da justiça e da ciência; diz que o Criador do Mundo, tendo estabelecido leis que exprimem seu pensamento, não pode derogá-las, pois que elas são a obra da razão suprema e é impossível qualquer infração a essas leis. Os fatos espíritas podem ser todos, senão explicados, pelo menos compreendidos com os dados da ciência atual, o que demonstraremos no fim desta obra.

A parte espiritual do homem foi desprezada pelos sábios; seus trabalhos versavam tão-só sobre o corpo e eis que os Espíritos invadem a Ciência que os havia desdenhado.

Histórico

Narremos sucintamente como se produziram os fatos.

Pancadas, de que não se podia adivinhar a causa, se fizeram ouvir pela primeira vez em 1846, na casa de um tal Veckmann, numa pequena aldeia chamada Hydesville, não longe da Arcádia, no Estado de Nova York.

Nada foi desprezado para descobrir-se o autor dos ruídos misteriosos; mas tudo resultou inútil. Uma vez, também, durante a noite, a família acordou com os gritos da mais jovem das filhas, de oito anos de idade, que assegurou ter sentido qualquer coisa como uma mão que tivesse percorrido o leito e, enfim, passado sobre o seu rosto, o que se dera em muitos outros lugares em que as pancadas se fizeram ouvir.

Desde esse momento nada mais se manifestou, durante seis meses, quando a família deixou a casa, que passou a ser habitada por um metodista, John Fox e sua família, composta de mulher e duas filhas. Durante três meses ele aí viveu tranqüilamente; depois as pancadas recomeçaram com maior intensidade.

A princípio eram ruídos ligeiros, como se alguém batesse no assoalho de um dos quartos de dormir, que vibrava a cada ruído; as pessoas deitadas percebiam a vibração e a comparavam à ação produzida pela descarga de uma bateria elétrica. As pancadas se faziam ouvir sem interrupção e não era possível dormir na casa; durante toda a noite esses ruídos leves, vibrantes, manifestavam-se suavemente, mas sem cessar.

Fatigada, inquieta, sempre à espreita, a família decidiu-se, enfim, a chamar os vizinhos para auxiliá-la a descobrir a chave do enigma. Desde então, as pancadas misteriosas detiveram a atenção de todos.

Colocavam na casa grupos de seis ou oito indivíduos, ou então saíam todos, e o agente invisível batia sempre. A 31 de março de 1845, não tendo podido a Senhora Fox e suas filhas dormir na noite precedente, já exaustas, deitaram-se, cedo, no mesmo quarto, esperando, assim, escapar às manifestações que se produziam, ordinariamente, alta noite. O Senhor Fox estava ausente. Mas as pancadas recomeçaram logo e as duas moças, despertadas pelo ruído, puseram-se a imitá-lo, fazendo estalar os dedos. Viram, com grande espanto, que as pancadas respondiam a cada estalo; então, a mais jovem, miss Kate, quis verificar este fato surpreendente: ela deu um estalo, ouviu-se uma pancada, dois, três... e o ser ou agente invisível respondia sempre com o mesmo número de pancadas. A irmã, gracejando, disse:

– Agora, faça como eu, conte um, dois, três, quatro... – e batia na mão o número indicado.

As pancadas se seguiram com a mesma precisão, mas, como a mais moça das meninas se alarmasse com este sinal de inteligência, ela cessou logo a experiência.

Disse, então, a Sra Fox:

– “Conte dez” – e imediatamente dez golpes se fizeram ouvir.

Ela acrescentou: – “Quer dizer a idade de minha filha Catarina?”

E as pancadas indicaram o número de anos que tinha essa criança.

Perguntou depois a Senhora Fox se era um ser humano o autor das pancadas. Não houve resposta.

Disse ela ainda: – “Se é um espírito dê duas pancadas.” Imediatamente elas se fizeram sentir.

– “Se é um espírito a quem fizeram mal, responda da mesma forma.” – E as pancadas foram ouvidas.

Tal foi a primeira conversa estabelecida nos tempos modernos e verificada entre os seres deste e do outro mundo. Assim chegou a Senhora Fox a saber que o Espírito que lhe respondia fora o de um homem assassinado, havia muitos anos, na casa que ela habitava; que se chamara Charles Ryan; que era caixeiro viajante, e tinha 31 anos de idade quando a pessoa que o hospedara o assassinou para tirar-lhe o dinheiro.

Perguntou a Senhora Fox, ao interlocutor invisível, se as pancadas continuariam a dar respostas, caso ela chamasse os vizinhos. Fez-se ouvir uma pancada afirmativa.

Os vizinhos chamados não tardaram a chegar, contando rir à custa da família Fox; mas a exatidão dos pormenores fornecidos pelas pancadas, em resposta às perguntas dirigidas ao ser invisível, sobre os negócios particulares de cada um, convenceram os mais incrédulos. Espalhou-se longe a fama desses fatos e logo vieram de toda parte sacerdotes, juízes, médicos e uma multidão de pessoas.

A família Fox, que os autores das pancadas acompanhavam de casa em casa, acabou estabelecendo-se em Rochester, cidade importante do Estado de Nova York, onde milhares de pessoas vieram visitá-la e procuraram, em vão, descobrir se havia alguma impostura no caso.

O fanatismo religioso irritou-se com essas manifestações de além-túmulo, e a família Fox foi atormentada. A Senhora Hardinge, que se fez defensora do Espiritismo na América, conta

que nas sessões públicas dadas pelas filhas da Sra. Fox, correram elas os maiores perigos.

Nomearam-se três comissões para examinar os fenômenos e essas comissões afirmaram que a causa do ruído lhes era desconhecida. A última sessão pública foi a mais tempestuosa e, se não fora à dedicação de um qualquer, as pobres meninas teriam perecido, vítimas de sua fé, linchadas por uma multidão em delírio.

É triste ver que no século dezenove se encontraram homens bastante atrasados para renovar as cenas bárbaras das perseguições da Idade Média. Isto é tanto mais lamentável, quanto este exemplo de intolerância foi dado nas Américas, que se diz, entretanto, a terra de todas as liberdades.

A nova do descobrimento se espalhou rapidamente e houve em toda parte manifestações espirituais. Um cidadão, Isaac Post, teve a idéia de recitar o alfabeto em alta voz e convidar o Espírito a indicar, por meio de pancadas dadas no justo momento em que as pronunciasse, as letras que deviam compor as palavras que ele quisesse ditar. Nesse dia estava descoberta a telegrafia espiritual.

Para logo fatigou tão incômodo processo e os próprios bate-dores indicaram novo modo de comunicação. Bastava, simplesmente, se reunirem as pessoas em torno de uma mesa, porem as mãos em cima, e a mesa, levantando-se, enquanto se soletrasse o alfabeto, daria uma pancada no justo momento que se pronunciasse cada uma das letras que o Espírito quisesse designar. Este processo, apesar de muito lento, produziu excelentes resultados, e assim apareceram as mesas girantes e falantes.

É preciso dizer que a mesa não se limitava a levantar-se num pé, para responder às perguntas que lhe faziam: agitava-se em todos os sentidos, girava sob os dedos dos experimentadores, algumas vezes se elevava no ar, sem que se pudesse ver a força que a mantinha assim suspensa. Outras vezes, as respostas eram dadas por estalos, que se ouviam no interior da madeira. Esses fatos estranhos atraíram a atenção geral e, em breve, a moda das mesas girantes invadiu toda a América.

A par dos levianos, que viviam a interrogar os Espíritos sobre a pessoa mais amorosa da sociedade ou sobre um objeto perdido, pessoas sérias, sábias, pensadores, em vista do ruído que se fazia em torno desses fenômenos, resolveram estudá-los cientificamente, a fim de premunirem seus concidadãos contra o que chamavam de *loucura contagiosa*.

Em 1856, o juiz Edmonds, jurisconsulto eminente, que gozava incontestável autoridade no Novo Mundo, publicou um livro em que afirmava a realidade dessas surpreendentes manifestações. Mapes, professor de química, na Academia Nacional dos Estados Unidos, entregou-se a rigorosa investigação e concluiu pela intervenção dos Espíritos.

O que produziu, porém, o maior efeito, foi à conversão às novas idéias de Robert Hare, célebre professor da Universidade de Pensilvânia, que estudou cientificamente o movimento das mesas e consignou suas experiências, em 1856, num volume intitulado – *Experimental investigations of the spirit manifestation*.

Empenhou-se, desde então, a batalha entre incrédulos e crentes. Escritores, sábios, oradores, eclesiásticos lançaram-se na peleja, e para dar uma idéia do desenvolvimento da polêmica, basta lembrar que, já em 1854, uma petição, assinada por 15.000 nomes, tinha sido apresentada ao Congresso, solicitando que se nomeasse uma comissão, a fim de estudar o neo-espiritualismo (é este o nome que, na América, se dá ao Espiritismo).

O pedido foi repellido pela Assembléia, mas estava dado o impulso; surgiram sociedades que fundaram periódicos e neles se continuou à guerra contra os incrédulos.

Enquanto esses fatos se produziam no Novo Mundo, a velha Europa não ficava inativa. As mesas girantes tornaram-se uma interessante atualidade e nos anos de 1852 e 1853 muitos, em França, se ocuparam em fazê-las girar. Em todas as classes sociais só se falava dessa novidade; fazia-se a todos essa pergunta sacramental: já fez girarem as mesas? E depois, como tudo que é moda, após o momento de interesse, as mesas deixaram de ocupar a atenção e tratou-se de outros assuntos.

Aquela mania teve, entretanto, um resultado importante, o de fazer muitas pessoas refletirem sobre a possibilidade da relação entre mortos e vivos. Pela leitura se descobriu que aquilo que se chama a crença no sobrenatural era tão antiga como o Globo.

A história de Urbano Grandier e das religiosas de Loudun, dos tremedores das Cevenas, dos convulsionários jansenistas, provaram que muitos fatos históricos mereciam ser esclarecidos, e, para citar apenas os mais célebres, o demônio de Sócrates e as vozes de Joana d'Arc, que a levaram a salvar a França, são ainda mistérios para os sábios. Em vão, Lélut quis assemelhar a heróica Lorena a uma alucinada; desejar-lhe-íamos idêntica moléstia, a fim de que se lhe esclarecesse o juízo.

A narrativa da possessão de Louviers, a história dos iluminados martinistas, dos swedenborguenses, das estigmatizadas do Tirol e, há apenas 50 anos, a do padre Gassner e da vidente de Prevorst, conduziram os homens sérios a examinar os fenômenos novos. Comparou-se o Espírito de Hydesville ao que revolucionou o presbitério de Cydeville; uma teoria geral nasceu do exame de todos esses fatos; ela está exposta nas obras de Allan Kardec.

As mesmas cóleras que acompanharam as manifestações espirituais na América renovaram-se em França. Os jornais, as revistas científicas e as Academias esgotaram os sarcasmos para com a nova doutrina. Chamavam, gratuitamente, os seus partidários, de loucos, idiotas, impostores. Acusavam-nos de querer fazer voltar o mundo aos maus dias da superstição da Idade Média; pedia-se, mesmo, aos tribunais, que impedissem a exploração vergonhosa da credulidade pública. Os padres trovejavam do alto do púlpito contra os fenômenos espiritistas, que eles diziam ser obra do diabo. Enfim, como remate, o arcebispo de Barcelona mandou queimar em praça pública as obras de Allan Kardec, por contaminadas de feitiçaria!

Dir-se-ia que sonhamos ao ler tais coisas; infelizmente elas são bem verdadeiras e mostram como são ainda rotineiros os homens, apesar do magnífico surto de progresso que determinou o movimento científico moderno. É preciso uma doutrina como a nossa, que brilha por sua simplicidade e sua lógica, para condu-

zir os Espíritos às grandes verdades que se chamam Deus e a alma. Nossa filosofia, em sua forma primitiva, sintetiza as crenças mais elevadas dos pensadores, mas ela tem a mais por si o fato, que se impõe por si mesmo, como o Sol, o rei do dia.

É dever nosso afastar de nossas experiências qualquer suspeita. Indispensável é que procuremos destruir as prevenções e mostrar como são falsas, mesquinhas e incompletas, comparadas às nossas, as explicações aventadas para os fenômenos espíritas.

É o que faremos facilmente nas páginas seguintes, ao examinar as objeções que nos têm sido opostas. Antes, porém, descrevamos o movimento espiritualista que se produziu na Inglaterra e na Alemanha, e se verá quantos homens de ciência são espíritas convencidos.

Na França a opinião pública habituou-se a confiar inteiramente em algumas sumidades literárias ou científicas, quanto aos seus julgamentos sobre os homens e as coisas, de sorte que, se essas notabilidades têm qualquer interesse em enterrar uma questão, a maior parte do público as acompanha e faz-se o silêncio, o vazio em torno das matérias em litígio. É para protestar contra esse ostracismo, que reproduzimos as afirmativas de sábios da Grã-Bretanha; ver-se-á quanto esses homens íntegros pouco se inquietaram do que se diria e com que honestidade enérgica proclamaram sua opinião, solidamente baseada nos fatos.

Comecemos por citar as memoráveis palavras pronunciadas por William Thompson, no discurso inaugural, lido em 1871, na Associação Britânica de Edimburgo: “A Ciência é obrigada, pela eterna lei da honra, a encarar de face, e sem temor, qualquer problema que lhe seja francamente apresentado.”

São nobres sentimentos, partilhados por grande número de homens de ciência. Caminha à frente, William Crookes, químico eminente, a quem se deve o descobrimento do tálium, e que, em Westminster, demonstrou a existência de um quarto estado da matéria, que chamou, segundo Faraday, de matéria radiante.

Para que compreendamos a grandeza do descobrimento, escutemos os elogios com que lhe saudaram a aparição:

“Dora em diante, as experiências do sábio inglês, para sempre ilustre, estabelecem problemas que se relacionam com a natureza mais íntima das coisas e abrem à imaginação científica horizontes de que ela mal começa a perceber os esplendores. – *Edmond Perrier.*”

Parville, em seu folhetim científico, qualifica de grandioso aquele descobrimento e anuncia que ele vai revolucionar as teorias atuais.

Enfim, Wurtz, o conhecido químico, assim se pronuncia na *Revue des Deux Mondes*:

“O ilustre inventor do radiômetro penetra num domínio até então completamente desconhecido, que, marcando o limite das coisas que se sabem, toca nas que se ignoram e que, talvez, nunca se venham a saber.”

Esse químico ilustre, esse físico de gênio, Crookes, submeteu a estudo as manifestações espíritas, não com idéias preconcebidas, mas com o desejo firme de instruir-se e de só apoiar o seu julgamento na evidência. Diz ele:

“Em presença de semelhantes fenômenos, os passos do observador devem ser guiados por uma inteligência tão fria e pouco apaixonada, quanto os instrumentos de que faz uso. Tendo a satisfação de compreender que está na trilha de uma verdade nova, esse único objetivo deve animá-lo a prosseguir, sem considerar se os fatos que se lhe apresentam são naturalmente possíveis ou não.”

Com tais idéias, começou ele seus estudos sobre o Espiritismo; duraram perto de 10 anos e foram publicados com o título *Recherches sur les phénomènes du Spiritualisme*, traduzido do inglês por J. Alidel.

Nesse livro, ele declara lealmente os resultados do seu inquérito, tal como se lhe apresentaram; não contente do testemunho dos sentidos, construiu instrumentos delicados, que medem matematicamente as ações espirituais. Longe de temer o ridículo, Crookes assim responde aos que o induziam a dissimular a fé, por não se comprometer:

“Tendo-me assegurado da realidade desses fatos, seria uma covardia moral recusar-lhes meu testemunho, só porque minhas precedentes publicações foram ridicularizadas por críticos e pessoas que nada conhecem do assunto, além de cheios de preconceitos para verem e julgarem por si próprios. Direi, simplesmente, o que vi e que me foi demonstrado por experiências repetidas e fiscalizadas, e preciso ainda que me provejam não ser razoável o esforço por descobrir a causa dos fenômenos inexplicados.”

Eis a linguagem da verdadeira ciência e da honestidade; possam aproveitá-la nossos sábios franceses.

Poder-se-ia acreditar que Crookes é uma brilhante exceção; seria erro grosseiro supô-lo, e se afirmação de tal homem é inestimável para a nossa causa, ainda é ela aumentada, consolidada pela de outros sábios, que se deram ao trabalho de estudar o Espiritismo.

Citaremos, em primeiro lugar, Cromwell Varley, engenheiro chefe das companhias de telegrafia internacional e transatlântica, inventor do condensador elétrico. É ainda um físico, cuja assertiva não é menos nítida que a de Crookes. Ele fez experiências em *sua casa*, com as mais rigorosas condições de fiscalização, e sua convicção é absoluta. Termina uma carta sua dizendo:

“Não fazemos mais do que estudar o que foi objeto das pesquisas dos filósofos, há dois mil anos; se uma pessoa bem versada no conhecimento do grego e do latim, ao mesmo tempo a par dos fenômenos que, em tão grande escala, se produzem, desde 1848, quisesse traduzir cuidadosamente a escrita daqueles grandes homens, o Mundo logo saberia que tudo o que se passa agora é nova edição de velha face da história; estudada por espíritos ousados, chegou ela a um grau que diz bem alto do crédito desses velhos sábios clarividentes, porque se elevaram acima dos acanhados preconceitos do século e, ao que parece, estudaram o assunto em proporções, que, sob vários aspectos, ultrapassam, de muito, nossos conhecimentos atuais.”

Como se vê, químicos e físicos não recusam adesão ao Espiritismo. Outro sábio, célebre naturalista, que descobriu, ao mesmo tempo em que Darwin, a lei de seleção, Alfred Russel Wallace, faz também profissão de fé espírita, em carta dirigida ao *Times*, que nós relataremos ao expor os fatos sobre os quais se baseia nossa convicção. Narremos somente em que condições ele foi levado a ocupar-se com as manifestações dos Espíritos.

Existe em Londres, independentemente da Sociedade Real, que é a Academia de Inglaterra, um grêmio de sábios – a Sociedade Dialética; conta ela homens notáveis como Thomas H. Huxley, Sir John Lubbock, Henry Lewes e outros.

Esta sociedade resolveu, em 1869, estudar os pretendidos fenômenos espíritas, a fim de esclarecer o público.

Nomeou-se uma comissão de 30 membros e, 18 meses depois, apresentou ela o seu relatório, inteiramente favorável às manifestações espíritas. Segundo o hábito, a Sociedade, vendo suas idéias desmentidas pelos fatos, recusou imprimir as conclusões dos seus comissários. Assim, também a Academia de Medicina repeliu o trabalho de Husson sobre o magnetismo animal, o que prova que as corporações sábias são as mesmas em todos os países; elas se compõem de ilustres mediocridades, que empenam, aterrorizadas, diante de todas as novidades.

Quando uma novidade, como o Espiritismo, se manifesta de maneira anormal e força a atenção pública, pela singularidade dos seus processos, logo se eleva um clamor de reprovação e procura-se sufocar oficialmente as teorias que tiveram a irreverência de produzir-se fora dos laboratórios diplomados desses senhores.

Felizmente, para honra do gênero humano, encontram-se ainda homens que não recuam diante da verdade e Wallace é desse número. Membro da junta de investigação, pôde observar uma série de fatos que o convenceram, e publicou um livro, *Miracle and modern Spiritualism*, onde suas experiências são relatadas por extenso.

Faz ele precisamente notar que, no seio da comissão, o grau de convicção produzida no espírito dos diversos membros foi,

tendo-se em conta a diferença dos caracteres, proporcional à soma do tempo e dos cuidados empregados na investigação. Isto nos leva a dizer que quem quiser experimentar seriamente e consagrar alguns meses ao estudo do Espiritismo, chegará certamente a convencer-se.

Na França, porém, quer-se aparentar tudo saber e tudo conhecer sem jamais ter-se estudado. Vejamos uma prova:

Um deputado, o Senhor Naquet, anunciou, há alguns anos, que iria fazer uma conferência sobre o Espiritismo e seus adeptos. Esperava-se do eloqüente orador uma refutação em regra, apoiada em bons argumentos. Não houve nada disso; limitou-se ele a reeditar os lugares comuns, já fora da moda, e levou a audácia a ponto de dizer que nenhum homem de certa notoriedade se havia ocupado do assunto. Levantou-se, então, uma senhora e lhe fez chegar às mãos a lista dos sábios estrangeiros que haviam publicado obras sobre o Espiritismo. Naquet confessou ingenuamente sua ignorância.

Diante de tais fatos não será tempo de reagir? Como! Sábios, conferencistas pretendem destruir o que chamam nossas superstições, e não estão sequer ao corrente dos trabalhos publicados sobre o Espiritismo! É verdadeiramente triste constatar tal presunção aliada a tanta incúria!

Podemos ainda citar na Inglaterra, entre os adeptos do novo espiritualismo, alguns homens eminentes: Augusto de Morgan, presidente da Sociedade Matemática de Londres; Oxon, professor da Faculdade de Oxford; P. Barkas, membro do Instituto Geológico de Newcastle, e o professor Tyndall, autor de notáveis estudos físicos. Todos se tornaram espiritistas, depois de verificarem *de visu* as manifestações dos Espíritos.

Deixamos, propositadamente, de falar dos magistrados, dos publicistas, dos médicos que trataram da matéria, não que seus testemunhos sejam destituídos de valor, mas para conservar em nossas citações o caráter eminentemente científico.

Depois da enumeração de tantos nomes ilustres, podemos sorrir da ingênua pretensão dos que, sem estudos preliminares, querem repelir o Espiritismo, tendo-o como vulgar superstição,

ou melhor, como “uma sandice de mundo nascente”, na opinião graciosa de Dupont White, reproduzida por Jules Soury.

Se há sandice, estamos em boa companhia, porque a estudiosa Alemanha nos oferece, também, respeitável contingente. Vemos, à frente, o ilustre astrônomo Zöllner que, em suas memórias científicas, narra as experiências que fez com Ulrici, professor de filosofia do maior valor; Weber, célebre fisiologista, Fechner, professor da Universidade de Leipzig, com Slade, o médium americano.

Ressalta desses estudos e das experiências conscienciosas instituídas por esses sábios, não só que as manifestações espíritas são reais, como são dignas, ainda, no mais alto grau, de atrair a atenção dos cientistas.

Na França, pelas razões supracitadas, não contamos em nossas fileiras tantas notabilidades oficiais, mas os nomes de Flammarion, Victor Hugo, Sardou, Girardin, de Vacquerie, de Louis Jourdan, de Maurice Lachâtre e de outros têm algum valor e formam belo contingente, no qual Dupont White e Jules Soury não poderão encontrar, jamais, lugar.¹¹

II

As teorias dos incrédulos e o testemunho dos fatos

Enunciaram-se, a propósito das mesas girantes e do Espiritismo, os mais contraditórios juízos. Entre os mais severos, encontra-se Bersot, que já vimos tão bem informado sobre o magnetismo. Se ele admite, ainda, certas partes do mesmerismo, do Espiritismo não quer ouvir falar. Ouçamo-lo:

“Enfim, o Espiritismo, é preciso dizê-lo claramente, explica-se por causas muito naturais: ilusão, trapaçaria, credulidade. Como se não fosse bastante a fraqueza da razão, opuseram-lhe o coração humano, e aqui nos dividimos entre a indignação contra os que zombam desses sagrados sentimentos e a simpatia pelos que assim se deixam enganar.”

Como se vê, não é benigno o nosso crítico; não somos, simplesmente, estúpidos, devemos ser velhacos.

Para dar formal desmentido às imputações caluniosas, vamos examinar cuidadosamente os fatos, não os que temos observado, que não seriam bastante convincentes, mas os narrados pelos sábios de que falamos. Citaremos muitas vezes Wallace e Crookes, homens cuja boa-fé, honestidade e valor intelectual respondem vitoriosamente às acusações de credulidade, trapaçaria ou ilusão, que, com tanta generosidade, nos prodigalizam os êmulos de Jules Soury.

Segundo certas lendas, é preciso, quando se quer fazer girar a mesa, que as pessoas estejam com os dedos em contacto e fixem, com ininterrupta atenção, o mesmo ponto do móvel. Isso é inteiramente inútil. Basta colocar as mãos, levemente, sobre a mesa, e esperar que se manifestem os movimentos. Ao fim de certo tempo, ouvem-se estalidos, indicando que o fenômeno vai produzir-se. Em dado momento, a mesa se ergue num dos pés e dá uma ou muitas pancadas; pode então ser interrogada pelo processo ordinário.

Os deslocamentos do móvel são, por vezes, violentos. Conta Eugène Nus, no livro encantador, intitulado *Choses de l'Autre*

Monde, como conseguiu, em companhia de amigos, fazer com que a mesa girasse:

“Trouxemos para o meio do quarto uma pesada e maciça mesa de jantar; assentamo-nos em torno, aplicamos as mãos, esperamos seguindo as formalidades e, depois de alguns minutos, ela oscila sob nossos dedos.

– Quem é o gracejador?

Todos protestam inocência, mas cada um desconfia do vizinho, quando, de repente, a mesa se levanta em dois pés. Desta vez não há dúvida possível. Ela é bastante pesada para que o esforço, mesmo aparente, possa incliná-la assim.

Além disso, como para zombar de nós, permanece imóvel, em equilíbrio, nas duas pernas de trás, formando com o assoalho um ângulo quase reto, e resiste sob os braços que a querem fazer voltar à posição natural, o que conseguem, enfim, depois de enérgico esforço.”

“Nós nos olhávamos espantados” – acrescenta o autor; devemos fazer notar que esse espanto muito natural foi partilhado por Babinet, ao ver uma mesa elevar-se no ar, sem que alguém a tocasse.

Lemos, com efeito, na *Revue Spiritualiste* de 1868:

“Um fato notável e de grande importância para as idéias que representamos acaba de produzir-se em Paris. O ilustre sábio Babinet, apresentado a Montet, foi testemunha da ascensão de uma mesa, isolada de todo contato. O acadêmico ficou por tal forma surpreendido, que não pôde deixar de exclamar: – É assombroso!

Sabemos isto de várias testemunhas de vista, entre as quais o honrado General Barão de Brévern, que nos autorizou a dar desse fato e dessa palavra a garantia do seu nome. Ele está pronto a renovar seu testemunho a quem o quiser e diante de quem quer que seja.”

As mesas manifestam sinais de inteligência, ora batendo com um pé certo número de vezes, ora fazendo ouvir na madeira pequenos estalos quando se pronuncia a letra que o Espírito quer designar. Pode-se assim estabelecer uma conversa.

Não se presume que a mesa é um móvel indispensável e que o Espírito se venha alojar na madeira, como se tem dito. Qualquer objeto pode servir a esse gênero de fenômeno, e se escolheu a mesa por ser mais cômoda que qualquer outro instrumento, quando são muitos a experimentar.

Nesse estudo, seguiremos William Crookes, que catalogou os fenômenos, passando dos mais simples aos mais complexos. Salvo as raras exceções, que ele indica, os fatos se produziram em sua casa, à luz, em presença do médium e de alguns amigos.

1 - Movimento de corpos pesados com contato, mas sem esforço mecânico

“É um dos fenômenos mais simples que observei. Ele varia desde os abalos num quarto e no seu mobiliário até a ascensão de um corpo pesado, quando a mão está em cima.

Pode-se objetar a isso que quando se toca um objeto em movimento, é possível puxá-lo, impeli-lo, ou levantá-lo: *Provei pela experiência* que, em numerosos casos, isso não podia suceder; mas, como elementos de prova, ligo pouca importância a essa classe de fenômenos e só os menciono como preliminares a outros movimentos do mesmo gênero, porém, produzidos sem contato.”

2 – Fenômenos de percussão e outros sons da mesma natureza

“O nome popular de pancadas dá uma idéia muito falsa desse gênero de fenômenos. Por diferentes vezes, em nossas experiências, ouvi sons delicados, que se diriam produzidos pela ponta de um alfinete; uma cascata de sons intensos como os de uma máquina de indução, em pleno movimento; detonações no ar, ligeiros ruídos metálicos, agudos; crepitações como as que se ouvem quando uma máquina de atrito está em ação; sons que se assemelham a raspagens, gorjeios como de pássaro...

Esses ruídos, que observei com quase todos os médiuns, têm cada um suas particularidades especiais. Com Home são mais variados; mas, quanto à intensidade e à regularidade não

encontrei ninguém que se pudesse comparar a Kate Fox. Durante muitos meses, tive o prazer, em inúmeras ocasiões, de verificar os variados fenômenos que ocorriam em presença dessa senhora, e foram esses ruídos que estudei particularmente.

Com outros médiuns, é geralmente necessário, para a regularidade da sessão, que todos se sentem antes que os ruídos se façam ouvir; mas em relação à Srta. Fox, basta colocar-lhe a mão, não importa em que, para que se escutem sons vigorosos, como um choque tríplice e algumas vezes com força suficiente para serem percebidos através de vários aposentos.

Ouvi-os em uma árvore viçosa, em uma vidraça, num fio de ferro estendido, numa membrana esticada, num tamboril, na cobertura de um cabriolé e no assoalho de um teatro. Ainda mais, o contato imediato não é sempre necessário; percebi os ruídos saindo do soalho, das paredes, quando a médium tinha pés e mãos ligados, quando em pé numa cadeira, quando ela se encontrava num balanço suspenso do teto, quando estava encerrada numa gaiola de ferro, e quando em síncope, num canapé. Ouvi-os numa harmônica, senti-os em meus ombros e em minhas mãos. Ouvi-os numa folha de papel segura entre os dedos e suspensa pela extremidade de um fio que passava pelo canto dessa folha. Tinha conhecimento das teorias expostas, sobretudo na América, para explicar esses sons. Experimentei-os por todas as formas que pude imaginar, até que não houve como fugir à convicção de que eram reais e que não se produziam pela fraude ou por meios mecânicos.”

Notar-se-á a persistência, o escrúpulo com que o sábio inglês examinou o fenômeno em todas as suas faces. Depois de numerosas observações, chegou à conclusão de que se produzem pancadas, ruídos, rangidos que não se podem atribuir à fraude, ou a meios mecânicos, imaginados pelo embuste. Estes ruídos, estas pancadas bizarras precisam ser estudados; são de natureza particular e sua singularidade atrai forçosamente a atenção.

Por isso, desde que eles foram verificados, assim como os movimentos da mesa, sábios notáveis, como Faraday, Babinet, Chevreul procuraram explicá-los por hipóteses mais ou menos

racionais; não lhes era fácil, porque a ciência, que repeliu com tanto desdém o fluido magnético, não podia aqui lhe arranjar um papel.

A fim de sair do embaraço, Faraday fez muitas experiências para demonstrar que a aderência dos dedos à superfície da mesa era condição do seu movimento, porque, dizia ele, uma vez estabelecida esta aderência, as trepidações nervosas e musculares dos dedos acabam por se tornar bastante potentes para imprimir um movimento à mesa.

É isto verdade? – responde Crookes que não, e prova-o.

Imaginou ligar a extremidade de uma comprida tábua a uma balança muito sensível, enquanto a outra extremidade repousava em alvenaria. Destarte, a balança indicava certo peso, de que se tomou nota. O médium pôs as mãos na parte da tábua sobre a alvenaria, por forma que qualquer pressão faria levantar a tábua, o que logo seria visto pela diminuição de peso, que a balança acusaria. Em vez disso, a tábua abaixou com uma força de seis libras e meia. Home, o médium, para provar que não exercia pressão, colocou sob os dedos uma frágil caixa de fósforos, e o mesmo fato se reproduziu. Nesta última circunstância, qualquer aderência dos dedos seria destruída e, ainda que se desse, perturbaria, em vez de favorecer o fenômeno.

Faz ainda notar Crookes, que não publicou suas observações, senão depois de haver visto os fatos se produzirem uma *meia dúzia de vezes*, de forma a bem verificá-los.

Para tirar à teoria da aderência qualquer probabilidade, o sábio químico construiu um segundo aparelho, tendo idêntico princípio, mas no qual o contato se produzia por meio d'água, de modo que houvesse impossibilidade absoluta de transmitir-se à prancha qualquer movimento mecânico. Notou, aliás, que a balança acusava, muitas vezes, aumento de peso, quando Home conservava as mãos *muitas polegadas acima do aparelho*. A hipótese de Faraday é, pois, absolutamente falsa.

Babinet encontrou uma outra hipótese, ou melhor, formulou a mesma que Faraday, mas em outros termos.

Segundo ele, os deslocamentos da mesa eram produzidos por movimentos *nascentes e inconscientes*, isto é, que, involuntariamente, as pessoas reunidas em torno da mesa lhe comunicariam, de maneira automática, certos movimentos.

Estabeleceu ele esta teoria antes de ter observado todos os casos que se podem apresentar, pois que a elevação de um *móvel sem contato* é inexplicável pelo seu método. De mais, a experiência de Crookes, citada acima, reduz a nada essas pseudo-explicações.

Chevreul, o químico, não foi mais feliz em suas tentativas. Publicou uma brochura intitulada *La baguette divinatoire et les tables tournantes* – na qual expõe os princípios seguintes:

- 1º- Um pêndulo em ação, suspenso ao lado de uma parede, comunica seu movimento de oscilação a um segundo pêndulo suspenso do outro lado da parede.
- 2º- A fricção produzida na extremidade de uma barra de ferro faz vibrar a outra extremidade.
- 3º- A resultante das forças digitais de muitas pessoas, que atuam lateralmente, pode vencer a inércia da mesa.

Como se vê, é sempre a mesma teoria, sob nomes diversos. Aderência, movimentos nascentes ou oscilação do pêndulo, são hipóteses que repousam numa ação puramente física, por parte das pessoas que experimentam. Ora, nas citadas experiências de Crookes, é impossível atribuir o fenômeno a tais causas; força é pois concluir que, até então, a Ciência que não admite o fluido magnético é incapaz de indicar a força que produz esses fatos extraordinários.

É preciso, agora, examinar uma segunda categoria de observadores, que vêem no movimento das mesas efeitos magnéticos que se exercem de maneira desconhecida.

Acha-se entre estes Thury, professor da Academia de Genebra, e Gasparin, que publicaram obras cheias de observações curiosas; põem elas fora de dúvida a existência dos fenômenos, independentemente de ação material, por parte dos operadores. Segundo Thury, os fatos verificados são devidos à influência de uma força que ele chama *ectênica*, exercida a distância, e que

pode produzir, sob a influência da vontade, ruídos e deslocamentos de objetos, e, por conseqüência, manifestar inteligência. Gasparin é dessa opinião.

Deixemos a palavra aos fatos, porque, como o diz Alfred Wallace, “são eles coisas teimosas”.

Declara Crookes, em seguimento às suas notas sobre as pancadas:

“Questão importante se impõe aqui à nossa atenção: *Esses movimentos e esses ruídos são governados por uma inteligência?* Desde o princípio de minhas investigações, verifiquei que o poder causador desses fenômenos *não era simplesmente uma força cega*; uma inteligência o dirigia ou, pelo menos, lhe estava associada. Assim, os ruídos de que acabo de falar foram repetidos um determinado número de vezes; tornaram-se fortes ou fracos e, a meu pedido, ressoaram em diversos lugares. Por um vocabulário de sinais, previamente convencionados, houve resposta a perguntas feitas e mensagens apresentadas, com maior ou menor exatidão.”

Até aqui os partidários da força ectênica ou psíquica (é a mesma coisa), podem em rigor explicar esses fenômenos. Podem dizer que, quando se deseja vivamente alguma coisa, projeta-se uma espécie de descarga nervosa que produz os ruídos desejados. Tal suposição é dificilmente admissível, quando se obtêm “gorjeios de pássaros”; passemos sobre essa improbabilidade e vamos verificar, sempre com Crookes, que se produz outro gênero de ação:

“A inteligência que governa esses fenômenos é, algumas vezes, manifestamente inferior à do médium e, *muitas vezes, em oposição direta com seus desejos*. Quando se tomava uma determinação que podia ser considerada como pouco razoável, vi darem-se instantes mensagens, induzindo-nos a refletir de novo. Essa inteligência é, por vezes, de tal caráter que *somos forçados a crer que não emana de nenhum dos presentes*.”

Esta última frase destrói a teoria de Thury, porque, se a força nervosa não é dirigida pela vontade do operador e dos especta-

res, é preciso admitir uma inteligência estranha, isto é, a intervenção dos Espíritos.

É incontestável, evidentemente, que se a mesa dá respostas sobre assuntos desconhecidos dos assistentes ou contrários aos seus pensamentos, não é deles que partem as respostas. Como é preciso, porém, que elas sejam dadas por alguém, atribuímo-las a uma inteligência oculta que vem manifestar-se.

Essa concepção não é uma invenção humana, porque, sempre que se manifestava uma inteligência e se lhe perguntava quem era, ela constantemente respondia ser a alma de uma pessoa que habitara na Terra. Para bem compreender-se à maneira como se passam os fenômenos, urge fazer a narrativa de uma sessão de evocação.

Pode parecer ridículo colocar-se alguém diante de uma mesa e acreditar que um dos seus finados parentes venha conversar por meio desse móvel. É isto, porém, uma verdade, e entre os milhares de fatos narrados pelos mais honoráveis homens de ciência citaremos a seguinte carta de Alfred Wallace, não só por ser particularmente probante, como porque o autor está acima de qualquer suspeita.

Carta de Alfred Russel Wallace ao editor do *Times*.

“Senhor. Apontado por muitos de vossos correspondentes como um dos homens de ciência que crêem no Espiritismo, seja-me permitido estabelecer, ligeiramente, as provas sobre as quais se funda minha crença.

Comecei minhas investigações há cerca de oito anos, e considero circunstância feliz para mim que os fenômenos maravilhosos fossem, nessa época, menos comuns e muito menos acessíveis que hoje; isto me levou a experimentá-los em larga escala, na minha casa e em companhia de amigos, nos quais podia confiar.

Tive, assim, a satisfação de demonstrar, com o auxílio de grande variedade de experiências rigorosas, a existência de ruídos e movimentos *que não podem ser explicados por nenhuma causa física conhecida ou concebível*.

Assim, familiarizado com esses fenômenos, cuja realidade não deixa a menor dúvida, estive em condições de compará-los com as mais poderosas manifestações de médiuns de profissão e pude reconhecer a identidade de causa entre uns e outros, em vista de semelhanças não muito numerosas, mas bastante características.

Consegui igualmente obter, graças a paciente observação, provas certas da realidade de alguns fenômenos dos mais curiosos, que me pareceram e ainda me parecem dos mais concludentes. Os pormenores dessas experiências exigiriam um volume, mas talvez me fosse permitido descrever sucintamente uma delas, pelas notas tomadas no momento, a fim de mostrar, por um exemplo, como é possível evitar as fraudes de que o observador paciente é vítima, muitas vezes, sem o suspeitar.

Uma senhora, que nunca vira um desses fenômenos, pediu-nos, a minha irmã e a mim, que a acompanhássemos a um médium de profissão, bem conhecido Lá fomos e tivemos uma sessão particular, em plena claridade, por um dia de verão. Depois de grande número de movimentos e pancadas, como de hábito, nossa amiga perguntou se o nome da pessoa falecida, com quem desejava comunicar-se, podia ser soletrado. Sendo afirmativa a resposta, a senhora apontou, sucessivamente, as letras de um alfabeto impresso, enquanto eu anotava as que correspondiam às três pancadas afirmativas.

Nem minha irmã nem eu conhecíamos o nome que nossa amiga desejava saber, como ignorávamos o de seus defuntos pais; não pronunciara ela o próprio nome e nunca havia visto o médium antes.

Descreverei exatamente o que se passou, alterando apenas o nome da família, por não ter autorização para publicá-lo.

– As letras que notei foram: Y, R, N, E, H, N, O, S, P, M, O, H, T.

Pronunciadas as três primeiras letras, Y, R, N, disse minha amiga: *é um contra-senso, seria melhor recomeçar*. Justo, nesse instante, seu lápis estava na letra E, e as pancadas fo-

ram dadas. Veio-me uma idéia (tinha lido um fato semelhante, sem ter sido nunca testemunha), e disse: – *Peço que continue; penso saber o que isto quer dizer.*

Quando minha amiga acabou de soletrar, apresentei-lhe o papel; ela não viu sentido nenhum. Fiz uma divisão depois da primeira letra H, e pedi à senhora que lesse as duas partes, às avessas. Com grande espanto seu, surgiu, corretamente escrito, o nome Henry Thompson, que era o de seu filho morto e de quem ela queria informações. Justamente, por essa época, eu ouvira falar, à saciedade, da destreza maravilhosa da médium no apanhar as letras do nome que os visitantes enganados esperavam, apesar do cuidado que tinham em passar o lápis nas mesmas, com perfeita regularidade.

Essa experiência (de que garanto a exata descrição feita no relato precedente), era e é, a meu ver, a refutação completa de todas as explicações apresentadas até aqui sobre os meios empregados para indicar, por pancadas, os nomes das pessoas falecidas.

Sem dúvida, não espero que os cétricos, quer se ocupem ou não de ciência, aceitem tais fatos, *de que poderia, aliás, citar grande número de minha própria experiência*, mas também, por seu lado, não devem eles esperar que eu ou milhares de homens inteligentes, a quem foram dadas provas assim irrecusáveis, lhes adotemos o curto e fácil modo de explicação.

Permiti que faça, ainda, algumas observações sobre as idéias falsas que grande número de homens de ciência conceberam, no que toca à natureza destas pesquisas. Tomarei como exemplo as cartas de vosso correspondente Dircks.

Parece ele considerar como argumento contra a realidade dessas manifestações a impossibilidade de produzi-las e mostrá-las à vontade; outro argumento é o de que não podem ser explicadas por nenhuma lei conhecida. Mas, nem a catalepsia, nem a queda das pedras meteóricas, nem a hidrofobia podem ser produzidas quando se quer; entretanto, são fatos. O primeiro foi algumas vezes simulado, o segundo negado outrora e os sintomas do terceiro grandemente exagerados; por isso

nenhum desses fatos foi definitivamente admitido no domínio da ciência, e entretanto ninguém se servirá desse argumento para recusar-se a deles ocupar-se.¹²

Além disso, é estranho que um homem de ciência motive sua recusa em examinar o Espiritismo, no estar este *em oposição a todas as leis naturais conhecidas, especialmente a da gravitação, e em contradição aberta com a química, a fisiologia humana e a mecânica*. Ora, os fatos, se são reais, dependem de uma ou de muitas causas, capazes de dominar ou contrariar o efeito daquelas diferentes forças, exatamente como elas contrariam ou dominam outras. Deveria ser isto forte estímulo para levar um homem de ciência a examinar o caso.

Não pretendo o título de verdadeiro homem de ciência; há muitos, entretanto, que merecem esse nome e que não foram absolutamente considerados especialistas pelo vosso correspondente. Julgo como tais o finado Dr. Robert Chambers, o professor William Gregory, de Edimburgo, e o professor Hare, de Filadélfia, infelizmente mortos, bem como o Doutor Guilly de Malvern, sábio médico, e o juiz Edmonds, um dos melhores jurisconsultos da América, os quais fizeram as mais amplas pesquisas no assunto. Todos esses vultos estavam não só convencidos da realidade dos fatos maravilhosos, senão ainda que aceitavam a teoria do Espiritismo moderno *como a única que poderia englobar todos os fenômenos e explicá-los*. Conheço também um fisiologista vivo, de elevada posição, que é, ao mesmo tempo, hábil investigador e fervoroso crente.

Para concluir (aviso a Bersot), posso dizer que, apesar de ter ouvido falar em grande número de embustes, nunca os descobri; e se a maior parte dos fenômenos extraordinários são burlas, só podem ser produzidos por máquinas ou aparelhos engenhosos, e estes ainda não foram descobertos. Não exagero declarando que os principais fatos estão agora bem estabelecidos e são tão fáceis de estudar como qualquer outro fenômeno excepcional da natureza, cuja lei ainda não se conhece.

São fatos de grande importância estes para a interpretação da História, cheia de casos semelhantes, assim como para o estudo do princípio da vida e da inteligência sobre o qual as ciências físicas lançam fraca e incerta luz. Creio firme, convictamente, que cada ramo da filosofia deve ser permitido, até que seja escrupulosamente examinado e tratado como constituindo parte essencial dos fenômenos da natureza humana.

Seu muito respeitador Alfred R. Wallace.”

* * *

É difícil precisar melhor a questão do que o fez o eminente naturalista. O nome de Henry Thompson, que apareceu letra por letra, em ordem inversa, demonstra a intervenção de uma inteligência independente dos assistentes e replica vitoriosamente à objeção da transmissão pelo pensamento. Expliquemos o que significa esta locução.

Certo número de observadores, não podendo negar os fenômenos nem as respostas inteligentes dadas pela mesa, mas recusando categoricamente admitir uma intervenção espiritual, imaginaram que os operadores emitem certa quantidade de fluido nervoso, o qual, concentrado na mesa, lhe comunica o movimento. “É notório – diz um deles – que as respostas das mesas não passam do eco das respostas mentais dos assistentes”, e Chevreul acrescenta: “É *fácil* conceber que uma pergunta dirigida à mesa possa despertar, na pessoa que o faz, um movimento cerebral, e este, que não é mais do que o do fluido nervoso, possa propagar-se à mesa; daí resulta que se o impulso for proporcionado, inteligente, a mesa o repetirá.”

Observaremos ao eminente químico que o caso citado por Wallace está em oposição formal à sua explicação. Supondo-se, mesmo, que a senhora que evocava o filho lhe tivesse invocado mentalmente o nome, é impossível compreender como foi esse nome ditado em sentido contrário, sem hesitação, e, sobretudo, como a ação não cessou, quando a senhora declarara, à terceira letra, que era inútil continuar, por não terem significação as letras apresentadas. Deve-se convir que Chevreul não é feliz com suas *explicações*, proximamente aparentadas com as de Bersot.

A transmissão do pensamento é um fenômeno que se opera do magnetizador ao magnetizado. Em certos casos, o magnetizador não tem necessidade de enunciar mentalmente sua vontade para se fazer obedecer; basta-lhe pensar e o sonâmbulo executa a ordem que recebeu, ou responde à pergunta que se lhe fez. Aqui pode conceber-se o que se passa. Estabelece-se, pela ação magnética, uma corrente fluídica entre os dois sistemas nervosos, de sorte que as vibrações emanadas do cérebro do magnetizador impressionam, de maneira sensível, o do magnetizado e lhe fazem nascer no espírito as mesmas idéias do operador.

Tal é, pelo menos, a teoria apresentada para esse fato notável.

Nas mesas girantes, porém, não são as mesmas as condições. Se supusermos muitas pessoas em torno da mesa, como o narra Wallace, como se fará o acordo entre os fluidos e as vibrações de todos esses cérebros? O da senhora evocadora achava o fenômeno impossível, enquanto o de Wallace o supunha possível: em verdade, aquela suposta explicação é inaceitável.

Como está muito espalhada a objeção da transmissão pelo pensamento, vamos citar outros exemplos que mostrarão quanto ela é absurda quando se quer aplicá-la às manifestações espíritas.

Refere Crookes que, numa sessão com Home, uma pequena régua, que se achava na mesa, a pouca distância das mãos do médium, atravessou a mesa, *sozinha*, veio, em plena luz, até ele e lhe deu uma *comunicação* (é assim que se denominam as mensagens dos Espíritos), batendo-lhe numa das mãos.

“Soletrei – diz Crookes – o alfabeto, e a régua, cuja extremidade assentava na mesa, me batia às letras necessárias. As pancadas eram tão nítidas, tão precisas, e estava a régua sob tão evidente influência de um poder invisível, que perguntei: – A inteligência que dirige os movimentos dessa régua poderá mudar o caráter desses movimentos e dar-me, por meio de pancadas na minha mão, uma mensagem telegráfica no alfabeto de Morse?”

Tenho razões para crer que o alfabeto Morse era inteiramente desconhecido dos presentes, e eu mesmo sabia mal. Apenas pronunciara aquelas palavras, mudou o caráter das

pancadas; a mensagem continuou na forma em que eu pedira. As letras eram dadas rapidamente, de maneira que se apanhava uma ou outra palavra, e a mensagem perdeu-se; vi, porém, o bastante para convencer-me de que havia, na outra extremidade da régua, um bom operador de Morse, quem quer que possa ser.”

Não há aqui sombra de transmissão de pensamento, e desafiamos Chevreul, Thury e os demais a nos explicarem o que se dá no caso, excluía a intervenção espiritual.

Um último fato, igualmente probante, é lembrado por Crookes:

“Certa senhora escrevia, automaticamente, por meio da prancheta. Procurei descobrir o meio de provar que o que ela escrevia não era devido à ação inconsciente do cérebro. A prancheta afirmava, como o faz sempre, que, embora ela fosse posta em movimento pela mão e pelo braço dessa senhora, a inteligência que a dirigia era a de um ser invisível, que se utilizava do cérebro da senhora como de um instrumento de música, e assim lhe fazia mover os músculos.

Perguntei, então, à inteligência:

– Vê o que há neste aposento?

– Sim, escreveu a prancheta.

– Vê esse jornal e o pode ler? – ajuntei, colocando o dedo num número do *Times*, que estava em uma mesa, atrás de mim, mas sem o olhar.

– Sim, respondeu a prancheta.

– Bem – acrescentei eu –, se pode vê-lo, escreva, agora, a palavra que está coberta por meu dedo, e crer-lhe-ei.

A prancheta começou por mover-se lentamente e com muita dificuldade escreveu a palavra *honra* (*honour*); voltei-me e vi que a palavra honra era a coberta pela ponta de meu dedo.

Quando fiz essa experiência, *evitara, propositadamente, olhar o jornal*, e era *impossível* à senhora, ainda que o tivesse tentado, *ver uma única palavra impressa*, porque ela estava

sentada a uma mesa, o jornal ficava em outra, atrás de mim, e meu corpo o encobria.”

A pós-provas tão notáveis, se não se acreditar na intervenção dos Espíritos, é-se obrigado a ver nisso a má-vontade.

O testemunho de sábios tais como Crookes e Wallace é de grande valor, porque seria difícil acreditar que esses grandes homens estivessem a divertir-se, mistificando, como vulgares farsistas, os seus contemporâneos. Por outra parte, seu saber, o profundo hábito da experiência, os põe ao abrigo da acusação de credulidade.

É preciso, pois, concluir que eles realmente *viram*, que os fatos são bem *reais* e que os Espíritos se manifestam aos homens. Se não temêssemos sobrecarregar a discussão, citaríamos ainda um grande número de fatos, mas preferimos encaminhar o leitor desejoso de instruir-se aos volumes publicados por esses sábios.

As manifestações espíritas não se limitam ao movimento das mesas; a experiência revelou que os Espíritos agem sobre os homens, de diferentes modos, para ditar suas comunicações. Mas, qualquer que seja o seu modo de operar, é preciso que haja entre os assistentes um indivíduo que possa ceder parte de seu fluido vital. Os que têm essa propriedade são chamados médiuns.

O mais extraordinário entre os fenômenos espíritas é, indubitavelmente, o da escrita direta.

Citemos, sempre Crookes:

“A escrita direta é a expressão empregada para designar a escrita que não é produzida por nenhuma das pessoas presentes. Obtive, muitas vezes, palavras e mensagens escritas em papéis marcados com o meu sinete particular e sob a mais rigorosa fiscalização. Ouvi, no escuro, o lápis mover-se no papel. *As precauções preliminares tomadas por mim foram tão grandes que o meu espírito se convencera, como se eu tivesse visto os caracteres se formarem.* Mas, por falta de espaço, limitar-me-ei a citar os casos em que meus olhos e meus ouvidos foram testemunhas da operação.

O primeiro fato, é verdade, se realizou numa sessão escura, mas o resultado não foi menos satisfatório.

Eu estava junto da médium, a Srta. Fox; não havia mais pessoas presentes, além de minha mulher e outra senhora, nossa parenta; eu segurava as mãos da médium numa das minhas enquanto que seus pés estavam sobre os meus. Havia papel na mesa e em minha mão livre mantinha um lápis.

Uma mão luminosa desceu do teto e depois de haver planado perto de mim, alguns segundos, tomou-me o lápis da mão, escreveu rapidamente numa folha de papel, deixou o lápis e, em seguida, elevou-se acima de nossas cabeças e, pouco a pouco, se perdeu na obscuridade.”

Aqui não há mais negação possível, nem força ectênica ou psíquica, porque a mão luminosa, que escreve diretamente, não tem necessidade de nenhum intermediário. Não é a primeira vez que tais fatos se produzem. O Barão de Guldenstubbé publicou, em 1857, um livro curioso, intitulado *La Réalité des Esprits et le phénomène merveilleux de leur écriture directe*.

Nesse volume, conta o autor como foi levado a fazer essa experiência. Estava à procura de uma prova, ao mesmo tempo, inteligente e palpável, da realidade do mundo dos Espíritos, para demonstrar a existência da alma com fatos irrefutáveis.

Colocou, pois, um papel de carta, branco, e um lápis numa caixa; fechou-a a chave e nada disse a ninguém. Para maior segurança, pôs a chave no bolso. Esperou 12 dias em vão, sem notar algo de novo; qual não foi, porém, a sua surpresa, quando, a 13 de agosto de 1856, viu certos caracteres no papel. Não podia crer em seus olhos e repetiu a experiência dez vezes no mesmo dia, a fim de convencer-se de que não era joguete de uma ilusão.

Contou a seu amigo, o conde Ourches, o maravilhoso descobrimento; experimentaram ambos e, depois de várias tentativas, obteve o conde uma comunicação de sua mãe, morta cerca de 20 anos antes; a escrita e a assinatura foram reconhecidas como verdadeiras. Isso afasta qualquer interpretação sonambúlica do fenômeno.

Tem-se dito que as mensagens recebidas por esse processo são, na maior parte, insípidas. Responde Oxon, professor da Faculdade de Oxford: “Quanto à inteligência das mensagens

escritas fora dos processos comuns, não quero saber se é ou não digna de apreço, pelo conteúdo das comunicações. O escrito pode ser tão insensato quanto aprouver aos críticos. Se nada há mais tolo, isso favorece meu argumento. Está ou não está escrito? Deixemos de lado os absurdos do pensamento e nos atenhamos apenas ao fato.”

É o que fazemos, notando, entretanto, que esses escritos estão longe de ser tão ridículo, como se pretende. A propósito da escrita direta, escreve Oxon, sábio professor, que a estudou durante 5 anos. (Cito textualmente do autor de *Choses de l'Autre Monde*):

“Há cinco anos que me é familiar o fenômeno da psicografia (escrita dos Espíritos). Observei-o em grande número de casos, ou com psíquicos (médiums) conhecidos do público, ou com pessoas que possuíam o dom de produzir esse resultado. No curso de minhas observações, vi psicografias obtidas em caixas fechadas (escrita direta); em papel escrupulosamente marcado e colocado em posição especial, donde não podia ser deslocado; em papel marcado e colocado sobre a mesa, no escuro; em papel colocado sob meu cotovelo ou coberto por minha mão; em papel, num envelope fechado e lacrado; em ardósias ligadas.

Vi escritas produzidas também quase instantaneamente e essas experiências me demonstraram que tais escritas não eram sempre obtidas pelo mesmo processo.

Enquanto se vê, algumas vezes, o lápis escrever como se fosse conduzido por mão, ora invisível, *ora a dirigir-lhe os movimentos de maneira visível, em outras*, a escrita parece produzida por um ato instantâneo, sem auxílio do lápis.”

Ao de Crookes se junta o testemunho de Oxon. Estes sábios, operando sem ciência um do outro, chegam aos mesmos resultados. Afirmam ambos terem visto mãos conduzirem os lápis e escreverem frases. Não há aí com que fazer refletir os mais incrédulos?

Vejamos o testemunho de sábios de outras partes da Europa. Quanto mais mostrarmos o caráter universal das manifestações

dos Espíritos, mais elas terão valor aos olhos dos homens de boa-fé.

Zöllner, na Alemanha, acaba de confirmar as experiências de seus colegas e apóia sua narrativa em autoridades como Fechner, Weber e Schreibner. Vejamos, ainda de Eugênio Nus, que o traduziu diretamente do alemão, o seguinte trecho:

“Na noite seguinte – é Zöllner quem fala – sexta-feira, 16 de novembro de 1876, coloquei uma mesa de jogo com quatro cadeiras, em um quarto onde Slade ainda não tinha entrado. Depois que Fechner, o professor Braune, Slade e eu colocamos as mãos entrelaçadas sobre a mesa, ouviram-se pancadas nesse móvel; eu comprara uma ardósia, que assinalamos; nela colocamos um fragmento de lápis e Slade os pôs à beira da mesa; minha faca foi atirada, subitamente, à altura de um pé e recai na mesa. Repetindo-se a experiência, viu-se que o fragmento do lápis, cuja posição foi marcada com um sinal, ficou no mesmo lugar na ardósia. A dupla ardósia, depois de limpa e munida de um duplo lápis, foi segura por Slade, sobre a cabeça do Professor Braune; ouviu-se uma arranhadura e, aberta a ardósia, lá se encontraram muitas linhas escritas. Uma cama colocada no aposento, por trás de um biombo, transportou-se inopinadamente até ficar a dois pés de distância da parede e afastou o biombo. Slade estava longe da cama e lhe dava as costas; tinha as pernas cruzadas, o que todos viam.

Organizou-se imediatamente em minha casa uma segunda sessão, com Weber, Schreibner e eu. Um estalo violento, como a descarga de forte botelha de Leyde, foi ouvido; voltamos-nos, alarmados, e o biombo separou-se em dois pedaços; peças de madeira estavam dilaceradas, sem que houvesse contato visível de Slade com o biombo, e os pedaços quebrados jaziam a cinco pés de Slade, que estava de costas para o biombo.

Espantamo-nos com essa manifestação de uma força mecânica e perguntei a Slade o que isto queria dizer. Respondeu que o fenômeno acontecia, por vezes, em sua presença. Como ele falava de pé, colocou um pedaço de lápis na superfície po-

lida da mesa, cobriu-o com a ardósia, comprada e limpa por mim, comprimiu a superfície com os cinco dedos abertos da mão direita, enquanto a mão esquerda repousava no centro da mesa. Começou a escrita na superfície interior, e quando Slade a virou achava-se em inglês o seguinte: – “Não era nossa intenção fazer mal; perdoai o que aconteceu.”

Enquanto se produziu a escrita, *as mãos de Slade ficaram imóveis.*”

São provas estas suficientes para estabelecer a existência da escrita direta. Ora, nessa escrita, é necessário que alguém dirija o lápis, e como nenhum dos presentes o pode fazer, segue-se que são aqueles a quem se chama espíritos que o fazem. Justifica essa indução o se haverem visto, por muitas vezes, mãos luminosas servirem-se do lápis para traçar mensagens; não é, pois, permitida a dúvida quanto à causa dessas manifestações. Mas então, se os Espíritos puderam agitar *guéridons*,¹³ se lhes foi possível escrever fazendo ver suas mãos, por que não se tornariam eles próprios visíveis? Impressionado por estas considerações, Crookes foi levado a constatar resultados esplêndidos que analisaremos no capítulo em que tratamos especialmente da mediunidade.

Deve ter-se notado que contentamo-nos, até agora, em referir as experiências, sem lhes dar qualquer explicação; é que não queremos enfraquecer-lhes o alcance por comentários, que poderiam dar lugar à crítica. Por mais estranhos, bizarros, perturbadores que possam parecer esses fenômenos, há uma coisa certa, evidente, é que existem, pois que foram verificados pelas sumidades da Inglaterra, da Alemanha e da América. Além disso, em nenhum caso podem ser atribuídos à intervenção humana, porque foram tomadas as precauções para afastar essa eventualidade. É preciso, necessariamente, que eles sejam produzidos por individualidades independentes dos operadores, por outras palavras, pelos Espíritos.

Em um século de positivismo intransigente como o nosso, tais revelações eram indispensáveis para firmar a crença na imortalidade; desaparecida a fé com as religiões abandonadas, tornava-se necessário o fato brutal, para restabelecer a verdade.

Hoje ela se nos impõe a todos, e apesar das negações interessadas do materialismo, triunfará de todos os obstáculos amontoados à sua frente.

Os fenômenos espíritas têm sido tão ridicularizados que é útil insistir muito nos fatos que militam em seu favor. Os cientistas de nosso país, por tendência natural ou temor do ridículo, não ousam entregar-se a essas investigações. Não temos a pretensão de convencê-los, referindo-lhes os trabalhos dos seus colegas do mundo inteiro, mas se essa leitura lhes pudesse inspirar o desejo de verificar o que há de verdadeiro ou falso em tais asserções, nosso fim seria atingido.

Pintaram os adeptos do Espiritismo com tão absurdas cores, que muitas pessoas supõem tratar-se de doentes ou alucinados. Há dificuldade em se apresentar, de público, um partidário de Allan Kardec, como um bom burguês prosaico; entretanto, é o que é fácil de verificar, freqüentando-se a sociedade espírita. Em vez de fisionomias desfiguradas, com os olhos a brilharem de febre, vêem-se pessoas honestas, que experimentam, tranqüilamente, e discutem os resultados obtidos com tanto sangue frio e lucidez como em qualquer outro meio em que se estude.

O preconceito tem tão poderoso império sobre os homens, ainda os mais distintos, que não nos devemos espantar da vigorosa oposição, quando trazemos as mãos cheias de idéias em antagonismo com as vistas gerais.

Eis a carta de um amigo de Crookes, que descreve perfeitamente esse estado psicológico:

“Não posso – respondia ele ao célebre químico – achar resposta razoável aos fatos que V. expõe. E é curioso que eu mesmo, ainda com tendência e desejo de crer no Espiritismo, com fé em seu poder de observação e sua perfeita sinceridade, experimente a necessidade de ver por mim e me é penoso pensar que preciso de muitas provas. Digo penoso, porque noto que não há razões que possam convencer um homem, a menos que o fato se repita tantas vezes, que a impressão pareça tornar-se um hábito do espírito, um velho conhecimento,

uma coisa conhecida há tanto tempo, que dele não se possa mais duvidar.

É uma das faces curiosas do espírito humano e os homens de ciência a possuem em alto grau, mais que os outros, creio eu.

Não devemos, por isso, dizer que um homem é desleal porque resiste muito tempo à evidência. A velha muralha das crenças deve ser abatida à força dos golpes.”

É esta também a nossa opinião, e assim se explica a persistência com que reunimos o maior número possível de documentos, para implantar a convicção nas almas sinceras. Se recusarem seguir-nos em todas as conseqüências que tiramos da observação, ao menos não se poderá dizer que nossas crenças não tenham um ponto sério de partida.

Os spiritistas não são fanáticos nem sectários; não querem impor a quem quer que seja a teoria que deduziram da imparcial apreciação dos fatos. Se lhes demonstrarem amanhã que estão em erro, abandonarão imediatamente sua maneira atual de ver, para se colocarem ao lado da verdade, porque o seu método é, antes de tudo, o racionalismo.

Até agora, porém, consideram sua doutrina a mais provável e continuam a ensiná-la.

III

As objeções

Na experiência tão notável narrada por Crookes, em que ficou provado que a inteligência que se manifesta é capaz de ler uma palavra desconhecida do médium e do experimentador, pôde-se ver a frase seguinte: “Uma senhora escrevia automaticamente por meio da prancheta.” Expliquemos esse novo gênero de mediunidade.

Como já o dissemos, as primeiras manifestações se deram em Hydesville por pancadas nas paredes; depois, passou-se ao emprego da mesa, mas esse processo era longo e incômodo, de sorte que os Espíritos indicaram outro. Certa vez, um dos seres invisíveis que produzia a manifestação ordenou ao médium que apanhasse uma cesta e lhe fixasse um lápis, que os colocasse sobre uma folha de papel branco e pusesse as mãos na borda da cesta, sem premi-la. Seguidas as recomendações, com grande espanto dos assistentes obtiveram-se algumas linhas de uma escrita indecisa. O fenômeno se reproduziu muitas vezes e logo se espalhou.

Os Espíritos, em lugar de se servirem da mesa e de responderem por pancadas ou levantando o pé da mesa, agiam diretamente sobre a cesta, com o fluido fornecido pelo operador. O processo foi rapidamente aperfeiçoado; viu-se que a cesta era apenas um instrumento, não importando a forma e a natureza, e construiu-se uma prancheta, isto é, uma pequena placa de madeira sobre três pés, com um lápis na extremidade.

Obtiveram-se, assim, verdadeiras cartas ditadas pelos Espíritos, com tal rapidez, como se tivessem eles próprios escrito. Mais tarde viu-se ainda que a cesta ou a prancheta eram simples acessórios, apêndices inúteis e o médium, tomando diretamente o lápis, escreveu mecanicamente sob a influência dos Espíritos. A faculdade de escrever inconscientemente sobre os mais diversos assuntos, ciência, filosofia, literatura, e com o emprego de línguas muitas vezes desconhecidas do médium, tomou o nome de *mediunidade mecânica*.

Por esse novo método, as comunicações entre o mundo espiritual e o nosso tornaram-se mais fáceis e mais prontas, mas as pessoas dotadas desse poder se encontram mais raramente do que as que obtêm-nas por meio da mesa. Verificou-se, com o exercício, que todos os sentidos se podiam prestar às manifestações de além-túmulo e logo se contaram os médiuns videntes, auditivos, sensitivos e outros.

Para um incrédulo, é incontestável que a mediunidade mecânica está sujeita às mais graves objeções.

Afastando qualquer idéia de embuste, ele pode, entretanto, acreditar que a ação de escrever automaticamente é devida a um modo de ação particular do sistema nervoso, a uma espécie de ação reflexa da inteligência do médium, exercida sem a fiscalização da consciência. É verdade que isto é bem hipotético, mas essa teoria, já bastante difícil de conceber, é inútil e inaceitável diante da experiência de Crookes já relatada. O médium escrevente não podia ver a palavra do *Times*, oculta pelo dedo do ilustre químico; este não podia transmitir à senhora o seu pensamento, pois que ignorava a palavra indicada; a intervenção de uma inteligência estranha, manifestada pela Senhorita Fox, é a única explicação plausível.

O cavalheiro des Mousseaux conta que achava-se, um dia, em casa de uma família onde costumava passar as tardes e que aí se fez Espiritismo em presença de muitos sábios lingüistas. Nessa época, só se conheciam as comunicações pela mesa, mas o resultado não foi por isso menos convincente. Obteve-se por esse processo um ditado em língua hebraico-siríaca, que ninguém conhecia, mas que, levado à escola de línguas estrangeiras, verificou-se tratar se de um dialeto fenício, que se empregava há mais de 2.000 anos, nos arredores de Tiro. O Senhor des Mousseaux, muito cético a princípio, declarou-se convencido da intervenção de uma inteligência estranha à dos assistentes, mas concluiu atribuindo ao Diabo essas maravilhosas manifestações. Nós, que não acreditamos nem em Satã, nem nos demônios, preferimos admitir que um Espírito se manifestou desse modo para dar um testemunho brilhante da existência do mundo oculto.

Fomos nós próprios testemunhas, em Paris, de uma comunicação escrita em caracteres árabes, por uma pessoa que nunca saiu da França, e cuja instrução não deixa supor uma trapaça. O mesmo fato se reproduziu de outra forma. Desta vez, o ditado dos Espíritos foi feito em dialeto italiano, em resposta a uma pergunta formulada nesse idioma. Convém dizer que o médium não conhece mais o italiano que o árabe.

Acontece, por vezes, que o Espírito comunicante, desejoso de se fazer reconhecer, emprega a mesma escrita que tinha em vida e se assina como costumava fazê-lo. Se não há sempre provas tão palpáveis, o que é bastante raro, aliás, verifica-se, muitas vezes, nas comunicações dos Espíritos, um caráter de sabedoria, uma altura de vistas, e tão sublimes pensamentos, que não poderiam emanar do médium, comumente um ser vulgar e que não se distingue dos seus semelhantes por qualidades especiais.

Eis, a propósito, o que refere Sarjeant Cox, distinto jurisconsulto, escritor e filósofo de grande valor e, por conseqüência, bom juiz, diz Wallace, em matéria de estilo. Narra aquele sábio ter ouvido um moço de escritório, sem conhecimentos, sustentar, quando estava em transe, conversação com um grupo de filósofos sobre a presciência, a vontade e a fatalidade, e lhes levar vantagem.

“Propus-lhe – diz Sarjeant – as mais difíceis questões de psicologia, e recebi respostas sempre sensatas, cheias de vigor, e expressas invariavelmente em linguagem escolhida e elegante. Um quarto de hora depois, entretanto, em seu estado natural, era incapaz de responder à mais simples questão filosófica e, com dificuldade, conseguia achar a linguagem para exprimir idéias comuns.”

As faculdades medianímicas menos sujeitas a suspeita são, inegavelmente, a vidente e a auditiva. Como o nome indica, a primeira consiste no poder de que são dotadas certas pessoas, de ver os Espíritos. Neste caso, não há dúvidas, porque se o médium descreve a figura, as vestes, os gestos habituais de um ser que nunca viu, se reconhece que essa descrição é precisamente a do parente morto, em quem ninguém pensava, é preciso admitir que

a visão é real, e ainda, que a personalidade descrita existe, de maneira positiva, diante dos olhos do médium.

Conta Allan Kardec, na *Revue Spirite*, que um Senhor Adrien possuía esse poder no mais alto grau. Conhecemos, também, em Paris, uma parteira, a Sra. R., que vê continuamente os Espíritos, a tal ponto que custa a distingui-los dos vivos. Aqui não se deixará de apontar imediatamente a grande palavra *alucinação*: é o refúgio dos incrédulos, o cavalo de batalha de todos os que combatem o Espiritismo. Mas, atribuir os fenômenos a essa causa é conhecê-los bem pouco.

A alucinação é um fato anormal, que se produz, quase sempre, em conseqüência de acidentes patológicos, ou nos momentos que precedem o sono ou o acompanham, enquanto que nos médiuns, que temos citado, a vista dos Espíritos é, por assim dizer, permanente. Não se deve esquecer, também, que aquele estado mórbido só pode apresentar à imaginação doente quadros que nada têm de comum com a vida real, fenômenos puramente subjetivos, e em nenhum caso pôde um alucinado dar os sinais exatos de pessoa que nunca viu, de forma a fazê-la reconhecer por seus parentes ou amigos. Voltaremos a essa questão na quinta parte.

Já citamos muitos sábios que partilham de nossas idéias, nomes ilustres e reverenciados, para poder afirmar nossa crença na imortalidade da alma, sem temor da zombaria.

Procuramos colocar à vista do leitor esse majestoso conjunto de testemunhas a fim de patentear, àqueles que o ignoram, que o Espiritismo é uma ciência, cujas bases estão assentes na hora atual de maneira inabalável. Não se pode dizer que sejam superstições grosseiras as nossas idéias, como o faziam outrora, porque, se um erro pudesse propagar-se tão universalmente, se homens de estudo, autoridades científicas, filósofos, pudessem, em todas as partes do mundo e simultaneamente, delas ser vítimas, seria preciso convir que havia aí um fenômeno mais estranho que os fatos espíritos.

Finalmente, que há de tão extraordinário em crer nos Espíritos? Todas as filosofias espiritualistas demonstram que temos

uma alma imortal, as religiões o ensinam em toda a superfície da Terra; demonstrado que essas almas se podem manifestar aos vivos, parece natural que nossa convicção se espalhe, com rapidez, pelo Universo inteiro. Por meio das mesas girantes, dos médiuns mecânicos ou outros, podemos ter a convicção de que os seres que nos foram caros, os mortos que havemos chorado, estão a nosso lado, velam solícitamente pela nossa felicidade e nos sustentam moralmente na vida. Nada vemos aí que possa ferir a razão.

O Espiritismo tem, é verdade, muitos inimigos interessados em sua perda; de um lado os materialistas, de outro os sacerdotes de todas as religiões, de sorte que seus infelizes partidários estão entre o martelo e a bigorna, a receber rudes golpes de todos os lados.

Os materialistas têm argumentos extraordinários; não concebem a boa-fé nos seus adversários e declaram que os fenômenos espiritistas são todos devidos à mistificação ou à prestidigitação. Para esses Espíritos fortes, só existem duas classes no mundo: a dos enganadores e a dos enganados. Ora, não partilhando dessa opinião, seremos, necessariamente, enganadores, e nossos médiuns vulgares charlatães. Para que não se nos acuse de tisonar intencionalmente o quadro, poderíamos citar numerosos extratos onde se pede nada menos que a prisão para punir as práticas espiritistas; alguns, havendo notado que o século não se presta mais à perseguição brutal, fizeram vibrar outra corda: pretendiam que todos os adeptos da nova doutrina fossem loucos e que somente eles possuíssem a sabedoria impecável. Arrogaram-se o direito de somente eles terem bom senso e assim nos maltratam em seus escritos, da pior maneira.

Vamos dar uma amostra dessas amenidades, citando dois artigos de Jules Soury, aparecidos na *République Française*, de 7-10-1879. O método do jornalista é simples: consiste em negar sem provas, como sempre, em proceder por afirmações sobre os assuntos em litígio e em insinuar que os espíritas, mesmo os mais autorizados sábios, estão atingidos de mania arrazoante, como conseqüência de sua avançada idade, que não lhes permite

mais julgar de maneira sã o que se passa sob seus olhos. Ouçamos esta obra-prima de má-fé.

“Ele (Zöllner) precisamente fez acompanhar por Weber e Fechner as experiências que crê ter instituído com Slade; nunca esquece de citar esses sábios ilustres, como testemunhas dessas experiências, e de fato, o testemunho deles não deixaria de ter peso, se um não tivesse 66 anos e o outro 79!”

E assim, esses homens veneráveis, cujos cabelos embranqueceram na pesquisa da verdade, são declarados ineptos para se pronunciarem em uma questão científica, porque tiveram a infelicidade de desagradar a Soury. Dir-se-ia que o nosso jornalista, que não é senão uma mesquinha personalidade em face desses grandes nomes, descobriu o meio de saber em que idade precisa se raciocina e em que outra se deve ser aposentado.

Nunca se teria acreditado, lendo-o, que se precisasse atingir sessenta e seis anos para imbecilizar-se, porque não é ridículo ver recorrer a tais argumentos para combater uma idéia?

Nosso crítico não se contenta em suprimir moralmente as ilustrações que o incomodam; ele chama Zöllner de louco lúcido e declara que o professor Ulrici está atacado de mania discursadora.

Pergunta-se, lendo tais absurdidades, se não se está sonhando e é-se mais tentado a examinar o estado mental de Jules Soury do que estigmatizar seus processos de polêmica.

Se Jules Soury se limitasse a dizer semelhantes coisas, poder-se-ia ter complacência com ele, porque o bom senso público faz justiça a essas insanidades, mas ele vai mais longe e trata o médium Slade como um explorador vulgar. É o que não podemos deixar passar sem protesto. Vamos citar alguns trechos de uma brochura de Fauvety e da Sra. Cochet, muito bem escrita, onde são postos a nu os artifícios do nosso crítico:

“Não hesitais em apresentar Slade, na França, como um refinado velhaco; vejamos, entretanto, as vossas provas. Credes ter denunciado à perspicácia de vossos leitores que Henry Slade tem alta estatura, braços compridos, mãos compridas, dedos compridos. Estendei-vos com prazer sobre *sua palidez*

de espectro, seus olhos brilhantes, seu riso silencioso. De sorte que esse retrato lembra o do lobo do chapeuzinho vermelho e o do Mefisto de Fausto. As pessoas imaginativas irão até colocar garras no fim desses longos, longos, longos membros, e os espíritos positivos suporão que se trata de um dom que deve auxiliar singularmente as agilidades de passe-passe de um prestidigitador.

Chama-se a isso proceder por insinuação; muito hábil, senhor, passemos.

Lembrais o processo intentado contra Slade, na Inglaterra, em outubro de 1876. Há ainda aí uma prova de habilidade, sabendo-se como há inclinação para se ver um culpado num acusado.

Entretanto, todas as vossas pesquisas não vos põe na traça do embuste. A acusação é pueril e não repousa em nenhum dado positivo, enquanto a defesa traz à barra do tribunal os homens mais notáveis da Inglaterra e, principalmente, aquele a quem chamais “o grande êmulo de Darwin”, Alfred Wallace. Mais um louco lúcido.

Não devo insistir nesse processo que acabou, na Corte de Apelação, por uma absolvição.

Sigo-vos, agora, a Berlim.

Em Berlim, Slade teve a seu favor todos os sábios. E contra quem? Um prestidigitador, que imita o que chamais “as ligeireras de Slade”.

A afirmação é bem vaga; pela primeira vez tocais, enfim, na questão de saber se *sim ou não; se Slade usa de meios materiais para produzir os fenômenos, que ele diz devidos a uma causa estranha.* Aqui é que era preciso dar os detalhes próprios para esclarecer a opinião. Teriam eles mais peso que as oito longas colunas através dos quais amontoastes insinuações contra Slade, *sem apresentar um só fato?*

Importa, com efeito, saber em que condições se colocou Hermann para imitar “os passes”, se ele os reproduziu todos, ou só alguns, se operou em sua casa ou em lugar preparado, se, enfim, se submeteu à fiscalização por parte dos assistentes

que Slade experimentou. E não dissestes palavra sobre tão importantes circunstâncias.

Acrescentais, ainda, com a maior inconseqüência: “O médium encontrou, realmente, um compadre em Bellanchini, prestidigitador da corte, que declarou, em notário, que Slade não era um confrade, mas um sábio.”

Perguntar-se-á em que provas vos baseais para acusar, tão ligeiramente, Bellanchini de compadrio, isto é, de velhacaria. Se estais certo de sua cumplicidade, deveis apoiá-la em fatos; fornecei as provas. Se fazeis, porém, uma suposição gratuita, está deslocado o tom afirmativo e os leitores podem desafiar-vos a que a sustenteis. Isto também se aplica a esta outra asserção: “As respostas escritas são da mão de Slade”. Está bem dito. Esqueceis, apenas, um detalhe: *a prova*.”

É assim que procedem aos detratores do Espiritismo: afirmam, sem provas, fatos de nenhuma forma demonstrados e partem dessas afirmações falsas para tirar conseqüências contra a doutrina.

Tal modo de agir denota idéia preconcebida ou ignorância do assunto. Inclina-mos a crer que aí predomina a paixão, porque, quando se propõe aos nossos Aristarcos produzirem-se os fenômenos diante deles, eles se esquivam prudentemente para não se inclinarem diante da evidência.

Foi o que aconteceu com Jules Soury: convidaram-no para uma sessão espírita e ele recusou-se obstinadamente.¹⁴

Entre as objeções, que nunca deixam de ser dirigidas aos espiritistas, acha-se a seguinte: – Por que, se os fenômenos que produzis são reais, não podeis obtê-los à vontade perante os incrédulos?

A resposta é fácil. Verificou-se, pela experiência, que para ter comunicações dos Espíritos são necessárias várias condições: 1º – é preciso um médium; 2º – é necessário que sua faculdade corresponda ao gênero de manifestação que se pede. Assim, o médium da evocação pela mesa não será o mesmo que o da escrita, como pode suceder que o médium vidente não seja auditivo.

Há pessoas privilegiadas, que reúnem muitas faculdades em alto grau, como Home e Slade, mas entre esses favoritos, a mediunidade não é constante; vê-se submetida a flutuações e mesmo a suspensões que lhes tiram todo o poder. De sorte que, para convencer um incrédulo, não basta sempre ter um médium; é preciso saber se ele estará em boas condições para servir de intermediário aos Espíritos. Ignoram-se, ainda, quais são as leis que dirigem essa espécie de fluxo e refluxo da mediunidade, mas cremos que é possível atribuí-las a duas causas: ou à saúde física do médium, ou aos Espíritos, que não podem ou não querem manifestar-se.

Pôde-se notar em médiuns poderosos, como Florence Cook, Home e Slade, depois das sessões espíritas de manifestações, um tal desperdício de forças que produzia mal-estar, desfalecimentos, e que não lhes permitia, por muito tempo, dar outras sessões.

Esse estado de prostração pode ser assemelhado às intermitências que se notam na vidência dos sonâmbulos. O célebre Alexis, que tão grande reputação conquistou, confessa que, por várias vezes, sua faculdade o abandonou durante dias, sem que ele pudesse atinar com as razões dessa atonia.

É preciso, ainda, considerar que os Espíritos são seres como nós, submetidos a leis que não lhes é possível frustrar à sua vontade, e que têm, além disso, seu livre-arbítrio, em virtude do qual não são nunca obrigados a responder à nossa chamada.

Uma queixa que vemos, muitas vezes, formular é precisamente o absurdo que há no acreditar que filósofos como Sócrates, físicos como Newton, poetas como Corneille, sejam forçados a vir palestrar com meia dúzia de basbaques, em torno de uma mesa. Seria ridículo de fato. A Doutrina Espírita ensina, pelo contrário, que os Espíritos podem responder às nossas evocações, mas que só o fazem quando julgam necessário.

Se os experimentadores só buscam nas práticas espíritas um divertimento pueril, poderão ficar certos de que serão vítimas de Espíritos farsistas, os quais lhes virão contar todos os disparates possíveis, e isto sob a capa dos mais ilustres nomes.

Em geral, ignora-se que o mundo dos Espíritos é composto dos mais diversos elementos. Assim como na Terra encontramos inteligências em todos os graus de desenvolvimento, também no mundo espiritual, que é o nosso com o corpo de menos, há individualidades de escol ao lado dos mais atrasados Espíritos.

Podemos, pois, obter ditados espíritas, que variam de elevação moral conforme o ser que os produz. O nome com que um Espírito se assina é de importância secundária; o que importa considerar são as idéias emitidas. Se o ensino é grandioso, se prega o amor de nossos semelhantes, se nos faz compreender as leis da moral, ele emana de um Espírito elevado; se a comunicação encerra idéias vulgares, enunciadas em termos impróprios, o Espírito é pouco adiantado.

Todas essas observações foram feitas muitas vezes por Allan Kardec, nos seus livros e na revista que dirigia, mas os nossos contraditores nunca se deram ao trabalho de as ler, de sorte que somos obrigados a recapitulá-las.

Os observadores sérios, desejosos de saber o que há de verdade no Espiritismo, submeteram-se a todas as condições indispensáveis para o bom êxito da experiência. Longe de exigirem, desde a primeira sessão, provas convincentes, lenta, metodicamente é que se familiarizaram com todas as fases do fenômeno. Barkas esteve em expectativa 10 anos. Crookes 6, Oxon 8. Foi pelo estudo atento dos fatos, quando se habituaram às singularidades aparentes das manifestações, que procuraram as causas capazes de produzi-los; depois de reunirem grande quantidade de observações, em diferentes meios, fizeram-lhes a síntese e concluíram finalmente pela existência e intervenção dos Espíritos.

Sabemos que semelhante estudo pede muito tempo e ardente desejo de conhecer a verdade, que, por isso, não está ao alcance de todos. Os próprios sábios nem sempre têm coragem de prosseguir em tentativas que, se vingam, os porão em contradição com seus colegas e lhes acarretarão uma multidão de desgostos. Eis por que, em vez de um relatório sério e circunstanciado, a Academia de Ciências admitiu, como explicação dos fenômenos espíritas, os movimentos do longo peroneiro.

Parece que esse músculo, vizinho ao tornozelo, tem a propriedade de estalar, o que fez com que Schiff pedisse a Jobert de Lamballe que comunicasse à Academia esse luminoso descobrimento. Os Drs. Velpeau e Cloquel aplaudiram imediatamente e confirmaram o fato. Ficou demonstrado pela ciência oficial que, quando as pancadas respondem a uma pergunta mental, não são os Espíritos que produzem esses ruídos, mas o longo perônio que faz das suas. Se obtiver, como Crookes, o nome de uma palavra oculta pelo dedo, é sempre o longo peroneiro, porque ele não é somente estalador, senão ainda dotado de dupla vista!

Se os espíritas têm sido acusados, algumas vezes, de fantasistas, confessemos que os sábios, em assembléia, são capazes de imaginar gracejos mais chistosos que todos os que pudéssemos inventar. Nada tão cômico quanto uma grave cerebração, quando chega a desarrazoar; ela vai neste caminho, muito mais longe do que uma pessoa simples, e a descoberta genial dos senhores Schiff e Jobert de Lamballe foi bem feita para desopilar o baço de seus contemporâneos.

Foi a única vez que o Espiritismo se apresentou à ilustre reunião, e dela deve conservar uma singular lembrança.

Continuemos o exame das críticas ao Espiritismo. Tem-se feito a seguinte pergunta: – Supondo que o Espiritismo seja uma verdade, porque os Espíritos, para se manifestarem, têm necessidade de uma mesa e de um médium?

Seria absurdo supor que um Espírito seja obrigado, para dar-nos instruções ou conselhos, a vir alojar-se num pé de mesa, ou de cadeira, ou de *guéridon*, porque se veria privado de comunicações quem não possuísse esses móveis; demais, não são eles de uma virtude especial que possa legitimar um tal poder.

É preciso familiarizar-nos com a vida dos Espíritos e seu modo de operar, para compreender o que se passa na tiptologia.

Os Espíritos sempre existiram, pois são eles que, pela encarnação, povoam a Terra; também sempre exerceram influência no mundo visível, por manifestações físicas e inspirações dadas aos homens. Os pensamentos soprados no cérebro do encarnado não deixam traços, mas, se os invisíveis querem mostrar sua presença

de maneira ostensiva, servem-se de um médium, que lhes empresta o fluido necessário, e põem em movimento o primeiro objeto que se lhes depara, mesa ou cadeira, de maneira a assinalar sua presença. A mesa não é condição indispensável do fenômeno, mas dela se servem os Espíritos, e eis tudo. Ele, o médium, é necessário, porque sem a sua ação nada pode produzir-se; mas ele é simples intermediário, muitas vezes inconsciente, e não tem outro mérito que o da docilidade.

Uma causa de espanto para os que conhecem pouco os princípios da Doutrina Espírita é que os Espíritos não respondem sempre quando os interrogam sobre o futuro ou quando lhes apresentam questões relativas à solução de certos problemas científicos.

As perguntas que se ouvem a cada instante provam uma ignorância completa da missão dos Espíritos e do fim de suas manifestações. Todo pedido de interesse puramente pessoal, de sentimento egoístico, não recebe resposta e, se alguma aparece, provém de Espíritos farsistas, que procuram enganar-nos. Não é preciso esconder que os Espíritos sérios, adiantados, são exceção, porque se assim não fosse o nosso Mundo seria mais perfeito.

Há, no espaço, seres que cercam, que se interessam por nossa vida e procuram, freqüentemente, divertir-se à nossa custa, quando percebem que a cupidez e outras vistas são os únicos móveis de um consulente. Empregam mil facécias, de que o imprudente é a vítima. Vemos com pena aqueles que no Espiritismo só buscam objetos perdidos, pedem conselhos sobre sua posição material ou procuram descobrir tesouros ocultos.

A ciência espírita tem um fim mais nobre, mais grandioso; seu principal objetivo é demonstrar a existência da alma depois da morte; alcançasse somente esse resultado, e as conseqüências daí decorrentes, sob o ponto de vista moral e social, seriam já consideráveis. Mas não se limitam a isso seus benefícios. Ela nos fornece informações seguras sobre a outra vida, permite-nos compreender a bondade e a justiça de Deus, dá-nos a explicação de nossa existência na Terra, numa palavra, é a ciência da alma e de seu destino.

Isto nos leva a falar das instruções que recebemos dos Espíritos Superiores, a quem chamamos guias. Eles já desvelaram a nossos olhos uma grande parte dos mistérios que encobriam o futuro além da morte, iniciando-nos nos esplendores da vida espiritual e fazendo-nos entrever as grandes leis que dirigem a evolução das coisas e dos seres a destinos mais elevados. Mas não nos podem dizer tudo, porque, então, nenhum mérito haveria de nossa parte, e como nossas aquisições espirituais devem ser o resultado de nossos esforços, não lhes é permitido revelar-nos tudo o que sabem.

Por outro lado, é evidente a necessidade de proporcionarem o ensino, na conformidade do adiantamento dos homens. Que se diria de um professor que quisesse ensinar cálculo integral a uma criança de dez anos? Que estava louco, porque é preciso que essa criança aprenda, antes, as diferentes partes da matemática, as quais, por encadeamento lógico, vão até àquela ciência, que delas é o termo. Da mesma maneira, os Espíritos só nos podem revelar progressivamente as verdades que eles conhecem, à medida que nos tornamos mais aptos a compreendê-las.

Deram eles, entretanto, por comunicações, as mais altas idéias a que chegaram as deduções modernas. Allan Kardec pregava a unidade da força e da matéria, em uma época em que essas noções estavam longe de ser admitidas pela ciência oficial. Nossos guias prometem-nos para o futuro revelações ainda mais grandiosas; é por isso que, encorajados pelo que eles já nos anunciaram, esperamos, com paciência, novos descobrimentos no futuro.

Julgam um argumento decisivo contra os espíritas, não terem os Espíritos de diferentes países a mesma opinião sobre grande número de pontos: uns admitem a reencarnação, enquanto outros a rejeitam; uns são católicos, outros sustentam o protestantismo. Parte-se daí para afirmar que as comunicações podem bem ser o reflexo do espírito dos médiuns, segundo a equação pessoal de cada um, como diz Dassier.

Já combatemos essa maneira de ver e mostramos que, quando a influência espiritual se exerce, são inteligências estranhas ao médium que produzem o fenômeno; demais, dizem elas ter

vivido na Terra, não uma vez, mas muitas vezes. Não há razão para duvidar dessa afirmativa, tanto mais que ela corrobora um sistema filosófico da mais severa lógica. A pluralidade das existências da alma concilia todas as dificuldades que as religiões atuais não podem resolver, eis por que adotamos esta maneira de ver.

A reencarnação é uma lei sem a qual não se poderia compreender a justiça de Deus. Ela é confirmada por milhares de seres, que denotam, no raciocínio e no estilo, adiantamento espiritual. Devemos, pois, concluir, que os Espíritos que não partilham essas idéias são almas atrasadas, que chegarão mais tarde à verdade.

Na Terra, mesmo em país civilizado, como o nosso, poucos homens conhecem os ensinamentos da ciência. Se nos colocarmos na via pública, detivermos vinte transeuntes e nos pusermos a examinar-lhes os conhecimentos, dezoito, pelo menos – poderíamos apostar – seriam incapazes de dar esclarecimentos exatos sobre as diferentes funções da digestão. E haverá fenômeno mais habitual e mais freqüente que este? Ora, se a multidão é tão pouco instruída sobre o que mais lhe importaria saber, com mais forte razão descuidará dos complicados problemas de que depende a vida espiritual.

O mundo dos Espíritos é absolutamente igual ao nosso e por isso não nos devemos espantar das divergências nas comunicações. Longe de aceitar todas as idéias que nos chegam pelo canal dos médiuns, convém passar pelo crivo da razão as teorias que nos apresentam, e rejeitar, sem hesitação, as que não estão em perfeito acordo com a lógica.

Deus colocou em nós este archote divino, que nada deve extinguir, e é um sagrado direito crer tão-só naquilo que compreendemos nitidamente. Eis por que o Espiritismo, tão bem resumido nas obras de Kardec, responde às aspirações de nossa época, e daí sua rápida propagação no mundo.

Um escritor positivista, Dassier, teve a pretensão de libertar o homem do que ele chama “as enervantes alucinações do Espiritismo”. Depois de tanta promessa, esperávamos uma refutação

em regra de todos os argumentos espíritas, mas nos achamos em face de uma reedição disfarçada de velhos agravos: charlatanismo, superstição, etc. Dassier, entretanto, dá um passo à frente: consente em crer que é uma realidade o que chamamos perispírito; denomina-o duplo fluídico, personalidade póstuma ou mesmeriana, e lhe atribui os mais extensos poderes.

Esse autor reuniu documentos notáveis, que provam que o homem é duplo e que, em certas circunstâncias, se pode produzir uma separação entre os dois princípios que o compõem. Voltaremos mais particularmente sobre este estudo nos capítulos seguintes. Assinalemos somente, aqui, o processo de Dassier que, combatendo nossas doutrinas, reconhece, entretanto, a exatidão dos fatos afirmados por Allan Kardec e a boa-fé dos médiuns. Ele crê explicar tudo pela hipótese da transmissão do pensamento e da sobrevivência temporária da individualidade. Segundo ele, no momento da morte, a força vital não fica aniquilada; o que formava o duplo fluídico pode viver ainda algum tempo, mas se vai dividindo e desagregando à medida que os elementos que o constituem vão juntar-se aos seus similares na Natureza.

Para refutar esta doutrina, basta dizer que temos milhares de comunicações que nos afirmam o contrário. Aliás, o autor se limita a expor sua maneira de ver, sem dar-se ao incômodo de fornecer provas. Lançou mão, apenas, em seu proveito, de parte das teorias teosóficas, que admitem, também, que os homens não têm todos, no mesmo grau, a possibilidade de atingir a imortalidade.

Todos esses sistemas provam o progresso em relação ao materialismo puro, mas não podem satisfazer àqueles que não se limitam a noções vagas e que exigem dados positivos onde assentem suas convicções.

Procuraram assemelhar o médium escrevente a um sonâmbulo lúcido. Sabe-se, com efeito, que o magnetizador pode, em certos casos, fazer com que o paciente execute os movimentos nos quais ele pensa, sem ser obrigado a enunciar, oralmente, sua vontade. Não se pode estabelecer qualquer analogia entre esse fato e a mediunidade. Nas experiências espíritas o médium *não*

dorme e o evocador é, muitas vezes, ignorante das práticas magnéticas. O pensamento do consultante não poderia, pois, produzir os efeitos verdadeiramente notáveis que se observam.

Além disso, o médium mecânico pode sustentar uma conversa, enquanto sua mão escreve automaticamente, estando ele intelectualmente em estado normal. Não é possível comparar esse estado com o sonambulismo natural ou provocado.

O clero de todas as religiões entrou em guerra com o Espiritismo, porque ele destrói a crença no inferno e, por consequência, as penas eternas. Mina a teoria do pecado original e faz um Deus bom e misericordioso da divindade zangada e cruel dos padres. A filosofia espírita não se apóia na fé, mas nas luzes da razão, e para combater o dogma esteia-se na observação científica.

Pode-se daí julgar o acolhimento que tem. Lembramos a história do arcebispo de Barcelona, fazendo queimar os livros de Allan Kardec, sob pretexto de feitiçaria. Esse processo renovado da Inquisição mostra bem o que seria dos espiritistas, se houvesse o poder de destruí-los.

Em França, as imunidades do clero não vão até lá. Evitamos a fogueira, mas os sacerdotes não deixam de pregar contra nossa doutrina, que dizem inspirada por Satanás.

Essas invectivas não exercem influência alguma sobre nós, porque há muito tempo não acreditamos mais em deus do mal. Esse sombrio gênio, inventado pela casta sacerdotal com o fim de amedrontar os povos infantis da Idade Média, está hoje fora da moda e suas caldeiras vingadoras fogem diante das luzes do progresso. Fazemos muito alta idéia da divindade, para não supor que ela criasse seres eternamente votados ao mal. Aliás, a antiga concepção do inferno está desmentida pelo testemunho cotidiano dos Espíritos; ela não poderia, pois, influenciar-nos de maneira alguma.

Mas, aceitemos, por instantes, a idéia católica e suponhamos que o espírito do mal paire em torno de nós – *quaerens quem devoret* –; deveríamos reconhecer a árvore por seus frutos e

manter-nos em guarda contra suas sugestões. Prega ele o ódio, a inveja, a cólera? Incita-nos a satisfazer nossas paixões?

Não. Os Espíritos ensinam a fraternidade, o perdão das injúrias, à mansuetude para amigos e inimigos. Dizem-nos que o caminho único da felicidade é o do bem e que os sacrifícios agradáveis ao Senhor são os que fazemos a nós mesmos. Exortam-nos a vigiar cuidadosamente nossos atos, a fim de evitar a injustiça; recomendam-nos o estudo da Natureza e o amor de nossos semelhantes, como meios únicos de elevar-nos rapidamente para um futuro mais brilhante.

Longe de nos dizerem que a salvação é pessoal, fazem-nos encarar a felicidade de nossos irmãos como o objetivo superior para o qual se devem dirigir nossos esforços; colocam, enfim, a felicidade suprema na mais sublime fraternidade, a do coração.

Se forem estes os processos empregados por Satã para perverter-nos, é preciso declarar que eles se assemelham estranhamente aos que Jesus empregava para reformar os homens, e o anjo das trevas conduz mal seus negócios, trazendo-nos à virtude pela austeridade da moral que recomenda em suas comunicações.

Se nos é impossível acreditar na legião dos condenados, não se segue que os maus gozem de impunidade. Em *O Céu e o Inferno*, Allan Kardec descreveu o sofrimento dos Espíritos infelizes, e se o inferno não existe, nem por isso deixam as almas perversas de sofrer terríveis castigos. Mas essas penas não serão eternas. Deus permite ao pecador abreviá-las, dando-lhe a faculdade de resgatá-las por expiações proporcionais às faltas. Eis em que diferimos absolutamente de todos os dogmas, é que nossa esperança é fundada sobre a justiça e a bondade infinita do Criador. Não podemos supor que Deus seja mais cruel para conosco do que é um pai para um filho arrependido, e essa esperança expelle de nossos corações o pensamento pungente de um eterno desespero.

Que nova luz traz o Espiritismo! Não há mais dolorosas incertezas sobre o nosso futuro; o além misterioso, velado sob as ficções das religiões, aparece-nos em toda sua realidade. Não mais inferno, não mais céu, mas a continuação da vida, que

prossegue no tempo e no espaço, eterna como tudo que existe. A perene ascensão para destinos sempre mais elevados, eis a verdadeira felicidade. Longe de acreditar em uma beatitude ociosa, colocamos a ventura em uma atividade incessante e no conhecimento cada vez mais perfeito das leis universais.

Lancemos um olhar sobre os benefícios que o homem tem tido com o progresso das ciências, comparemos o bem-estar material que atualmente goza com as condições miseráveis de sua vida há cem anos, e compreender-se-á que, se tais revoluções são possíveis no domínio físico, elas não serão mais que pobres avatares ao lado dos esplendores que a evolução moral para o infinito nos promete.

Não há mais dogmas, não há mais coisas incompreensíveis, senão uma harmonia sublime que se revela nos melhores detalhes dessa imensa máquina que se chama o Universo! E a satisfação profunda por perceber qual é, em suma, a nossa finalidade na Terra é o resultado do estudo atento das manifestações espíritas. Para melhor tornar compreensível o caráter e o alcance científico do Espiritismo, vamos resumir em algumas palavras os pontos principais sobre que ele se apóia, enviando aos livros de Alan Kardec os leitores desejosos de estudar mais profundamente esta crença.

O Espiritismo ensina, em primeiro lugar, a existência de Deus, motor inicial e único do Universo; nele se resumem todas as perfeições, levadas ao infinito. Ele é eterno e todo poderoso.

Ninguém o pode conhecer na Terra, mas todos experimentam suas leis; nosso entendimento é bem fraco, ainda, para elevar-nos até essas sublimes alturas, mas nos diz a razão que ele existe, e os Espíritos, melhor colocados que nós para lhe apreciarem a grandeza, inclinam-se com respeito diante de sua majestade infinita. Falta-nos desenvolvimento intelectual para abraçarmos, em sua extensão, essa grandiosa noção da divindade, mas tendemos para ela como a falena para a luz.

O desejo de conhecer desenvolve nos corações as aspirações mais nobres e, mais tarde, desembaraçado da matéria, gravitando

para a perfeição, o Espírito fará idéia cada vez mais elevada desse Onipotente, que ele pressente hoje e que conhecerá um dia.

Foi-se o tempo em que se concebia Deus como potência implacável e vingadora, condenando eternamente o homem pela falta de um momento. A sombria divindade bíblica não plaina mais sobre nós como ameaça perpétua; não é mais o Jeová terrível que ordenava o degolamento dos que não criam nele e que fazia curvar milhares de homens ao sopro de sua cólera, como uma floresta de caniços, batida pelo aguilhão furioso.

O Deus moderno nos aparece como a expressão perfeita de toda ciência e de toda virtude. Sua inteligência se manifesta no admirável conjunto das forças que dirigem o Universo, sua bondade pela lei da reencarnação, que nos permite remir as faltas com expiações sucessivas e elevar-nos gradativamente até sua infinita majestade.

O Deus que compreendemos é a infinita grandeza, o infinito poder, a infinita bondade, a infinita justiça! É a iniciativa criadora por excelência, a força incalculável, a harmonia universal! Paira acima da criação, envolve-a com sua vontade, penetra-a com sua razão; é por ele que os universos se formam, que as massas celestes rolam seus esplendores nas profundezas do vácuo, que os planetas gravitam nos espaços formando radiantes auréolas em torno dos sóis. Deus é a vida imensa, eterna, indefinível, é o começo e o fim, o alfa e o ômega.

O Espiritismo ensina, em segundo lugar, a existência da alma, isto é, do *eu* consciente, imortal e criado por Deus. Ignoramos a origem desse *eu*, mas, qualquer que seja, cremos que Deus fez todos os espíritos iguais e os dotou de iguais faculdades para chegarem ao mesmo fim – a felicidade. Deu-nos, do mesmo passo que a consciência, o livre-arbítrio, que nos permite apressar mais ou menos nossa evolução para destinos superiores. Sabemos que a alma do homem existia antes de seu corpo, que este poderia não ter existido, que a natureza inteira poderia não existir sem que a alma fosse atingida por isso; em suma, ela é imaterial e indestrutível.

É o *eu* consciente que adquire, por sua vontade, todas as ciências e todas as virtudes, que lhe são indispensáveis para elevar-se na escala dos seres. A criação não está limitada à fraca parte que nossos instrumentos permitem descobrir; ela é infinita em sua imensidade. Longe de considerar-nos como habitantes exclusivamente do pequeno Globo, o Espiritismo demonstra que devemos ser os cidadãos do Universo.

Vamos do simples ao composto. Partidos do estado rudimentar, elevamo-nos, pouco a pouco, à dignidade de seres responsáveis. A cada conhecimento novo entrevemos mais vastos horizontes e experimentamos maior felicidade. Longe de pôr nosso ideal numa ociosidade eterna, cremos, ao contrário, que a suprema felicidade consiste na atividade incessante do espírito, no seu conhecimento cada vez maior e no amor que se desenvolve à proporção que avançamos na estrada árdua do progresso. É o amor o motor divino que nos arrasta para esse foco radiante que se chama Deus!

Compreende-se que essas idéias nos obriguem a admitir a pluralidade das existências, ou seja, a lei da reencarnação. Quando se pensa, pela primeira vez, na possibilidade de viver grande número de vezes na Terra, em corpos humanos diferentes, a idéia parece bizarra; quando, porém, se reflete na soma enorme de aquisições que devemos possuir para habitar a Europa, na distância que separa o selvagem do homem civilizado e na lentidão com a qual se adquire um hábito, logo se vê desenhar a evolução dos seres e se concebem as vidas múltiplas e sucessivas, como uma necessidade absoluta imposta ao Espírito, tanto para adquirir o saber como para resgatar as faltas que se tenham podido cometer anteriormente.

A vida da alma, sob este ponto de vista, demonstra que o mal não existe, ou melhor, que ele é criado por nós, em virtude de nosso livre-arbítrio.

Deus estabelece leis eternas que não devemos transgredir, mas se não nos conformamos com elas, ele nos deixa a faculdade de remir, por novos esforços, as faltas ou crimes cometidos. É assim que os Espíritos, ajudando-se uns aos outros, chegam à felicidade, que é o apanágio de todos os filhos de Deus.

Nossa filosofia enriquece o coração; ela considera os infelizes, os deserdados do mundo, como irmãos a quem devemos socorrer. Pensamos, pois, que uma simples questão de tempo separa os mais embrutecidos selvagens dos homens geniais das nações civilizadas. O mesmo acontece no ponto de vista moral, e os monstros como os Neros e os Calígulas podem chegar ao mesmo grau dos São Vicente de Paulo.

O Espiritismo destrói completamente o egoísmo. Ele proclama que ninguém pode ser feliz se não ama seus irmãos e não os ajuda a progredir moral e materialmente. Na lenta evolução das existências, podemos ser por diversas vezes e reciprocamente: pai, mãe, esposa, filho, irmão... Cimentam-se, assim, os poderosos laços do amor. É pelo auxílio mútuo que adquirimos as virtudes indispensáveis ao nosso adiantamento espiritual.

Nenhuma filosofia se elevou a mais alta concepção da vida universal, nenhuma pregou moral mais pura. É por isso que, detentores de uma parte da verdade, apresentamo-la ao mundo apoiada sobre as bases inabaláveis da observação física.

Ciência progressiva, o Espiritismo se baseia na revelação dos Espíritos. Ora, estes, à medida que eles progridem, e nós avançamos intelectualmente, descobrem verdades novas, de modo que seu ensino é gradativo e se amplia à medida que eles próprios se tornam mais instruídos.

Não temos dogmas nem pontos de doutrina inabaláveis; fora das comunicações dos mortos e da reencarnação, que estão absolutamente demonstradas, admitimos todas as teorias que se ligam à origem da alma e ao seu futuro. Em uma palavra, somos positivistas espirituais, o que nos dá incontestável superioridade sobre as outras filosofias, cujos adeptos estão encerrados em estreitos limites.

Tal é, em suas grandes linhas, a filosofia que se tem procurado vilipendiar por mentiras e calúnias. Concebe-se que nossas idéias e o valor das nossas crenças nos coloquem muito acima dessas críticas indigentes, mas é preciso que o sol da justiça se erga sobre nós e permita aos pensadores apreciarem, em toda sua grandeza, esta nobre doutrina.

Quarta Parte

I

Que é o perispírito?

Demonstramos, nos capítulos precedentes, que a alma é imortal, isto é, que quando o corpo que ela habita, durante sua passagem na Terra, se destrói, ela não é atingida por essa transformação, conserva sua individualidade e pode ainda manifestar sua presença por intervenções físicas. Levanta-se aqui uma dificuldade. Como fazer compreender a ação da alma sobre o corpo?

Segundo a filosofia e segundo os Espíritos, a alma é imaterial, por outras palavras, não tem ponto algum de contato com a matéria que conhecemos. Não se pode conceber que a alma tenha propriedades análogas às dos corpos da natureza, pois que o pensamento que dela é a imagem, a emanção, escapa a qualquer medida, a toda análise física ou química. Mas se é obrigado a tomar a palavra imaterial em seu sentido absoluto? Não, porque a verdadeira imaterialidade seria o nada; mas esta alma constitui um ser cuja existência é tal, que dela nada na Terra poderia dar uma idéia. A fim de precisar bem o nosso pensamento, desejamos instruir nossos leitores sobre o sentido desta palavra *imaterial*, para que ela não se preste à confusão.

Pretendemos que nenhum estado da matéria pode fazer-nos compreender o da alma e, entretanto, a Ciência chegou a resultados surpreendentes quanto à divisão da matéria. Eis o que resulta das experiências de Crookes, na Academia de Ciências.

Sabe-se que esse físico tem uma teoria especial, segundo a qual as moléculas dos corpos gasosos podem mover-se por suas próprias forças, quando se lhes diminui o número, fazendo o vácuo. Para chegar a esse resultado é preciso operar com precisão extrema e empregar manipulações numerosas e complicadas. Crookes chegou a fazer o vazio de tal forma, que a pressão do ar no aparelho foi reduzida a um milionésimo de atmosfera. Nessas condições, manifestam-se os caracteres do estado radiante.

Habitualmente, os fenômenos novos, em física ou química, são produzidos por adição de matéria; é curioso verificar que aqui, ao contrário, efeitos de extrema energia resultam de uma subtração de matéria; foi reduzindo-a quase a nada, rarificando-a além do verossímil, que Crookes obteve os singulares fenômenos. Quanto mais ele retira a matéria, tanto mais surpreendente se torna a ação. É a física do nada, e fica-se tentado a perguntar se ele tem o direito de atribuir à matéria efeitos tão poderosos, quando fez tantos esforços por desembaraçar-se dela. Não deve subsistir equívoco a este respeito e não devemos julgar segundo a impressão de nossos sentidos aquilo que pode perfeitamente lhes escapar.

A Natureza vai muito além de nossas sensações; é preciso, pois, pormo-nos ao abrigo de nossos erros. Quando as mais aperfeiçoadas máquinas subtraíram de um espaço fechado tanto ar, tanto gás quanto foi possível, não se segue que muito ainda não possa lá ficar.

Crookes reduziu o conteúdo de seus tubos a um milionésimo do ar que conhecemos, e que é tão impalpável que o deslocamos a cada instante, sem ter consciência de que ele está em torno de nós. Pareceria que o milionésimo de coisa tão insignificante fosse para nós menos que nada. Esse julgamento é falso, como vamos ver.

O cálculo mostra que num balão de 13 centímetros de diâmetro, como o de que se serve Crookes, cheio de ar à pressão normal, existe, pelo menos, um septilhão de moléculas.

1.000.000.000.000.000.000.000.000

Rarefazer esse ar ao milionésimo, é dividir por um milhão o número precedente, e ainda fica um quintilhão de moléculas. Um quintilhão!

É uma cifra enorme e bem longe do nada. Para dar idéia desse número gigantesco, diz Crookes:

“Tomo o balão no qual faço o vazio e o atravesso com a centelha da bobina de indução. A centelha produz um orifício microscópico, mas suficiente para que as moléculas gasosas penetrem no balão e destruam o vácuo.

Suponhamos que a pequenez das moléculas seja tal que entrem no balão cem milhões por segundo. Nessas condições, quanto tempo creeria fosse preciso para que o recipiente se enchesse de ar? Uma hora, um dia, um ano, um século? Era preciso uma eternidade, um tempo tão grande que a imaginação não pode concebê-lo. Seriam necessários mais de 400 milhões de anos, um tempo tal, que, segundo as previsões dos astrônomos, o Sol teria esgotado sua energia calorífica e luminosa e já estaria há muito extinto!”

O cálculo é, com efeito, fácil de fazer; Crookes não se engana.

Segundo Johnston Stoney, existe em um centímetro cúbico de ar um sextilhão de moléculas; o balão de Crookes, com 13 centímetros de diâmetro, encerra, portanto,

1.288.252.350.000.000.000.000.000 de moléculas de ar à pressão normal.

Quando se diminui a pressão até um milionésimo de atmosfera, o balão fica contendo ainda:

1.288.252.350.000.000.000 de moléculas.

Tudo volta ao primitivo estado, quando entra pelo orifício o que se havia retirado, isto é,

1,288,251,061,747,650,000,000,000 de moléculas.

Se, por hipótese, passam cem milhões por segundo, eis o tempo que duraria o desfile:

12.882.510.617.476.500 segundos ou mais de 12 quatrilhões de segundos.

214.708.510.291.275 minutos, ou mais de 214 trilhões de minutos.

3.578.475.171.521 horas, ou mais de 3 trilhões de horas.

149.103.132.147 dias, ou mais de 149 bilhões de dias.

408.501.731 anos, ou mais de 400 milhões de anos!

A realidade é que o vácuo de um balão Crookes se enche em menos de hora e meia, o que prova que a exigüidade das partículas é tão grande, que devem passar por segundo, na mais fina

abertura, não 100 milhões, mas 300 quintilhões. Que pequenez infinita deve ter essas partículas!

Pois bem, por mais quintessenciada que seja a matéria, por minúscula e impalpável que a Ciência no-la mostre, ela é, ainda, grosseira em relação ao Espírito, que é uma essência, um ser ainda infinitamente mais sutil. É neste sentido que entendemos a palavra imaterial, aplicada à alma; esta é de tal forma imponderável, que não pode ter nenhum ponto de contato com a matéria que conhecemos na Terra.

Entretanto, constatamos no homem a ligação destes dois elementos: o corpo e a alma. Eles estão unidos de maneira íntima e reagem um sobre o outro, como o demonstra o testemunho diário dos sentidos e da consciência. Depois do que dissemos da alma, parece haver nisso contradição; ela, porém, é mais aparente do que real, porque o homem não é formado só do corpo e da alma, mas ainda de um terceiro princípio intermediário entre um e outro chamado *perispírito*, isto é, invólucro do Espírito.

Compreender-se-á, em seguida, a necessidade desse mediador fazendo-se o paralelo entre a espiritualidade da alma e a materialidade do corpo.

A alma é imaterial, porque os fenômenos que produz não se podem comparar a qualquer propriedade da matéria. O pensamento, a imaginação, a lembrança não têm forma, nem cor, nem duração, nem maleabilidade; essas produções do Espírito não estão adstritas a lei alguma que reja o mundo físico, elas são puramente espirituais, não se podem medir nem pesar. A alma escapa, por sua natureza, à destruição, pois que se manifesta, em toda sua plenitude, após a desagregação do corpo; é, pois, imaterial e imortal.

O corpo é esse invólucro do princípio pensante, que vemos nascer, crescer e morrer. Os elementos que o compõem são tirados da matéria que forma o nosso Globo. Depois de demorarem certo tempo no organismo, cedem lugar a outros que os vêm substituir. Essas operações se renovam até a morte do indivíduo; os átomos, então, que compunham, em último lugar, o corpo humano, são retomados pela circulação da vida e entram em

outras combinações, em virtude da grande lei de que nada se cria, nada se perde na Natureza.

Corpo e alma são, portanto, essencialmente distintos: um, notável por suas transformações incessantes; a outra, pela imutabilidade de sua essência. Apresentam qualidades radicalmente opostas, mas verificamos que vivem em perfeita harmonia e exercem influências recíprocas. O ódio, a cólera, a piedade, o amor refletem-se no rosto e imprimem caráter particular à fisionomia. Nas emoções violentas é todo o organismo que se perturba: uma alegria súbita ou uma dor imprevista podem provocar abalos que conduzem à morte. A imaginação age também sobre o físico, com grande violência; é o que demonstram as obras de medicina sobre o assunto, de sorte que, de um lado, estando bem determinados esses efeitos e, do outro, verificando-se a imaterialidade da alma, fica insolúvel para os filósofos o problema da ação mútua da alma sobre o corpo.

Os maiores Espíritos aplicaram-se a explicar a ação da alma sobre o corpo, mas nem Descartes, Malebranche, Spinoza, Leibnitz ou Euler chegaram a uma explicação satisfatória desses fatos.

Segundo Descartes, a alma e o corpo, por sábio desígnio da Providência, seguem, em todo o curso da vida, duas linhas paralelas e, entretanto, sua natureza os torna estranhos um ao outro. Deus modifica a alma, conforme os movimentos do corpo, e dá movimento ao corpo em consequência das vontades da alma. Cada substância é, pois, não a causa, mas parte conjuntural dos fenômenos que se manifestam na outra. Eis por que a teoria cartesiana foi chamada pelos historiadores *a hipótese das causas ocasionais*.

Segundo Leibnitz, corpo e alma, vivendo separadamente, receberam tal organização, que as modificações de uma são reproduzidas no outro, mais ou menos como os ponteiros de dois relógios bem regulados, que marcam a mesma hora. Essa harmonia é mais antiga que o Mundo, tem seu fundamento na inteligência divina e daí a denominarem, conforme Leibnitz, *preestabelecida*.

Euler, o matemático, tinha uma teoria muito mais vulgar, a do *influxo físico*, que admite a ação direta e recíproca do corpo sobre a alma.

Todos esses sistemas levantam graves objeções e não resistem à crítica. Como conciliar as hipóteses de Descartes e de Leibnitz com o sentimento do nosso *eu*, de nossa atividade pessoal; com a experiência diária do império que o homem exerce sobre a Natureza e que esta possui sobre o homem? Quem nos persuadirá, quando estendemos o braço, que não somos a causa desse movimento?

Sabemos, por experiência, que o menor ato de nossa vontade, por fugaz que seja, se traduz por um gesto, e quando sentimos uma dor, sinal é que se produziu uma alteração orgânica, e não a intervenção de Deus para infligir à alma o sofrimento experimentado pelo corpo.

As doutrinas de Descartes e Leibnitz, absolutamente insuficientes para explicar os fatos, estão, além disso, em contradição com a experiência. A doutrina do influxo físico é menos afastada do senso comum, mas deixa a desejar, porque não oferece prova alguma e avilta a alma, tirando-lhe a imaterialidade. Como se vê, o problema é espinhoso, desde que homens desse valor não puderam resolvê-lo.

Vejamos outros filósofos, que se aproximam de nossa maneira de ver.

Um inglês, Cudworth, imaginou uma substância intermediária entre o corpo e a alma, a que ele chamava *mediador plástico* e cujo papel consistia em unir o Espírito à matéria, participando da natureza de ambos. Esta teoria poderia ser aceita, porém com algumas modificações, porque não podemos admitir que a alma, essência indivisível, se alie ao corpo, cedendo parte de sua substância. Além disso, a definição de Cudworth é muito vaga: preferimos a opinião de alguns fisiologistas, quando dizem: “Toda ação, quer contínua e inconsciente, quer intermitente e voluntária da alma sobre a matéria ponderável do corpo, se exerce por certas ondulações do fluido imponderável, ondulações

que têm por condutor o sistema nervoso, tanto cerebrospectral como ganglionar.”

É esse perfeitamente o nosso pensamento e não podemos definir melhor o papel do perispírito, senão assimilando-o à ação de um fluido imponderável que exerce sua ação pelos nervos.

A melhor prova da existência do perispírito é mostrar que o homem pode desdobrar-se em certas circunstâncias. Se, de um lado, vê-se o corpo material, e do outro a reprodução exata desse corpo, mas fluídica, não é mais permitida a dúvida.

O perispírito, como veremos a seguir, serve não só para explicar a ação recíproca da alma sobre o corpo, como também para nos fazer compreender qual é a vida do Espírito desprendido da matéria e habitando o espaço.

Até então, só havia idéias vagas sobre o futuro da alma. As religiões e as filosofias espiritualistas contentavam-se em afirmar a sua imortalidade, sem dar qualquer esclarecimento sobre o seu modo de vida no além-túmulo. Para uns, a eternidade espiritual passava-se em um paraíso mal definido, onde se encontrariam as delícias reservadas aos eleitos; para outros, o inferno era um lugar terrível, onde as almas passavam por horríveis torturas.

Além disso, as observações da Ciência detinham-se na matéria tangível; daí resultava entre o mundo espiritual e o mundo corporal um abismo que se diria intransponível. Esse abismo, os novos descobrimentos e o estudo de fenômenos pouco conhecidos vêm, em parte, preencher.

Ensina-nos o Espiritismo que as relações entre os dois mundos não são interrompidas, que há permuta constante entre os vivos e os que chamamos mortos. Pelo nascimento, o mundo espiritual fornece almas ao mundo corporal, e pela morte este restitui ao espaço as almas que vieram temporariamente habitar a Terra. Há, pois, numerosos pontos de contacto entre a humanidade e a espiritualidade, e a distância que parecia separar o mundo visível do invisível está consideravelmente diminuída. Se demonstrarmos que esse mundo é formado de matéria como o nosso, que os Espíritos também têm um corpo material, as diferenças que pareciam tão radicais se reduzirão a simples nuanças,

que vão do muito ao menos, mas não mais encontraremos chocantes anomalias.

A natureza da alma nos é desconhecida, mas sabemos que ela está envolvida, circunscrita por um corpo fluídico que a torna, depois da morte, um ser distinto e individual.

A alma, segundo Allan Kardec, é o princípio inteligente, considerado isoladamente; é a força que age e pensa e que, só como abstração, poderemos considerar isolada da matéria. Revestida de seu invólucro fluídico ou perispírito, constitui o ser chamado *Espírito*, como, revestida do invólucro corporal, constitui o homem. Ora, se bem que em estado de espírito goze de faculdades e propriedades especiais, não cessa de pertencer à humanidade. São, pois, os Espíritos seres semelhantes a nós, visto que cada um de nós se torna Espírito depois da morte do corpo, e cada Espírito vem novamente a ser homem depois do nascimento.

Esse invólucro não é de modo algum a alma, porque não pensa; não é mais que uma vestimenta; sem alma, o perispírito, assim como o corpo, não passam de matéria inerte, privada de vida e de sensação. Dizemos matéria, porque, com efeito, o perispírito, posto que de natureza etérea e sutil, não deixa de ser matéria, tanto como os fluidos imponderáveis, e, além disso, matéria da mesma natureza e da mesma origem que a matéria tangível mais grosseira. É o que demonstraremos no 2º capítulo.

A alma não possui essa veste somente em estado de espírito; ela é inseparável desse invólucro que a segue na encarnação e na erraticidade. Durante a vida humana, o fluido perispiritual identifica-se com o corpo e serve de veículo às sensações vindas do exterior e às vontades do Espírito; penetra o corpo em todas as suas partes; mas com a morte o perispírito se desprende com a alma, de que partilha a imortalidade.

Poder-se-ia, talvez, contestar a utilidade desse órgão, dizendo-se que a alma pode agir diretamente sobre o corpo e estaria destruída nossa teoria. Mas como nos apoiamos sobre fatos, como nossa convicção é fruto do estudo e da observação, e não uma concepção arbitrária, não depende de nós mudá-la. Isto

sobressai claramente dos fatos que serão expostos no capítulo seguinte.

II

Provas da existência do perispírito – Sua utilidade – Seu papel

Entre os numerosos casos de bicorporeidade do ser humano, vamos fazer uma escolha, não só pela abundância da matéria, como para apresentar ao leitor tão-só fenômenos bem verificados e de incontestável certeza. Tomemos aos adversários do Espiritismo a narrativa dessas manifestações. Dassier, de que já falamos na terceira parte desta obra, conta a seguinte história, que lhe fora referida durante sua passagem pelo Rio de Janeiro:

“Foi em 1858; falava-se, ainda, na colônia francesa dessa capital, de uma singular aparição, havida alguns anos antes. Uma família alsaciana, composta de marido, mulher e uma filha menor, estava de vela para o Rio de Janeiro, onde ia reunir-se a patrícios ali estabelecidos.

A travessia foi longa; a mulher adoeceu e, por falta, sem dúvida, de cuidados e de alimentação conveniente, sucumbiu antes da chegada. No dia em que morreu, caiu em síncope, ficou muito tempo nesse estado, e quando recuperou os sentidos, disse ao marido, que lhe estava ao lado:

– Morro contente, porque sei, agora, que está assegurada a sorte de nossa filha. Venho do Rio de Janeiro, onde encontrei a rua e a casa de nosso amigo Fritz, o carpinteiro. Ele estava no limiar da porta: apresentei-lhe a pequena; estou certa de que, à tua chegada, ele a reconhecerá e a tomará a seu cuidado.

Alguns instantes depois ela expirava. O marido surpreendeu com a narrativa, sem lhe dar, entretanto, importância.

No mesmo dia e à mesma hora, Fritz, o carpinteiro – o alsaciano de quem acabo de falar – encontrava-se à soleira da porta de sua casa, no Rio de Janeiro, quando acreditou que vira passar na rua uma de suas compatriotas, tendo nos braços uma menina. Ela o encarava com ar suplicante e parecia apresentar-lhe a criança. A figura era de grande magreza e lembrava os traços de Lota, a mulher do seu amigo e compatriota

Schmidt. A expressão do rosto, a singularidade do andar, que se diria mais de fantasma que da realidade, impressionaram vivamente Fritz. Querendo assegurar-se de que não estava sendo vítima de uma ilusão, chamou um dos seus operários, que trabalhava na loja, e que era também alsaciano e da mesma localidade.

– Olha – disse lhe – não vês passar uma mulher na rua, com uma filha nos braços, e não parece Lota, a mulher do nosso patrício Schmidt?

– Não sei dizer, não distingo bem – respondeu o operário.

Fritz calou-se, mas as diversas circunstâncias dessa aparição real ou imaginária gravaram-se fortemente em seu espírito, notadamente a hora e o dia. Algum tempo depois, vê ele chegar seu compatriota Schmidt, trazendo uma criança nos braços. Retraça-se, então, em seu espírito, a visita de Lota, e antes que Schmidt tivesse aberto a boca, disse lhe:

– Meu pobre amigo, já sei tudo; tua mulher morreu durante a travessia e antes de morrer veio apresentar-me sua filha para que eu velasse por ela. Eis a data e a hora.

Eram exatamente o dia e a hora consignados por Schmidt a bordo do navio.”

Façamos algumas observações. Vemos, primeiro, que o duplo fluídico reproduz, identicamente, os traços do indivíduo no qual o fenômeno se processa. A semelhança é de tal modo frisante que permite a Fritz reconhecer a mulher do amigo, que ele há muito não via.

O segundo caráter a notar é a rapidez com que se move a aparição, pois o momento em que foi vista por Fritz coincide com o da síncope da doente, a bordo do navio.

Terceiro, é preciso reter esta particularidade, a de que a alsaciana estava mergulhada em uma espécie de letargia, enquanto sua alma viajava ao longe.

Para explicar esse fato, os espíritas admitem que o perispírito ou invólucro fluídico da alma pode, em certas circunstâncias, separar-se do corpo, ao qual ele fica, entretanto, retido por um cordão fluídico. O perispírito reproduz a forma do indivíduo,

porque, como veremos mais adiante, é a ele que devemos a conservação do nosso tipo material e a constituição física do nosso corpo. A alma, nesse caso, goza de parte das faculdades que possui quando está inteiramente desprendida da matéria; assim se explica a rapidez do deslocamento da alsaciana.

O estado doentio ou a síncope não são sempre necessários ao desdobramento.

Vejamos outro fato relatado por Gouguenot des Mousseaux, citado por Dassier:

“Robert Bruce, de ilustre família escocesa desse nome, é imediato de um navio; navega ele um dia perto da Terra Nova e, quando se entregava aos cálculos, julga notar seu capitão sentado à sua escrivaninha; olhando com atenção, verifica que a pessoa a quem vê é um estranho, cujo olhar friamente fixado sobre ele o surpreende. O capitão, para junto de quem ele sobe, percebe seu espanto e o interroga.

– Mas quem está em sua escrivaninha? – pergunta Bruce.

– Ninguém.

– Sim, está lá um estranho, e como?

– Você sonha ou moteja?

– De modo algum. Desça e venha ver.

Desceram e não se viu ninguém na escrivaninha; o navio é revistado em todos os sentidos; nenhum estranho se encontrou.

– Entretanto, quem eu vi escrevia em sua ardósia; sua escrita deve ter ficado lá – acrescentou Bruce.

Examinou-se a lousa; ela tinha estas palavras: *steer to the north-west*, isto é, governe para noroeste.

– Mas esta escrita é sua ou de alguém de bordo?

– Não é!

Pediou-se a todos que escrevessem a mesma frase e nenhuma se assemelhava à da ardósia.

– Pois bem, obedeçamos e aproemos o navio para noroeste; o vento está bom e permite a experiência.

Três horas depois, o vigia assinalava uma montanha de gelo e via ali um navio de Quebec, desmantelado, cheio de gente, com destino a Liverpool; seus passageiros foram trazidos em chalupas para a embarcação de Bruce.

Quando um dos homens subia para o navio libertador, Bruce estremeceu e recuou, muito comovido. Era o estranho que ele vira traçando as palavras na lousa. Narrou ao capitão esse novo incidente.

– Peço escrever *steer to the north-west*, nesta ardósia – disse o capitão ao recém-vindo, apresentando-lhe o lado onde não havia escrita. O estranho traçou as palavras pedidas.

– Bem. É esta a sua letra? – perguntou o capitão, impressionado com a identidade das duas escritas.

– Mas o senhor mesmo me viu escrever; seria possível duvidar? Como única resposta, o capitão virou a pedra e o estranho ficou confuso, vendo sua letra de ambos os lados.

– Teria o senhor sonhado que escrevia nesta lousa? – perguntou ao autor do escrito o capitão do navio naufragado.

– Não; pelo menos não me lembro.

– Que fazia, ao meio-dia, esse passageiro? – indagou o capitão salvador ao seu colega.

– Estando muito fatigado, esse passageiro dormiu profundamente e, tanto quanto me recordo, isso foi antes do meio-dia. Uma hora depois, ele acordou e me disse: – “Capitão, seremos salvos hoje mesmo!” – e acrescentou: – “Sonhei que estava a bordo de um navio e que ele vinha em nosso socorro.” Descreveu o navio e sua aparelhagem, e foi grande a nossa surpresa quando singrastes para nós e reconhecemos a justiça de sua descrição.

Enfim, o passageiro disse por seu turno:

– O que me parece singular é que aqui tudo me é conhecido e, entretanto, nunca vim aqui.”

O desdobramento da personalidade é tão manifesto neste caso como no primeiro; as condições são quase as mesmas: o corpo

está profundamente adormecido. Dois reparos, entretanto, nos levam um pouco mais longe, no caminho dos descobrimentos.

Em primeiro lugar, a lembrança do que se passou durante essa viagem da alma parece apagada, ou, pelo menos, só apresenta ao Espírito vagas reminiscências; o passageiro reconhece o navio que visita, sem saber como tal acontece, pois que antes nunca estivera nele. Não é mais um desejo ardente, como no caso de Lota, o que determinou o fenômeno; o fato tem menos nitidez, no ponto de vista da memória, mas apresenta outra particularidade que é preciso assinalar.

No exemplo da alsaciana, Fritz vê sua compatriota, ela lhe apresenta a criança com ar suplicante, mas o carpinteiro seria incapaz de dizer se era uma aparição ou realmente se fora a mulher do seu amigo quem ele viu.

No segundo caso, a personagem fluídica *escreve*; não é, pois, somente vaga aparência, mas uma pessoa tangível, que tem certa força para dirigir um lápis numa ardósia. Este ponto é certamente importante, porque há materialização da segunda personalidade do indivíduo, e vamos ver que, em muitos casos, é assim que sucede.

Eis uma descrição tomada ao *Curso de Magnetismo*, do Barão du Potet:

“O fato seguinte está bem atestado e pode ser classificado entre os fenômenos mais difíceis de explicar, na ordem do Espiritismo. Foi publicado no manual dos amigos da religião, para 1814, por Jung Stilling, ao qual foi narrado pelo Barão de Sulza, Camarista do Rei da Suécia, como uma experiência pessoal.

Conta o Barão que, indo fazer visita a um vizinho, voltou à casa por volta de meia-noite, hora em que, no verão, ainda faz claro na Suécia, de forma que se pode ler a mais delicada impressão.

– Quando cheguei – diz ele –, em meu domínio, meu pai veio a meu encontro, à entrada do parque; vestia como de hábito e segurava uma bengala, esculpida por meu irmão. Cumprimentei-o e conversamos muito tempo junto. Chegamos,

assim, até a sua casa e à entrada do seu quarto. Quando entrei, vi meu pai despido, deitado na cama, e profundamente adormecido; no mesmo instante, a aparição se desvanecera.

Pouco tempo depois meu pai acordou e olhou-me com ar de interrogação.

– Meu caro Eduardo – disse-me ele –, bendito seja Deus, que te vejo são e salvo; fui atormentado em um sonho, por tua causa; parecia-me que tinhas caído n'água e que estavas prestes a afogar-te.

Ora, nesse dia – acrescenta o Barão – eu tinha ido com um dos meus amigos ao rio, para pescar caranguejos, e quase fui arrastado pela correnteza. Contei a meu pai que vira sua aparição à entrada da casa e que tínhamos conversado bastante tempo. Ele me respondeu que se davam muitas vezes fatos semelhantes.”

Esta narrativa apresenta circunstância bem notável. O fantasma humano *fala* com seu filho, durante muito tempo. Vimos, há pouco, que a mão perispiritual do passageiro era real, que escrevia; aqui é o órgão vocal que funciona; podemos, pois, concluir que em ambos os casos o perispírito se tinha materializado, pelo menos em parte. O duplo fluídico reproduz absolutamente, como se vê, todas as partes do corpo do paciente, é dele a cópia exata, ou antes, como veremos adiante, o esboço imponderável sobre o qual se modela o corpo do encarnado.

Essa maneira de ver é tanto mais exata quanto vamos notar, na história que se segue, a presença simultânea do paciente e do seu duplo, em circunstâncias que nos auxiliarão a descobrir aspectos característicos desses fenômenos.

“Sir Robert Dale-Owen era embaixador dos Estados Unidos em Nápoles. Em 1845 – conta esse diplomata –, existia na Livônia o colégio de Neuwelke, a doze léguas de Riga e a meia légua de Wolmar. Aí se encontravam 42 pensionistas, a maior parte de famílias nobres, e entre as inspetoras figurava Emilie Sagée, francesa de origem, com 32 anos de idade, de boa saúde, mas nervosa, e com um procedimento digno dos maiores elogios.

Poucas semanas depois de sua chegada, notou-se que, quando uma aluna dizia tê-la visto num lugar, outra, muitas vezes, afirmava que ela estava em lugar diferente. Um dia, as moças perceberam, de repente, duas Emilie Sagée, exatamente semelhantes, e fazendo os mesmos gestos: uma, entretanto, tinha na mão um lápis de giz e a outra não tinha nada.

Pouco tempo depois, Emilie abotoava, nas costas, Antoinette de Wrangel, que se estava vestindo. A moça notou, pelo espelho, ao voltar, duas Emilies que abotoavam suas vestes, e desmaiou de susto.

Algumas vezes, às refeições, a figura dupla aparecia em pé, por trás da cadeira da inspetora e imitava os movimentos que ela fazia para comer, mas as mãos não seguravam nem o garfo nem a faca. Entretanto, a pessoa desdobrada não parecia imitar senão acidentalmente a pessoa real, e algumas vezes, quando Emilie se levantava da cadeira, o duplo continuava sentado.

Certa vez, Emilie estava adoentada e de cama; a senhorita Wrangel lia para ela ouvir. De repente, a inspetora ficou hirta, pálida, e dir-se-ia que iria desfalecer. A jovem aluna perguntou-lhe se sentia-se mal; ela respondeu negativamente, mas com voz fraca. Alguns segundos depois, a senhorita Wrangel viu, muito distintamente, o duplo de Emilie andando aqui e ali, em todo o quarto.

Mas eis aqui o mais notável exemplo de bicorporeidade que se observou na maravilhosa inspetora. Um dia, as quarenta e duas pensionistas bordavam em uma mesma sala, no pavimento térreo; quatro portas envidraçadas da sala davam para o jardim. Elas viam nesse jardim Emilie colhendo flores, quando de repente sua figura aparece numa poltrona vazia. As alunas olharam imediatamente para o jardim e continuaram a ver Emilie ali, mas notaram a lentidão dos seus movimentos e seu ar de sofrimento; estava como que adormecida e esgotada.

Duas das mais intrépidas aproximaram-se do duplo e tentaram tocá-lo; sentiram uma ligeira resistência, que compara-

ram à de um objeto de musselina ou crepe. Uma delas passou através de parte da figura; esta conservou a mesma aparência, alguns instantes, até que foi desaparecendo gradualmente.

O fenômeno se produziu de diversas maneiras, durante o tempo em que Emilie ali esteve empregada, isto é, de 1845 a 1846, no espaço de ano e meio; houve intermitências de uma a muitas semanas. Verificou-se que quanto mais distinto e de aparência material era o duplo, tanto mais sofredora, mortificada e abatida estava a personalidade real; ao contrário, quando o duplo esmaecia, via-se a paciente readquirir suas forças. Emilie, entretanto, não tinha nenhuma consciência desse desdobramento, e só o conhecia por ouvir dizer; nunca vira o duplo, nunca suspeitara do estado em que ficava. Tendo o fenômeno inquietado os pais, estes retiraram as filhas e a instituição faliu.”

Evidencia-se um fato desta narrativa, a relação íntima que existe entre o estado do corpo e o duplo. Quando o perispírito se torna menos vaporoso, mais sólido, o corpo enfraquece; quando se toma fluídico, o organismo material retoma forças. Isto indica que existe um laço entre o corpo e o duplo. Dassistier denomina-o tecido vascular invisível. Kardec ensina há muito tempo que, durante o sono, a alma se desprende do corpo, mas que lhe fica sempre ligada por um cordão fluídico e que, se ele se rompesse, a morte do paciente seria instantânea.

Emilie Sagée, de constituição muito nervosa, era sujeita ao desprendimento da alma, mas o fato é notável porque o desdobramento se dava, mesmo durante a vigília, enquanto que, de ordinário, ele só se opera quando o corpo está mergulhado no sono.

Se nos reportarmos aos casos de sonambulismo lúcido, narrados por Charpignon, compreenderemos a série ascendente que se manifesta nesses diferentes fenômenos. No sonambulismo, natural ou provocado, a alma se desprende do corpo, porque este, mergulhado no sono, tem uma vida menos ativa, o que permite ao Espírito escapar-se, por momentos, do seu invólucro e ver o que se passa a distância.

No caso de desdobramento, a alma separa-se, no sono, da mesma maneira, mas, ora se materializa de forma imperfeita, como vimos com a alsaciana, ora toma um aspecto inteiramente material, pode escrever e falar. Se o fenômeno é ainda mais acentuado, a bicorporeidade se manifesta sem que o paciente esteja adormecido, como o prova a história precedente, mas, então, quanto mais o duplo adquire tangibilidade, mais a inspetora se toma fraca e enlanguescida.

Estas observações confirmam plenamente o ensino de Allan Kardec. Encontramos, com efeito, em *O Livro dos Espíritos*, a explicação racional de todos esses casos singulares. A alma é retida ao corpo por seu perispírito, que tem por condutor o sistema nervoso; segue-se que todas as modificações trazidas a esse sistema, que tenham por fim paralisar sua ação, favorecerão o desprendimento da alma.

Eis, com efeito o que lemos na *Revue Spirite* de 1859, página 137:

“A Sra. Schultz, uma de nossas amigas, que é perfeitamente deste mundo e não parecia dever deixá-lo tão cedo, tendo sido evocada durante o sono, deu, mais de uma vez, a prova da perspicácia de seu espírito nesse estado. Uma noite, depois de uma conversa, ela disse:

– Estou fatigada, durmo, tenho necessidade de repouso.

Mas, replicamos-lhe:

– Seu corpo pode repousar; falando-lhe, não o perturbo. É seu Espírito que está aqui e não seu corpo; pode, pois, entreter-se comigo, sem que este sofra por isso.

Ela respondeu:

– Faz mal em acreditar nisso; meu Espírito se desprende um pouco de meu corpo, mas ele é como um balão cativo, retido por cordas. Quando o balão recebe as sacudidas ocasionadas pelo vento, o poste que o prende ressent-se desses abalos, transmitidos pelas cordas. Meu corpo serve de poste para o meu Espírito, com a diferença de que experimenta sensações desconhecidas ao poste, e que muito fatigam o cérebro.

bro; eis por que meu corpo como meu Espírito têm necessidade de repouso.

Esta explicação, na qual ela nos declarou que, durante a vigília, não havia jamais imaginado, mostra perfeitamente as relações que existem entre o corpo e o Espírito, durante o tempo em que este último goza de uma parte de sua liberdade.

Isto, entretanto, não nos parecia senão engenhosa comparação, quando logo depois esta figura tomou as proporções da realidade.

M. R., antigo ministro dos Estados Unidos junto ao Rei de Nápoles, disse conhecer homem muito esclarecido sobre o Espiritismo. Tendo vindo visitar-nos, perguntou-nos se, nos fenômenos das aparições, nunca tínhamos observado qualquer particularidade distintiva entre o Espírito de uma pessoa viva e o de uma pessoa morta; numa palavra, se, quando um Espírito aparece espontaneamente, seja durante a vigília ou durante o sono, temos um meio de reconhecer se a pessoa é morta ou viva. Após nossa resposta, que nós não conhecíamos outro meio senão perguntar ao Espírito, ele nos disse conhecer na Inglaterra um médium vidente, dotado de grande poder que, cada vez que lhe aparecia um Espírito de uma pessoa viva, notava que um fio luminoso partia de seu peito, atravessava o espaço, sem se interromper com os objetos materiais, e ia terminar no corpo, espécie de *cordão umbilical* que unia as duas partes momentaneamente separadas do ser vivo. Nunca ele o notou quando a vida corporal não existia mais e por este sinal é que reconhecia se o Espírito era de uma pessoa morta ou de uma ainda viva.”

A existência deste cordão fluídico foi constatada com muita freqüência depois dessa época. É, pois, um fato adquirido.

A comparação, tão justa, do balão cativo mostra a íntima união do corpo e do perispírito, de tal sorte que toda modificação de um repercute no outro. Veremos mais adiante as conseqüências desta observação.

Nas narrativas que temos reproduzido, uma coisa, sobretudo, parece estranha, é a facilidade com que o duplo fluídico passa através dos corpos materiais. Sem dúvida, há aí um fenômeno extraordinário, mas não sem analogia na natureza. A luz e o calor se propagam através de certas substâncias, a eletricidade caminha ao longo de um conduto e sabemos, pelas experiências de Cailletet e de Sainte-Claire Deville, que os gases passam facilmente através das paredes de um tubo fortemente aquecido.

Todos os corpos são porosos; não se tocando, suas moléculas podem dar passagem a um corpo estranho. Os Acadêmicos de Florença tinham demonstrado este ponto, fazendo violenta pressão sobre a água encerrada em uma esfera de ouro; ao fim de pouco tempo via-se o líquido transudar por pequenas gotas, na superfície da esfera.

Verificamos, por esses diferentes exemplos, que a matéria pode atravessar a matéria. Nos casos que acabamos de citar, é preciso empregar a pressão ou o calor para dilatar as substâncias que se quer fazer atravessar por outras. Isto é necessário, porque as moléculas do corpo que atravessa, não adquirindo o grau suficiente de dilatação, ficam cerradas umas contra as outras. Mas, se supusemos um estado da matéria em que as moléculas sejam muito menos aproximadas e eminentemente tênues, poderá ela atravessar todas as substâncias, sem necessidade de manipulação. É o que se dá com o perispírito que, formado de moléculas menos condensadas que a matéria que conhecemos, não pode ser detido por nenhum obstáculo.

Uma segunda propriedade do perispírito parece inexplicável. Dificilmente se compreende que um vapor muito rarefeito, um fluido imponderável possa, apesar de sua tenuidade, conservar determinada forma. Quando a fumaça se escapa da fornalha, não tarda a espalhar-se na atmosfera, tornando-se aos poucos invisível. Como pode o perispírito, que é formado de matéria infinitamente mais rarefeita, apresentar-se, no entanto, com um aspecto nitidamente determinado?

Uma experiência curiosa vai elucidar-nos:

Admitindo a idéia da matéria, William Thompson, para explicar o retorno de uma substância a seu estado primitivo quando ela se desprende de uma combinação, assemelha os movimentos do meio elástico, a que ele chama matéria, ao dos turbilhões de fumo, em forma de rolos, que se vêem produzir na combustão do hidrogênio fosforado, ou algumas vezes escapar-se da chaminé de um locomotiva, quando ela parte.

Imaginou-se um aparelho que permite obter esses rolos à vontade e, dando-se-lhes grandes dimensões, foi possível estudar-lhes a forma. Uma caixa de madeira, perfurada na parte anterior com uma abertura circular, encerra dois vasos, um dos quais contém uma solução de álcali volátil, e o outro, ácido clorídrico do comércio. Os gases que se escapam dessas soluções produzem, combinando-se, abundantes fumaças que enchem a caixa. Uma pancada seca, aplicada sobre a armação que forma a parede oposta à abertura, impele a fumaça, que se escapa produzindo uma bela coroa que se propaga em linha reta.

Helmholtz, que observou os turbilhões, mostrou que as partículas de fumo rolam sobre si mesmas e executam movimentos de rotação, que vão do interior ao exterior, no sentido da propagação, e em torno de um eixo circular que forma, por assim dizer, o núcleo dos turbilhões. Daí, Helmholtz passa ao caso de um meio em que não houvesse atrito algum; mostra que os rolos se deslocarão e mudarão de forma, *sem que nada venha destruir as ligações que existem entre as partes constituintes*.

Deduzimos daí que existem estados da matéria em que uma dada forma se conserva indefinidamente, com a condição de que esta matéria seja submetida a uma força constante e não experiente nenhum atrito. É o que acontece com o perispírito, cuja matéria rarefeita pode ser encarada, por sua natureza etérea, como desprovida de atrito; podemos, pois, conceber que ela conserva um tipo determinado, em virtude de sua constituição molecular.

Podemos levar mais longe a analogia.

Experiências efetuadas na Inglaterra mostraram que, se se deformarem esses rolos, eles tenderão a retomar a forma circular;

se lhes colocar no trajeto uma lâmina, eles contorná-la-ão, *sem se deixarem cortar*, oferecendo, assim, a imagem material de alguma coisa invisível e insecável. Demais, dois rolos, movendo-se na mesma linha, podem atravessar-se sem perderem a individualidade que lhes é própria; o rolo atrasado contrai-se, quando sua velocidade aumenta; atravessa o que o precede, depois se dilata por sua vez e assim por diante.

Assim, esses anéis se penetram mutuamente, passam através um do outro, sem nada perder de sua autonomia, sem serem mesmo deformados. A matéria, nesse estado pouco rarefeita, que está longe de atingir a extrema tenuidade do perispírito, goza, pois, de propriedades que nos revelam as leis ainda pouco conhecidas que dirigem as evoluções do duplo fluídico; compreenderemos sem dificuldade, por analogia, que o perispírito possa atravessar todos os corpos, como a luz passa através dos corpos transparentes.¹⁵

Nos exemplos citados até aqui, vemos a alma e seu envoltório, mas não podemos ainda determinar todas as propriedades deste corpo fluídico, porque ele está ligado ao organismo material e não goza inteiramente de sua liberdade de ação. Para conhecer a sua composição e seu funcionamento é preciso estudar a alma quando, desembaraçada de seu invólucro grosseiro, ela se move livremente no espaço. É o que nos propomos fazer no capítulo seguinte e ali explicaremos como o duplo fluídico pode tornar-se visível e material.

O conhecimento do perispírito lança luz nova sobre muitos fenômenos da fisiologia. Não se pode estudar o homem sem se encontrar um primeiro motor, invisível e intangível: a vida. Essa força desenvolve o ser, segundo um plano determinado.

Geoffroy Saint-Hilaire dizia: “O tipo segundo o qual a vida forma o corpo desde a origem é também aquele segundo o qual ela o entretém e repara. A vida é, ao mesmo tempo, formadora, conservadora e reparadora, sempre conforme esse modelo ideal, regra invariável de todos os seus atos.”

Esse modelo ideal está contido no ser material que se transforma sem cessar? Não, evidentemente; ele lhe é exterior, ou

antes, é nele que se vêm incorporar as moléculas materiais; ele é esboço fluídico do ser. Se refletirmos, com efeito, nas transformações múltiplas, incessantes, às quais está o corpo submetido, compreenderemos a necessidade dessa força diretriz que indica aos átomos materiais o lugar que eles devem ocupar. Como conceber que o cérebro, instrumento tão frágil, tão complicado, cuja substância se renova continuamente, possa funcionar de maneira constante, se não existisse um modelo fluídico no qual as moléculas materiais se vêm incorporar?

Com a morte do corpo, não mais existindo esse duplo, tudo sucumbe, se degrada e destrói, em curto lapso de tempo. É este esboço fluídico que, diferindo segundo os indivíduos, conserva a estrutura particular de cada um, as formas gerais do corpo e da fisionomia que o fazem reconhecer durante o curso de sua existência.

Vimos na primeira parte que os materialistas não podem explicar a transformação da sensação em percepção. Pois bem, com a noção do perispírito tudo se torna simples e compreensível.

Sabemos que os nervos sensitivos terminam em uma parte do cérebro chamada *tálamos óticos*; aí, cada aparelho sensorial possui um núcleo de células ganglionares, que está ligado à periferia cortical por fibras brancas. Lembrado isto, vejamos como as excitações exteriores penetram e se encaminham no organismo quando se trata de um fenômeno auditivo ou visual, que põe em atividade as células da retina ou do nervo auditivo. Que se passa, então, na intimidade dos condutores nervosos?

Essas excitações, seguidamente transmitidas, põem logo em jogo as atividades específicas, isto é, as propriedades especiais das diversas células que compõem os núcleos dos tálamos óticos. As células do centro ótico, entrando em vibração, as transmitem à camada cortical pelas fibras radiantes e, aí chegadas, essas vibrações, que são, até esse momento, simples movimentos moleculares, encontram o duplo fluídico e lhe comunicam a impressão. Desde então, este movimento ondulatório se propaga até a alma que tem dele consciência. É a esse conhecimento que se chama percepção; ele não poderia efetuar-se se o intermediário fluídico não existisse.

É preciso não esquecer que o perispírito não é um corpo homogêneo; ele possui partes quase materiais, que se referem ao organismo, e partes quase imateriais, que se referem à alma. Comparemo-lo a um vapor contido num tubo, para melhor compreensão. Esse vapor, muito condensado na base, se vai rarefazendo a medida que se eleva. Existe, assim, uma série de estados intermediários, desde a materialidade até a espiritualidade. É uma espécie de cor que vai do negro, que representaria o corpo, até o branco que seria a alma.

Em resumo, o perispírito é formado de fluidos, em diferentes graus de condensação, desde os fluidos materiais, que aderem ao cérebro, até os espirituais, que se aproximam da natureza da alma. De sorte que, se uma vibração impressiona um nervo sensitivo, este a transmite aos tálamos óticos, que a refletem para o sensorium; aí chegada essa vibração, age sobre o fluido perispiritual, que aos poucos adverte o espírito.

Assim, como pensam os fisiologistas de que já falamos, são as ondulações do fluido perispiritual que transmitem as sensações à alma e, reciprocamente, a vontade da alma se manifesta aos órgãos por ondulações em sentido inverso das primeiras, que vão da parte mais depurada à parte mais material. Chegadas à superfície das camadas corticais, as ondulações impressionam as células do sensorium e põe em ação a energia nervosa que aí está contida; esta, sob forma de descarga nervosa, atravessa os núcleos do corpo estriado, onde adquire uma força maior e se distribui, em seguida, pelos nervos motores, conforme as vontades da alma.

Se nossa teoria é justa, isto é, se uma sensação leva certo tempo para percorrer os nervos e outro tempo para ir do cérebro à alma, deve-se poder medir o tempo desse trajeto. É o que foi feito, como vamos mostrar.

Eis o princípio do método:

Em uma câmara escura encontra-se um observador que é encarregado de fazer certo sinal, quando vir uma luz. Nota-se, com extrema precisão, o momento exato da aparição da luz e o em que o observador faz o sinal convencional. Como a distância

do observador ao foco luminoso é muito curta e a luz percorre 75.000 léguas por segundo, o tempo empregado pelo raio luminoso para atingir o olho é insignificante, de sorte que se admite que logo que a luz se produz fere a retina.

O tempo que decorre entre o momento em que o observador viu a luz e o em que faz o sinal é pois a medida do tempo que a excitação gastou para ir da retina à camada cortical do cérebro, do cérebro à alma e para voltar da alma aos órgãos do corpo que fazem o sinal.

Segundo os trabalhos de Helmholtz, a sensação percorre os filamentos nervosos com uma rapidez de 30 metros por segundo; basta, pois, subtrair do tempo total inscrito:

- 1º- o tempo empregado pela sensação para ir da retina à periferia do cérebro;
- 2º- o tempo empregado pela vontade para partir da periferia do cérebro e agir sobre o membro que faz o sinal, a fim de se obter o tempo empregado pela sensação para atravessar duas vezes o órgão perispiritual.

São as seguintes às cifras publicadas por Hirsch de Neufchatel:

- Para a visão .. 0''1974 a 0''2083
- Para a audição 0''194
- Para o tato 0''1733

Tomando a metade desses números, temos o tempo empregado para que a sensação atravessasse o perispírito, isto é, seja transformada em percepção. Estas medidas não têm, apenas, um interesse teórico, senão ainda grande valor prático para o astrônomo observador. Quando ele estuda, por exemplo, a passagem de um astro pelo meridiano e calcula a duração dessa passagem, vista no telescópio, por meio das oscilações do pêndulo de segundos, comete sempre um pequeno erro, proveniente do tempo necessário para fazer perceber cada uma das impressões visuais.

Esse erro não é exatamente o mesmo para dois experimentadores diferentes; se quiserem comparar as observações dos

diversos astrônomos, é preciso conhecer esta diferença, isto é, a equação pessoal de cada um deles.

Se não existisse o perispírito, não haveria essas diferenças, e a percepção se faria com igual rapidez para todos; sendo, porém, o duplo fluídico, mais ou menos purificado, isto é, mais ou menos radiante, as sensações aí se encaminham com rapidez variável.

Perguntar-se-á como é que a alma atua de maneira assaz eficaz sobre o perispírito, para determinar movimentos do corpo que revelam, por vezes, uma grande força mecânica, que a alma seria impotente para produzir. Não é espantoso verificar que o Espírito, pela vontade, pode fazer o corpo executar os mais rudes trabalhos, que um Hércules levante com o braço retesado os mais pesados pesos?

Se, como o indicamos, o ponto de partida dessa energia está na alma, poder-se-ia acreditar que esta é muito fraca para produzir tais efeitos. Responderemos com Luys:

“Os processos da motricidade voluntária começam por uma incitação puramente psíquica e se tornam, insensivelmente, pelo jogo natural das engrenagens do organismo, uma incitação física. Transformando-se, assim, em sua evolução sucessiva, oferecem o quadro empolgante que vemos apresentar-se, incessantemente, a nossos olhos, de uma máquina a vapor. Vemos, nesse caso, uma força, mínima, a princípio, transformar-se e tornar-se, pela série de aparelhos que põe em jogo, causa do desenvolvimento de gigantesca potência mecânica.

No momento, com efeito, de pôr a máquina em atividade, não basta um movimento fraco, a simples intervenção da mão do mecânico que ergue a alavanca e deixa passar o vapor para a face superior do pistão?”

Esta força viva, em liberdade, desenvolve imediatamente sua potência, que é proporcional à superfície sobre a qual ela se espalha, o pistão se abaixa, sua haste arrasta o balancim; a sacudidela se desenvolve com os volantes e o movimento inicial, tão fraco no começo, se amplia e aumenta sem cessar, à

medida que o volume e a potência dos aparelhos postos à sua disposição tornam-se mais consideráveis e mais possantes.”

A alma é a mão do mecânico, a força é a energia vital ou fluido nervoso contido nos diferentes aparelhos do cérebro, da medula espinal e dos nervos.

Assim, a experiência nos mostra que existe no homem um órgão fluídico, que é o esboço sobre o qual se modela o corpo. Em certas circunstâncias, o perispírito pode desprender-se do invólucro, ao qual está ligado durante a vida, e se materializar a ponto de tornar-se visível e agir à distância.

Tais fenômenos não eram desconhecidos dos antigos. Lemos, com efeito, nas histórias de Tácito, capítulos 81 e 82:

“Durante os meses que Vespasiano passou em Alexandria, esperando a volta periódica dos ventos do estio e a estação em que o mar é calmo, houve muitos prodígios pelos quais se manifestou o favor do céu e o interesse que tomavam os deuses por esse príncipe.

Os prodígios redobram o desejo de Vespasiano de visitar a morada sagrada dos deuses, a fim de os consultar a respeito do Império. Ordena que fechem o templo para todos. Entra sozinho e muito atento ao que ia dizer o oráculo, quando percebe atrás dele um dos principais egípcios, de nome Basilide, *que ele sabia estar retido doente, distante muitos dias de Alexandria*. Informa-se dos sacerdotes se Basilide veio nesse dia ao templo, e dos transeuntes se o viram na cidade; manda, enfim, homens a cavalo e se certifica de que, naquele momento, ele estava a 800 milhas de distância. Não duvidou mais da realidade da visão e o nome de Basilide lhe serviu de oráculo.”

Os Anais católicos narram muitos fatos de desdobramento, que se produziram em pessoas piedosas. Afonso de Liguori foi canonizado, antes do tempo requerido, por se haver mostrado em dois lugares diferentes, o que passou por um milagre. É verdade que, pelos mesmos fatos, pobres mulheres, tidas por feiticeiras, foram queimadas pelo Santo Ofício.

Santo Antônio de Pádua pregava na Espanha, no momento em que seu pai, residente em Pádua, na Itália, era conduzido ao

suplício, sob a acusação de homicídio. Nessa ocasião, aparece Santo Antônio, demonstra a inocência de seu pai e aponta o verdadeiro culpado, que foi castigado mais tarde. Antônio, nesse mesmo instante, pregava em Espanha.

Dassier cita o caso de S. Francisco Xavier, que se achava, ao mesmo tempo, em duas embarcações, durante uma tempestade, e encorajava os companheiros, em perigo. Eis como seus biógrafos referem o prodígio:

“Ia S. Francisco Xavier, em novembro de 1571, do Japão para a China, quando, sete dias depois da partida, assaltou o navio que o levava violenta tempestade. Temendo que uma chalupa fosse arrastada pelas vagas, o piloto ordenou a quinze homens da tripulação que a amarrassem ao navio. Caíra a noite, enquanto se trabalhava nessa faina, e os marinheiros se viram surpreendidos por uma vaga e desapareceram com a chalupa. O santo ficou em preces, desde o começo da tempestade, que redobrava sempre de furor. Os que ficaram, entretanto, no navio, lembravam-se dos companheiros da chalupa e os julgaram perdidos.

Passado o perigo, Xavier exortou-os a que tivessem coragem, assegurando que os encontrariam dentro de três dias.

No dia seguinte, fez alguém subir ao mastro, sem que nada se descobrisse. O santo entrou, então, em seu camarote, e pôs-se a orar. Depois de ter passado, assim, grande parte do dia, subiu ao tombadilho, cheio de confiança, e anunciou que a chalupa estava salva. Entretanto, como nada ainda se visse, no dia seguinte, a tripulação, sentindo-se sempre em perigo, recusou esperar por mais tempo companheiros que considerava como perdidos. Mas Xavier lhes reanimou a coragem, concitando-os, pela morte do Cristo, há um pouco mais de paciência. Reentrou depois em seu camarote e redobrou de fervor na prece.

Enfim, após três longas horas de espera, vê-se aparecer a chalupa e, em breve, os quinze marinheiros, que supunham perdidos, alcançaram o navio.

Segundo o testemunho de Mendes Pinto, produz-se, então, um fato dos mais singulares. Quando os homens da chalupa subiram ao convés e o piloto quis largá-la, eles gritaram, dizendo que era preciso deixar, primeiro, sair Xavier, que estava com eles. Em vão procuram persuadi-los de que ninguém ficara na chalupa, mas os marinheiros afirmavam que Xavier os acompanhara durante a tempestade, reanimando-lhes a coragem, e que conduzira a embarcação ao navio.

Diante de tal prodígio, todos se convenceram de que às preces de Xavier é que deveram o ter escapado à tempestade.

É mais racional atribuir a salvação do navio às manobras e aos esforços da equipagem. Tudo, porém, faz presumir que a chalupa não teria podido alcançar o navio se ela não tivesse por piloto o próprio santo, ou antes, o seu duplo.”

Não reproduziremos os numerosos exemplos de bicorporeidade que encontramos nos livros especiais, bastando os que temos citado para estabelecer, de maneira peremptória, a existência do perispírito. A fisiologia, como vimos, une-se à observação e à filosofia, para demonstrar a existência, no homem, de um duplo fluídico, que é o molde do corpo, seu tipo, e que, sem variar como a matéria, conserva, seguindo as evoluções do ser, a fisionomia da individualidade.

É no perispírito que se gravam a lembrança, é nele que os conhecimentos se incorporam, e porque é imutável, conservamos, apesar das incessantes transformações de que o corpo é objeto, a recordação do que se passou em tempo longínquo.

É ele que constitui a identidade do ser, é com ele que se vive, que se pensa, que se ama, que se ora. É, enfim, com ele que nos encontramos depois da morte, desprendidos somente da matéria terrena, mas conservando nossos hábitos, nossos gostos, nossa maneira de ver; idênticos, enfim, com exceção do corpo que tínhamos na terra.

Isso prova que o mundo dos Espíritos é tal como o nosso, que contém seres em todos os graus da escala intelectual, desde os selvagens ignorantes até os homens versados no estudo das ciências. Explicamos, também, pela imortalidade desse invólucro

os surtos do progresso. É evidente que quanto mais depurado é o perispírito, tanto mais vivas são as sensações. A alma atua no envoltório fluídico pela vontade, que é uma força muito poderosa, como verificamos com Claude Bernard. O cérebro humano, reprodução material dessa parte do fluido perispiritual, é, de alguma sorte, um instrumento sobre o qual o Espírito atua; quanto mais perfeito é o aparelho, mais belo é o resultado obtido; assim, um artista que possui um bom violino, mais agradáveis melodias fará ouvir.

Pela instrução desenvolvemos certos compartimentos do cérebro, nos quais se vêm registrar as aquisições intelectuais; ora, essas modificações são reproduzidas pelo perispírito. Segue-se que levamos para a morte nossa bagagem científica e moral, e, quando voltamos a reencarnar, temos em gérmen no cérebro tudo que havíamos fixado anteriormente. Eis por que as crianças, às vezes, nos maravilham com a precocidade de sua inteligência e pela aptidão com que assimilam todas as ciências. Nesse caso, para essa criança, aprender é recordar, como dizia Platão.

Assim como trazemos para a terra as qualidades precedentemente conquistadas, temos também os vícios que não nos deixam e contra os quais precisamos lutar energeticamente para deixá-los. É esse conjunto de virtudes e de paixões que constitui a individualidade de cada homem; pela nossa doutrina, compreende-se a diversidade das inteligências desde o berço, ao passo que as demais filosofias emudecem nesse ponto. A alma desde a concepção forma o seu invólucro, não talvez de maneira consciente, mas efetiva, entretanto.

É durante a gestação que o espírito fluidifica a genitora; que, aos poucos, incorpora os elementos que lhe devem formar o corpo humano, e que o cérebro material se modela pelo cérebro do perispírito. Os defeitos físicos de uma encarnação anterior podem, por vezes, influenciar o duplo fluídico de tal forma, que as modificações orgânicas se reproduzem, ainda, na encarnação seguinte. Daí as crianças enfermas, disformes, apesar de boa saúde e excelente constituição dos pais.

Um dos mais curiosos fenômenos da biologia é o atavismo, isto é, a reprodução em uma raça, de certos caracteres pertencen-

tes aos antepassados, mas desaparecidos em seus descendentes. Darwin cita notáveis casos e confessa não poder explicar essa singularidade. Se estendermos aos animais as mesmas teorias, se os supusermos com um princípio inteligente, também revestidos de um duplo fluídico, que lhes reproduz exatamente a forma do corpo, compreenderemos facilmente que o animal, reencarnado ao fim de certo tempo, pode trazer os caracteres físicos que tivera durante sua passagem anterior na terra; como, porém, seus congêneres progrediram, ele surge como uma anomalia.

Os homens apresentam, no ponto de vista moral e mesmo físico, casos semelhantes. Os Espíritos rotineiros e atrasados, sempre opostos a qualquer idéia de progresso, são almas que não se adiantaram suficientemente e que dão exemplos de atavismo intelectual.

Em suma, diremos, com Allan Kardec, que o indivíduo que se mostra, simultaneamente, em dois lugares diferentes, tem dois corpos; mas, desses dois corpos, um só é permanente, o outro é apenas temporário; pode-se dizer que o primeiro tem a vida orgânica e o segundo a da alma. Ao despertar, os dois corpos se reúnem e a vida da alma reaparece no corpo material.

Não pareceria possível que pudessem dois corpos, em estado de separação, gozar simultaneamente, e no mesmo grau, a vida ativa e inteligente. Entretanto, dir-se-ia contradizerem esta lei os exemplos de Antônio de Pádua e de Xavier.

Deve-se, talvez, atribuir essa divergência aos cronistas, que, impressionados por fatos tão estranhos, quiseram torná-los ainda mais misteriosos, atribuindo-lhes uma simultaneidade absoluta.

Deduz-se, ainda, desses fenômenos que o corpo real não poderia morrer, enquanto o corpo aparente se mostrasse visível, pois que a aproximação da morte atrairia o Espírito para o corpo, ainda que por um instante. Resulta disso igualmente que o corpo aparente não poderia ser morto, pois que não é formado, assim como o corpo material, de carne e ossos.

Charles Bonnet, discípulo de Leibnitz, tinha já entrevisto a existência do perispírito e sua necessidade. Eis o que ele escrevia em diferentes livros que publicou:¹⁶

“Estudando-se, com algum cuidado, as faculdades do homem, observando-se-lhes a mútua dependência, ou a subordinação de umas para com as outras, e a ação de suas finalidades, descobriremos, facilmente, quais os meios naturais por que se desenvolvem e aperfeiçoam. Podemos, pois, conceber meios análogos e mais eficazes que levariam essas faculdades a mais alto grau de perfeição.

O grau de perfeição a que o homem pode atingir na Terra está em relação direta com os meios que lhe são dados e com o mundo que ele habita.

Um estado mais adiantado das faculdades humanas não poderia estar em relação com o mundo em que o homem deve passar os primeiros momentos de sua existência. Essas faculdades são infinitamente perceptíveis e percebemos que alguns dos processos naturais que as aperfeiçoarão um dia podem existir desde já no homem.

Sendo o homem chamado a habitar, sucessivamente, dois mundos diferentes, sua constituição original deve encerrar coisas relativas a esses dois mundos.

Dois meios principais poderão aperfeiçoar, no mundo futuro, todas as faculdades do homem: sentidos mais apurados e sentidos novos.

Os sentidos são a primeira fonte de nossos conhecimentos. As nossas mais abstratas idéias derivam sempre das idéias sensíveis. O espírito não cria nada, mas opera, quase sem cessar, sobre a multidão de sensações diversas que adquire pelos sentidos.

Dessas operações do espírito, que são sempre comparações, combinações, abstrações, nascem, por uma geração natural, as ciências e as artes.

Os sentidos destinados a transmitir ao espírito as impressões dos objetos estão em relação com esses objetos. O olho está em relação com a luz, o ouvido com o som.

Quanto mais perfeitas, numerosas e diversas são as relações entre os sentidos e seus objetos, tanto mais eles manifestam ao espírito as qualidades desses objetos, e quanto mais

claras, vivas e completas as percepções dessas qualidades, mais o espírito formará delas uma idéia distinta.

Vemos que nossos sentidos atuais são suscetíveis de um grau de aperfeiçoamento muito superior ao que lhe conhecemos e que nos espantam em certos indivíduos. Podemos, mesmo, fazer idéia nítida desse acréscimo de perfeição, pelos efeitos prodigiosos dos instrumentos de ótica e de acústica.

Imagine Aristóteles observando uma larva com os nossos microscópios ou contemplando com os nossos telescópios Júpiter e suas luas. Quais não seriam sua surpresa e seu enlevo!

Quais não serão também os nossos, quando, revestidos do corpo espiritual, tiverem nossos sentidos adquirido toda a perfeição que podiam receber do benfazejo Autor do nosso ser!”

Essas deduções são tanto mais justificadas quanto iremos ver que o Espírito, desprendido do corpo, tem percepções de que não podemos fazer idéia. O invólucro perispiritual lhe permite perceber vibrações que nos são desconhecidas e que lhe proporcionam outros conhecimentos e em maior número que nos homens.

Está claro que falamos sempre dos Espíritos adiantados, já libertos das peias grosseiras do perispírito material. Quanto aos outros, eles são, como veremos, ignorantes do que se passa em torno de si e conhecem menos sobre o Universo e suas leis que muitos sábios do nosso mundo.

III

O perispírito durante a desencarnação – Sua composição

Há dois meios para verificar a existência do perispírito nos desencarnados. Podemos, em primeiro lugar, observá-lo quando se produzem as manifestações da alma, como o fizemos quanto ao duplo fluídico do homem; depois, assegurar-nos de sua existência pelos médiuns videntes e pelo testemunho dos Espíritos.

Fiel ao método positivo, vamos primeiro que tudo narrar certo número de fatos que estabelecem que a personalidade póstuma é inegável. É, pois, a demonstração ao mesmo tempo da imortalidade da alma e do seu invólucro, o que se depreenderá deste estudo.

Conta Allan Kardec na *Revue Spirite*, de abril de 1860:

“O seguinte fato de manifestação espontânea foi transmitido ao nosso colega Krotzoff, de São Petersburgo, pelo seu compatriota, o barão Tcherkasoff, morador em Cannes, que lhe garante a autenticidade. Parece que o fato é muito conhecido e causou grande sensação na época em que se produziu.

No começo deste século, havia em S. Petersburgo um artífice que mantinha grande número de operários em suas oficinas; não me lembro do seu nome, mas creio que era um inglês. Homem probo, humano e metódico, ocupava-se não só com o bom fabrico dos seus produtos como muito mais ainda com o bem-estar físico e moral de seus operários, os quais ofereciam, por isso, o exemplo do bom procedimento e de uma concórdia quase fraterna. Segundo costume observado na Rússia até os nossos dias, o patrão lhes dava casa e comida, ocupando eles os andares superiores e os sótãos do mesmo edifício que ele.

Certa manhã, muitos operários, ao acordar, não encontraram mais suas roupas, que haviam posto junto a si ao se deitarem. Não se podia supor um roubo. Fizeram-se indagações inúteis e acreditou-se que os mais maliciosos tivessem querido pregar uma peça a seus camaradas; enfim, à custa de pes-

quisas, encontraram-se todos os objetos desaparecidos no celeiro, nas chaminés e até no teto. O patrão fez uma admoestação geral, visto que ninguém se confessava culpado e, ao contrário, todos protestavam inocência.

Pouco tempo depois, o fato começou a repetir-se; novas admoestações, novos protestos. Pouco a pouco isso começou a repetir-se todas as noites e o patrão previu como consequência disso vivas inquietudes, porque, além do prejuízo no trabalho, via-se ameaçado com a emigração dos operários, receosos de ficar numa casa onde se passavam – diziam eles – coisas sobrenaturais.

A conselho do patrão, organizou-se uma vigilância noturna escolhida pelos próprios anciãos para surpreender o culpado; mas nada se conseguiu; as coisas, pelo contrário, pioraram. Os operários, para irem a seus aposentos, deviam subir escadas, que não eram alumiadas; ora, sucedeu que muitos recebiam pancadas e bofetões; quando procuravam defender-se, batiam no vazio, entretanto, a força das pancadas recebidas fazia supor que se haviam com pessoa robusta.

Aconselhou-os, então, o patrão, a que se dividissem em dois grupos; um deveria ficar em cima da escada, e outro embaixo; seria, assim, apanhado o mal gracejador, que receberia o merecido corretivo. Mas, falhou a providência; os dois grupos foram batidos, sem misericórdia, e cada qual acusou o outro. As recriminações tornaram-se cruentas e a desinteligência chegou a tais extremos, que o pobre patrão já pensava em fechar as oficinas ou mudar-se.

Uma tarde, estava ele sentado, triste e pensativo, rodeado da família; todos se sentiam abatidos, quando um grande ruído se fez ouvir no quarto ao lado, que lhe servia de gabinete de trabalho. Ele se levantou precipitadamente e foi reconhecer a causa do ruído. A primeira coisa que viu, abrindo a porta, foi sua secretária escancarada, e a vela acesa; ora, ele acabara, pouco antes, de fechar a secretária e extinguir a luz. Aproximando-se, notou, na escrivaninha, um tinteiro de vidro, uma pena que não lhe pertenciam e uma folha de papel, onde estavam escritas estas palavras: Mande demolir a parede

em tal lugar (era na escada); aí encontrará ossos humanos que fará sepultar em terra santa. O patrão apanhou o papel e correu a avisar a polícia.

No dia seguinte, procuraram saber donde provinham o papel e a pena. Mostrando-os aos habitantes da mesma casa, chegaram a um negociante de legumes e gêneros coloniais, que tinha sua loja no pavimento térreo, e este reconheceu um e outra como seus. Interrogado a respeito da pessoa a quem os havia dado, ele respondeu: Ontem, à noite, tinha já fechado a porta, quando ouvi um pequeno ruído na correição da janela; abri-a, e um homem, cujos traços não pude distinguir, disse-me: – peço-lhe que me dê tinta e pena, que pagarei. Tendo-lhe entregue esses objetos, ele me atirou uma grossa moeda de cobre, que vi cair no assoalho, mas que não pude encontrar.

Demoliu-se a parede no local indicado e aí acharam ossos humanos, que foram enterrados, e tudo entrou em ordem. Jamais se pôde saber a quem tinham pertencido.”

Vemos nesta história todos os traços distintivos que encontraremos nas seguintes.

- 1º- o Espírito é invisível, impalpável, porém manifesta uma presença por efeitos físicos que provam estar materializado;
- 2º- pede para ser sepultado em terra santa.

Vamos ver que, na maioria dos casos, é assim que as coisas se passam.

As aparições tangíveis são menos raras do que se poderia supor. Eis uma narrada também por Allan Kardec:

“A 14 de janeiro último, o Senhor Lecomte, cultivador na comuna de Brix, distrito de Valogne, foi visitado por um indivíduo, que se disse um antigo camarada, que com ele havia trabalhado no porto de Cherburgo e cuja morte remontava a dois anos e meio. Esta aparição vinha pedir a Lecomte que lhe mandasse rezar uma missa. Ela voltou a 15. Lecomte, menos assustado, reconheceu, efetivamente, seu antigo camarada, mas, ainda perturbado, não soube que lhe responder. O mesmo sucedeu a 17 e 18 de janeiro. A 19 lhe disse Lecomte:

Já que desejas uma missa, onde queres que seja dita, e a assistirás?

– Desejo – respondeu o Espírito – que seja dita na Capela do São Salvador, nestes 8 dias, e eu aí me acharei.

E acrescentou:

– Não te via há muito tempo, e estou muito longe para vir ver-te.

Dito o que, deixou-o, *apertando-lhe a mão*.

Lecomte não faltou à promessa. A missa foi dita a 27 de janeiro, em S. Salvador, e ele viu o antigo camarada ajoelhado nos degraus do altar. Desde esse dia Lecomte não foi mais visitado e voltou à tranqüilidade habitual.”

Dissemos que, morrendo, o Espírito leva consigo suas crenças e seus preconceitos. Provam-no as duas histórias precedentes, visto que o Espírito de S. Petersburgo pede que seus ossos repousem em terra santa, e o segundo, que se mande rezar uma missa por ele. Não é demais repetir que isso é devido a achar-se a alma, depois da morte, em condições idênticas às que tinha na Terra.

O Espírito possui um corpo, o perispírito, que lhe parece material; ele vai e vem, conforme seus hábitos, e admira-se por não lhe responderem. Sua situação é análoga à em que nos encontramos no sonho. Temos consciência de que vivemos, praticamos certos atos, vemos as pessoas e os objetos, mas tudo de modo especial. Nunca refletimos em nosso estado, durante esse tempo; sucedem-se os acontecimentos, neles tomamos parte, mas, quer exista, algumas vezes, felicidade ou sofrimento, e ainda que sintamos estas sensações, elas não produzem em nós as mesmas impressões da vigília. Parece que o raciocínio e a sensibilidade são desviados da atividade normal.

No sonho, o Espírito quer, pensa, age; acha-se em contato com outras personagens, conhecidas ou desconhecidas, mas não tira deduções desses encontros, ou do que vê; em uma palavra, não goza da plenitude de suas faculdades.

Na morte, reproduz-se o mesmo fenômeno. O Espírito entra em perturbação; ele sabe que está vivo, está certo de que existe,

mas ninguém o acolhe: parentes e amigos nunca lhe dirigem a palavra. Vai às ocupações ordinárias, como durante a vida, e esta situação se prolonga até que reconheça seu estado.

Tais fatos não se produzem somente nos homens desprovidos de inteligência; pode dar-se com espíritos cultivados, mas que ou em nada têm, ou têm idéias falsas sobre o futuro da alma. É natural que o materialista, ainda o mais instruído, não se julgue morto, pois que, para ele, morte é sinônimo de nada. Por seu turno, os espíritos religiosos que crêem firmemente no julgamento de Deus, no paraíso, no inferno, se persuadem que não estão mortos, visto que possuem um corpo e nada sucede do que esperavam.

Eis aqui fatos que apóiam o nosso raciocínio.

O primeiro está narrado nos Anais da Academia de Medicina de Leipzig, foi discutido publicamente por esta sábia corporação, e apresenta, pois, todos os caracteres da certeza.

Em 1659 morreu em Crossen, na Silésia, um jovem boticário, chamado Cristóvão Monig. Alguns dias depois, viram um fantasma na farmácia. Todos reconheceram nele Cristóvão Monig. O fantasma senta-se, levanta-se, vai às prateleiras, apanha os potes, os frascos, muda-os de lugar. Examina e prova os medicamentos, pesa-os, mói as drogas com ruído, serve as pessoas que lhe apresentam receitas, recebe dinheiro e o coloca na gaveta. Ninguém ousa, entretanto, dirigir-lhe a palavra.

Tendo, sem dúvida, ressentimentos contra o patrão, que estava, então, seriamente enfermo, faz-lhe toda a sorte de pirraças. Um dia, apanha uma capa, na farmácia, abre a porta e sai. Atravessa as ruas sem olhar para ninguém, entra em casa de muitas pessoas de suas relações, contempla-as um instante, sem proferir palavra, e retira-se. Encontrando no cemitério uma criada, diz-lhe: Vai à casa do teu patrão e cava no quarto térreo; aí encontrarás um tesouro inestimável. A pobre rapariga, espantada, perdeu os sentidos e caiu. Ele se abaixa e a apanha, mas lhe deixa um sinal, por muito tempo visível.

Voltando à casa e se bem que ainda muito assustada, ela conta o que lhe sucedeu. Cava-se no lugar designado e descobre-se,

num velho pote, uma bela hematite. Sabe-se que os alquimistas atribuem a essa pedra propriedades ocultas.

Tendo o ruído desses prodígios chegado aos ouvidos da princesa Elisabeth Charlotte, ordenou ela que se exumasse o corpo de Monig. Pensavam tratar-se de um vampiro, mas só encontraram um cadáver em putrefação bem adiantada. Aconselharam, então, ao boticário, que se desfizesse de todos os objetos que pertenceram a Monig. O espectro não mais apareceu a partir desse momento.

Aqui, o estado de que falamos é bem caracterizado. A alma do aprendiz volta e se entrega às ocupações habituais; é o que acontece muitas vezes; mas a raridade dessas aparições se explica, porque nem sempre se apresentam as condições necessárias à materialização do perispírito.

Veremos daqui a pouco quais são estas condições.

Tomemos a Dassier outro caso em que a individualidade pós-tuma é também muito acentuada. O autor deve a narrativa à gentileza do Sr. Augé, antigo preceptor em Sentenac, Ariège, paróquia do padre Peytou.

“Sentenac-de-Sérou, 8 de maio de 1879.

Senhor:

Pediste para contar, a fim de serem discutidos cientificamente, os fatos sobre as almas, geralmente admitidos pelas pessoas mais conceituadas de Sentenac, e que estejam cercados de tudo que os possa tornar incontestáveis. Vou citar tais como se produziram e os referem testemunhas dignas de fé.

Primeiro – Quando, há cerca de 45 anos, morreu o cura de Sentenac, Peytou, ouvia-se, todas as noites, a partir do anoitecer, alguém mover as cadeiras nos aposentos do presbitério, passear, abrir e fechar uma caixa de rapé, e produzir-se o ruído de quem toma uma pitada. O fato, que se reproduziu por muito tempo, foi, como acontece sempre, logo admitido pelos mais simples e mais medrosos. Os que queriam parecer o que me permitireis chamar os espíritos fortes da comuna, não lhe quiseram dar nenhuma fé. Contentavam-se em rir dos que pa-

reciam ou, melhor dizendo, estavam persuadidos de que o Sr. Peytou, o cura morto, aparecia.

Antonio Eycheinne, *maire* da comuna, nessa época, falecido há 5 anos, e Batista Galy, que ainda vive, os dois únicos indivíduos um tanto instruídos do lugar e, portanto, os mais incrédulos, quiseram certificar-se por si mesmos se todos os ruídos noturnos que – dizia-se – ouviam-se no presbitério, tinham algum fundamento ou se eram somente o efeito de imaginações fracas, que muito facilmente se assustam. Uma noite, armados com um fuzil e um machado, resolveram ficar na casa presbiterial, decididos, se ouvissem alguma coisa, a saber se eram vivos ou mortos os que faziam o ruído.

Instalaram-se na cozinha, perto de um bom lume, e começaram a conversar sobre a simplicidade dos habitantes, declarando que não ouviam nada, e poderiam perfeitamente repousar no colchão de palha, que tiveram o cuidado de levar. Foi quando, no quarto, em cima, perceberam um ruído, depois cadeiras que se moviam e alguém que caminhava, depois descia as escadas, e dirigia-se para a cozinha. Eles se levantaram. Eycheinne vai até à porta, com o machado na mão, pronto a ferir quem ousasse entrar, enquanto Galy prepara a espingarda.

Aquele que parecia caminhar, chegado em frente à porta da cozinha, toma uma pitada, isto é, os nossos homens ouviram o ruído que se faz ao tomar uma pitada, e, em lugar de abrir a porta da cozinha, o fantasma foi para o salão, onde parecia passear.

Eycheinne e Galy, sempre armados, saem da cozinha, passam para o salão e não vêem absolutamente nada. Sobem aos quartos, percorrem a casa toda, perscrutam todos os cantos e acham tudo em seus lugares. Eycheinne, que era o mais incrédulo, disse, então, ao companheiro:

– Amigo, não são os vivos que fazem o barulho, são realmente os mortos; é o cura Peytou; o que ouvimos foi seu andar e sua maneira de tomar pitadas. Podemos dormir tranqüilos.

Segundo – Maria Calvet, criada de Ferré, sucessor de Peytou, mulher tão corajosa quanto existir pudesse, que não se deixava impressionar por coisa alguma e em nada que se lhe contasse acreditava, que sem temor teria dormido numa igreja, como se diz vulgarmente de uma mulher que não tem medo; esta criada, digo, limpava certa tarde, ao cair da noite, no corredor do celeiro, os utensílios da cozinha. Ferré, seu patrão, que tinha ido visitar o cura Desplas, seu vizinho, não devia voltar naquele momento. Enquanto Calvet limpava os utensílios, um padre passou diante dela, sem lhe dirigir a palavra.

– Ó! o senhor não me faz medo senhor Cura – disse ela –, eu não sou tão tola para acreditar que o Senhor Peytou possa voltar.

Vendo que o padre, a quem tomava pelo patrão, havia passado sem lhe dizer nada, Maria Calvet levanta a cabeça, vira-se e não vê ninguém.

Começou, então, a assustar-se, desceu rapidamente a procurar os vizinhos, para dizer-lhes o que lhe sucedera e pedir à mulher de Galy que viesse dormir com ela.

Terceiro – Ana Maurette, esposa de Raymond Ferraud, ainda viva, dirigia-se ao morro, ao amanhecer, para buscar, com seu burro, uma carga de lenha. Passando diante do jardim presbiterial, vê um padre, que passeava na alameda, com um breviário na mão. Quando lhe ia dizer “Bom dia, senhor padre, levantou-se muito cedo”, o padre voltou-se e continuou a ler o breviário.

Não o querendo interromper, a mulher retomou seu caminho, sem que lhe viesse à idéia pensamento de almas.

Ao voltar do morro, com o burro carregado de lenha, encontrou o cura de Sentenac diante da igreja.

– Levantou-se hoje muito cedo, Sr. Cura – disse ela – pensei que ia fazer uma viagem, pois, ao passar, vi-o rezando no jardim.

– Não, boa mulher – respondeu o vigário –, não há muito que saí da cama, e acabo de dizer missa.

– Então – replicou a mulher, tomada de medo – quem era esse padre que lia o breviário, ao amanhecer, na aléia do jardim, e voltou-se no momento em que eu lhe ia dirigir a palavra? Foi bom que eu acreditasse que era o senhor. Teria morrido de medo se pudesse pensar que era o cura, que já não existe. Meu Deus! Eu não teria mais coragem para voltar de manhã.

Eis aí, senhor, três fatos, que não são o produto de uma imaginação fraca e assustada, e duvido que a Ciência possa explicá-los. Serão os mortos? Não o afirmarei, mas há aí alguma coisa que não é natural.

Seu, muito dedicado.

J. AUGÉ.”

Todas as circunstâncias desta narrativa mostram a personalidade póstuma do cura Peytou, continuando no outro mundo a vida terrestre. Ele anda de um lado para outro no seu apartamento, passeia, lendo o breviário; é, pois, impossível negar a persistência da individualidade nestas condições.

Para não fatigar o leitor, limitar-nos-emos a citar a seguinte história contada pelo cavalheiro Mosseaux, que assim se exprime, falando da aparição dos Espíritos:

“Estes fatos são confirmados em nossos dias por obras anglo-americanas modernas, publicadas por sábios como o grande juiz Edmonds, presidente do Senado, Roger, Bavie, Grégory, professor da Universidade de Edimburgo. Entre os inumeráveis fatos desta ordem, eis o que contava, a quem queria ouvi-lo, o homem menos católico e mais cético do mundo, Lord Byron:

Disse-me o Capitão Kidd:

– Acordei uma bela noite na minha rede e senti sobre mim alguma coisa pesada; abri os olhos, era meu irmão, uniformizado, e deitado em minha cama. Quis supor que a visão não passava de um sonho, e fechei os olhos para dormir. Mas fez-se sentir o mesmo peso e reví meu irmão, deitado na mesma posição. Estendi a mão e *toquei* seu uniforme, ele estava *molhado*! Chamei, veio alguém, e a forma humana desapareceu.

Soube depois, que *nessa mesma noite*, meu irmão se afogara no Oceano Índico.”

São abundantes os fatos que demonstram a sobrevivência e a manifestação dos Espíritos.

Não continuaremos nossa enumeração e, referindo-nos ao livro de Dassier, tomaremos suas notas principais, deduzidas de milhares de observações. O ser póstumo possui, como o duplo fluídico do homem, uma forma nitidamente definida, que reproduz a fisionomia e o conjunto físico do defunto. O Espírito, nestas condições, passa através dos obstáculos materiais que se lhe quisesse opor, sem nenhum incômodo. Temo-lo visto entregar-se, habitualmente, às mesmas ocupações que tinha em vida e cessar, repentinamente, suas manifestações.

Dassier, positivista, negava, a princípio que a sobrevivência fosse possível; depois, vencido pela evidência, reconheceu o erro e proclamou a existência do ser póstumo. Mas, o mais curioso é que ele não a admite indefinidamente.

Crê, no fantasma, uma existência momentânea, devida ao pouco de força vital que lhe resta no corpo, depois da morte. Julga que, destruído o cérebro, não pode o morto fazer ato de inteligência, ir, vir, falar... Ensina-nos que o fantasma se dissocia lentamente para entrar no grande todo. Em que se baseia sua apreciação? Em não se reproduzirem sempre as manifestações.

A razão é especiosa, porque as manifestações cessam, em geral, quando se faz a vontade do ser manifestante e desde então ele não tem mais motivo algum para continuar o seu alvoroço; aliás, as comunicações que recebemos, todos os dias, nos afirmam que a alma é imortal, e que, em vez de se dissolver lentamente, vai, pelo contrário, aumentando moral e intelectualmente. Sim, mas Dassier não acredita nas comunicações; ele imagina que elas são produzidas pelo duplo fluídico da pessoa evocadora, por aquilo que ele chama o *éter mesmérico*.

Basta, para combater esta infeliz teoria, chamar a atenção para o fato de que os médiuns estão absolutamente em seu estado normal quando obtêm comunicações. Se só houvesse relações com o mundo dos espíritos por meio de sonâmbulos, poderíamos

admitir a intervenção da dupla personalidade, mas nossos médiuns permanecem perfeitamente acordados e, além disso, a hipótese de Dassier não explicaria mesmo todos os casos de mediunidade.

Admitamos, por um instante, que a personalidade mesmeriana do médium esteja agindo; esta personalidade, supondo que ela reproduza exatamente o físico e intelectual do médium, não pode adquirir, pelo só fato de sua mudança, qualidades que ela antes não possuía. Após isto, como explicar as comunicações recebidas em línguas estrangeiras, o hebraico-siríaco de Des Mousseaux, e as faculdades do caixeiro de que fala Cox, o qual tratava dos mais altos assuntos da filosofia? Não, uma doutrina como a de Dassier não é aceitável e longe de destruir, como ele pretende, “as enervantes alucinações do Espiritismo”, vem confirmar ainda mais a nossa fé, pelos numerosos argumentos que seu livro nos traz.

Assinalemos, ainda, dois caracteres do ser póstumo. Ele se desloca com tanta rapidez como o fantasma vivo. O irmão do capitão Kidd, morto no Oceano Índico, vem encontrá-lo no Atlântico, na mesma noite em que se deu a morte.

Em segundo lugar, o ser póstumo parece recluir-se à luz; evita-a com extrema prontidão. Todas as suas manifestações se dão à noite, e raramente durante o dia, e, neste caso, à aproximação dos crepúsculos.

Dassier atribui à luz uma ação desorganizadora, devida à extrema rapidez das vibrações luminosas. Somos desta opinião, veremos agora mesmo por que e em que condições.

Verificamos, até agora, a existência da alma depois da morte, notamos que ela é revestida de um invólucro, e isto baseando-nos na observação de fatos, cuja autenticidade nos parece bem estabelecida. Mas, os incrédulos porão à conta de alucinação a maior parte desses fatos. Em vão se lhes objetará que semelhante concordância, entre os casos extraídos de fontes diferentes, lhes prova a realidade; eles continuarão a negá-los e a atribuí-los a uma atração doentia que o vulgo sente pelo maravilhoso. Do alto

de seu ceticismo ignorante não deixarão de sorrir dessas superstições populares.

Talvez possamos, porém, abalar esta segurança zombeteira, se lhes pusermos sob os olhos, não mais descrições apanhadas aqui ou ali, o que é possível sempre recusar, mas experiências precisas, feitas por homens de ciência, em seus laboratórios.

Os fatos de materialização dos Espíritos, assinalados em todos os tempos, não se realizavam de modo regular, e a singularidade das circunstâncias em que se produziam, o medo de que se viam tomadas as testemunhas, eram razões para que fossem mal observados.

Graças ao Espiritismo, podemos experimentar hoje, com alguma certeza; conhecemos, teoricamente, a causa desses fenômenos, e se não podemos ainda explicar, cientificamente, como se produzem, já achamos na Ciência os mais firmes pontos de apoio. Vamos recorrer ao trabalho de Crookes, *Pesquisas sobre o Espiritismo*, que é a reprodução de artigos que ele publicou no *Quartely Review*, reunidos em volume pela livraria de ciências psicológicas.

Quando esses notáveis trabalhos apareceram na Inglaterra, excitaram pasmo geral. Como ousava um homem daquele valor pronunciar-se afirmativamente sobre tão controvertido assunto e apoiá-lo com experiências científicas? O fato era verdadeiramente incrível e de todos os lados se fizeram ouvir as vociferações dos materialistas.

Crookes desdenhou esses ataques, que não tinham base, mas uma vez por todas ele responde aos que o acusavam de não ter suficiente competência para pronunciar-se a respeito dessas questões:

“Parece que o meu maior crime é o de ser um especialista entre os especialistas!” Eu, um especialista! é verdadeiramente novidade para mim, que eu tenha limitado a minha atenção a um só assunto especial.

O meu cronista seria bastante capaz para dizer-me qual é este assunto? É a Química Geral, de que tenho feito relatórios desde a criação da *Chimical New* em 1859? É o *thallium* a

respeito do qual o público provavelmente ouviu dizer tudo o que lhe podia interessar? É a análise química sobre o qual publiquei recentemente um tratado dos *métodos escolhidos*, o qual é o resultado do trabalho de doze anos? É a desinfecção, a prevenção e a cura da peste bovina sobre a qual publiquei um relato que pode se dizer, popularizou o ácido carbônico? É a fotografia, sobre a qual escrevi numerosos artigos, tanto sobre a teoria quanto sobre a prática? É a metalurgia do ouro e da prata, na qual minha descoberta do valor do sódio para o processo de amalgamação é presentemente de largo emprego na Austrália, na Califórnia e na América do Sul? É a ótica, ramo para o qual só me compete enviar às minhas memórias sobre alguns fenômenos da luz polarizada, publicadas antes que eu tivesse vinte e um anos; a minha descrição detalhada do espectroscópio e meus trabalhos com este instrumento numa época em que ele era quase desconhecido na Inglaterra; e a meus artigos sobre os espectros solares e terrestres; a meus estudos sobre os fenômenos óticos das opalas e a construção do microscópio espectral; a minhas memórias sobre a medida da intensidade da luz e à descrição de meu fotômetro de polarização? Ou bem é a Astronomia e a Meteorologia a minha especialidade, pois que durante um ano estive no Observatório Radcliffe em Oxford, onde, além de minha função especial de superintender a meteorologia, partilhara meus la-zeres entre Homero e os matemáticos em Magdalen Hall, à procura dos planetas e à fixação de sua passagem com M. Pogson, agora diretor do Observatório de Madras, e a fotografia celeste executada com o magnífico heliômetro vinculado ao observatório. As fotografias da lua, tomadas por mim em 1855, no Observatório de M. Hartnup, em Liverpool, foram durante alguns anos as melhores existentes, e a Sociedade Real me honrou com uma gratificação em dinheiro para prosseguir meus trabalhos sobre este assunto. Estes fatos, juntos à minha viagem a Oran, no ano passado, na qualidade de membro da expedição enviada pelo governo para ali estudar o eclipse, e ao convite que recebi recentemente para ir ao Ceilão com o mesmo objetivo, pareceriam mostrar que a Astronomia é a minha especialidade.

Para falar a verdade, poucos homens de ciência prestam-se menos do que eu à acusação de ser um especialista entre os especialistas.”

Juntemos a este magnífico conjunto de descobertas a da matéria radiante, e poderemos ousadamente caminhar atrás de um tal homem, sem temer os sarcasmos dos ignorantes, que não nos poderiam atingir.

Foi estudando com Home que Crookes obteve as primeiras manifestações visíveis e tangíveis. Já referimos que ele vira mão luminosa escrever rapidamente, elevar-se e desaparecer. Prosseguindo nas experiências, teve ocasião de verificar formas e figuras de fantasmas. Esses fenômenos – disse ele – foram os mais raros que testemunhei. As condições necessárias para sua produção parecem tão delicadas, basta tão pouca coisa para contrariar a manifestação, que raras foram as ocasiões de os ver nas condições de verificação suficiente. Mencionei dois casos:

“Ao declinar do dia, durante uma sessão de Home em minha casa, vi agitarem-se as cortinas de uma janela, que distava cerca de 8 pés de Home. Uma forma sombria, obscura, semitransparente, semelhante a uma forma humana, foi vista por todos os assistentes, de pé, perto da janela, e agitava a cortina com a mão. Enquanto a olhávamos, desvaneceu-se, e a cortina deixou de agitar-se.”

O caso que se segue é ainda mais interessante. Como no caso precedente, Home era o médium.

“Uma forma de fantasma adiantou-se do canto do aposento, apanhou um acordeom e, tocando esse instrumento, deslizou pelo quarto. *Essa forma foi, durante muitos minutos, vista por todas as pessoas presentes*, percebendo-se, também, ao mesmo tempo, o médium Home.

O fantasma, em seguida, aproximou-se de uma senhora, que estava sentada a certa distancia dos demais assistentes; a senhora deu um pequeno grito e o fantasma desapareceu.”

Já não é contestável, aqui, a narrativa da aparição; não é ela verificada por campônios ignorantes e supersticiosos, não se produziu em época afastada, ou diante de pessoas incompetentes

para julgar. Não é possível o embuste, visto que a aparição se mostra na própria casa de Crookes. Este fato justifica a possibilidade e, mais que isso, diremos, a certeza de que os outros realmente ocorreram.

Outras provas se vêm juntar às precedentes e estabelecem, de modo irrecusável, a existência e materialização dos Espíritos, dadas certas condições.

Como dissemos, houve lutas apaixonadas, polêmicas violentas nos jornais ingleses, e foi por essas dissensões que tivemos a felicidade de ver Crookes intervir no debate, com uma série de cartas, onde expõe os resultados a que chegou, em companhia de Miss Florence Cook.

Digamos como se procede, comumente, para se obterem as materializações de Espíritos, e assim poderá o leitor acompanhar a discussão.

Em um quarto qualquer, suspende-se, em diagonal, num dos cantos, uma cortina, que se pode mover sobre varões. Nesse reduto se coloca o médium, depois de examinado dos pés à cabeça; os presentes assentam-se em círculo, com as mãos unidas; fecham-se todas as portas. Ao fim de certo tempo, aparece o Espírito, vindo do gabinete, e passeia no espaço deixado pelos assistentes. Dito isto, voltemos a Crookes. Eis sua primeira carta:

“Senhor:

Esforcei-me o quanto pude para evitar a controvérsia em assunto tão inflamável como os chamados fenômenos espíritistas. Exceto pequeno número de casos em que a eminente posição de meus adversários poderia dar a meu silêncio outros motivos que não os verdadeiros, nunca repliquei aos ataques e falsas interpretações que minha ligação com essa causa fizeram dirigir contra mim.

O caso, porém, muda de figura, desde que algumas linhas de minha parte possam afastar injustas suspeitas, lançadas sobre alguém. E quando esse alguém é uma mulher jovem, sensível e inocente, julgo especialmente um dever trazer o peso

do meu testemunho em favor daquela que creio injustamente acusada.

Entre todos os argumentos apresentados de uma parte e outra, com referência aos fenômenos obtidos pela mediunidade da senhorita Cook, vejo estabelecidos poucos fatos que possam levar o leitor a dizer, admitindo-se que ele possa ter confiança no juízo e na veracidade do narrador: “Enfim, eis uma prova absoluta!”

Vejo muitas falsas asserções, muitos exageros não intencionais, conjeturas e suposições sem fim, insinuações de fraude, facécias vulgares; mas não vejo ninguém apresentar-se com a afirmação positiva, baseada na evidência dos próprios sentidos, de que, quando a forma que dá pelo nome de Katie está no quarto, o corpo da senhorita Cook está ou não, no mesmo tempo, no gabinete.

Parece que toda a questão se encerra nestes estreitos limites.

Prove-se como um fato uma ou outra das duas alternativas precedentes, e todas as outras questões subsidiárias serão afastadas.

A sessão se fazia em casa do Sr. Luxmore e o gabinete (espaço reservado ao médium), era uma sala separada por uma cortina do aposento da frente, no qual se achava a assistência.

Inspecionada a sala e examinadas as fechaduras, a senhorita Cook penetrou no gabinete.

Ao fim de pouco tempo, apareceu a forma de Katie, ao lado da cortina, donde logo se retirou, dizendo que sua médium não se achava bem, nem podia ser posta em profundo sono, de maneira a poder afastar-se dela sem perigo.

Eu estava colocado a alguns pés da cortina, atrás da qual Miss Cook se sentara; e podia ouvir-lhe, freqüentemente, os gemidos e suspiros, como se ela sofresse. Esse continuou por intervalos, durante quase todo o tempo da sessão, e *em certo momento, quando a forma de Katie estava diante de mim, no quarto, ouvi distintamente o som de um soluço dolente, idên-*

tico aos que Miss Cook fazia ouvir, por intervalos, no curso da sessão, e que vinha de trás da cortina onde ela estava assentada.

Declaro que a figura era cheia de vida e tinha a aparência de realidade, e tanto quanto pude ver à luz um pouco indecisa, seus traços assemelhavam-se aos da Srta. Cook; mas a prova positiva dada por um dos meus sentidos, de que o suspiro provinha da senhorita Cook, no gabinete, quando a figura estava fora, essa prova é bastante forte para ser desfeita por uma simples suposição contrária, ainda que bem sustentada.”

O testemunho de Crookes é uma garantia da exatidão dos fatos; vamos ainda ver que essas manifestações, um tanto vagas, se foram acentuando, até levar Crookes a dizer, numa carta seguinte: “Sou feliz por haver obtido, enfim, a prova absoluta de que falava na carta precedente.” Demos a palavra ao eminente químico:

“Por enquanto não falarei da maior parte das provas que Katie me deu nas numerosas ocasiões em que a senhorita Cook me favoreceu com sessões em minha casa, e não descreverei senão uma ou duas das que tiveram lugar recentemente.

Desde alguns anos, experimentava com uma lâmpada de fósforo, consistindo numa garrafa de 6 ou 8 onças que continha um pouco de óleo fosforado e permanecia solidamente arrolhada. Eu tinha razões para esperar que à luz desta lâmpada, alguns dos misteriosos fenômenos do gabinete pudessem tornar-se visíveis e a própria Katie esperava obter o mesmo resultado.”

“A 12 de março, durante uma sessão em minha casa, e depois de ter Katie passeado por entre nós e nos haver falado, durante algum tempo, retirou-se para trás da cortina, que separava meu laboratório, onde estava a assistência, de minha biblioteca, que temporariamente, fazia as vezes de gabinete. Pouco depois, ela me chamou e disse:

– Entre no quarto e levante a cabeça da médium, que escoregou para o chão.

Katie estava, então, diante de mim, vestida com sua roupa branca habitual e toucada com seu turbante. Dirigi-me imedi-

atamente para a biblioteca, a fim de levantar Miss Cook, e Katie deu alguns passos de lado para que eu passasse. Com efeito, Miss Cook tinha escorregado, em parte, de cima do canapé, e sua cabeça estava em penosa posição. Coloquei-a no canapé e tive, apesar da obscuridade, a viva satisfação de verificar que Miss Cook não estava vestida com a roupa de Katie, mas trazia seu traje ordinário de veludo preto e se encontrava em profunda letargia. Não haviam decorrido cinco minutos, entre o momento em que vi Katie, de vestuário branco, diante de mim, e o em que levantei Miss Cook para o canapé, retirando-a da posição em que se encontrava.

Voltei a meu posto de observação. Katie apareceu de novo e me declarou que supunha poder mostrar-se ao mesmo tempo em que a médium. Abaixou-se o gás e ela pediu-me a lâmpada fosforescente. Depois de se ter apresentado sob essa luz, durante alguns segundos, devolveu-ma, dizendo:

– Agora, entre e venha ver a médium.

Segui-a de perto à biblioteca e, à luz da lâmpada, vi Miss Cook repousando no sofá, exatamente como a tinha deixado. Olhei em torno de mim para ver Katie; ela, porém, tinha desaparecido; chamei-a, mas não recebi resposta. Retomei meu lugar e logo Katie reapareceu e me disse que durante todo o tempo havia permanecido de pé, ao lado da senhorita Cook. Perguntou-me então se ela própria não poderia tentar uma experiência, e tomando-me das mãos a lâmpada de fósforo, passou para trás da cortina, pedindo-me que não olhasse por enquanto atrás dela. No fim de alguns momentos ela me entregou a lâmpada, dizendo que não pudera ter êxito, que ela havia esgotado todo o fluido do médium, mas que tentaria numa outra vez.

Meu filho mais velho, um rapaz de 14 anos, que estava sentado defronte de mim, numa posição tal que ele podia ver atrás da cortina, disse-me que havia visto distintamente a lâmpada de fósforo parecendo flutuar no espaço acima da senhorita Cook e iluminando-a enquanto ela permanecia estendida imóvel sobre o sofá, mas ninguém pudera ver segurando a lâmpada.

Passo, agora, à sessão realizada ontem, à noite em Hackney. Katie nunca me apareceu com tanta perfeição; *durante cerca de duas horas* passeou pelo aposento, conversando familiarmente com os presentes. Muitas vezes, ao passar, tomou meu braço, e a impressão por mim sentida era a de que uma mulher viva estava a meu lado, e não uma visitante do outro mundo; esta impressão, afirmo, foi tão forte que quase não resisti à tentativa de repetir uma recente e curiosa experiência.

Pensando que, se não tinha junto a mim um Espírito, havia, pelo menos, uma senhora, pedi-lhe permissão para segurá-la, a fim de verificar as interessantes observações que experimentador ousado fizera conhecer recentemente, de maneira prolixa. A permissão me foi dada graciosamente, e usei-a, como o faria qualquer homem educado, nessas circunstâncias.

O Sr. Volckman ficará satisfeito de saber que eu pude corroborar sua asserção de que o fantasma (que, de resto, não fez nenhuma resistência) era um ser tão material como a própria senhorita Cook.

Katie disse, então, que, desta vez, julgava poder mostrar-se ao mesmo tempo em que a Srta. Cook. Diminuí o gás e, em seguida, com uma lâmpada fosforescente, penetrei no gabinete. Tinha anteriormente pedido a um dos meus amigos, hábil estenógrafo, anotasse qualquer observação que eu pudesse fazer, enquanto estivesse no gabinete, pois, conhecendo a importância das primeiras impressões, não queria confiar à memória mais do que era necessário. Estas notas estão, neste momento, diante de mim.

Entrei na câmara com precaução; estava escura e foi tateando que procurei Miss Cook; encontrei-a encolhida, no chão.

Ajoelhando-me, deixei entrar o ar na lâmpada e, à sua claridade, vi esta moça, vestida de veludo preto, como no princípio da sessão, e com a completa aparência de insensibilidade. Não se moveu quando lhe tomei a mão e lhe cheguei a lâmpada ao rosto, mas continuou a respirar tranquilamente.

Levantando a lâmpada, olhei em torno de mim e vi Katie, em pé, perto e atrás da Srta. Cook. Vestia uma roupagem curta e flutuante, como já lhe tínhamos visto, durante a sessão. Com uma das mãos da Srta. Cook nas minhas, ajoelhei-me ainda, suspendi e abaixei a lâmpada, tanto para iluminar o corpo inteiro de Katie, como para convencer-me plenamente de que via, de fato, a verdadeira Katie, que tinha apertado em meus braços alguns minutos antes, e não o fantasma de um cérebro enfermo. Ela não falou mais, porém meneou a cabeça em sinal de reconhecimento. Por três vezes examinei, com cuidado, a Srta. Cook, encolhida diante de mim, para certificar-me de que a mão que segurava era bem a de uma mulher viva, e por três vezes virei a lâmpada para Katie, a fim de examiná-la com atenção firme, de modo que não tivesse a menor dúvida de que ela ali estava, diante de mim.

No fim a senhorita Cook fez um leve movimento e logo Katie me fez sinal para que eu saísse; retirei-me para outra parte do gabinete e então deixava de ver Katie, mas não deixei o aposento até que a senhorita Cook tivesse despertado e que dois assistentes tivessem penetrado com a luz.”

Poder-se-ia supor, pelos conhecimentos que temos das propriedades do perispírito, que se opera simplesmente um desdobramento da personalidade da médium, mas as notas de Crookes vão mostrar-nos que o duplo fluídico não exerce aqui nenhum papel e que a ação é devida a um ser espiritual, momentaneamente materializado.

“Antes de terminar este artigo, desejo que se conheçam algumas das diferenças que observei entre a Srta. Cook e Katie. A estatura de Katie é variável; vi-a, em minha casa, com mais seis polegadas que a Srta. Cook. Ontem, à noite, com os pés nus e na ponta dos pés, tinha 4,5 polegadas mais que Miss Cook. Estava com o pescoço descoberto, a pele era perfeitamente suave ao tato e à vista, enquanto Miss Cook possui uma cicatriz no pescoço, que, em circunstâncias semelhantes, se vê distintamente e é áspera. As orelhas de Katie não são furadas, ao passo que as da senhorita Cook trazem brincos, comumente. A cor de Katie é muito branca e a da Srta. Cook

muito morena. Os dedos de Katie são muito mais compridos que os da Srta. Cook e seu rosto também maior. Nos modos e na forma de se exprimirem há diferenças notáveis.”

Eis aí os fatos e acreditamos que se acham pormenorizados e cercados das mais minuciosas precauções.

A boa-fé do ilustre sábio não pode ser posta em dúvida; não poderia ele ser o joguete de uma ilusão, de uma alucinação, tomando fantasias como verdades. Esta explicação, que agradaria a Jules Soury, não pode, mesmo, ser invocada, porque a carta seguinte vai dizer-nos que se pôde fotografar o Espírito Katie. Ora, se é possível conceber um homem de gênio alucinado, é inteiramente ridículo pretender que se possam fotografar alucinações.

Deixemos falar os fatos. Eis uma terceira e última carta de Crookes:

“Tendo tomado parte muito ativa nas últimas sessões de Miss Cook, e tendo conseguido obter numerosas fotografias de Katie King, à luz elétrica, pensei que a publicação de alguns pormenores seria interessante para os espiritistas.

Durante a semana que precedeu a partida de Katie, ela deu sessões em minha casa, quase todas as noites, a fim de que a pudesse fotografar à luz artificial. Cinco aparelhos completos de fotografia foram preparados para esse efeito. Eles consistiam em cinco câmaras escuras, uma do tamanho de uma placa inteira, uma de meia placa, uma de um quarto e duas câmaras binoculares estereoscópicas, que deviam ser dirigidas todas sobre Katie ao mesmo tempo, cada vez que ela posasse para obter o seu retrato. Cinco banhos sensibilizadores e fixadores foram empregados, e numerosas placas de vidro foram limpas previamente, prontas para servir a fim de que não houvesse hesitações nem atrasos durante as operações fotográficas, que eu próprio executava assistido por um auxiliar.

Minha biblioteca serviu de câmara escura; ela tinha uma porta de dois batentes que se abria sobre o laboratório; um desses batentes foi retirado de seus gonzos, uma cortina foi suspensa em seu lugar para permitir a Katie entrar e sair fa-

cilmente. Os nossos amigos que estavam presentes achavam-se sentados no laboratório diante da cortina, e as máquinas fotográficas estavam colocadas um pouco atrás deles, prontas para fotografar Katie quando ela saísse, e a tomar fotografias igualmente do interior do gabinete, toda vez que a cortina fosse afastada com essa finalidade. Cada noite havia quatro ou cinco exposições de chapas, o que dava, pelo menos, quinze provas por sessão. Algumas se estragaram no desenvolvimento, outras, ao graduar a luz. Apesar de tudo, tenho 44 negativos, alguns medíocres, outros nem bons nem maus, e outros excelentes. Eis aqui dois certificados sob juramento, de que estas experiências foram realizadas nas melhores condições; eles foram publicados em 1875, numa brochura intitulada *Procès des Spirités*.

- - -

Villa chancer Road Hern Hill, Londres.

Declaro solene e sinceramente que sempre fiz meus estudos científicos e que estudei com grande cuidado os fenômenos espíritas durante alguns anos; sei que eles são reais. Em alguns casos descobri e desmascarei a impostura publicamente. Assisti a experiências em que Cromwell Warley, o criador do cabo submarino Atlântico, e William Crookes, membro da Sociedade Real de Londres, obtiveram, com absoluta evidência, formas espirituais materializadas e que, em diversas ocasiões, eram fenômenos verdadeiros, sem qualquer impostura. Nas experiências de Crookes, vi ser dada a prova destes fenômenos por instrumentos científicos destes sábios; nas de Warley, não vi o resultado sobre os instrumentos, porque eu estava ocupado em anotar as indicações desses mesmos instrumentos, *enquanto uma corrente elétrica, passando sobre o corpo do médium no gabinete onde este último se encontrava*, permitia-nos constatar que ele se achava sempre no mesmo lugar e impossibilitado de agir como um espírito materializado.

Eu vi várias vezes mãos materializadas, que o médium não podia imitar de maneira alguma. Um dia, na casa da senhora Makdugall Grégory (21, Green-Street, Grosvenor Square, em

Londres), vi clara e distintamente uma mão viva, materializada, que não era de qualquer uma das pessoas presentes; essa mão se agitava acima do assoalho a cerca de cinco pés de mim, enquanto o médium estava sentado numa cadeira.

Essa mão tocava sobre um instrumento de música, enquanto eu a observava.

Declaro que tudo isto é verdadeiro, e em virtude de um ato do parlamento, etc., etc.

Assinado por William Henry Harisson

- - -

Perante M. Leth do Conselho da rainha, administrador dos juramentos, e verificado pelo cônsul francês.

Eu, abaixo-assinado Edwards Dawson Rogers, da cidade de Londres, jornalista, certifico ter visto freqüentemente o fenômeno do espiritualismo chamado materialização e o aparecimento de uma segunda forma humana, que não a do médium, sair de uma pequena câmara ou gabinete, na qual o médium havia sido preso.

Vi isto mais de uma vez em condições rigorosas de experimentação impostas pelo professor Crookes, o ilustre químico e membro da Sociedade Real da Grã-Bretanha, em que era impossível praticar qualquer engano. A aparição passeava no meio dos experimentadores sentados diante do gabinete, com eles e sendo tocada por eles. Certa vez, estando desse modo ocupada a aparição, o professor Crookes entrou no gabinete e afastou a cortina que mantinha o médium (culto da assistência); *vimos, então, ao mesmo tempo, o médium e a aparição materializada.*

Assinado: E. Dawson Roger.

Rose Ville Finchley (London W.).

- - -

Katie pediu aos assistentes que ficassem sentados; só eu não fui incluído nesta medida, porque, já havia algum tempo, me tinha ela dado a permissão de fazer o que quisesse, tocá-la, entrar e sair do gabinete, quando entendesse.

Segui-a ao gabinete e vi, em algumas ocasiões, a ela e à médium, ao mesmo tempo, porém, as mais das vezes, só encontrava a médium, em letargia, repousando no chão; Katie e seu costume branco haviam instantaneamente desaparecido.

Durante os últimos meses, a Srta. Cook fez-me numerosas visitas em casa, e aí ficava semanas inteiras. Ela só trazia consigo uma pequena bolsa, que não fechava à chave; durante o dia estava constantemente em companhia da Sra. Crookes e de mim, ou de qualquer outro membro de minha família; não dormia só; faltava-lhe, absolutamente, a oportunidade de preparar, mesmo em caráter ligeiro, algo que se prestasse a representar o papel de Katie King. Preparei e dispus, eu mesmo, a minha biblioteca e o gabinete escuro, e, de hábito, depois que a Srta. Cook jantava e conversava conosco um pouco, dirigia-se diretamente para o gabinete; a seu pedido, eu fechava à chave a segunda porta e guardava a chave comigo durante toda a sessão: abaixava-se, então, o gás e deixava Miss Cook na obscuridade.

Entrando no gabinete, Miss Cook estendia-se no chão, com a cabeça numa almofada, e caía logo em letargia. Durante as sessões fotográficas, Katie envolvia a cabeça da médium em um chale, para impedir que a luz lhe caísse no rosto. Eu levantava, freqüentemente, uma ponta da cortina, quando Katie estava perto e em pé. As sete ou oito pessoas que se achavam no laboratório podiam ver, ao mesmo tempo, Miss Cook e Katie, ao clarão da luz elétrica. Nós, no momento, não divisávamos o rosto da médium, por causa do chalé, mas lhe percebíamos as mãos e os pés, notávamos que ela se agitava, penosamente, sob a influência dessa luz intensa e, por instantes, ouvíamos-lhe os gemidos.

Tenho uma chapa em que Katie e a médium estão fotografadas juntas, mas Katie está colocada diante da cabeça de Miss Cook. Enquanto eu tomava parte ativa nessas sessões, a confiança que Katie tinha em mim aumentava gradualmente, a ponto de só querer dar sessões quando eu me encarregava dos dispositivos a tomar, dizendo que me desejava sempre perto dela e do gabinete. Estabelecida a confiança e estando

ela convencida de que eu cumpriria minhas promessas, os fenômenos aumentaram de intensidade e tive provas, impossíveis de obter se me houvesse aproximado da sensitiva de modo diferente. Ela me interrogava freqüentemente a respeito das pessoas presentes às sessões e sabia a maneira como elas seriam colocadas, porque nos últimos tempos se tornara muito nervosa em consequência de certas sugestões mal-avisadas que aconselhavam empregar a força para proceder com maneiras mais científicas de pesquisar.

Uma das fotografias mais interessantes é aquela em que eu estou em pé, ao lado de Katie, tendo ela o pé nu em determinado ponto do assoalho. Fiz, em seguida, que Miss Cook se vestisse como Katie; ela e eu nos colocamos, precisamente, na mesma posição e fomos fotografados pelas mesmas objetivas, colocadas absolutamente como na outra experiência, e clareadas pela mesma luz. Colocando uma sobre outra as duas fotografias, vê-se que os meus retratos coincidem perfeitamente quanto à estatura, etc., mas Katie é mais alta meia cabeça que Miss Cook, e perto desta parece uma mulher corpulenta. Em muitas provas, a largura do seu rosto e o tamanho de seu corpo diferem essencialmente da médium e as fotografias fazem ver muitos outros pontos de diferença.

Mas a fotografia é tão impotente para pintar a beleza perfeita do rosto de Katie, como são as palavras para descrever-lhe o encanto das maneiras. A fotografia pode, é verdade, desenhar-lhe a atitude, mas como poderia reproduzir-lhe a pureza brilhante da cor, a expressão, sem cessar variável, dos traços, ora velados de tristeza, ao narrar algum acontecimento de sua vida passada, ora risinhos, cheios da inocência de uma jovem, divertindo meus filhos, ao contar-lhes os episódios de suas aventuras na Índia?

Eu vi Katie tão bem, quando iluminada pela luz elétrica, que me é fácil acrescentar alguns traços às diferenças já estabelecidas num precedente artigo, entre ela e a médium.

Tenho certeza absoluta que a Srta. Cook e Katie são duas individualidades distintas, pelo menos no que concerne ao corpo. Muitos pequenos sinais, que se encontram no rosto da

Srta. Cook, não existem no de Katie. A cabeleira da Srta. Cook é de um castanho tão escuro que parece preto. Um cacho de Katie, que aqui está sob meus olhos, e que ela me havia permitido cortar, em meio de suas luxuriantes tranças, e que segui com o dedo até à cabeça para certificar-me de que ele aí havia nascido, é de um rico castanho dourado.

Uma noite contei as pulsações de Katie: seu pulso batia regularmente 75, enquanto o de Miss Cook, poucos instantes depois, atingia a 90, sua cifra habitual. Apoiando o ouvido ao peito de Katie, pude escutar um coração bater no interior e suas pulsações eram ainda mais regulares que as do coração de Miss Cook, quando, depois da sessão, ela me permitiu a mesma experiência.

Examinados, do mesmo modo, os pulmões de Katie se mostraram mais sãos que os da médium, porque, no momento, Miss Cook seguia um tratamento médico, em virtude de forte resfriado. Vossos leitores acharão interessante, sem dúvida, que a vossos relatórios e aos de Ross Church, a respeito da última aparição de Katie, possam juntasse os meus, exceto aqueles que eu pudesse esquecer.

Quando chegou o momento de Katie dizer-nos adeus, pedi-lhe o favor de ser o último a vê-la. Por isso, depois de chamar cada pessoa da sociedade e dizer-lhe palavras em particular, deu ela instruções gerais sobre nossa direção futura e a proteção que deveria ser dispensada a Miss Cook. Destas instruções, que foram estenografadas, cito a seguinte: *Crookes sempre agiu muito bem, e é com a maior confiança que deixo Florence em suas mãos, perfeitamente certa de que ele não abusará da confiança que nele deposito. Em todas as circunstâncias imprevistas, ele poderá fazer melhor do que eu mesma, porque ele tem mais força.*

Terminadas suas instruções, convidou-me a entrar consigo no gabinete e permitiu-me que aí ficasse até o fim.

Depois de fechar a cortina, conversou comigo algum tempo, e atravessou o quarto para ir onde estava Miss Cook, que

jazia inanimada no chão. Inclinando-se sobre ela, Katie tocou-a e disse-lhe:

– Acorde, Florence, acorde. É preciso, agora, que eu a deixe.

Miss Cook despertou e, debulhada em lágrimas, suplicou a Katie que ficasse ainda algum tempo.

– Querida, não o posso mais: está cumprida minha missão. Que Deus lhe abençoe.

Conversaram durante algum tempo, até que as lágrimas da Srta. Cook a impediram de falar. Atendendo às instruções de Katie, atirei-me para segurar Miss Cook que estava prestes a cair e soluçava convulsivamente. Olhei em tomo, mas Katie e sua veste branca haviam desaparecido. Desde que a senhorita Cook se acalmou, foi trazida uma luz e eu a conduzi para fora do gabinete.

As sessões quase diárias, com que Miss Cook me favoreceu ultimamente, esgotaram-lhe as forças. Quero que se saiba o muito que lhe devo pela sua boa vontade, durante as experiências. Submetia-se de boa mente a qualquer prova que lhe propunha. Sua palavra é franca e nunca lhe notei a menor aparência do desejo de enganar.

Não creio que ela pudesse levar uma fraude ao fim e, se o tentasse, seria logo descoberta, porque tal maneira de proceder é inteiramente estranha à sua natureza. E quanto a pensar que uma inocente colegial de quinze anos fosse capaz de conceber e sustentar, durante 3 anos, com pleno êxito, tão gigantesca impostura, e que durante esse tempo se tivesse submetido a todas as imposições que dela se exigiram, suportado as mais minuciosas pesquisas, deixando ser inspecionada, não importava o momento, antes ou depois das sessões; que tivesse obtido mais êxito, ainda, em minha casa que na de seus pais, sabendo que ela ia ali, expressamente, para se submeter a rigorosos ensaios científicos; imaginar que a Katie King dos três últimos anos é o resultado de uma impostura, faz isto mais violência à razão e ao bom senso do que acreditar que ela é o que afirma ser.”

- - -

Dedicamos estes fatos a Jules Soury, Bersot de Fonvielle e outros incrédulos, que só viram tolices ou subterfúgios nas manifestações espíritas. Diante da evidência dos fatos, só lhes restará o recurso de negá-los, mas o público será juiz entre afirmações temerárias, baseadas numa negação sistemática e os sábios estudos do homem mais eminente da Inglaterra, na hora atual.

Dito isto, voltemos ao nosso assunto.

O Espírito Katie King materializou-se, não mais em luz duvidosa, mas em pleno brilho da luz elétrica; seu corpo era tão real e tangível como o de Crookes, visto que se lhe ouvia o bater do coração. Temos, pois, que admitir a possibilidade da materialização temporária dos Espíritos; mas uma condição já se deduz: é preciso um médium. Sempre que observamos casos de aparições, podemos, sem receio, afirmar que há um médium próximo.

Vamos tentar explicar como as coisas se passam. Não temos a pretensão de apresentar uma elucidação positiva, completa, mas apenas mostrar como se poderá conceber a produção desses fenômenos, por meio de analogias tiradas da ciência.

Ensaio de teoria

Quando interrogamos os Espíritos sobre a natureza do perispírito, eles nos respondem que este é tirado do fluido universal do planeta que habitamos. À primeira vista parece que isto pouca coisa nos adianta, mas estudando a fundo o assunto, vamos ver que eles estão certos.

Os Espíritos entendem por fluido universal uma matéria primitiva, da qual provêm todos os corpos por transformações sucessivas. Para que se justifique esta concepção, é preciso demonstrar:

- 1º- que a matéria pode existir em estados diferentes, simplificando-se sem cessar até o estado inicial;
- 2º- que a infinita variedade dos corpos pode ser reconduzida a uma única matéria.

Estabelecidas cientificamente estas proposições, a existência do fluido universal não será mais contestável. A primeira pergunta a fazer-se é a seguinte:

Há fluidos?

É quase impossível duvidar, depois das experiências de Crookes e dos fatos já narrados, mas que se deverá entender por esta expressão? Em física, fluidos são os corpos líquidos e gasosos, mas aqui devemos dar a esta palavra uma significação especial, que é útil bem definir.

Chamamos fluidos aos estados da matéria em que ela é mais rarefeita do que no estado conhecido sob o nome de gás. É justificada essa concepção?

Para responder, escutemos Faraday. Eis como ele se expressava em 1816:

“Se imaginarmos um estado da matéria tão afastado do estado gasoso quanto é este do estado líquido, tendo em conta, bem entendido, o acréscimo de diferença que se produz à medida que o grau da mudança se eleva, poderemos, talvez, desde que nossa imaginação chegue até aí, conceber mais ou menos a matéria radiante; e, assim, como ao passar do estado líquido ao gasoso, a matéria perde grande número de suas qualidades, mais ainda deve perder nesta última transformação.”

Essa arrojada concepção foi desenvolvida pelo grande físico nos anos seguintes e pode-se ler, nas suas cartas, compiladas por Bence Jones, este trecho:

“Posso assinalar aqui uma progressão notável nas propriedades físicas que acompanham as mudanças de estado; talvez ela baste para levar os espíritos inventivos e ousados a acrescentar o estado radiante aos outros estados da matéria já conhecidos.

À medida que nos elevamos do estado sólido ao líquido e deste ao gasoso, vemos diminuir o número e a variedade das propriedades físicas dos corpos; cada estado apresenta menos algumas que o precedente. Quando os sólidos se transformam em líquidos, todas as graduações de rijeza e moleza cessam

necessariamente de existir; todas as formas cristalinas ou outras desaparecem. A opacidade ou a cor são substituídas, muitas vezes, por uma transparência incolor e as moléculas adquirem, por assim dizer, uma mobilidade completa.

Se considerarmos o estado gasoso, vemos aniquilados grande número de caracteres evidentes dos corpos. As imensas diferenças que existem entre seus pesos desaparecem quase inteiramente. Apagam-se os traços das diferentes cores que tinham. Desde então todos os corpos ficam transparentes e elásticos. Eles não formam mais que um mesmo gênero de substâncias, e as diferenças de rijeza, opacidade, cor, elasticidade e forma, que tornam quase infinito o número dos sólidos e dos líquidos, são desde então substituídas por fracas variações de peso e alguns matizes sem importância.

Assim, para os que admitem o estado radiante da matéria, a simplicidade dos problemas que caracterizam esse estado, longe de ser uma dificuldade, é antes um argumento em favor de sua existência.

Verificaram até agora um desaparecimento gradual das propriedades da matéria, à medida que esta se eleva na escala das formas, e ficariam surpresos se esse efeito cessasse no estado gasoso. Viram a Natureza fazer os maiores esforços para simplificar-se em cada mudança de estado e pensam que, na passagem do estado gasoso ao radiante, esse esforço deve ser mais considerável.”

O que era hipótese para Faraday é certeza para nós. Crookes, demonstrando a existência da matéria radiante, pôs fora de dúvida a existência dos fluidos. Os corpos, com efeito, não mudam bruscamente de estado, não passam instantaneamente do sólido para o líquido; a maior parte ocupa uma posição intermediária, chamada estado pastoso. Da mesma maneira, os líquidos não se transformam em gás, sem que seja possível apreciar as gradações que separam esses dois estados. Os vapores são disso um exemplo. Mas a diferença entre líquidos e gases é ainda diminuída pelas experiências feitas por Charles Andrew, o qual mostrou que, em certos corpos, há mistura de estado líquido e

gasoso, de maneira a não se poder distinguir se o corpo pertence a um ou ao outro estado.

A lei de analogia nos leva, pois, a admitir que entre os gases e o estado radiante existe matéria em diferentes estados de rarefação, desde os mais grosseiros, que se aproximam dos gases, aos mais puros que estão no estado radiante.

Se mostrarmos que as propriedades químicas seguem a mesma ordem de progressão decrescente, *à medida que se sobe* na escala das famílias químicas, *dizendo de outro modo, se fizermos ver que pode-se supor* que não existe senão uma só matéria, da qual derivam *todos* os corpos que conhecemos, por transformações sucessivas, estaremos *bem perto de tocar* o fluido universal de que nos falam os Espíritos. Vejamos se a unidade de matéria é uma idéia aceitável.

O sábio químico Wurtz escreveu na *Teoria Atômica*:

“A idéia da unidade de matéria é renovada, proveniente de Descartes, porquanto é uma verdade que, quando se trata do eterno e insolúvel problema da matéria, o espírito humano parece girar dentro de um círculo, perpetuando-se as mesmas idéias através dos tempos e apresentando-se sob formas rejuvenescidas às inteligências de elite que têm procurado sondar este problema.”

Mas não existe uma certa diferença na maneira de operar desses grandes espíritos? Sem dúvida alguma. Uns, mais vigorosos talvez, mas mais aventureiros, procederam por intuição; outros, melhor armados e mais severos, por indução racional. Aí está a superioridade dos métodos modernos, e seria injusto pretender que os esforços consideráveis, de que temos sido as testemunhas comovidas, não tenham impellido mais para frente o espírito humano no problema árduo de que se trata, como não o puderam fazer um Lucrécio e um Descartes.

Muitos sábios modernos foram levados, por suas pesquisas, à conclusão de que se deve admitir a unidade da matéria. Examinando, com efeito, as relações que existem entre as diferentes famílias químicas dos corpos, seremos obrigados a aplicar-lhes, por analogia, as mesmas leis transformistas das famílias naturais

dos animais. É que temos, em nossa época, uma invencível tendência para a síntese e para a simplificação. Tanto quanto os antigos multiplicavam as causas, nós temos hoje o cuidado de eliminá-las. Mas não basta supor, é preciso ter provas.

Uma das mais fortes que se podem fornecer é a que se chama, em química, *estados alotrópicos*. Certas substâncias podem ter propriedades inteiramente diferentes, sem mudar de natureza quimicamente falando. Assim, o fósforo pode apresentar aspecto vermelho, branco ou preto, conforme a maneira de prepará-lo. O que há de mais notável é que o fósforo vermelho e o fósforo ordinário apresentam tais diferenças, que seríamos tentados a considerá-los distintos; analisados, entretanto, pelos mais precisos métodos, não apresentam diferença alguma: são sempre fósforo. A transformação se opera expondo-se no vácuo barométrico o fósforo branco à ação dos raios do Sol; cremos que nenhum caso melhor demonstraria que as propriedades dos corpos são devidas apenas ao arranjo dos átomos que os estruturam.

O ozônio é também uma modificação alotrópica do oxigênio. O carbono mostra tão múltiplos aspectos, propriedades tão diferentes nos alotrópicos que forma, que só é reconhecido pela sua infusibilidade e pela propriedade de produzir ácido carbônico, queimando no oxigênio. Ele se apresenta, a princípio, cristalizado, é o diamante; depois sob a forma de grafite, antracite, coque, pó de sapato, carvão... Todos esses corpos têm composição idêntica, mas apresentam propriedades diferentes, segundo o modo de reunião de seus átomos. Somos, pois, induzidos a crer que só existe uma única matéria, revestindo, entretanto, aspectos diferentes. Eis uma observação que demonstra estarmos com a verdade.

Tratando da análise espectral, Zoborowski refere as seguintes experiências: Com o fim de determinar as temperaturas das diversas partes do Sol, tomaram-se fotografias dos espectros dessas diferentes partes. Cada corpo em combustão assinala, como se sabe, sua presença, na luz decomposta em seus elementos ou espectral, por raias particulares. Demonstrou-se que “o alargamento das raias da platina é correlativo à elevação da temperatura”. Foi, assim, possível tirarem-se, com proveito,

fotografias dos espectros de grande número de estrelas. E, de conformidade com a hipótese de Laplace, verificou-se que esses astros estão em diferentes estados de condensação. As estrelas brancas, mais ardentes, contêm hidrogênio em abundância e em alta pressão; as estrelas brilhantes se aproximam da constituição do nosso Sol; as estrelas avermelhadas são muito menos quentes. Apagando-se, passam ao estado dos planetas obscuros. Nasceram das nebulosas. É pelo menos a grande hipótese clássica desde Laplace. Essa hipótese, porém, só será verificável porque a fotografia, permitindo que se apanhem e conservem as imagens das nebulosas em diversas épocas, através dos séculos, dar-nos-á os meios de seguir as transformações destas matérias cósmicas, espécie de protoplasma que gera os mundos.

Com um fim um pouco diferente, Lockyer (1879) e Huggins (1882) fotografaram os espectros de uma série de nebulosas, das mais densas às mais rarefeitas; chegaram a reconhecer que o número dos corpos simples diminui à medida que se passa das primeiras às segundas. Os espectros fotográficos dos mais rarefeitos só revelam hidrogênio e fósforo.

É verdadeiramente a confirmação das vistas expostas mais acima sobre a unidade da matéria. A correlação assinalada por Faraday, entre o estado cada vez mais rarefeito da matéria e a perda conexas das principais propriedades que a caracterizavam, dá-nos o direito de dizer que existe um estado radiante da matéria que forma o fluido universal. É desse meio que é tirado o perispírito.

Isto posto, procuremos ver o que se passa numa materialização. Para tal é preciso bem saber o que é a própria matéria e a que agente são devidas suas propriedades.

Todos os corpos são compostos de partes infinitamente pequenas, chamadas átomos; para se ter uma idéia de sua tenuidade, tomemos uma substância corante e constataremos que ela pode tingir vários milhões de vezes seu volume de água, isto é, que as moléculas que constituem este corpo, se espalharam na massa total do líquido, dividindo-se cada vez mais. Em vista disso poder-se-ia crer que os corpos são indefinidamente divisíveis, o que seria um erro, porque a lei das proporções definidas é

um argumento sem réplica que se pode invocar em favor de uma divisibilidade limitada. Estes átomos que estruturam todos os corpos não se tocam; são colocados uns ao lado dos outros e agrupados por uma força chamada coesão; todos os corpos da natureza nos aparecem, pois, como coleções de átomos ou de moléculas reunidas diversamente, daí tenderem as novas concepções científicas a considerar os fenômenos como movimentos moleculares ou de transporte no espaço.

A matéria é inerte, incapaz de por si mesma entrar em movimento; quando se verifica um deslocamento num corpo, houve uma força que o fez sair do estado de inércia. Pode-se dizer, portanto, que o movimento é a expressão da força, mas esta força pode agir de diferentes maneiras, quer deslocando o corpo no espaço, quer determinando mudanças em seu estado molecular. Por exemplo, se com o dedo mantém-se uma corda de violino afastada da sua posição de repouso, as moléculas que formam esta corda tendem a retomar sua primeira posição, exercem uma pressão sobre o dedo; há, pois, trabalho molecular interno; se, ao contrário, retira-se o dedo, a corda põe-se em movimento e o trabalho molecular que produzia a pressão se converte em movimentos de transporte que se executam de um lado e de outro da posição de repouso da corda; o vaivém se amortece progressivamente pela resistência do ar e dos pontos pelos quais as cordas se prendem ao violino.

Esta teoria estabelece, em princípio, que as qualidades dos corpos são devidas aos movimentos particulares de que são animados os átomos ou as moléculas de cada substância. As propriedades químicas seriam devidas a agrupamentos diferentes de átomos; sem dúvida não se pode supor atualmente a que espécie de movimentos constitutivos é devida, por exemplo, a diferença entre o ouro e a prata, mas a idéia de que é nestes movimentos que ela reside, nem por isso é hoje menos universalmente aceita.

Não se apregoe que esta teoria seja forjada para as necessidades de nossa causa; depois do descobrimento da transformação e da conservação da força, é a única que se pode compreender, e se a encontrará exposta na psicofísica do professor Delboeuf.

Se esta concepção moderna é verdadeira, o Universo apareceria à nossa inteligência, suposta perfeita, como sendo composto de grupos diferentes de átomos, grupos móveis no espaço, enquanto todos os átomos oscilam em torno de um centro de equilíbrio; as variedades proviriam de agrupamentos diferentes, ou do sentido da amplitude e da rapidez das vibrações dos átomos.

Tudo é movimento. Do átomo invisível ao corpo celeste perdido no espaço, tudo é submetido ao movimento, tudo gravita em uma órbita imensa ou infinitamente pequena. Mantidas a uma distância definida, umas das outras, em razão mesma do movimento que as anima, as moléculas apresentam relações constantes que só perdem pela aquisição ou subtração de certa quantidade de movimento. Segundo a rapidez das vibrações dos átomos as substâncias serão em estado sólido, líquido, gasoso ou radiante.

Para fazer um corpo passar por esses diferentes estados, empregamos com maior frequência o calor, que não é senão um estado vibratório do éter, mas não sabemos se outros agentes têm o mesmo poder, isto é, não podem fazer passar as diferentes substâncias pelos estados sólido, líquido e gasoso.

Os Espíritos nos ensinaram que a *vontade* é uma força considerável, por meio da qual eles agem sobre os fluidos; é pois, a vontade que determina as combinações dos fluidos; eles podem, por sua ação, fazer todas as manipulações fluídicas que lhes aprouver, mas para materializar essas criações fluídicas eles têm necessidade de um agente essencial: o fluido vital. Só o encontram, capaz de preencher as condições necessárias para a materialização, no organismo humano, donde a presença indispensável de um médium.

Conhecido isto, como conceber que um Espírito possa primeiro mostrar-se-nos e, em seguida, materializar-se?

Para que o Espírito se mostre é preciso que ele extraia o fluido vital do organismo do encarnado. Por meio desse agente, ele produz em seu envoltório uma alteração molecular que de translúcido o torna opaco. Encontra-se um efeito análogo, posto que inverso, quando se estudam as propriedades de certas substân-

cias, como o hidrofânio, rocha silicosa opaca, que se torna transparente quando mergulhada na água. Dá-se o mesmo com uma folha de papel untada dum corpo gorduroso. A opacidade é devida à reflexão da luz sobre as diferentes parcelas do papel; mas a interposição de uma substância que impeça a reflexão permite à luz atravessar o corpo e, por conseqüência, produz-se a transparência.

Efeito inverso se nota com os Espíritos. Aliás, basta examinar a condensação de um vapor num tubo, para compreender-se como pode o perispírito, sob a influência da vontade e do fluido vital, materializar-se.

O invólucro fluídico que reproduz, geralmente, a aparência física que o Espírito tinha em sua última encarnação, possui todos os órgãos do homem, de sorte que, diminuindo o movimento molecular radiante desse invólucro, ele aparece, a princípio, sob um aspecto vaporoso, como no caso da inspetora de Riga; depois o fluido vital do médium se vai acumulando no corpo fluídico, e lhe comunica, momentaneamente, uma vida fictícia, que é tanto mais intensa quando maior quantidade de fluido despende o médium. É esta a razão pela qual os médiuns de materialização ficam mergulhados em catalepsia.

Pôde-se observar, nos casos narrados de desdobramento, que não parecia necessária a presença de um médium. É que o próprio encarnado fornecia o fluido vital indispensável, ele era seu próprio médium, e seu duplo tinha uma realidade mais ou menos tangível, conforme a sua abundância de fluidos.

Circunstância que parece estranha é a desapareção súbita do espírito materializado. Dir-se-ia que o perispírito, que se materializou lentamente, deve repassar por fases inversas para voltar ao estado fluídico. Isto, porém, se compreende, sabendo-se que a água, mesmo em estado sólido, tem certa tensão de vapor. Não é raro ver-se o gelo desaparecer, sem ter passado pela fusão; ele passa bruscamente ao estado de vapor e, neste caso, devemos admitir, o que já reconhecia o naturalista Plínio, que houve vaporização imediata.

Esse fenômeno foi estudado por Gay Lussac e Regnault, que operaram até 52° abaixo de zero. Certos corpos sólidos, como o iodo e a cânfora, passam também diretamente ao estado gasoso. É fácil compreender que se produz algo semelhante na desaparecimento súbita de um espírito materializado.

Para que nossa demonstração fosse completa, seria preciso que se pudessem fazer experiências que estabelecessem a subministração do fluido vital ao organismo do Espírito. Nada ainda foi tentado com esse objetivo e é difícil, em vista do pouco tempo em que esses fenômenos são estudados cientificamente, determinando-lhes todas as leis. Mas, seja como for, acreditamos que nossa teoria pode ser aceita para explicar os fatos e seremos muito felizes se esses dados puderem servir ao esclarecimento dessas questões, ainda tão pouco conhecidas.

Não temos a pretensão de impor nossa convicção a quem quer que seja; contentamo-nos em trazer nossa pedra ao grande edifício científico que se erguerá dentro em pouco e que terá por base esses estados fluídicos, hoje tão pouco estudados.

Essa maneira de encarar o perispírito permitir-nos-á compreender mais facilmente o papel que ele goza durante a vida do Espírito. Vamos resumir, segundo Allan Kardec, o que sabemos sobre o assunto.

A Vida do Espírito

Tomemos a alma ao sair deste mundo e vejamos o que se passa depois dessa transmigração. Extinguindo-se as forças vitais, o Espírito se desprende do corpo no momento em que cessa a vida orgânica; a separação, porém, não é brusca e instantânea. Começa, algumas vezes, antes da cessação da vida; não é sempre completa no instante da morte.

Demonstramos que entre o espírito e o corpo há um laço semimaterial que constitui um primeiro invólucro; ele não se rompe subitamente e, enquanto subsiste, o Espírito fica num estado de perturbação, que pode ser comparado ao que sucede ao despertar; muitas vezes, mesmo, ele duvida da morte; sente que existe e não compreende que possa viver sem o corpo, de que se

vê separado; os laços que o unem à matéria o tornam, mesmo, acessível a certas sensações físicas; dizia um deles que sentia os vermes lhe roerem o corpo.

O Espírito só se reconhece depois de completamente livre: até aí ele não conhece perfeitamente a sua situação. A duração desse estado de perturbação é variável; pode ser de algumas horas ou de muitos anos, mas é raro que, ao fim de alguns dias, ele não se reconheça, mais ou menos bem.

Não falamos senão das almas chegadas já a certo grau de adiantamento moral, porque, entre os selvagens, a vida espiritual não é suficientemente ativa para que eles se identifiquem com a nova situação. Faz-se que estes Espíritos reencarnem muito rapidamente, a fim de apressar o momento em que, gozando de seu inteiro livre-arbítrio, tornar-se-ão os únicos senhores de seus destinos.

Do mesmo modo, para muitos Espíritos das nações civilizadas, a morte produz tal alteração, que eles acham tudo estranho e é preciso certo tempo para que se familiarizem com a nova maneira de perceber as coisas.

É solene o momento em que um deles vê cessar a sua escravidão pela ruptura do laço que o retém ao corpo. À entrada no mundo dos Espíritos ele é acolhido por amigos que o recebem, como de volta de penosa viagem. Encontra os mortos amados, cuja perda lhe tinha sido cruciante pesar, e se a travessia foi feliz, se o tempo de exílio foi empregado de forma proveitosa, é por eles felicitado pelo combate corajosamente sustentado. Aos pais juntam-se os amigos que ele conheceu outrora e todos, felizes e radiantes, voam no éter infinito. Começa, então, verdadeiramente, para ele uma nova existência.

O invólucro fluídico do Espírito constitui uma espécie de corpo de forma definida, limitada e análoga à nossa. Vimos, pelo estudo dos turbilhões de Helmholtz, como se poderia conceber este estado, mas este corpo não tem absolutamente os nossos órgãos e não pode sentir todas as nossas impressões.

Na Terra, a visão, a audição, o tato dependem de instrumentos cuja grosseria não nos permite sentir as vibrações, em núme-

ro infinito, que se estendem além dos limites de nossas fracas percepções; mas essas vibrações existem e, para o ser que as pode captar e lhes compreender a linguagem, devem elas ter uma voz mais penetrante que o majestoso murmúrio do oceano e as queixas misteriosas do vento através das florestas.

O Espírito sente tudo o que percebemos: a luz, o som, os odores, e estas sensações não são menos reais, por nada terem de material; elas possuem, mesmo, algo de mais claro, mais preciso e mais sutil, porque chegam à alma sem intermediário, sem passar, como entre nós, pela série dos sentidos, que as esmaecem.

A faculdade de perceber é inerente ao espírito; é um atributo dos seres; as sensações lhe chegam de toda parte e não de certas partes determinadas. Um deles dizia, falando da vista: “é uma faculdade do Espírito e não do corpo; vedes pelos olhos, mas não é o corpo que vê, é o Espírito”.

Pela conformação de nossos órgãos, temos necessidade de certos veículos para nossas sensações; é assim que nos é preciso a luz para refletir os objetos, o ar para nos transmitir os sons; esses veículos se tornam inúteis, desde que não possuamos os intermediários que os exigiam. O Espírito vê, pois, sem o socorro da luz, ouve sem necessidade das vibrações do ar. Não há, por isso, escuridão para eles. Temos, assim, a chave das notáveis propriedades dos sonâmbulos lúcidos, que vêem e ouvem muito além do alcance dos sentidos materiais. É que a alma, despreendida, goza de parte das prerrogativas que possui em estado de desencarnação.

Mas, as sensações perpétuas e indefinidas, por mais agradáveis que sejam, tornam-se fatigantes, por fim, se a elas não nos podemos subtrair. Tem a alma a faculdade de suspendê-las; ela pode, à vontade, deixar de ver, ouvir, sentir, ou só sentir, ouvir e ver o que quer. Essa faculdade está em razão da superioridade do ser, porque há coisas que os Espíritos inferiores não podem evitar, o que lhes torna a situação penosa.

É isto o que o Espírito, a princípio, não percebe. Os atrasados não compreendem, mesmo, nada, tal como entre nós os ignorantes, que vêm e se movem sem saber como.

Essa inaptidão para compreender o que lhes está acima do entendimento, unida à jactância, companheira ordinária da ignorância, é a causa das teorias absurdas que apresentam certos Espíritos, e que a nós próprios induziriam em erro se aceitássemos sem controle e sem assegurarmo-nos pelos meios fornecidos pela experiência e pelo hábito de conversar com eles, do grau de confiança que merecem.

Há sensações que têm origem no próprio estado de nossos órgãos; ora, as necessidades inerentes ao nosso corpo não podem existir desde que esteja destruído o nosso invólucro carnal. O Espírito não experimenta, pois, nem a fadiga, nem a necessidade de repouso, nem a da nutrição, porque não há nenhum dispêndio a reparar; as enfermidades não o afligem. Se, algumas vezes, os médiuns vêm Espíritos corcundas ou coxos, é porque eles tomam essa forma para se fazerem melhor reconhecidos pelas pessoas com quem se relacionam na Terra.

As necessidades do corpo acarretam deveres sociais que não têm razão de ser para os Espíritos; assim, as preocupações dos negócios, as mil inquietações a que nos expõe a necessidade de ganhar a vida, a procura das quimeras que nos lisonjeiam a vaidade, os tormentos que criamos por superfluidades, não mais existem para eles. Sorriem de pena, vendo o trabalho a que nos entregamos, para adquirir riquezas vãs ou ridículas frioleiras.

É preciso, porém, certo grau de elevação para contemplar as coisas dessa altura. Os Espíritos vulgares interessam-se, principalmente, em nossas lutas materiais e nelas tomam parte, como podem, e incitam-nos para o bem ou para o mal, conforme sua natureza boa ou perversa.

Os Espíritos inferiores sofrem, mas as angústias não deixam de ser menos dolorosas, por nada terem de físicas. Eles têm todas as paixões, todos os desejos que os atenazavam em vida, e é seu castigo o não poder satisfazê-los. É para eles uma verdadeira

tortura, que acreditam perpétua, porque a própria inferioridade não lhes permite ver-lhe o termo, o que é ainda um castigo.

A palavra articulada é também uma necessidade da nossa organização; os Espíritos não precisam de sons que lhes vão ferir os ouvidos; compreendem-se pela transmissão do pensamento, como acontece, aqui, nos compreendermos pelo olhar. Os espíritos podem, entretanto, produzir certos ruídos; sabemos que eles são capazes de agir sobre a matéria, e esta nos transmite o som; é assim que eles fazem ouvir pancadas ou gritos e, às vezes, cantos no vazio do espaço. Trataremos de tudo o que se refere às manifestações na quinta parte.

Enquanto arrastamos penosamente nosso corpo material, na terra, rastejando presos ao solo, os Espíritos, vaporosos, etéreos, transportam-se sem fadiga de um lugar a outro, transpõem incensuráveis espaços, com a rapidez do pensamento, e penetram em toda parte, sem encontrar obstáculos.

O Espírito vê tudo o que vemos e mais claramente; percebe aquilo que os nossos limitados sentidos não o permitem e, penetrando na matéria, descobre o que ela oculta à nossa vista.

Os Espíritos não são seres vagos, indefinidos, como aprouve afigurá-los até agora, mas individualidades reais, determinadas, circunscritas, que gozam de nossas faculdades e de muitas outras que nos são desconhecidas, porque inerentes à natureza deles.

Eles têm as qualidades da matéria que lhes é própria e formam a população desse universo invisível que nos comprime, nos rodeia, nos acotovela, sem cessar. Suponhamos, um instante, que o véu material que os oculta à nossa vista se levanta; veríamos uma multidão de seres a cercar-nos, a se agitarem em torno de nós, a contemplar-nos, como o faríamos se, por acaso, nos achássemos em uma reunião de cegos. Para os Espíritos, somos tomados de cegueira e eles são os videntes.

Dissemos que o Espírito, ao entrar em sua nova vida, leva algum tempo para reconhecer-se, que tudo é estranho e desconhecido para ele. Perguntar-se, -á, sem dúvida, como pode ser assim, se ele já teve outras existências corporais; essas passagens sobre a Terra foram separadas por intervalos no mundo dos Espíritos e,

enfim, uma vez que o espaço é sua verdadeira pátria, o Espírito não deve encontrar-se como exilado. Várias causas tendem a tornar novas para ele essas percepções, apesar de já as ter experimentado.

A morte, já o dissemos, é seguida sempre de um instante de perturbação, mas que pode ser de duração curta. Dissipada essa turvação, as idéias se elucidam pouco a pouco e com elas a lembrança do passado, que só gradualmente volta à memória. Só quando o Espírito está inteiramente desmaterializado é que se desenrolam diante de si as suas vidas anteriores, como uma perspectiva, ao sair lentamente do nevoeiro que a envolvia. Somente, então, se lembra ele da última existência; depois, o panorama de suas passagens sobre a Terra e as voltas ao Espaço se lhes desvelam diante dos olhos. Ele vê os progressos que fez e os que lhe faltam fazer, e assim nasce o desejo de reencarnar, a fim de chegar mais depressa aos mundos felizes que entrevê.

Concebe-se, pois, segundo isso, que o mundo dos Espíritos deve parecer-lhe novo, até o momento em que a memória inteiramente lhe volta. Mas a esta causa é preciso outra, que não é menos preponderante.

O estado do Espírito, como Espírito, varia extraordinariamente, em razão de sua elevação e de sua pureza. À medida que ele sobe intelectualmente e progride moralmente, suas percepções e sensações se tornam menos grosseiras, adquirem mais finura, mais delicadeza; ele vê, sente e compreende as coisas que não podia ver nem sentir, nem compreender em uma condição inferior. Ora, cada existência corpórea sendo para ele motivo de progresso, o traz sempre a um meio novo, onde Espíritos de outra ordem têm pensamentos e hábitos diferentes.

Ajuntemos a isso que essa depuração permite-lhe penetrar em mundos inacessíveis aos Espíritos inferiores, como, entre nós, os salões da aristocracia são interditos a pessoas mal educadas. Quanto menos esclarecido é ele, mais limitado lhe é o horizonte; à medida que ele se eleva e se depura, este horizonte aumenta e com ele o círculo de suas idéias e de suas percepções. A comparação seguinte pode fazer-nos compreender isso.

Suponhamos um campônio bruto e ignorante, que vem pela primeira vez a Paris; compreenderá ele o Paris do mundo elegante e do mundo sábio? Não, porque ele só freqüentará os indivíduos de sua classe e os quarteirões em que eles habitam. Mas, se no intervalo de uma segunda viagem, ele se houver desembarcado, adquirido instruções, maneiras polidas, serão outros seus hábitos e relações. Verá ele, então, um Paris que não se parecerá em nada com o que ele conheceu outrora. Acontece o mesmo com os Espíritos; nem todos, porém, experimentam essa incerteza no mesmo grau. À medida que progridem, as idéias se desenvolvem, a memória se torna mais pronta, familiarizam-se prontamente com a posição nova, e sua volta ao seio dos Espíritos nada mais tem que os admire; encontram-se em seu meio normal e, passado o primeiro momento de perturbação, reconhecem-se quase imediatamente.

Tal é a situação geral dos Espíritos no estado que se chama errante; mas nesta situação, que fazem eles? Em que passam o tempo? Esta questão é para nós de um interesse capital. Importa-nos, com efeito, fixar-nos sobre este ponto, porque é do nosso futuro espiritual que se trata, não sendo descabidos os mais circunstanciados detalhes. Aliás, são os próprios Espíritos que respondem a estas interrogações, porque em tudo o que expusemos até então, nenhuma coisa é devida à imaginação. Extraímos do ensino de Allan Kardec todas as informações necessárias e ele próprio baseou sua teoria nas comunicações recebidas de todas as partes do globo; ela oferece, pois, todos os caracteres da verdade. Pondo-se de parte qualquer opinião sobre o Espiritismo, convir-se-á que esta teoria da vida no além-túmulo nada tem de irracional; ela apresenta uma seqüência, um encadeamento perfeitamente lógico, do qual mais de um filósofo poderia honrar-se.

Já o dissemos, seria grave erro acreditar que a vida dos Espíritos é ociosa; pelo contrário, é essencialmente ativa e todos os Espíritos nos falam de suas ocupações; elas diferem, necessariamente, conforme o ser é errante ou encarnado. Na encarnação, são relativas à natureza dos globos em que eles habitam, às

necessidades, que dependem do estado físico e moral desses globos, assim como da organização dos seres vivos.

Os dados da Ciência, expostos com tão luminosa clareza nas *Terras do Céu*, por Camille Flammarion, já nos dão idéia do que é a vida na superfície dos planetas de nosso sistema solar. Nosso fim não é recommençar o que tão bem fez o célebre astrônomo; não falaremos senão dos Espíritos errantes.

Entre os seres que atingiram certo grau de elevação, uns veem pelo cumprimento dos desígnios de Deus, nos grandes destinos do Universo; dirigem a marcha dos acontecimentos e concorrem para o progresso dos mundos; outros tomam os indivíduos sob sua proteção e se constituem seus gênios tutelares, guias espirituais, que os acompanham do nascimento à morte, procurando dirigi-los na senda do bem; é uma felicidade, quando seus esforços são coroados de êxito. Alguns se encarnam em mundos inferiores, para aí exercerem missões de progresso; procuram, por seus trabalhos, seus exemplos, seus conselhos, seus ensinamentos, fazê-los avançar nas ciências, nas artes, ou na moral. Submetem-se, então, voluntariamente, as vicissitudes de uma vida corporal, muitas vezes penosa, com o fim de praticar o bem e isso lhes é contado. Muitos, enfim, não têm atribuições especiais; vão a toda parte onde sua presença pode ser útil, dar conselhos, inspirar boas idéias, sustentar as coragens titubeantes, dar força aos fracos e castigar os presunçosos.

Se considerarmos o número infinito dos mundos que povoam o Universo e a quantidade incalculável de seres que os habitam, conceber-se-á que existe ocupação para todos. Os diversos trabalhos nada têm de penoso, eles o fazem voluntariamente e não por constrangimento, e a felicidade consiste em conseguir o que empreendem. Ninguém pensa na ociosidade eterna, que seria um suplício. Quando as circunstâncias o exigem, eles se reúnem em conselho, deliberam sobre o que devem fazer, dão ordens aos Espíritos subordinados e se dirigem em seguida para onde o dever os chama. Essas assembléias são gerais ou particulares, conforme a importância do assunto; nenhum lugar especial é destinado a essas reuniões; o espaço é o domínio dos Espíritos;

entretanto elas se limitam em geral aos globos que constituem o seu objetivo.

Os Espíritos encarnados nesses mundos e que têm uma missão a cumprir assistem muitas vezes a essas assembléias. Enquanto seus corpos repousam, vão haurir conselhos entre os outros Espíritos, muitas vezes receber ordens sobre a conduta que devem manter como homens. Ao despertar não têm, é verdade, lembrança precisa do que se passou, mas possuem a intuição que os faz agir, inconscientemente.

Descendo na hierarquia, encontramos Espíritos menos elevados, menos esclarecidos, mas que não deixam de ser bons, e que, numa esfera de atividade mais restrita, preenchem funções análogas. A ação deles, em vez de estender-se aos diferentes mundos, exerce-se especialmente sobre determinado globo, em relação com seu grau de adiantamento; sua influência é mais individual e tem por objeto ações menos importantes.

Vem em seguida a multidão dos Espíritos vulgares, mais ou menos bons ou maus, que pululam em torno de nós. Eles se elevam pouco acima da humanidade, da qual representam todos os matizes e são como que o reflexo, porque dela têm todos os vícios e todas as virtudes; em grande número deles, reencontram-se os gostos, as idéias, os pendores que tinham em vida; as faculdades lhes são limitadas, o julgamento falível como o dos homens, muitas vezes errôneo e imbuído de preconceitos.

Noutros, o senso moral é mais desenvolvido; sem grande superioridade nem profundidade, julgam mais judiciosamente e condenam o que fizeram, disseram ou pensaram durante a vida. Aliás, há isto de notável, é que mesmo entre os Espíritos mais ordinários, há na maior parte, sentimentos mais puros na erraticidade que na encarnação; a vida espiritual lhes esclarece sobre seus defeitos e, com poucas exceções, arrependem-se amargamente e lamentam o mal que fizeram, pelo qual sofrem mais ou menos cruelmente.

O endurecimento absoluto é muito raro e apenas temporário, porque, cedo ou tarde, se lamentam do seu estado. Pode-se dizer

que todos aspiram à perfeição, porque percebem que é o único meio de saírem da posição inferior que ocupam.

Em resumo, vimos que a alma se desenvolve por meio de uma série de sucessivas existências; que tendo partido do mais rudimentar estado, do qual encontramos o exemplo nos povos selvagens, ela deve elevar-se de degrau em degrau até à soma de qualidades e perfeições que se podem adquirir na Terra. Quando ela atingiu o fim que aqui lhe estava assinalado, sobe para os mundos superiores, onde melhores destinos a esperam.

Poder-se-ia supor que o progresso eterno tem um limite e que a perfeição deve ser atingida um dia. É um erro, oriundo de nossa natureza limitada, que faz do Universo e do infinito estreita e mesquinha idéia, pouco em harmonia com a realidade das coisas.

Quando contemplamos a fraca parte do Universo que nossos instrumentos nos fazem conhecer, o Espírito recua, deslumbrado, diante dos milhares de mundos que povoam os espaços. Se, pelo pensamento, medirmos o tempo que nos é indispensável para fixar uma qualidade, se lançarmos um olhar retrospectivo sobre as inúmeras encarnações que nos foi preciso suportar, para chegar, somente, ao nosso estado atual, compreenderemos, então, que nossa ascensão indefinida pede um tempo enorme, e de tal ordem, que as mais arrojadas concepções não no-lo podem fazer conceber.

Entretanto, como Deus cria sem cessar, pode-se supor que há Espíritos que já percorreram todas as fases e que chegaram, enfim, à perfeição absoluta. É, ainda, uma falsa interpretação, porque a perfeição absoluta é Deus, isto é, o infinito e a eternidade.

Ora, tendo tido um começo, jamais a alma do homem será eterna, ela é simplesmente imortal. É uma função que cresce desde zero até o infinito. Pretendeu-se algumas vezes que a alma fosse incriada. Segundo o que pensamos, esta maneira de ver é errônea, porque se nós admitirmos a existência de Deus, ele deve ser o autor de tudo o que existe; sem isto ele não teria razão alguma de ser. Aliás, uma vez que progredimos, elevando-nos de

encarnação em encarnação, vemos que ingressamos na vida por um estado de simplicidade no qual não tínhamos faculdade alguma das que hoje possuímos, nós as adquirimos insensivelmente por meio de uma série de lutas contra a matéria; ora, se fôssemos eternos, que significaria a progressão?

Na eternidade não poderíamos aumentar nem diminuir, seríamos imutáveis por nossa própria natureza. Demonstrando-nos, ao contrário, a experiência que nós progredimos intelectualmente, daí devemos concluir que fomos criados.

A imensidade e a eternidade são os únicos limites que encontramos para o progresso, o que vale dizer: o progresso não tem limites. Não nos devemos espantar com esta perspectiva, porque sabemos, de experiência, que a cada descoberta nova, a cada aquisição intelectual está ligada uma felicidade, que se acrescenta à que já gozávamos. À medida que nossas faculdades se ampliam, elas se exercem num campo cada vez mais vasto, abraçam horizontes mais extensos, e, como o Universo é ilimitado, podemos imaginar que nos será necessária a eternidade para compreendê-lo e aprofundar-lhe as leis.

Confiantes na bondade do pai celestial, devemos crer nas promessas dos Espíritos superiores que nos assistem; verificando a felicidade inefável de que gozam, a elevação e a beleza do seu ensino, nosso único objetivo deve ser o de igualá-los, certos de que o poder divino saberá recompensar sempre os nossos esforços, proporcionando-nos a felicidade pelos trabalhos que tivermos suportado.

IV Hipótese

Até aqui nos limitamos a estudar o perispírito no homem e durante a desencarnação. Como os Espíritos nos ensinassem que ele é formado do fluido universal, aceitamos essa asserção sem indagar do processo pelo qual o perispírito poderia ter adquirido as qualidades de que é dotado. Vamos procurar neste capítulo levantar uma ponta do véu que nos encobre o passado. Para explicar o funcionamento do invólucro do Espírito, fazemos a seguinte hipótese:

O perispírito fixa em si, durante a evolução da alma, todas as qualidades que lhe permitem dirigir a vida orgânica; de sorte que o homem possuirá:

- 1 – a vida vegetativa, devida ao princípio vital;
- 2 – a vida *orgânica*, devida ao *perispírito*;
- 3 – a vida intelectual, que é a da alma.

Tentaremos, portanto, demonstrar que o duplo fluídico do homem é o princípio diretor de sua vida orgânica; para chegar a esta conclusão, admitiremos como absolutamente demonstradas as leis do transformismo, que se adaptam maravilhosamente ao nosso assunto. Será assentar uma hipótese numa suposição, mas, tendo já declarado estar pronto a aceitar qualquer outra teoria melhor que nos apresentem, podemos sem temor oferecer a nossa.

Diremos, a título de justificativa, que há um hábito ou uma tendência instintiva do espírito, que nos leva a querer explicar tudo e a inventar explicações quando elas nos faltam. Ora, se se pode descer de uma causa conhecida ao efeito que ela determina, não é menos certo que a operação inversa é absolutamente desprovida de regras e entregue a todos os azares da interpretação.

Se for sabido, diz Jamin, que a água é comprimida pela atmosfera, prevê-se que ela subirá no tubo de uma bomba onde se fizer o vácuo. Mas, suponhamos que não se conheça a existência

dessa pressão e que se veja subir a água; ter-se-á a escolha entre uma multidão de causas que a imaginação pode sugerir; e quando se quiser decidir entre elas, haverá todas as probabilidades possíveis de engano contra uma só em favor da certeza. Sabe-se como obtiveram êxito os antigos que admitiam o horror da natureza pelo vácuo.

É a mesma necessidade que se quer satisfazer e a mesma operação que se faz quando se diz que a matéria *se atrai*, tudo se parece nas duas hipóteses, até a maneira de exprimi-las, e pode ser que o mesmo se dê na realidade das explicações.

Que há uma força agente entre dois astros vizinhos, demonstra-o a mecânica rigorosamente, mas quando se diz que esta força é uma atração da matéria, faz-se uma suposição tão gratuita como a dos antigos quando diziam que é o horror do vazio a força que faz subir a água. Vê-se produzirem-se os fenômenos do calor, da eletricidade, do magnetismo e da luz e logo se inventam quatro fluidos para os explicar; e que são esses fluidos? São criações da imaginação perfeitamente escolhidas, aliás, para prestarem-se a todas as explicações, porque criando-as pela necessidade que delas se tem, pode-se-lhes dar todas as propriedades que se quiser.

E aí está em toda a sua beleza o nascimento de um sistema. Na maioria das vezes essas teorias só servem para encobrir a ignorância em que nos encontramos das verdadeiras causas e habitam o espírito a contentar-se (somente) com palavras. É raro que o progresso das ciências não acabe com esses brilhantes produtos da imaginação; têm-se feito muitas delas; delas poucas restam, e quem pode prever a sorte das que aceitamos?

Se bem que, para precaver-se delas, tomem os físicos modernos tanto cuidado quando punham os antigos em multiplicá-los, eles admitem, entretanto, ainda alguns sistemas, mas com uma condição que lhes dá verdadeira utilidade, a de que estejam contidas dentro de uma hipótese geral capaz de abraçar matematicamente todas as leis experimentais de uma ciência toda, e mesmo levar à descoberta de outras.

Deste número é a nova teoria que se aceita em ótica. Logo que foi admitida ser a luz um movimento vibratório do éter, todas as leis experimentais tornaram-se conseqüências que se faz decorrerem da hipótese, e a ótica chegou pouco a pouco a esse estado de perfeição final em que a experiência não é mais que um auxiliar que verifica as previsões da teoria, em lugar de ser o único meio de procurar as leis; é por esses caracteres que se julgam hoje o sistema e é nestas condições que eles são aceitos.

O Espiritismo científico franqueou os primeiros passos da experiência, guiado por sábios ilustres, mas a explicação de todos os seus fenômenos não pode ainda ser utilmente tentada, porque poucos documentos, atualmente, existem que permitam a boa execução desse trabalho. Apresentamos, portanto, um ensaio, sem a pretensão de verdade absoluta.

Em filosofia existe, para explicar a vida no homem, à parte o materialismo, três sistemas diferentes:

1º- os vitalistas;

2º- os organicistas;

3º- os animistas.

Passemos rapidamente em revista estas diferentes escolas.

Sabe-se, de modo geral, que o corpo cresce, como os vegetais, sente e se move como o animal, enfim, que tem uma existência superior, que reside na vida intelectual. É preciso, pois, que o sistema que explica o homem físico e moral abrace essas três ordens de fatos. Vamos verificar que são todos insuficientes, porque se limitam a encarar uma só face da questão, em lugar de vê-la no conjunto.

Os *Vitalistas* só querem reconhecer no homem uma força, o princípio vital, e acham que ele basta para explicar tudo. Eis no que se apóia a sua convicção.

Notam que existe entre os fenômenos da natureza inorgânica e os da matéria organizada uma diferença radical: os corpos brutos obedecem a leis que nos foi dado conhecer e formular, de maneira que podemos, à vontade, fazer a análise e a síntese de todas as substâncias. Mas, quando passamos dos corpos brutos à planta mais ínfima, mais rudimentar, impossível se nos torna

reproduzi-la, quaisquer que sejam as condições em que operemos.

Uma simples folha de árvore, que o vento destaca, é um mistério impenetrável quanto à sua produção. A química pode decompor essa folha, saber o peso e a natureza dos corpos que entram em sua composição, mas não pode reproduzi-la, porque não dispõe da vida, que é a única potência capaz de organizar essa matéria.

No corpo humano esse princípio age da mesma maneira que na planta; nutre as células dos tecidos, substitui-as, sem que a alma tenha conhecimento, e chega a agir depois da morte, pois que se encontraram cadáveres em que os cabelos e as unhas haviam crescido.

Mas, se quisermos explicar todos os fenômenos que se passam no homem pelo simples jogo do princípio vital, defrontamos com insuperáveis dificuldades.

É preciso distinguir cuidadosamente os efeitos vitais dos produzidos pela alma, porque entre os dois gêneros de ação existem diferenças enormes. Assim, por exemplo, os fenômenos da digestão, da assimilação, da circulação do sangue se operam independentes da vontade, sem a participação da alma.

Jeoffroy, o filósofo eclético, exclama:

“O *eu* sente-se absolutamente estranho aos fenômenos da vida, eles chegam não só sem que ele tenha consciência de engendrará-los, mas sem que tenha o menor conhecimento e mesmo seja advertido de que eles se produzem. Para apreender os fenômenos da vida seria preciso que *saíssemos de nós* e que, por experiências tortuosas e difíceis sobre o corpo humano ou o dos animais, tornássemos visível a nossos sentidos esta vida que não é a nossa e de que nossa consciência nada nos diz.”

Barthélemy Saint-Hilaire acrescenta a essa proposição que nós não intervimos mais em nossa nutrição, do ponto de vista da vontade, do que na de uma planta.

Barthès, o célebre médico, aceita e desenvolve estes argumentos. Ele opõe à perpétua mobilidade da alma, a inalterável

imobilidade dos fenômenos vitais, que parecem produzidos por leis fatais, e conclui dizendo que efeitos tão diferentes não podem provir da mesma causa.

Existe, pois, um princípio vital, mas que não pode explicar todas as modalidades humanas; os vitalistas têm, portanto, uma teoria incompleta.

Os *Organicistas* pretendem explicar a vida vegetal e a vida animal pelo simples jogo dos órgãos, ou seja pela atividade natural da matéria. Baseiam-se no fato de poderem-se, em determinadas condições, submeter insetos, como os rotíferos e os tardígrados, à morte e à ressurreição; é, pelo menos, como qualificam o estado desses animais antes e depois da operação. Basta, com efeito, depois de secar esses animálculos, sob a ação do frio, e quando eles parecem mortos, pô-los numa estufa, que se eleva gradualmente a cem graus, para vê-los voltar à vida, quando os umedecem depois do resfriamento. Daí concluem que o meio físico faz tudo, o organismo nada.

Mas o que prova que esses filósofos estão em erro é que há uma temperatura que se não pode ultrapassar, sem que o animal perca a vida. Há nele, portanto, um princípio que resiste à morte até certo grau; transposto este, a força é destruída, o que nos prova, uma vez mais, a existência do princípio vital.

Os *Organicistas* se baseiam, também, na transformação do calor em força. Gavarret estabeleceu, experimentalmente, por fatos rigorosos, verificados e controlados por fisiologistas eminentes, que a produção do calor, a contração muscular e a ação nervosa derivam diretamente da ação do oxigênio do ar sobre os materiais do sangue. Essa reação química é a única fonte da força indispensável ao organismo, para executar os movimentos que compõem a vida. Assim, nem alma, nem princípio vital, conclui o físico.

Para responder a Gavarret, basta notar que esses fenômenos se produzem nos *corpos animados*, isto é, já organizados pela força vital. A explicação do sábio fisiologista é, pois, simplesmente uma informação sobre a maneira como funciona a vida

nos seres organizados, mas não toca em nada no próprio princípio vital.

Os partidários da precatada opinião apoiaram-se também nos fenômenos que se passam no estômago e nos pulmões; estudaram as ações produzidas por essas duas vísceras e chegaram a conhecer as leis que as dirigem. Concluíram que não há necessidade de outras forças, além das que entram em jogo, neste caso, para explicar a vida.

Observaremos que a quimificação só se pode produzir, estando vivo o estômago, assim como o pulmão não respirará se o animal não estiver vivo, como o fizeram ver Cuvier e Flourens. Muller, o fisiologista, constata que “o gérmen é uma matéria sem forma, isto é, uma massa não organizada, que não apresenta qualquer espécie de órgão ou de rudimento de organização e, entretanto, vive. A força orgânica existe, pois, no gérmen, antes de todos os órgãos”.

Os *Animistas*, enfim, esperam explicar tudo pela ação única, consciente ou inconsciente da alma.

Podemos admitir que os fenômenos intelectuais são o produto direto da alma, mas as ações da vida orgânica devem ser atribuídas a outra causa, porque não se pode compreender que uma força imaterial exerça ação sobre a matéria do corpo.

Cada escola se coloca, pois, em um ponto de vista exclusivo e não resolve, completamente, o problema. O Espiritismo, com as luzes que traz a tais questões controvertidas, pode servir de síntese a essas concepções diversas. Eis como:

Demonstrada, suficientemente, a existência do princípio vital, nós o aceitamos como causa da vida vegetativa. Resta compreender de que modo se exercem as ações automáticas que se passam no corpo humano. A noção do perispírito nos vai fazer perceber como o duplo fluídico pode ser considerado o regulador da vida orgânica, o que, até certo ponto, dá razão aos organicistas. Enfim, os animistas podem aliar-se conosco, dada a maneira pela qual explicamos a ação da alma sobre o corpo.

O que nos falta dizer é como o perispírito pode ter adquirido todas as qualidades necessárias ao funcionamento de uma mara-

vilha como é o corpo humano. É preciso que estabeleçamos por que processo esta organização fluídica pode dirigir as diferentes categorias de ações orgânicas que compõem a vida.

Segundo acreditamos, quanto mais o espírito se eleva, mais se lhe depura o invólucro. Podemos, pois, dizer, olhando para o passado, que, quanto mais grosseiro é o invólucro, menos adiantado é o espírito; donde a conclusão de que a alma humana, antes de animar um organismo tão perfeito como o corpo humano, teve que passar pela fieira animal.

Não pretendemos que o princípio inteligente tenha sido obrigado a atravessar a fase vegetal, porque nas plantas não encontramos sinal algum de sensibilidade bem nitidamente acusada. Os movimentos de certas dionéias, como a mimosa pudica, vulgarmente chamada sensitiva, não bastam para estabelecer esta propriedade nas raças vegetais. Tomaremos, pois, como ponto de partida das evoluções do princípio inteligente os mais rudimentares animais.

Sabemos, pelo estudo da Geologia, que o princípio vital nem sempre existiu sobre a Terra. Esta ciência nos ensina que, em indeterminada época de sua duração, a Terra não passava da massa de matéria inorgânica, submetida, simplesmente, às leis físico-químicas que regem o mundo mineral. É a época azóica.

Quando nosso globo sofreu todas as modificações materiais de que era suscetível, apareceu a *vida*, isto é, a força organizadora, e, desde então, assistimos a uma série de transformações maravilhosas. Os organismos procedem uns dos outros, indo do simples ao composto. Desde a matéria do protoplasma até as formas mais elevadas, há uma escala de seres não interrompida, uma série de anéis que ligam a mais ínfima criatura ao homem, suprema expressão dos tipos que se têm sucedido na Terra.

Esta longa elaboração reclamou milhares de séculos e, à medida que o mundo envelhecia, tornava-se cada vez mais apto a receber seres mais perfeitos. Darwin procurou explicar esta progressão contínua, por leis naturais. Hoekel adotou e desenvolveu o sistema do sábio inglês, e apesar de não estar o transformismo ainda universalmente admitido, aceitamos suas teorias

porque elas nos parecem, pela majestosa lentidão que acusam, em harmonia com o *natura non facit saltum* dos naturalistas, e se acham conforme a idéia que fazemos da potência criadora.

Vimos já se efetuar uma primeira transformação: à natureza bruta sucede a natureza organizada, graças à aparição do princípio vital; a este sucede o princípio anímico, e a conseqüência desse segundo agente é a formação dos animais. A planta vive, mas não possui nem a sensibilidade nem o poder de locomover-se. O animal, ao contrário, não somente vive, mas sente e move-se. Podemos, a partir desse momento, empreender o estudo da evolução intelectual.

Admitindo-se que a alma e seu invólucro tenham passado pela fieira animal, concebemos logo como as coisas deveriam ter sucedido.

Notamos que o animal possui o instinto, isto é, uma força que o dirige seguramente para fazer evitar o que lhe é prejudicial. Como nasceu essa força?

No animal toda ação é o resultado de um prévio julgamento que implica vontade, consciência, raciocínio, inteligência. Não podemos encontrar na matéria o gérmen dessas faculdades e por isso as atribuímos ao espírito; o instinto é uma propriedade perispiritual, que tem por causa a alma, mas que dela difere essencialmente. Para fazer compreender essa diferença, tomemos um exemplo.

Como a criança aprende a ler?

Ela deve, a princípio, compenetrar-se da forma das letras. Nos primeiros tempos ela confunde os *A* com os *O*, os *N* com os *U*, os *B* com os *D*, os *P* com os *Q*; ela deve entregar-se a mais comparações para reconhecer seus caracteres distintivos. Cada vez que ela firma um juízo, que ela diz que um *A* é um *A*, que um *O* é um *O*, ela deve arrazoar consigo mesma o porque desse juízo. Mas pelo exercício, esse juízo se torna cada vez mais rápido, de modo que, dado esse primeiro passo, pode proceder-se com ela ao estudo das sílabas. É preciso que ela aprenda agora a distinguir *NA* de *AN*, *OV* de *VO*, *IE* de *EI*, novas comparações, novos juízos, novos exercícios; depois essas dificuldades são

vencidas, por sua vez. Aborda-se, então, o conhecimento das palavras, depois o das frases.

Quanto tempo, quantos esforços, quantos estudos são necessários para que chegue a ler corretamente!

Ela consegue isso, entretanto, e, por fim, percebe imediatamente uma frase pela simples inspeção do texto, como certos jogadores fazem instantaneamente a adição de cinco ou seis dominós estendidos diante deles. Chegada a esse ponto, já não tem lembrança dos atos preliminares por que passou para ter o conhecimento da frase. Não vê mais que soletra, que julga da forma das letras e de sua respectiva posição nas sílabas. Parece-lhe que compreende de golpe o que lê.

E como aprende a traçar as letras com a pena, a reuni-las em palavras, a cuidar da ortografia?

Esses movimentos são, a princípio, feitos por querer, com plena consciência, depois chega a escrever sob ditado, sem mesmo prestar atenção às palavras pronunciadas; sua mão obedece, de alguma sorte, por si mesma, aos sons que lhe ferem o ouvido.

É de modo análogo que o perispírito adquire, insensivelmente, todas as suas qualidades funcionais. Como não se destrói com a morte do corpo e tem uma existência tão real como a do Espírito, acumula em seu seio todos os esforços e todas as aquisições deste. Graças à sua perpetuidade, pode voltar à Terra mais bem provida que da vez precedente.

Os organismos dos animais primitivos são, com efeito, muito simples e se aproximam da natureza das plantas. O princípio anímico tem poucas funções a preencher; habitua-se à vida ativa, mas não fica inerte, porque, desde os primeiros passos na vida animal, o gérmen inteligente tem sensações. Ele quer, por exemplo, evitar ou apanhar um objeto, mas o movimento não lhe acompanha imediatamente a vontade. Ele deve, para isso, empregar esforço e vencer certas resistências que provêm de um arranjo perispiritual das moléculas, pouco favorável ao movimento. Este movimento, acaba, entretanto, por se propagar,

seguindo a linha de moléculas cuja vibração apresenta com ele menos divergência.

É assim que é vencida nos primeiros tempos a inércia das moléculas perispirituais, sob a influência da vontade nascente. Daí resulta que o mesmo movimento, quando desejado segunda vez, experimenta menos resistência e, à força de repetições, acaba por ser feito, com o menor esforço possível e de tal maneira fraco, que nem é sentido. Por consequência, o movimento, a princípio penoso, torna-se em seguida fácil, depois natural e, enfim, maquinal.

Eis como se pode conceber que, pouco a pouco, depois de milhares de passagens do princípio inteligente, na série animal, o perispírito chegue a fixar as leis que nos aparecem sob a forma de instinto, mas que foram lentamente conquistadas por ele, por meio de existências sucessivas.

Pode-se, pois, dizer, de maneira geral, que o movimento é voluntário, *quando se sabe como e por que é feito*; que é habitual quando é feito *sem se saber como*; instintivo, quando feito *sem se saber porque*; reflexo ou automático quando feito *sem o saber*.

O hábito se adquire pelo exercício, isto é, pela repetição voluntária de uma série de atos, os quais acabam por se suceder cada vez mais rapidamente e com um dispêndio de força menor. Modifica o organismo até nos óvulos e espermatozóides. A modificação dos pais se encontra nos filhos sob forma, a princípio, de necessidade, em seguida, de instinto. Ao mesmo tempo em que o animal se aperfeiçoa, os instintos progridem e servem para dirigi-los; formam-se, assim, as leis da matéria animada. À medida que o espírito envelhece, isto é, que se encarna, adquire qualidades novas e se torna apto a habitar corpos cada vez mais aperfeiçoados.

Chegada à humanidade, a alma já fixou, em seu invólucro todas as leis automáticas destinadas a regular a maravilhosa máquina do corpo humano. Executam-se com regularidade as funções animais, e a alma, desprendida das peias mais grosseiras

da matéria, emerge da ganga que a envolvia e deve ser senhora absoluta da matéria que, até então, a dominava.

Um fato pareceria contradizer a teoria que sustentamos. Nota-se entre o macaco mais aperfeiçoado e o selvagem, mesmo o mais embrutecido, diferenças imensas, que parecem indicar uma demarcação nitidamente estabelecida entre o homem e o animal.

Para explicar esta anomalia, no ponto de vista físico, a antropologia nos ensina que há uma série de animais, chamados antropóides, que são o intermediário entre a humanidade e a animalidade. Existe, pois, descontinuidade na grande cadeia dos seres.

No ponto de vista moral, que é o mais importante, as sábias pesquisas de Boucher de Perthes, Du Mortillet, Lartet, Gaudry e tantos outros, estabeleceram que, em certo momento do período quaternário, os caracteres humanos e símios se encontraram reunidos nos antropóides dessa época longínqua. A apófise dentária, excrescência onde se inserem os músculos que favorecem a linguagem, não existia, ainda; entretanto, todos os caracteres do esqueleto provam que o indivíduo assim constituído era já um homem.

À medida que esse ser foi progredindo, seus órgãos se foram aperfeiçoando, em consequência dos esforços que fazia para comunicar-se com seus semelhantes; formou-se a apófise dentária, e esse animal humano pôde falar.

Não se sabe a duração do tempo em que se operou essa transformação, mas tudo leva a crer que foi enorme. O homem não falante é o que se encontra no grau superior terciário, e apesar das vivas discussões que levantou a qualificação de homem, que lhe foi dada, pode ser ele, em todo caso, considerado como um precursor, pois que talhava pedras para seu uso.

Qualquer que seja a opinião que se faça do homem da época pliocena, é absolutamente certo e demonstrado que ele, como existe atualmente, apareceu no período quaternário, o que lhe assegura, ainda, uma respeitável antiguidade, pois que cálculos baseados na deterioração das rochas calcárias demonstram que

há 450.000 anos os gelos desapareceram e que o homem era contemporâneo, senão anterior, à época glacial!

Se o princípio inteligente dos animais foi obrigado a passar por formas intermediárias para chegar a humanidade, se são os macacos os representantes diretos dos antropóides e se a raça tende a desaparecer, pergunta-se: quando eles não existirem mais, como poderão as almas dos animais chegar ao nosso grau humano?

É sensata a objeção e nos demonstra que não se devem limitar à Terra as evoluções do princípio inteligente. Fazemos parte do Universo e nada prova que o princípio anímico seja obrigado, chegando à Terra, a seguir toda a série das espécies que existem em sua superfície.

Na época quaternária, fora possível que as almas animais se transformassem, passando por graduações insensíveis a almas humanas; mas, em nossa época, isto já não é possível, pois que não se encontram traços intermediários entre o homem e o macaco. É preciso, pois, admitir que a alma animal, chegada ao ápice da escala das formas por que tinha de passar, é levada a um mundo onde, pouco a pouco, adquire as qualidades que diferenciam o homem do animal, isto é, o conhecimento de si mesmo, a perfectibilidade e o sentimento do bem e do mal.

Notar-se-á que não temos feito nenhuma suposição sobre a criação do princípio inteligente, porque essas questões são tão absurdas, tão pouco estudadas até agora, que não é possível formular uma opinião sobre o assunto.

A passagem da alma pela série animal parece-nos razoável, mas ainda há muitos pontos a esclarecer e não podemos apresentar esta hipótese senão com as mais formais reservas.

Para entrar no terreno sólido dos fatos, podemos afirmar que o homem existe na Terra há mais de 300.000 anos; que saiu, lentamente, da faixa da bestialidade, para elevar-se até aos mais altos píncaros da intelectualidade.

Que espetáculo e que ensino nos apresentam nossos miseráveis avós, morando em cavernas e correndo nus, em busca de nutrição! A custo distinguiam-se de outros animais ainda mais

fortes e tão ferozes como eles. Mas o homem traz na fronte o selo da superioridade, possui a inteligência; é ela que o vai tirar desse terrível estado para torná-lo o senhor de toda a criação. É a lei do progresso que se manifesta e que nos eleva da inferioridade do ser às esferas radiantes, onde só existe o amor, a justiça e a fraternidade.

Quinta Parte

I

Algumas observações preliminares

Os fenômenos mediúnicos de que falamos no capítulo consagrado ao Espiritismo necessitam estudo especial, porque demonstram que existem estados particulares do organismo que permaneceram desconhecidos até aqui dos fisiologistas e dos filósofos.

Um médium, já o dissemos, é um ser dotado do poder de entrar em comunicação com os Espíritos; deve pois possuir em sua constituição física algo que o distinga das outras pessoas, pois que nem todos estão aptos a servir de intermediários aos Espíritos desencarnados. Ademais, o Espírito emprega, ao atuar sobre o médium, certos processos que seria interessante conhecer, porque se concebemos muito bem como pode um homem fazer sentir fisicamente sua influência sobre um outro, o mesmo não se dá quando examinamos de que maneira se exerce a ação espiritual sobre um encarnado.

A questão é complexa e para resolvê-la seria preciso um profundo conhecimento do ser humano, não só no ponto de vista fisiológico, mas ainda, e sobretudo, no ponto de vista perispiritual, porque este agente desempenha um papel considerável em todos os fenômenos da mediunidade. Seria necessário também conhecer melhor a natureza dos invólucros semimateriais dos Espíritos.

Nestas pesquisas, facilmente se compreenderá que só podemos raciocinar por analogia. Não é possível, ainda, fazer experiências diretas sobre o fluido perispiritual, que escapa, por sua natureza, a todos os nossos instrumentos, por mais perfeitos que sejam.

Repetiremos aqui o que já foi dito, que não temos a pretensão de os explicar cientificamente; nosso fim é mais modesto; limitamo-nos a apresentar analogias, a emitir teorias, que permitirão

compreender como se podem produzir os fenômenos. É uma tentativa que tem por fim fazer entrar os fatos espiritistas nas leis naturais e mostrar que foram considerados, sem razão, como derrogações aos princípios imutáveis que dirigem a Natureza.

A má interpretação que se deu às manifestações espíritas afastou delas os pensadores; eles acreditaram que se queriam renovar as mais absurdas superstições e levantaram-se com razão contra o que tachavam de loucuras. Mas mostrando-lhes que podemos explicar logicamente os fatos por hipóteses deduzidas das modernas concepções científicas, abrir-lhes-emos os olhos sobre uma ordem de fatos que eles ignoravam e por isso mesmo chamaremos a atenção dos homens sérios para um domínio inexplorado e fecundo em maravilhosas descobertas.

É, pois, dar um passo avante na propagação de nossas crenças explicar o mediunismo por uma teoria que não choque, em nada, as idéias do mundo científico. Não podemos pretender dar as relações numéricas que ligam os diferentes fenômenos da mediunidade; ninguém entretanto duvida que elas existem e chegar-se-á mais ou menos depressa a descobri-las, conforme a exatidão dos métodos que se empregarem. Já vimos Crookes construir aparelhos de medida muito sensíveis para apreciar a influência dessa força, que se exerce à distância do foco donde ela emana e com nenhum condutor visível, assim como o constata o relatório da Sociedade Dialética.

Foi seguindo uma ordem de idéias paralela a esta que Helmholtz e Donders chegaram a calcular o tempo fisiológico da visão, isto é, a duração que separa o momento em que uma sensação luminosa fere o olho, daquele em que ela é percebida pelo cérebro. Essas experiências, muito simples, formam os elementos fundamentais de toda atividade intelectual, porque nelas entram em jogo a sensação, a percepção, a reflexão e a vontade.

As deduções mais complicadas de um filósofo especulativo são constituídas por um encadeamento de fenômenos tão simples como os que fizeram o objeto das pesquisas de que estamos falando. Estas medidas fornecem, pois, os elementos de uma nova ciência do mecanismo dinâmico do pensamento, mas que

não será fecunda senão na medida em que puder discernir os fatos que são devidos simplesmente à ação do cérebro daqueles que têm como móvel a alma.

Segundo o seu grau de complexidade, cada ciência se aproxima mais ou menos da precisão matemática à qual ela deve chegar, cedo ou tarde, e tanto isto é verdade que a idéia de aplicar o cálculo aos fenômenos vitais não é nova. Sabe-se que para as sensações de luz e de fadiga foram empreendidas pesquisas por Euler, Herbart, Bernouilli, Laplace e Buffon e foram realizados alguns trabalhos neste sentido por Arago, Pogson e, sobretudo, Masson, para as sensações visuais. Mas o primeiro que alargou o círculo das investigações e preparou um trabalho de conjunto foi Weber, que formulou uma lei que traz o seu nome e da qual resulta que: para aumentar a sensação de uma quantidade constante, chamada o menor acréscimo perceptível, isto é, para aumentara sensação em progressão aritmética, é preciso aumentar a excitação em progressão geométrica. Daí a fórmula: a sensação cresce como o Logaritmo da excitação; porque os números que se apresentam em progressão geométrica têm logaritmos que crescem em progressão aritmética.¹⁷

Fechner teve a glória de ter coordenado os trabalhos contemporâneos e de os ter completado com suas próprias pesquisas. Esta parte da *Física Fisiológica* tomou o nome de *Psicofísica* e, ultimamente, o professor Delboeuf, da Universidade de Liège, publicou um volume em que a lei de Weber está modificada, segundo recentes experiências.

É por esta ordem de idéias que devemos impelir o Espiritismo. É preciso agora, quando a existência da *força psíquica* é incontestável, medir sua ação sobre o homem e a que ela pode exercer à distância. A filosofia grandiosa dos Espíritos está assentada em bases da mais rigorosa lógica; é preciso, pois, estudar as leis físicas que tornarão nossas experiências irrefutáveis.

Existem, infelizmente, entre os médiuns, os mais deploráveis preconceitos. Uns se supõem investidos de uma espécie de sacerdócio, que os deve colocar acima de seus contemporâneos, e consideram como atentatória à sua dignidade qualquer medida

que tenha por fim fiscalizar-lhes a faculdade. Outros – ajuntemos que são pouco numerosos – consideram o mediunismo como um dom que lhes permite ganhar facilmente a vida, e se estabelecem médiuns como o faria um salsicheiro ou um padeiro.

É de se desejar que os espiritistas sérios reajam contra essas tendências contrárias às instruções dos Espíritos, e que Allan Kardec reprovava energicamente. Disse Lafontaine: mais vale um franco inimigo do que um amigo desastrado. É uma verdade isto, sobretudo em Espiritismo.

Formou-se uma classe de fanáticos que querem excluir toda medida preventiva que tenha por fim resguardar contra uma possível fraude. Consideram eles os investigadores sérios como falsos irmãos e, por pouco, lhes pregariam uma peça. Essas pobres pessoas não compreendem que é de interesse capital que não se produza a menor suspeita; sem isto, adeus convicções!, que se deseja fazer que nasçam. Com seu desajeitado zelo, fazem mais mal à doutrina que os mais encarniçados detratores.

Não é só na França que isto acontece, senão também na Inglaterra. Veja o que, a propósito, escreveu Hudson Tuttle, na *Banner of Light*, sob o título *O Sacerdócio dos Médiuns*:

“*Banner*, em seu número de 26 de fevereiro de 1876, traz um artigo assinado por T. R. H., que apresenta as mais errôneas conclusões. O pior é que esse senhor diz alto o que muitos pensam baixo. Já se tem cem vezes repetido que os fenômenos espirituais tinham por fim convencer os incrédulos. Para convencer é preciso que os fenômenos se possam produzir e que deles se tenha a prova, sem perturbar as leis que presidem à sua manifestação.

Ora, o autor do precitado artigo, contrariando toda ciência, diz: “Não está distante o dia, eu o espero, em que os médiuns terão, em geral, uma suficiente independência para negar a todos o direito de exigir uma prova qualquer, quanto a seus diversos poderes.”

É a primeira vez que vemos atribuir-se aos médiuns um poder sagrado que não admite contradição. Onde nos levará isso? Ao culto dos médiuns. Deve-se, como entre os antigos

levitas, criar uma classe especial que fique acima das leis que regem a generalidade dos homens e devemos, com os olhos fechados, aceitar o que lhes aprouver chamar de espiritual? Mas o papa se torna um pigmeu ao lado do colosso que assim se quer erigir acima do julgamento de todos. Pôr uma venda nos olhos da razão e transformar os espectadores em títeres, com os médiuns a lhes puxarem os cordéis, seria querer o fim do Espiritismo a breve trecho.

Ousamos declarar que as provas estritamente científicas impostas pelo professor Crookes e a retidão de suas observações fizeram mais para impressionar o mundo científico que quaisquer cartas de louvores de pesquisadores comuns. Não há espíritas que não falem com legítimo orgulho das investigações do célebre professor.

Estudei um pouco os fenômenos espirituais e ninguém me acusará de procurar sistematicamente causar danos à causa que me tomou os melhores momentos de minha vida, nem de querer impor condições prejudiciais ao fluido espiritual.

Porque amo o Espiritismo é que o quero ver liberto de toda a mentira, desembaraçado de toda acusação de falsidade. O professor Crookes, como todos sabem, colocou uma gaiola em torno dos instrumentos de música que, apesar disso, tocaram algumas árias; este fato prova suficientemente que o poder espiritual pode agir através dessas gaiolas. Por que, desde então, não colocar sempre uma gaiola semelhante em torno dos instrumentos? Por que deixar um pretexto àqueles que é preciso convencer? E por que, sobretudo, qualificar de falso irmão aquele que propõe medidas de controle tão seguras? Quando um médium se furta a uma prova que a minha própria experiência, aliada à de outros, demonstrou não ser prejudicial às manifestações, apresso-me em pôr termo a qualquer espécie de prática com ele.

Confesso não compreender por que o médium honesto resistiria a certas condições experimentais que se lhe queira impor. Nada, sem dúvida, poderia ser-lhe mais importante, do que a completa elucidação da causa que ele defende; a causa só pode ganhar com isso e ele deve considerar ponto de honra

colocar em terreno livre toda observação. E então, mesmo que se tenha controlado uma vez as manifestações de um médium, não há razão para que outras manifestações sejam admitidas como verdadeiras, se as mesmas condições de controle não tenham sido observadas.”

Eis o que é bem falar e desejaríamos que os espiritistas pensassem da mesma maneira. É preciso nos colocarmos em face dos preconceitos de nosso tempo, que está muito inclinado a nos tomar por alucinados, e deixemos aos céticos a facilidade de se convencerem, só lhes fazendo ver fenômenos absolutamente irrefutáveis. Nestas condições, formaremos adeptos; se não se submeterem a isso, de que servirá a propaganda?

Devemos dizer que a grande maioria dos espiritistas pensa como nós e que estas reflexões visam apenas restrito grupo de atrasados, que temeriam dar um tremendo golpe na doutrina, revelando um embuste. Cumpre, ao contrário, o maior vigor e é porque os fenômenos existem que se faz mister vigiar os charlatães que tentariam imitá-los.

A mediunidade se nos apresenta de tal maneira probante, que a dúvida não é mais permitida a quem queira estudar seriamente; mas se o pesquisador tem a infelicidade de encontrar, no começo de suas investigações, um impostor, conclui falsamente que o Espiritismo não passa de um novo método de exploração. Não nos devemos expor à crítica e, por isso, Allan Kardec pregou sempre a mais absoluta fiscalização.

Ditas estas coisas, voltemos à mediunidade e ao seu estudo.

A propósito da tentativa de explicação científica, que apresentamos, poderão observar-nos que apoiamos nossas demonstrações em hipóteses e que, portanto, não servirão para convencer os incrédulos. Responderemos que o terreno em que entramos não foi ainda reconhecido e que forçoso nos é recorrer às hipóteses. Mas teremos o cuidado de aventá-las de tal sorte que nenhuma experiência venha desmenti-las. É nestas condições que uma teoria é aceitável.

Conformamo-nos, aliás, com o uso dos sábios, que estão reduzidos aos sistemas, para explicar os mais simples fenômenos,

os que se passam sob seus olhos e cujas condições de produção podem variar à vontade. Não esqueçamos, com efeito, que os tratados de física ou de química só nos apresentam as relações entre as diferentes substâncias, sem mostrar a natureza íntima dos corpos. Fala-se sem cessar, da matéria, sem lhe definir exatamente a verdadeira constituição.

A força é um proteu de formas múltiplas, cuja essência é ainda um mistério. Finalmente, verificamos correlações ou diferenças entre certo número de fatos e daí deduzimos leis, mas sem conhecer a verdadeira natureza dos corpos sobre os quais elas se exercem, nem o que são essas leis em si mesmas.

O estudo das ciências é, em geral, muito longo, porque é preciso reunir grande número de observações antes de descobrir as relações que as ligam entre si ou antes de notar as leis que as regem; mas o estudo dos fatos espíritos é complicado por outra razão. Estamos aqui, é preciso não esquecer, em campo inteiramente diverso do das ciências puramente materiais. Nestas, podem-se inverter as condições experimentais, porque, sendo inerte a matéria, os resultados não mudam, dadas as mesmas circunstâncias. É o que já não acontece no estudo do Espiritismo, onde é preciso ter sempre em conta as individualidades que intervêm na manifestação; esta influência é muito variável e, as mais das vezes, independente de nossa vontade.

Por mais árdua que seja nossa tarefa, faz-se mister empreendê-la, porque é pelo estudo que chegaremos ao conhecimento dos estados da matéria que, atualmente, estamos longe de suspeitar. Os espíritos há trinta anos ensinaram-nos a unidade da matéria e o mundo científico estava então pouco inclinado a adotar essa idéia; hoje ela generalizou-se; isto nos é de bom augúrio para o perispírito que, esperamo-lo, será logo reconhecido como uma das partes essenciais do homem.¹⁸

Vimos que o estado do Espírito livre é totalmente diferente do encarnado; ele experimenta, em sua vida nova, sensações que não tinha com o corpo; vê a natureza sob outro aspecto e seus sentidos mais aperfeiçoados, mais delicados, são capazes de se deixarem influenciar por vibrações mais sutis que aquelas que atuam comumente sobre nós. A sensibilidade é desenvolvida, no

Espírito, pela natureza fluídica do seu invólucro, que possui uma constituição molecular muito rarefeita, mas, apesar disso, uma forma bem determinada. Isto é devido à alma, que é um centro de forças, desempenhando o mesmo papel, em face do seu corpo, que o eixo dos turbilhões de fumaça, na experiência de Helmholtz. A comparação é exata, porque constatamos que o espírito pode, à vontade, tomar a forma que lhe convenha. Deve-se, pois, admitir que a causa da agregação perispiritual reside no Espírito, que age sem cessar pela vontade.

As propriedades do perispírito são perfeitamente explicáveis, conforme já estudamos. O invólucro da alma é invisível, porque seu movimento vibratório molecular é muito rápido para que suas ondulações sejam perceptíveis ao olho, mas, se por qualquer meio, diminui-se esse movimento, o ser torna-se visível, não só para um médium como também para todos os assistentes.

No estado normal, pode o Espírito locomover-se em nossa atmosfera e à superfície do globo sem que nada lhe estorve a marcha; sua natureza lhe permite atravessar nossa matéria grosseira, como a luz atravessa os corpos diáfanos; numa palavra, ele pode ir a toda parte, sem encontrar obstáculo *material*.

Conforme o grau de adiantamento do Espírito, os fluidos que compõem seu invólucro serão mais ou menos puros, sua ação aumentada ou diminuída em razão de seu estado mais ou menos radiante. É evidente que os fluidos grosseiros, materiais, que se aproximam dos gases terrestres, são menos aptos às operações da vida espiritual, que os dos Espíritos superiores, de alguma sorte quintessenciados. A influência da moral sobre o físico é ainda mais acentuada no espaço que na Terra.

Podemos aqui viciar nosso invólucro, por forma a que ele se torne impróprio às funções da vida; assim também, as más paixões, fixando no perispírito fluidos grosseiros, prejudicam o progresso da alma e, por consequência, seu bem-estar.

O que dizemos se aplica indistintamente a todos os Espíritos, de sorte que o mundo espiritual é em todos os pontos comparável ao nosso, mas a hierarquia se estabelece sobre uma única base, a do adiantamento moral.

Suponhamos, agora, que um Espírito queira comunicar-se e procuremos compreender os sucessivos fenômenos que se vão desenrolar. Há duas alternativas: ou o Espírito sabe comunicar-se ou não sabe. No primeiro caso, quando são boas as suas intenções, um Espírito mais instruído o dirige e lhe mostra como deve agir; se for para o mal, ele nada consegue, na maior parte das vezes, porque não encontra um Espírito um tanto elevado que o queira auxiliar na tarefa.

O Espírito que sabe comunicar-se é ainda obrigado a procurar um médium – um ser humano cuja constituição seja tal que lhe possa ceder parte do seu fluido vital. Tendo-o encontrado, eis como opera, então, o Espírito. Por sua vontade ele projeta um raio fluídico sobre o perispírito do médium, penetra-o com seu fluido, estabelecendo, assim, comunicação direta com o encarnado. É por esse cordão que o fluido vital do homem é atraído pelo Espírito. Essa dupla corrente fluídica pode ser comparada aos fenômenos de endosmose, isto é, à troca que se produz entre dois líquidos de densidades diferentes, através de uma membrana. Aqui, os líquidos são substituídos pelos fluidos e a membrana pelo corpo.

Estabelecida a comunicação, o Espírito pode agir sobre o médium, produzindo efeitos diversos, que se traduzem pela visão, audição, escrita, tipologia, etc. São essas diferentes manifestações que vamos estudar detalhadamente nos capítulos seguintes.

Em suma, vê-se que são necessárias algumas circunstâncias adequadas para obter-se uma comunicação, e daí não nos devermos admirar dos insucessos que acompanham quase sempre as primeiras tentativas. Eis as condições indispensáveis:

- 1º -É preciso que o Espírito evocado possa ou queira atender à evocação;
- 2º -que a evocação seja sincera, com o fim de instruir e não de divertimento ou de proveito material;
- 3º -que o Espírito evocado tenha também o desejo de fazer o bem;
- 4º -que saiba o que deve fazer para manifestar-se;

5º -que encontre um médium apto a reproduzir-lhe o pensamento ou a fornecer-lhe os fluidos necessários, que variam conforme o gênero de manifestação;

6º -finalmente, que nenhuma ação exterior contrarie o Espírito em suas manifestações. Muito importante sobretudo é esta parte, porque se trata de verdadeiro magnetismo espiritual, e sabe-se quanto, nas ações magnéticas, podem vontades estranhas perturbar o bom resultado do fenômeno.

Não falamos já do estado de saúde do médium, das influências exercidas pelos agentes físicos, luz, calor, eletricidade, porque lhes ignoramos a maneira de agir, mas não deixam eles de ter grande influência, o que seria útil determinar, de futuro.

Como se vê, é preciso um concurso de circunstâncias favoráveis para as relações com o mundo espiritual, e os reveses numerosos a que nos expomos, por inobservância dessas prescrições, mostram que o fenômeno está longe de depender do acaso e deve ser estudado com muito método, se lhe queremos descobrir as leis.

Não é, portanto, depois de um jantar e de libações que podemos encontrar as condições necessárias para a prática do Espiritismo, e não será de espantar que os Espíritos recusem manifestar-se, quando os querem exhibir como animais curiosos, à guisa de sobremesa, aos convidados para a festa.

II

Os médiuns escreventes

Médiuns escreventes são os que transmitem pela escrita os pensamentos dos invisíveis; sem dúvida, são os mais úteis instrumentos de comunicação com os Espíritos. Essa faculdade é a mais simples, a mais cômoda e a mais completa. Para ela devem tender os esforços dos neófitos, porque lhes permite corresponder-se com os Espíritos de maneira regular e continuada. Deve-se a ela afeiçoar-se mormente porque por esse meio os espíritas revelam a sua natureza e o grau de seu aperfeiçoamento ou de sua inferioridade. Pela facilidade que se lhes oferece de exprimir-se, os Espíritos podem fazer-nos conhecer seus pensamentos íntimos, colocando-nos, assim, nas condições de julgá-los e apreciá-los em seu próprio valor. É indispensável estudar essa faculdade, pacientemente, porque é ela a mais suscetível de desenvolver-se pelo exercício.

Podem apresentar-se três gêneros bem diferentes, que é preciso distinguir no ponto de vista das manifestações. Os médiuns podem ser: mecânicos, semimecânicos ou intuitivos.

Mediunidade mecânica

A mediunidade mecânica é caracterizada pela passividade absoluta do médium, durante a comunicação. O Espírito que se manifesta age indiretamente sobre a mão, pelos nervos que lhe correspondem; dá-lhe um impulso completamente independente da vontade do médium, e a mão age sem interrupção, enquanto o Espírito tem o que dizer e não se detém senão quando ele terminou.

Os movimentos da pessoa que recebe a mensagem são puramente automáticos; assim é que já vimos médiuns desse gênero sustentar conversa, enquanto a mão escrevia maquinalmente.

A inconsciência, nesse caso, constitui a mediunidade mecânica ou passiva, e não pode deixar dúvida quanto à independência do pensamento de quem escreve.

Os movimentos são, algumas vezes, violentos e convulsivos, porém, as mais das vezes, calmos e comedidos. Os bruscos sobressaltos observados podem provir da imperfeição ou da inexperiência do Espírito que se manifesta. Até agora só se deram explicações muito vagas sobre esse modo de comunicação e as que foram apresentadas não possibilitam a compreensão de certas particularidades do fenômeno.

Acabamos de ver que a mediunidade mecânica consiste em escrever, sob a influência dos Espíritos, comunicações de que não se tem consciência e de que só se pode tomar conhecimento quando a influência espiritual cessou. Como se produz essa ação e por que, sendo o médium verdadeiramente passivo, certas palavras, certas frases da mensagem são idênticas às que ele emprega em estado ordinário? Parece que há aqui um ponto obscuro que merece ser esclarecido.

Para responder a essas observações, permanecendo no terreno das analogias científicas, cremos que se pode conceber o fenômeno como *uma ação reflexa do cérebro do médium, sob uma influência espiritual*.

A fim de desenvolver essa idéia, lembremos alguns fatos fisiológicos que a apóiam. Lancemos rápido olhar sobre o sistema nervoso do homem e algumas de suas funções. É indispensável esse estudo preliminar, porque aquele sistema é o órgão pelo qual o espírito está ligado ao corpo; ele serve de condutor aos fluidos perispirituais, como o fio telegráfico à eletricidade; é ele que transmite à alma, pelos sentidos, todas as impressões que vêm do exterior. É, pois, pelo estudo de seu funcionamento que chegaremos a fazer uma idéia da manifestação dos Espíritos, no caso particular de que nos ocupamos.

O sistema nervoso da vida de relação, o único que nos interessa, compreende duas partes distintas: as massas centrais, ou eixo cerebrospinal, e os filetes periféricos, ou nervos. As massas centrais se separam em muitas subdivisões, cujas principais são o cérebro, com as camas óticas e o cerebelo, e a medula espinal, que se liga ao cérebro pela medula alongada. Os nervos partem da medula espinal e da parte inferior do cérebro e vão ramificar-se e espalhar-se em todas as partes do corpo. São eles que trans-

portam ao centro as excitações recebidas na superfície, com uma velocidade de 30 metros por segundo, e que transmitem aos membros as vontades do espírito.

Na medula espinal notam-se duas espécies de células nervosas; umas, pequenas, estão em comunicação com as raízes dos nervos sensitivos; outras, maiores, com as raízes dos nervos motores. Expliquemos agora o que entendemos por uma ação reflexa simples.

Se cortarmos a cabeça de uma rã e lhe excitarmos uma das patas com um ácido, imediatamente veremos esta pata contrair-se. Que se passa? Quando irritamos a pata, os nervos sensitivos que aí se encontram transmitem às pequenas células da medula a excitação recebida; estas, por seu turno, influenciam as grandes células dos nervos motores, com que comunicam, de sorte que a excitação volta a ponto de partida, sob a forma de incitação motora e determina a contração.

A medula é, pois, um verdadeiro centro, independente, necessário e suficiente para se produzirem certos movimentos muito bem coordenados.

O sábio Maudsley denomina *centros sensório-motores* as diferentes aglomerações de matéria cinzenta situadas na medula alongada e na base do cérebro; estes centros são capazes de produzir ações reflexas sobre os órgãos dos sentidos. Sabemos, por outro lado, que a vontade é um excitante vital por excelência; nós demonstramos, com Claude Bernard, sua eficácia. Bem constatado isso, veja o que se produz no caso da mediunidade mecânica. Os Espíritos, por sua vontade, colhem, nos médiuns, o fluido vital que lhes é necessário para estabelecer a harmonia entre seu perispírito e o do médium. Há mistura e troca dos dois fluidos. Formam uma espécie de atmosfera fluídica, que envolve o cérebro do médium, e que termina no seu próprio perispírito por uma espécie de cordão fluídico. Há, pois, a partir desse momento, um intermediário entre eles e o encarnado; é por meio desse condutor que transmitem ao cérebro seu pensamento e sua vontade; de sorte que para ditar uma comunicação basta-lhes querer. A atmosfera fluídica de que falamos pode ser comparada à camada elétrica que se acumula lentamente em um condensa-

dor. O médium representa o papel de instrumento e o Espírito o de operador.

Poder-se-ia estranhar ver um cordão fluídico servir de veículo às vibrações perispirituais determinadas pelo pensamento, mas convém não esquecer que esse fenômeno é análogo ao que se produz no fonógrafo imaginado por Graham Bell. O célebre inventor americano construiu um aparelho no qual a luz serve de veículo ao som. No telefone o movimento da placa vibratória diante da qual se fala muda o magnetismo de um ímã. Essa modificação determina um movimento elétrico que, reagindo sobre o ímã do aparelho receptor, aciona por sua vez a placa cujas vibrações reproduzem um som idêntico ao que foi emitido na embocadura do aparelho transmissor. Mas no fonógrafo não há mais o fio de comunicação; ele é substituído por um raio luminoso, o qual, deformando-se na embocadura, transporta as vibrações da voz à lâmina vibrante do receptor, que reproduz um som idêntico ao emitido na outra estação.

Compreendemos, assim, como uma vibração, partida do Espírito, se propaga por meio de um cordão fluídico até o aparelho receptor, que é o perispírito do encarnado. Aí chegadas, as vibrações atuam no cérebro do encarnado, pela forma comum.

Vejam, agora, o que se passa com o médium. Ele é, logo que o fenômeno começa, absolutamente inconsciente. Momentaneamente, seu cérebro fica quase todo à disposição do Espírito, que dele se serve sem que o encarnado tenha consciência das idéias que ali se agitam. É uma verdadeira ação reflexa, determinada por uma influência espiritual, e por intermédio do fluido nervoso.

Assim se explica por que certos Espíritos dão comunicações com erros ortográficos ou de estilo, quando não os cometiam em vida. É que não encontram no cérebro do médium um instrumento com a perfeição capaz de lhes transmitir as idéias.

Sabemos, pelas experiências de Schiff, que as impressões sensoriais estão localizadas em certas partes da camada cerebral dos hemisférios, e que as células são tanto mais sensíveis quanto mais se desenvolvem, pelo estudo, as faculdades do espírito; de

sorte que, quanto maior for a instrução do médium, mais impressionável será seu cérebro e, ao contrário, quanto mais desprezada for sua cultura intelectual, menos apto será ele para transmitir as inspirações dos guias.

Suponhamos que o Espírito manifestante queira exprimir esta frase: “Deus é a causa eficiente do Universo.” Ele fará vibrar as células nervosas dos hemisférios cerebrais do médium, mas se o encarnado não fixou em seu cérebro a palavra *eficiente*, ele a substituirá por outra equivalente e poderá dizer: “Deus é causa atuante do Universo.”

Se essa operação reproduzir-se grande número de vezes, o Espírito poderá ditar uma bela comunicação, mas será ela mal transmitida pelo órgão. Se um grande músico só tiver à sua disposição um instrumento imperfeito, nunca chegará, apesar de todo seu talento, a fazer ouvir uma pura melodia.

Pre vemos uma objeção: Têm-se visto, muitas vezes, médiuns receberem comunicações em línguas que lhes são desconhecidas, como o inglês, por exemplo, e escreverem, mesmo, páginas inteiras nesse idioma.

Para responder, diremos que o médium deve ter, em encarnação anterior, habitado o país em que se emprega a língua de que o Espírito se serve; ele guardou em seu perispírito o traço dessa passagem. São as reminiscências inconscientes de que o Espírito, por instantes, faz uso. Isso está de acordo com o que observamos no capítulo do perispírito, relativamente aos progressos rápidos de que certas crianças dão exemplos; nós os atribuímos as faculdades adquiridas, guardadas no perispírito em estado latente.

É preciso, também, levar em conta, nesse gênero de manifestação, a maleabilidade do médium, ou seja, a aptidão de transmitir certas idéias. Se o Espírito encontra um cérebro bem mobiliado, pode desenvolver seu pensamento. Temos exemplos de encarnados que recebem comunicações, apesar de sua ignorância na arte de escrever, mas estes são raros e os Espíritos preferem servir-se de bons instrumentos.

Devemos preparar-nos, pelo estudo, para pedir comunicações a nossos guias. Quanto mais fixarmos em nosso perispírito

conhecimentos que modifiquem a contextura do nosso cérebro, tanto mais capazes seremos de exprimir as instruções dos invisíveis, que se interessam por nossos trabalhos. Muitas vezes nos dizem os Espíritos: “Temos preparado seu cérebro para receber nossas impressões e só hoje conseguimos manifestar-nos”, e isto serve para apoiar nossa teoria da ação reflexa.

Tal é, a nosso ver, a explicação da mediunidade mecânica. Ela nos foi sugerida por um reparo, o de que os médiuns pouco instruídos, dando, muitas vezes, esplêndidas comunicações, sob o ponto de vista moral, cometiam, escrevendo, erros grosseiros, que o Espírito não teria podido cometer se tivesse livremente disposto de seus próprios órgãos; eles devem provir, pois, do intermediário. Tínhamos pensado, momentaneamente, explicar a mediunidade por uma ação direta do Espírito sobre o braço do médium, mas tivemos de a isso renunciar, em conseqüência das razões que acabamos de expor.

Passemos agora a uma outra variedade de fenômeno.

Mediunidade intuitiva

Nessas comunicações, não mais existe qualquer ação reflexa; o Espírito não exerce uma ação efetiva sobre o cérebro do médium; ele não lhe tira a consciência, ao transmitir-lhe as vibrações perispirituais que representam seu pensamento, e o encarnado as apanha sob forma de idéias; daí a denominação de mediunidade intuitiva dada a esse gênero de manifestações.

O Espírito estranho não age aqui sobre a mão do médium, por intermédio do cérebro, para fazê-lo escrever; não a guia; manifesta-se de modo mais direto. Sob seu impulso, o encarnado dirige a própria mão e escreve os pensamentos que lhe são sugeridos. Notemos uma coisa importante, é que o Espírito estranho não se substitui à alma do encarnado, porque ele não poderia deslocá-la; domina-a e lhe imprime sua vontade.

Vimos, ainda há pouco, que o fotófono transmite as vibrações sonoras por intermédio de um raio luminoso; aqui a ação é idêntica. O Espírito estranho, por sua vontade, imprime ao cordão fluídico movimentos ondulatórios que repercutem no

perispírito do médium; essas vibrações, chegando ao cérebro perispiritual, fazem vibrar as partes análogas àquelas por onde foram emitidas no Espírito, de sorte que as vibrações semelhantes acordam idéias da mesma natureza.

É o que se passa, aliás, no caso da palavra. Quando se pronuncia o vocábulo homem, as vibrações sonoras chegam ao cérebro, fazem-no vibrar de tal maneira que evocam no espírito de quem escuta a idéia representada por aquela palavra. As vibrações perispirituais agem da mesma maneira, mas sem passar, no caso que nos ocupa, pelos órgãos materiais da audição. É assim, pelo menos, que concebemos a transmissão do pensamento. Nesta circunstância, o papel da alma encarnada não é passivo; é ela que recebe o pensamento do Espírito e que o transmite. O médium, nesse gênero de comunicação, tem, pois, consciência do que escreve, posto que não se trate do seu pensamento.

Se assim é, dir-se-á, nada prova que seja um Espírito estranho quem escreve e não o do médium. A distinção é algumas vezes muito difícil, mas pode-se reconhecer o pensamento sugerido, pelo fato de não ser jamais preconcebido; ele se forma, por assim dizer, à medida que se escreve e, muitas vezes, é contrário à idéia que, antecipadamente, se havia feito; pode estar mesmo, neste caso, fora dos conhecimentos do médium.

Allan Kardec distinguiu perfeitamente as duas variedades de mediunidade: ele declara que o papel do médium mecânico é o de uma máquina enquanto que o intuitivo age como o faria um intérprete. Este, com efeito, para transmitir o pensamento dos interlocutores, deve compreendê-lo, de alguma sorte, apropriar-se dele, para o traduzir fielmente, e, entretanto, esse pensamento não é o seu, ele lhe atravessa, apenas, o cérebro; tal é exatamente o que se passa com o médium intuitivo.

Notemos que, ainda aí, o desenvolvimento intelectual do intermediário é indispensável para que este possa exprimir corretamente as idéias que recebe. Como é ele quem escreve, quem redige, pode dar aos pensamentos sugeridos uma forma mais ou menos literária, conforme seus estudos ou capacidade. É, portanto, sobretudo no ponto de vista moral e pelas provas que forne-

cem, que devem ser julgadas as comunicações, e não pelo estilo, que pode ser perfeitamente desfigurado pelo intérprete.

- - -

Acabamos de expor dois gêneros de mediunidade bem caracterizados, mas que, na realidade, não se apresentam sempre com aquela nitidez; são, antes, dois termos extremos de uma série de estados, variando do mais ao menos. Algumas vezes, o médium é mais mecânico que intuitivo, outras, pende para a segunda destas faculdades; enfim, podem encontrar-se pessoas que gozem dos dois modos de manifestação: são os semimecânicos.

É fácil compreender que a natureza fluídica dos indivíduos não é a mesma e, portanto, a ação espiritual não se pode exercer de maneira idêntica em todos os organismos; ela apresenta grande número de gradações, que não podem ser definidas e que são reconhecidas pelo exercício.

Todos somos, mais ou menos, médiuns intuitivos. Quem já não sentiu, na calma profunda de uma bela noite, essas influências misteriosas e benfazejas que confortam o coração? Onde vêm esses pensamentos tão doces, esses sonhos encantadores, essas aspirações para o ideal que experimentamos em certas épocas da vida? Eles nos são inspirados pelos entes amados que nos rodeiam, que nos cercam com sua solicitude e que se sentem felizes quando nos vêm seguir os conselhos que nos insinuam.

O que os artistas, os escritores, os oradores chamam inspiração é ainda uma prova da intervenção dos Espíritos, que nos influenciam para o bem e para o mal, mas ela é antes obra daqueles que nos desejam o bem e cujos bons conselhos freqüentemente cometemos o erro de não seguir; ela se aplica a todas as circunstâncias da vida, nas resoluções que devemos tomar; sob esse ponto de vista, pode-se dizer que todos somos médiuns. Se estivéssemos bem compenetrados desta verdade, teríamos muitas vezes recorrido à inspiração dos guias nos momentos difíceis da vida.

Evoquemos, pois, com fervor esses caros amigos e admirar-nos-emos dos resultados obtidos; e quer tenhamos uma decisão a

tomar ou um trabalho difícil por fazer, sentir-lhes-emos a benéfica influência.

As explicações teóricas que expendemos são absolutamente confirmadas pelos Espíritos e se baseiam nas comunicações dos nossos guias e no ensino de Allan Kardec. Encontramos, com efeito, n' *O Livro dos Médiuns*, questão 225, o estudo seguinte, ditado por um Espírito:

“A dissertação que se segue, dada espontaneamente por um Espírito superior, que se revelou mediante comunicações de ordem elevadíssima, resume, de modo claro e completo, a questão do papel do médium:

Qualquer que seja a natureza dos médiuns escreventes, quer mecânicos ou semimecânicos, quer simplesmente intuitivos, não variam essencialmente os nossos processos de comunicação com eles. De fato, nós nos comunicamos com os Espíritos encarnados dos médiuns, da mesma forma que com os Espíritos propriamente ditos, tão-só pela irradiação do nosso pensamento.

Os nossos pensamentos não precisam da vestidura da palavra para serem compreendidos pelos Espíritos e todos os Espíritos percebem os pensamentos que lhes desejamos transmitir, sendo suficiente que lhes dirijamos esses pensamentos e isto em razão de suas faculdades intelectuais. Quer dizer que tal pensamento tais ou quais Espíritos o podem compreender, em virtude do adiantamento deles, ao passo que, para tais outros, por não despertarem nenhuma lembrança, nenhum conhecimento que lhes dormitem no fundo do coração, ou do cérebro, esses mesmos pensamentos não lhes são perceptíveis. Nesse caso, o Espírito encarnado, que nos serve de médium, é mais apto a exprimir o nosso pensamento a outros encarnados, se bem não o compreenda, do que um Espírito desencarnado, mas pouco adiantado, se fôssemos forçados a servir-nos dele, porquanto o ser terreno põe seu corpo, como instrumento, à nossa disposição, o que o Espírito errante não pode fazer.

Assim, quando encontramos em um médium o cérebro povoado de conhecimentos adquiridos na sua vida atual e o seu Espírito rico de conhecimentos latentes, obtidos em vidas anteriores, de natureza a nos facilitarem as comunicações, dele de preferência nos servimos, porque com ele o fenômeno da comunicação se nos torna muito mais fácil do que com um médium de inteligência limitada e de escassos conhecimentos anteriormente adquiridos. Vamos fazer-nos compreensíveis por meio de algumas explicações claras e precisas.

Com um médium, cuja inteligência atual, ou anterior, se ache desenvolvida, o nosso pensamento se comunica instantaneamente de Espírito a Espírito, por uma faculdade peculiar à essência mesma do Espírito. Nesse caso, encontramos no cérebro do médium os elementos próprios a dar ao nosso pensamento a vestidura da palavra que lhe corresponda, e isto quer o médium seja intuitivo, quer semimecânico, ou inteiramente mecânico. Essa a razão por que, seja qual for à diversidade dos Espíritos que se comunicam com um médium, os ditados que este obtém, embora procedendo de Espíritos diferentes, trazem, quanto à forma e ao colorido, o cunho que lhe é pessoal. Com efeito, se bem o pensamento lhe seja de todo estranho, se bem o assunto esteja fora do âmbito em que ele habitualmente se move, se bem o que nós queremos dizer não provenha dele, nem por isso deixa o médium de exercer influência, no tocante à forma, pelas qualidades e propriedades inerentes à sua individualidade. É exatamente como quando observais panoramas diversos, com lentes matizadas, verdes, brancas, ou azuis; embora os panoramas, ou objetos observados, sejam inteiramente opostos e independentes, em absoluto, uns dos outros, não deixam por isso de afetar uma tonalidade que provém das cores das lentes. Ou, melhor: comparemos os médiuns a esses bocais cheios de líquidos coloridos e transparentes, que se vêem nos mostruários dos laboratórios farmacêuticos. Pois bem, nós somos como luzes que clareiam certos panoramas morais, filosóficos e internos, através dos médiuns, azuis, verdes, ou vermelhos, de tal sorte que os nossos raios luminosos, obrigados a passar através de vidros

mais ou menos bem facetados, mais ou menos transparentes, isto é, de médiuns mais ou menos inteligentes, só chegam aos objetos que desejamos iluminar, tomando a coloração, ou, melhor, a forma de dizer própria e particular desses médiuns. Enfim, para terminar com uma última comparação: nós os Espíritos somos quais compositores de música, que hão composto, ou querem improvisar uma ária e que só têm à mão ou um piano, um violino, uma flauta, um fagote ou uma gaita de dez centavos. É incontestável que, com o piano, o violino, ou a flauta, executaremos a nossa composição de modo muito compreensível para os ouvintes. Se bem sejam muito diferentes uns dos outros os sons produzidos pelo piano, pelo fagote ou pela clarineta, nem por isso ela deixará de ser idêntica em qualquer desses instrumentos, abstração feita dos matizes do som. Mas, se só tivermos à nossa disposição uma gaita de dez centavos, aí está para nós a dificuldade.

Efetivamente, quando somos obrigados a servir-nos de médiuns pouco adiantados, muito mais longo e penoso se torna o nosso trabalho, porque nos vemos forçados a lançar mão de formas incompletas, o que é para nós uma complicação, pois somos constrangidos a decompor os nossos pensamentos e a ditar palavra por palavra, letra por letra, constituindo isso uma fadiga e um aborrecimento, assim como um entrave real à presteza e ao desenvolvimento das nossas manifestações.

Por isso é que gostamos de achar médiuns bem adestrados, bem aparelhados, munidos de materiais prontos a serem utilizados, numa palavra: bons instrumentos, porque então o nosso perispírito, atuando sobre o daquele a quem *mediunizamos*, nada mais tem que fazer senão impulsionar a mão que nos serve de lapiseira, ou caneta, enquanto que, com os médiuns insuficientes, somos obrigados a um trabalho análogo ao que temos, quando nos comunicamos mediante pancadas, isto é, formando, letra por letra, palavra por palavra, cada uma das frases que traduzem os pensamentos que vos queiramos transmitir.

É por estas razões que de preferência nos dirigimos, para a divulgação do Espiritismo e para o desenvolvimento das fa-

culdades mediúnicas escreventes, às classes cultas e instruídas, embora seja nessas classes que se encontram os indivíduos mais incrédulos, mais rebeldes e mais imorais. É que, assim como deixamos hoje, aos Espíritos galhofeiros e pouco adiantados, o exercício das comunicações tangíveis, de pancadas e transportes, assim também os homens pouco sérios preferem o espetáculo dos fenômenos que lhes afetam os olhos ou os ouvidos, aos fenômenos puramente espirituais, puramente psicológicos.

Quando queremos transmitir ditados espontâneos, atuamos sobre o cérebro, sobre os arquivos do médium e preparamos os nossos materiais com os elementos que ele nos fornece e isto à sua revelia. É como se lhe tomássemos à bolsa as somas que ele aí possa ter e puséssemos as moedas que as formam na ordem que mais conveniente nos parecesse.

Mas, quando o próprio médium é quem nos quer interrogar, bom é reflita nisso seriamente, a fim de nos fazer com método as suas perguntas, facilitando-nos assim o trabalho de responder a elas. Porque, como já te dissemos em instrução anterior, o vosso cérebro está freqüentemente em inextricável desordem e, não só difícil, como também penoso se nos torna mover-nos no Dédalo dos vossos pensamentos. Quando seja um terceiro quem nos haja de interrogar, é bom e conveniente que a série de perguntas seja comunicada de antemão ao médium, para que este se identifique com o Espírito do evocador e dele, por assim dizer, se impregne, porque, então, nós outros teremos mais facilidade para responder, por efeito da afinidade existente entre o nosso perispírito e o do médium que nos serve de intérprete.

Sem dúvida, podemos falar de matemáticas, sevindo-nos de um médium a quem estas sejam absolutamente estranhas; porém, quase sempre, o Espírito desse médium possui, em estado latente, conhecimento do assunto, isto é, conhecimento peculiar ao ser fluídico e não ao ser encarnado, por ser o seu corpo atual um instrumento rebelde, ou contrário, a esse conhecimento. O mesmo se dá com a astronomia, com a poesia,

com a medicina, com as diversas línguas, assim como com todos os outros conhecimentos peculiares à espécie humana.

Finalmente, ainda temos como meio penoso de elaboração, para ser usado com médiuns completamente estranhos ao assunto de que se trate, o da reunião das letras e das palavras, uma a uma, como em tipografia.

Conforme acima dissemos, os Espíritos não precisam vestir seus pensamentos; eles os percebem e transmitem, reciprocamente, pelo só fato de os pensamentos existirem neles. Os seres corpóreos, ao contrário, só podem perceber os pensamentos, quando revestidos. Enquanto que a letra, a palavra, o substantivo, o verbo, a frase, em suma, vos são necessários para perceberdes, mesmo mentalmente, as idéias, nenhuma forma visível ou tangível nos é necessária a nós.”

Erasto e Timóteo.

- - -

Allan Kardec ajunta a essa comunicação a seguinte Nota, com a qual concordamos plenamente:

“Esta análise do papel dos médiuns e dos processos pelos quais os Espíritos se comunicam é tão clara quanto lógica. Dela decorre, como princípio, que o Espírito haure, *não as suas idéias*, porém, os materiais de que necessita para exprimi-las, no cérebro do médium e que, quanto mais rico em materiais for esse cérebro, tanto mais fácil será a comunicação. Quando o Espírito se exprime num idioma familiar ao médium, encontra neste, inteiramente formadas, as palavras necessárias ao revestimento da idéia; se o faz numa língua estranha ao médium, não encontra neste as palavras, mas apenas as letras. Por isso é que o Espírito se vê obrigado a ditar, por assim dizer, letra a letra, tal qual como quem quisesse fazer que escrevesse alemão uma pessoa que desse idioma não conhecesse uma só palavra. Se o médium é analfabeto, nem mesmo as letras fornece ao Espírito. Preciso se torna a este conduzir-lhe a mão, como se faz a uma criança que começa a aprender. Ainda maior dificuldade a vencer encontra aí o Espírito. Estes fenômenos, pois, são possíveis e há deles nume-

rosos exemplos; compreende-se, no entanto, que semelhante maneira de proceder pouco apropriada se mostra para comunicações extensas e rápidas e que os Espíritos hão de preferir os instrumentos de manejo mais fácil, ou, como eles dizem, os médiuns bem aparelhados do ponto de vista deles.

Se os que reclamam esses fenômenos, como meio de se convencerem, estudassem previamente a teoria, haviam de saber em que condições excepcionais eles se produzem.”¹⁹

Já o dissemos, são muitas as variedades dos médiuns escreventes, com graus inúmeros em sua diversidade. Há muitos que apresentam apenas gradações, onde não deixam de existir propriedades especiais. É raro circunscrever-se a faculdade de um médium a um único gênero. O mesmo médium pode ter, sem dúvida, muitas aptidões; uma há, porém, que domina, e é esta que ele deve cultivar, se lhe for útil. Um Espírito nos deu o seguinte conselho:

“Quando o princípio, o gérmen de uma faculdade existe, ela se manifesta sempre por sinais inequívocos. Restringindo-se à sua especialidade o médium pode sobressair e obter grandes e belas coisas; ocupando-se com tudo, não obterá nada de bom. Observai, de passagem, que o desejo de estender indefinidamente o círculo das faculdades é uma pretensão orgulhosa, que os Espíritos nunca deixam impune; os bons abandonam os presunçosos que se tornam, assim, joguete de Espíritos enganadores. Infelizmente, não é raro ver que os médiuns nem sempre se contentam com os dons que recebem, e desejam, por amor-próprio ou ambição, possuir faculdades excepcionais, que os tornem notórios. Essa pretensão lhes tira a mais preciosa qualidade: a de *médiuns seguros*.”

Médiuns desenhistas

Sabemos, conforme a teoria, que os médiuns mecânicos podem ser chamados, em dado momento, a fazer qualquer outra coisa além da escrita. A força que lhes faz mover a mão, para traçar caracteres, pode também fazê-los executar linhas, curvas, sombreados, ou seja, fazê-los desenhar. Este caso se apresenta

freqüentemente e conhecemos certo número de pessoas que obtêm, assim, uns paisagens, outros cabeças admiravelmente desenhadas, ignorando completamente até os rudimentos desta arte.

O mais curioso exemplo desse gênero de mediunidade nos é oferecido por Sardou, o eminente acadêmico, que publicou em 1858 uma estampa desenhada e gravada por ele, representando uma habitação em Júpiter. Esse desenho é acompanhado de uma longa nota de Victorien Sardou, onde o célebre autor explica a maneira pela qual, assistido por Bernard de Palissy e Mozart, pôde reproduzir, pelo traço, as habitações de Júpiter. Eis o que a respeito escreveu Allan Kardec:

“Apresentamos, com este número de nossa revista, como tínhamos anunciado, o desenho de uma habitação de Júpiter, executado e gravado por Victorien Sardou, como médium, e juntamos o artigo descritivo que ele nos quis dar sobre o assunto. Qualquer que seja, sobre a autenticidade das descrições, a opinião dos que possam acusar-nos de nos estar ocupando com o que se passa nos mundos desconhecidos, quando há tanto que fazer na Terra, pedimos aos leitores não perder de vista que o nosso fim assim como faz ver nosso título é, antes de tudo, o estudo dos fenômenos, e que, sob este ponto de vista, nada deve ser negligenciado. Ora, como fato de manifestações, esses desenhos são, incontestavelmente, dos mais notáveis, visto que o autor não sabe desenhar, nem gravar, e o desenho foi gravado por ele em água forte, sem modelo, nem ensaio antecipado, em *nove horas*. Supondo, mesmo, que o desenho seja uma fantasia do Espírito que o fez traçar, o fenômeno da sua execução não seria menos digno de atenção e, nessa qualidade, merece figurar em nossa coleção.”

No fim do artigo, acrescentava Allan Kardec:

“O autor desta interessante descrição é um desses adeptos fervorosos e esclarecidos que não temem manifestar claramente suas crenças e se colocam acima da crítica dos que nada crêem fora do círculo de suas idéias. Ligar o nome a uma doutrina nova, afrontando os sarcasmos, é coragem que não é dada a todos, e por isso felicitamos Sardou.”

Quantum mutatus ab illo!

Desde essa época, já longínqua, tivemos numerosas provas de que essa mediunidade já está bem espalhada.

Um ferreiro, chamado Fabre, desenhou um esplêndido quadro representando Constantino, quando põe em fuga o exército de Maxêncio, e que não seria reprovado por um mestre. Já vimos pessoas, ignorantes dos princípios de desenho, esboçar cabeças, de maneira inteiramente original. A mão era agitada com um movimento febril de vaivém e só parecia fazer traços; cessada a atividade espiritual, encontrou-se, no meio dessa confusão, a adorável figura de uma jovem, cujos traços puros se destacavam nitidamente em meio ao inextricável labirinto de riscos a lápis. Outras vezes, viam-se cabeças de velhos ou de guerreiros, e *repetimo-lo*, nunca esses médiuns aprenderam as regras do desenho.

É bom observar que para esta espécie de mediunidade são necessárias aptidões especiais, e não basta a de um médium mecânico para que alguém se torne desenhista. Os Espíritos, que conhecem nossas existências anteriores, podem julgar-nos aptos a esse gênero de manifestações, ainda quando não sintamos, agora, nenhuma inclinação para as artes; é, pois, a eles que compete dirigir-nos e a nós seguir-lhes docilmente a orientação.

O ensaio de teoria geral que apresentamos dos fenômenos da escrita pode ainda aplicar-se a certas manifestações de ordem complexa. Tal é o caso narrado pelo *Grand Journal* de 4 de junho de 1865. Ei-lo, tal como o reproduz a revista.

“Todos os editores e amadores de música de Paris conhecem G. Bach, discípulo de Zimmerman, primeiro prêmio de piano do Conservatório, no concurso de 1819, um dos nossos mais estimados e mais distintos professores de piano, bisneto do grande Sebastião Bach, de quem leva dignamente o nome ilustre.

Informado pelo nosso comum amigo, o Sr. Dollingen, administrador do *Grand Journal*, de que um verdadeiro prodígio se tinha produzido no apartamento de Bach, durante a noite de 5 de maio último, pedi a Dollingen que me levasse à

casa do Sr. Bach, e fui acolhido no nº 8 da rua Castellane com grande gentileza.

Penso que é inútil acrescentar que, depois da autorização expressa do herói desta maravilhosa história, é que me permito contá-la:

A 4 de maio, Léon Bach, que é um curioso *doublé* de artista, trouxe a seu pai uma espineta admiravelmente esculpida. Depois de longas e minuciosas pesquisas, o Sr. Bach descobriu, em uma tábua interior, a marca do instrumento; datava de abril de 1664 e foi fabricado em Roma.

Bach passou parte do dia em contemplação de sua preciosa espineta e nela pensava, ainda, ao deitar-se, quando o sono lhe veio fechar as pálpebras. Não há que admirar, portanto, tivesse o seguinte sonho:

No mais profundo sono, Bach viu aparecer à cabeceira um homem de longas barbas, sapatos redondos na ponta, com grossas borlas, calças largas, gibão de grandes mangas, com fofos no alto, enorme colarinho em torno do pescoço e um chapéu pontudo de abas largas.

Esta personagem inclinou-se para o Sr. Bach e lhe disse:

– A espineta que possúis me pertenceu. Ela muitas vezes serviu-me para distrair o meu senhor, o Rei Henrique III. Quando ele era moço, compôs uma ária com palavras que gostava de cantar, e eu o acompanhava muitas vezes. Compô-las em lembrança de uma mulher que encontrou na caça e de quem se tomou de amores. Afastaram-na; dizem que a envenenaram e o rei teve com isto grande desgosto. Quando estava triste, cantarolava este romance. Para distraí-lo tocava eu, então, em minha espineta, uma música de minha composição, que ele muito apreciava. Vou fazê-la ouvir.

O homem aproximou-se da espineta, desferiu alguns acordes e cantou a ária com tanta expressão, que Bach acordou em lágrimas. Acendeu uma vela, olhou o relógio, verificou que eram duas horas depois da meia-noite e não tardou a dormir de novo.

É aqui que começa o extraordinário.

No dia seguinte de manhã, ao despertar, Bach ficou grandemente surpreendido, por achar, em sua cama, uma página de música, com uma escrita muito fina e de notas microscópicas. Dificilmente com o auxílio de suas lunetas, pôde Bach, que é muito míope, compreender as garatujas. Pouco depois, o neto de Sebastião sentava-se ao piano e decifrava o trecho. O romance, as palavras e a música eram exatamente conforme as que o homem do sonho lhe tinha feito ouvir.

Ora, Bach não é sonâmbulo, nunca escreveu um único verso, e as regras da poesia lhe são absolutamente estranhas.

Eis o *refrain* e as três estrofes, tais como a copiamos no manuscrito; conservamos sua ortografia que, desejamo-lo de passagem, não é absolutamente familiar ao senhor Bach.

*J'ai perdu celle
Pour qui j'avois tant d'amour
Elle s'y belle
Avait pour moi chaque jour
Faveur nouvelle
Et nouveau desir
Oh! oui sans elle
Il me faut mourir!*

*Un jour pendant une chasse lointaine,
Je l'aperçus pour la première fois
Je croyais voir un ange dans le plaine,
Lors je divins le plus heureux des rois.*

*Je donnerais, certes, tout mon royaume
Pour la revoir encore un seul instant;
Près d'elle assis dans un humble chaume
Pour sentir mon coeur battre en l'admirant.*

*Triste et cloistrée, oh! ma pauvre belle
Fut loin de moi pendant ses derniers jours,
Elle ne sent plus sa peine cruelle,
Icy bas, hélas! Je souffre toujours.*

No romance, dolente, como na música, a ortografia musical não é menos arcaica que a ortografia literária. As chaves são feitas de modo diverso do que se usa hoje. O acompanhamento é escrito em um tempo e o canto em outro. Bach teve a gentileza de fazer-me ouvir os trechos que são de uma harmonia simplesmente ingênua e penetrante.

O jornal *L'Estoile* diz que o rei teve grande paixão por Maria de Clèves, marquesa de Isle, morta na flor da idade, em uma Abadia, a 15 de outubro de 1874. Não será a “pobre bela, triste e enclausurada” de que ele fala nas coplas? O mesmo jornal diz também que um músico italiano, chamado Baltazarini, veio para a França, nessa época, e que foi um dos favoritos do rei.

A espineta pertenceu a Baltazarini? Foi o Espírito de Baltazarini quem escreveu o romance e a música?

Mistério que não ousamos aprofundar.

Alberic Second.”

- - -

Algumas reflexões sobre o assunto não serão fora de propósito.

“Mistério que não ousamos aprofundar”, e por quê? Há um fato cuja autenticidade é demonstrada, como reconheceis, e como se relaciona com a vida misteriosa de além-túmulo, não ousais procurar-lhe a causa! Temeis encará-la de face? Tendes, pois, medo das almas? Ou receais obter a prova de que tudo não termina com a vida do corpo?

É verdade que para um cético que não sabe nada e que não crê em nada além do presente, esta causa é bem difícil de achar. Mas, por isso mesmo que o fato é mais estranho e parece afastar-se das leis conhecidas, deve ainda mais obrigar à reflexão e despertar, pelo menos, a curiosidade. Dir-se-ia, verdadeiramente, que certas pessoas têm medo de ver muito claramente, porque ser-lhes-ia forçoso convir que se enganaram.

Vejamos, entretanto, as deduções que todo homem sério pode tirar desse fato, abstração feita de qualquer idéia espírita.

Bach recebe um instrumento cuja Antigüidade verifica e que lhe causa grande satisfação. Preocupado com a idéia, é natural que esta lhe provoque um sonho: ele vê um homem com os trajes da época, que toca e canta no instrumento uma ária de então; não há nada ali, certamente, que, em rigor, não possa ser atribuído à imaginação superexcitada pela emoção da véspera, sobretudo em um musicista.

Mas aqui a lembrança se complica, a ária e as palavras não podem ser uma reminiscência, visto que Bach não as conhecia. Quem as podia ter revelado, se o Espírito que lhe apareceu não passa de um ser fantástico, sem realidade? Que a imaginação superexcitada faça reviver na memória coisas esquecidas, concebe-se; mas teria ela o poder de dar-nos idéias novas, de ensinar-nos coisas que não sabemos, que nunca soubemos, de que nunca nos ocupamos? Seria um fato de alta gravidade e que mereceria ser examinado, porque seria a prova de que o Espírito age, percebe e concebe independentemente da matéria.

Mas deixemos isto de lado, se quiserem; estas considerações são de uma ordem tão elevada, tão abstrata, que não é dado a todos investigá-las a fundo, nem mesmo deter nelas o pensamento. Venhamos ao fato mais material, mais positivo, o da música escrita com palavras. Será um produto da imaginação? O fato aí está, palpável, sob nossos olhos. Seria escrita por Bach, em estado sonambúlico? Admitamo-lo, por instantes; mas quem lhe teria ditado os versos, escritos sem rasura e seguidamente? Onde teria ele colhido o conhecimento de casos passados, que ignorava, absolutamente, na véspera, e que foram depois confirmados, como veremos um pouco adiante?

Alberic Second perguntava se a espineta tinha pertencido a Baltazarini e se fora esse musicista que ditara as palavras do romance e da música.

Como resposta, eis o que lemos na *Revue Spirite* de fevereiro de 1866:

“O fato junto é a continuação da interessante história *Ária e palavras do rei Henrique III*, narrada na *Revue*, de julho de 1865. Desde então, Bach se tomou médium escrevente, mas

pratica pouco, em vista da fadiga que lhe sobrevém. Só o faz quando incitado por força invisível, a qual se traduz por viva agitação e tremor da mão, e aí a resistência lhe é mais penosa que o exercício. Ele é mecânico, no sentido absoluto do termo, e não tem consciência nem lembrança do que escreve. Um dia, quando estava nessas disposições, escreveu a quadra seguinte:

*Rei Henrique deu essa grande espineta
A Baltazarini, muito bom músico;
Se ela não for boa ou muito graciosa
Que ao menos a conserve por lembrança.*²⁰

A explicação desses versos que, para Bach, não tinham sentido, lhe foi dada em prosa.

O rei Henrique, meu senhor, deu-me a espineta que possuí; escreveu uma quadra numa folha de pergaminho, fê-la pregar no estojo e m'a remeteu. Alguns anos mais tarde, tendo que fazer uma viagem e receando que o pergaminho fosse arrancado e se perdesse, visto que eu levava comigo a espineta, tirei-o e coloquei-o em um pequeno vão, à esquerda do teclado, onde ainda se acha.

A espineta é a origem dos pianos atuais, em sua maior simplicidade, e se tocava da mesma maneira; era um pequeno cravo, de quatro oitavas, com cerca de metro e meio de comprimento, quarenta centímetros de largura, e sem pés. As cordas, no interior, eram dispostas como nos pianos e tocadas por meio de teclas. Transportavam-no à vontade, encerrando-o numa caixa, como se faz com os violinos e os violoncelos. Para ser utilizado punham-no em uma mesa ou um móvel.

O instrumento estava em exposição no museu retrospectivo, nos Campos Elíseos, onde não era possível fazer a pesquisa indicada. Quando ele lhe foi entregue, Bach e seu filho apressaram-se a esmerilhar em todos os vãos, mas inutilmente, de sorte que acreditaram numa mistificação. Entretanto, para que não restasse qualquer dúvida, Bach o desmontou completamente e descobriu, à esquerda do teclado, um intervalo tão estreito que nele não se podia introduzir a mão. In-

vestigou esse reduto cheio de pó e de teias de aranha, e dele retirou um pedaço de pergaminho dobrado, enegrecido pelo tempo, com 31 centímetros de comprimento por 7 e meio de largura, no qual estava escrita a quadra seguinte, em grandes caracteres da época:

*Moys le roi Henri trois octroys cette espinette
A Baltazarini, mon gay musicien
Mais si dis mal sône, ou bien |ma| moult simplette
Lors pour mon souvenir dans lestuy garde bien.*²¹

Este pergaminho está furado nos quatro cantos e os buracos são, evidentemente, os dos pregos que serviram para fixá-lo na caixa. Traz, também, além disso, nas margens, grande quantidade de buracos, alinhados e regularmente espaçados, que parecem ter sido feitos por pregos muito pequenos.

Os primeiros versos ditados reproduziam, como se vê, o mesmo pensamento que os do pergaminho, de que são a tradução, em linguagem moderna, e isto antes que estes fossem descobertos.

O terceiro verso é obscuro e contém, sobretudo, a palavra *ma*, que parece sem sentido, e não se pode ligar à idéia principal que, no original, está entre parênteses. Procuramos, inutilmente, a explicação, e o próprio Bach nada sabia a respeito.

Estava eu um dia em sua casa, quando houve, espontaneamente, em nossa presença, uma comunicação de Baltazarini, dada para nós, e assim concebida:

“Amico mio.

“Estou contente contigo; encontrei os versos na minha espineta; meu desejo está satisfeito; estou contente contigo...

“O rei, nesses versos, gracejava de minha pronúncia; eu dizia sempre ma em lugar de mas.

“Adio amico. – Baltazarini.”

Assim foi dada, sem pedido prévio, a explicação dessa palavra *ma*, intercalada por gracejo, pela qual o rei designava Baltazarini que, como muitos de seus patrícios, assim a pronunciava várias vezes.

O rei, dando a espineta ao músico, lhe diz: *se ela não é boa, se ela soa mal ou se lmal (porém) a achar muito simples, que a conserve em seu estojo, em lembrança de mim.* A palavra *ma* está rodeada de um filete, como entre parênteses.

Teríamos, certamente, procurado esta explicação por muito tempo, que não podia ser o reflexo do pensamento do Sr. Bach, pois que ele mesmo não estava entendendo nada.

Restava resolver uma importante questão: a de saber se a escrita do pergaminho era, realmente, da mão de Henrique III.

Bach dirigiu-se à biblioteca imperial para compará-la com os manuscritos originais. Foram, a princípio, encontrados alguns, sem semelhança perfeita, mas com o mesmo caráter. Em outros documentos, porém, a identidade era absoluta, tanto no tipo da letra como na assinatura.

Não podia haver dúvida sobre a autenticidade do pergaminho, embora certas pessoas, que professam uma incredulidade ridícula para com as coisas ditas sobrenaturais, tenham achado que aquilo não passava de uma boa imitação.

Observaremos que não se trata aqui de uma escrita mediúnica, dada pelo Espírito do rei, mas de um manuscrito original, escrito pelo próprio rei, quando vivo, e que não tem nada de mais maravilhoso que aqueles que as circunstâncias fortuitas fazem descobrir todos os dias. O maravilhoso, se maravilhoso existe, só está na forma pela qual foi revelada sua existência. É bem certo que, se o Sr. Bach se contentasse em dizer que o tinha achado, *por acaso*, em seu instrumento, isso não teria provocado nenhuma objeção.”

Tal é a narrativa exata da comunicação literária e musical obtida por Bach. Poderíamos citar grande número de casos, tão seguros como este, em que a intervenção dos Espíritos não é menos manifesta, mas preferimos enviar o leitor à *Revue Spirite*, onde formigam descrições semelhantes, trazendo todas o cunho de verdade indiscutível.

III

Mediunidades sensoriais – Médiuns videntes e médiuns auditivos

A mediunidade vidente é evidentemente uma das mais curiosas manifestações dos Espíritos. Não há melhor prova da sobrevivência que aquela que permite a um Espírito tomar-se visível. Para chegar a este resultado deve ele fazer no encarnado certas modificações perispirituais, que é preciso estudar. Distingamos os dois casos seguintes:

1º- O médium vê com os olhos;

2º- O médium vê em estado de desprendimento.

Existe um meio simples, por onde um médium pode saber em que estado se encontra. Ao ver um Espírito, se desvia o olhar ou fecha os olhos, e a aparição continua visível; é que ele está desprendido; se, pelo contrário, não percebe mais o Espírito, é que vê com os olhos do corpo.

No desprendimento, a visão se opera fora dos órgãos dos sentidos, e disso não nos ocuparemos por saber que os desencarnados vêem, ouvem e, de maneira geral, percebem por todas as partes do perispírito. A vista pela alma, em estado de desprendimento, entra, pois, no caso geral da visão dos Espíritos entre si.

O que convém notar é que o Espírito é, entretanto, obrigado a agir sobre o médium, para conseguir-lhe o desprendimento. Que é, pois, o desprender-se? Para a alma é estar menos acorrentada ao corpo. Sabemos que durante sua passagem na Terra o Espírito está ligado ao invólucro material pelo perispírito, que aciona, ele próprio, o sistema nervoso. Quanto mais ativa é a vida do encarnado, mais abundante é a circulação nervosa e menos pode o Espírito desprender-se; mas se, como vimos na teoria do magnetismo, é possível paralisar, momentaneamente, os laços que prendem a alma ao corpo, produz-se uma irradiação do Espírito encarnado, que, nessa condição, goza de quase todas as faculdades que possui na erraticidade.

Ele pode, pois, ver os Espíritos, descrevê-los, dar, assim, provas de sua existência.

Esse estado particular se nos apresenta freqüentemente no sono. Os sonhos são, a maior parte das vezes, lembranças que conservamos de nossas viagens no Espaço; ainda que, ao despertar, não nos recordemos dos fatos de que fomos testemunhas durante a noite, não se deve concluir que a alma não se tenha desprendido. Deixaremos de parte esse aspecto da questão, para nos ocuparmos, especialmente, das manifestações visuais, em estado de vigília, e pelos órgãos do médium.

Em primeiro lugar, definamos de maneira precisa, o que entendemos por mediunidade vidente, porque é bom não tomarmos por aparições as figuras diáfanas que se percebem na semi-sonolência e ao despertar. É preciso cuidado contra as causas de erro que provêm da imaginação superexcitada. Quem já não acreditou distinguir, em dados momentos, figuras, paisagens, nos desenhos bizarros formados pelas nuvens? E a razão nos diz que elas não existem, em realidade. Sabe-se, também, que na obscuridade os objetos revestem aparências extraordinárias. Quantas vezes, num quarto, à noite, uma veste pendurada, um vago reflexo luminoso não parecem ter uma forma humana aos olhos dos de maior sangue frio? Se a isso se vem juntar o medo ou uma credulidade exagerada, a imaginação faz o resto. Compreenderemos, assim, o que se chama ilusão, mas não teremos nenhum esclarecimento sobre a alucinação.

Eis-nos chegado à grande palavra empregada, a todo propósito, pelos materialistas, para explicar a mediunidade vidente. Procuremos precisar os caracteres especiais da alucinação e vejamos se têm algo de comum com a mediunidade.

As alucinações

A palavra alucinação vem do latim *hallucinari*, errar, de *ad lucem*. A alucinação poderia ser definida como um sonho em estado de vigília; é a percepção de uma imagem ilusória, de um som que não existe realmente, que não tem valor objetivo. Assim como o objeto representado não impressiona a retina, o som escutado não fere o ouvido; a causa eficiente da alucinação existe no aparelho nervoso sensorial e deve ser atribuída a um trabalho particular do cérebro. Esse fenômeno não existe somen-

te para a vista e para o ouvido; os outros sentidos também podem ser alucinados; um contato, um odor, um sabor sem que haja ação prévia de um excitante exterior, são verdadeiras alucinações.

Essas pretendidas sensações, que experimentam as pessoas atingidas por tal doença, dependem das imagens, das idéias reproduzidas pela memória, ampliadas pela imaginação e personificadas pelo hábito. As alucinações podem ser produzidas por causas físicas ou morais. As primeiras são muito numerosas: o abaixamento ou elevação da temperatura, o abuso das bebidas alcoólicas, as doses elevadas de sulfato de quinina, a digitális, a beladona, o estramônio, o meimendro, o acônito, o ópio, a cânfora, as emanções azotadas, o haxixe, o abalo do cérebro por queda, etc.

Entre as causas morais, as mais comuns são uma impressão súbita dos sentidos, uma sensação viva e prolongada, a atenção violentamente fixada no mesmo objeto, o insulamento, o remorso, o temor, o terror.

A Ciência se tem ocupado com a alucinação; Lelut e Brièri de Boismont publicaram livros interessantes, mas que não explicam absolutamente o fenômeno. Eis a teoria que eles avançam.

Eles acreditam que todas as idéias, mesmo as mais abstratas, se ligam sempre, por qualquer lado, aos sentidos, mas que a faculdade de perceber um objeto ou uma paisagem não é a mesma para todos os homens. Um pintor vê uma vez certa pessoa e conserva sua imagem durante muito tempo na memória. Um musicista ouvirá, interiormente, trechos complicados de música.

Essa representação interior parece dar um passo fora da ilusão, e tal é a que nos faz ler palavras de modo diverso das que estão escritas, a que nos mostra o que não existe, ou não nos faz ver o que há, alterando tudo de mil maneiras. Esse estado de espírito pode ser determinado por causas diversas como a solidão, o silêncio, a obscuridade.

Em suma, a ilusão transforma alguma coisa de real, enquanto a alucinação pinta no vazio; as coisas que se vêem não existem,

os sons que se ouvem não têm realidade. Algumas vezes, a alucinação não é reconhecida, porém não perturba a razão, não passa, por assim dizer, da razão excitada. “Crê-se que foi este o caso de Sócrates, de Joana d'Are, de Lutero, de Pascal.”

Segundo Lelut, esses grandes gênios seriam uma categoria de maníacos e as vozes de Joana, a Lorena, puras alucinações. Não sabemos se será verdade, mas se Lelut pudesse ser o joguete de uma loucura, que o fizesse, de repente, assemelhar-se a Sócrates, nós o felicitaríamos, e assim ficariam livres os nossos ouvidos de tais frioleiras.

Os sábios não deram, pois, até agora, uma explicação plausível, sob o ponto de vista fisiológico, da alucinação. Entretanto, parecem ter sondado todas as profundezas da ótica e da fisiologia. Como é, então, que não puderam explicar, ainda, a fonte das imagens, que se apresentam ao espírito em certas circunstâncias?

Real ou não, o alucinado vê alguma coisa; dir-se-á que acredita ver, mas que nada vê. Não é provável. Pode-se dizer que é uma imagem fantástica, seja; mas qual é a origem dessa imagem, como se forma, como se reflete no cérebro?

Eis o que não nos dizem. Certamente, quando o alucinado crê ver o diabo com seus cornos e suas garras, as chamas do inferno, animais fabulosos, o Sol e a Lua que se batem, é evidente que não existe nenhuma realidade; mas se trata de um fruto da imaginação, por que descrevem-no essas coisas como se fossem presentes? Há, pois, diante dele um quadro, uma fantasmagoria qualquer; em que espelho, então, se pinta essa imagem? qual a causa que dá a essa imagem a forma, a cor, o movimento?

Já que os sábios querem explicar tudo pelas propriedades da matéria, que apresentem uma teoria da alucinação, boa ou má; seria sempre uma explicação, mas não o podem fazer, porque, negando a alma, privam-se da causa eficiente do fenômeno.

Os fatos que observamos, diariamente, demonstram que há verdadeiras aparições e o dever do espiritista esclarecido é distinguir entre os fenômenos devidos às manifestações dos Espíritos e os que têm por causa os órgãos enfermos do indivíduo.

Em suma, a alucinação não apresenta nenhum caráter de positividade, ao passo que, para admitir-se a mediunidade vidente, é preciso que o indivíduo dotado dessa faculdade possa descrever suas visões, de forma a fazê-las reconhecer pelas pessoas presentes. Um médium que só visse desconhecidos, que não pudesse dar provas de que descreve seres que viveram na Terra, passaria, com razão, aos olhos dos espiritistas, por um alucinado.

No estado normal do organismo humano, as impressões produzidas pelos sentidos armazenam-se no cérebro, graças à propriedade de localização das células cerebrais. As diversas aquisições classificam-se segundo o gênero de idéias a que pertencem; são materiais de que o Espírito se serve quando deles tem necessidade.

A alma de um homem sadio tem ação preponderante e diretora sobre todos os elementos submetidos a seu império; mas se, por uma circunstância qualquer, a harmonia entre o corpo e a alma se torna menos perfeita, a desordem se introduz na organização cerebral e umas tantas idéias, formas ou odores têm tendência a predominar sobre as outras; são, em geral, as impressões que fortemente agem no indivíduo, as que o abalam, produzindo os fenômenos de alucinação, prólogo da loucura, na maior parte dos casos.

Diferente é o fenômeno espírita, onde o médium vê um objeto, uma pessoa real. O Espírito visto pode ser descrito minuciosamente; e só quando a visão é reconhecida como sendo a descrição exata de pessoa morta, estranha ao médium, é que admitimos a intervenção espiritual.

As verdadeiras aparições têm um caráter que, a um observador experimentado, não é possível confundir com um jogo de imaginação. Como sucedem em pleno dia, devemos desconfiar daquelas que julgamos ver à noite, para que não sejamos vítimas de uma ilusão de ótica. Dão-se, aliás, com as aparições o mesmo que com os outros fenômenos espíritas, onde o caráter inteligente é a prova de sua veracidade.

A aparição que não apresentar um sinal inteligente e não for reconhecida pode ser posta, ousadamente, no rol das ilusões.

Como se vê, somos muito circunspectos na apreciação desses fenômenos, e queremos, antes de tudo, acentuar que os espiritistas, longe de aceitar as divagações dos cérebros doentios, são minuciosos observadores dos fatos, e positivistas, na plena acepção do termo.

Como dissemos, a mediunidade vidente pode exercer-se de duas maneiras: ou pelo desprendimento, ou pelos órgãos do corpo. Para dar um exemplo de cada gênero, vamos narrar os dois seguintes fatos, colhidos na *Revue Spirite* de 1861:

“Um de nossos colegas – diz Allan Kardec – contava-nos ultimamente que um oficial seu amigo estava na África, quando viu, inopinadamente, o quadro de um cortejo fúnebre. Era o de um de seus tios, que habitava em França, e que ele não via há muito tempo. Notou, distintamente, toda a cerimônia, desde a partida da casa mortuária, até a igreja e ao transporte ao cemitério. Chegou a reparar diversas particularidades de que não podia ter idéia. Estava acordado, no momento, mas em certo estado de prostração, de que só saiu quando tudo desapareceu. Impressionado, escreveu para França, pedindo novas de seu tio, e soube que este tinha morrido, subitamente, e havia sido enterrado na hora e no dia em que se deu a aparição, com as particularidades que ele tinha visto.”

É evidente aqui que foi a alma do oficial que se desprendeu; tendo o fato se passado na França, no dia e hora em que o oficial o via na África, era preciso que sua alma irradiasse à distância, para notar o que se passava ao longe.

Vamos à segunda história:

“Um médico de nosso conhecimento, Felix Malo, tratara uma jovem; percebendo, porém, que os ares de Paris lhe eram prejudiciais, aconselhou-a a passar algum tempo com sua família, na, província, o que ela fez. Havia seis meses que ele nada sabia a seu respeito, nem nela pensava mais, quando uma noite, lá pelas dez horas, estava no seu quarto de dormir e ouviu bater à porta do gabinete de consulta. Supondo que alguém o vinha chamar para um doente, mandou que entrasse, mas ficou muito surpreendido por ver diante de si a moça

em questão, pálida, com as vestes que lhe eram conhecidas, dizendo-lhe com grande sangue-frio:

– Senhor Malo, venho dizer-lhe que estou morta –, e desapareceu.

O médico assegurou-se de que estava bem acordado e que não havia entrado ninguém; tomou informações e soube que aquela moça falecera na noite em que lhe havia aparecido.”

Neste caso, foi o Espírito da moça que veio procurar o médico. Os incrédulos não deixarão de dizer que o doutor podia estar preocupado com a saúde de sua antiga doente e que não seria de admirar que lhe previsse a morte. Seja, mas como explicariam a coincidência de sua aparição com o momento da morte, quando havia muitos meses que o médico não ouvia falar em seu nome? Supondo, mesmo, que ele soubesse da impossibilidade de cura, como poderia prever que ela morreria em tal dia e em tal hora?

O doutor viu com os olhos do corpo; a aparição era sensível, desde que ela bateu à porta do gabinete. É este caso de visão que vamos considerar agora.

Vista medianímica pelos olhos

Tendo eliminado a visão da alma pelo desprendimento, devemos estudar agora a visão pelos órgãos da vista.

Quando um médium vê um Espírito, pode-se, *a priori*, estabelecer a seguinte questão: é o médium que experimenta uma modificação ou o Espírito? Com efeito, no estado ordinário, não vemos os Espíritos, porque nossos órgãos são muito grosseiros para nos fazer perceber certas vibrações que lhes escapam. Mas quando se realiza a visão, ou nossos órgãos adquiriram maior sensibilidade ou o Espírito fez com que seu invólucro experimentasse certas modificações que, diminuindo a rapidez das vibrações moleculares perispirituais, pudesse torná-lo visível.

Se este último modo de encarar o fenômeno fosse exato, o Espírito seria visto por todas as pessoas presentes: é o que se dá, no caso das materializações, que já estudamos com Crookes; mas, quando numa assembléia, só uma pessoa vê os Espíritos, é

que esta experimenta uma variação orgânica do sentido da vista, que é interessante estudar.

O olho, como se sabe, é uma verdadeira câmara escura, no fundo da qual se desenham as impressões luminosas. A retina, formada pela expansão do nervo ótico, transporta ao cérebro as vibrações luminosas; aí elas se transformam em sensações. Os fisiologistas não se limitaram a estudar a participação da retina na função visual, remontando dos efeitos às causas, mas procuraram a explicação desses fatos.

Para explicar a sensação da cor, a do claro, a do escuro, eles admitiram velocidades diferentes nas ondas de um fluido (éter), que estivesse espalhado em todo o Universo. Essas ondas impressionariam a retina, de maneira diferente, e a natureza da percepção, de que a alma tem consciência, seria subordinada a essas impressões variáveis. Por esta teoria, admite-se que os fenômenos de visão sejam, simplesmente, o resultado da percepção, pelo sensorium, de um estado determinado da retina, e a sensação da obscuridade é explicada pela ausência de qualquer sensação, e pelo estado da própria retina.

O que prova, aliás, a existência de uma modificação superveniente na retina, durante a percepção dos objetos luminosos, é a possibilidade de se reproduzir as mesmas sensações por outro excitante, que não a luz. Toda causa capaz de determinar uma alteração no estado da membrana nervosa do olho determina sensações íntimas, ou por outra, subjetivas de luz. Comprimindo-se o olho com o dedo, percebem-se figuras de formas diversas: ora anulares, ora radiadas.

Acontece, por vezes, que estas sensações subjetivas se produzem espontaneamente. Diz Muller ter verificado, em certos casos, a aparição de uma pequena mancha branca, que se produzia ao mesmo tempo em que os movimentos respiratórios; virando-se bruscamente os olhos para o lado, vêem-se aparecer, de repente, círculos luminosos, no campo visual mergulhado na obscuridade.

Admitidas as sensações de luz como o resultado de uma alteração sobrevinda na retina, indagaram alguns fisiologistas onde

esse estado era percebido pela alma. É evidentemente no encéfalo e não na retina. O que põe fora de dúvida a participação da retina no ato da visão é que os animais de vista mais penetrante são os que têm a retina mais desenvolvida. Sendo esta membrana a extremidade expandida do nervo ótico, e não apresentando uma sensibilidade igual em toda a sua superfície, as fibras que compõem o nervo ótico não vibram todas em uníssono. As mais sensíveis poderão ser impressionadas por ondas luminosas, que deixarão as outras em repouso. Tal fato é a consequência da especificação dos órgãos, ou seja da tendência que possuem as fibras para se acomodarem a um estado vibratório determinado.

A sensibilidade de um órgão depende do maior ou menor número de fibras que ele contém, sendo cada uma capaz de tomar um movimento vibratório particular, em relação com as causas externas que podem influenciar esse órgão.

Não esqueçamos que uma condição é indispensável ao bom funcionamento dos aparelhos sensoriais, a de que cada órgão tenha uma quantidade determinada de fluido nervoso à sua disposição; as sensações serão agudas ou nulas, conforme aquela quantidade aumenta ou diminui. Temos numerosos exemplos. Em certos estados patológicos o ouvido atinge uma agudeza notável; esse desenvolvimento é devido à acumulação momentânea do fluido nervoso no nervo acústico; o mesmo acontece com os outros sentidos.

Isto posto, vejamos, pelo estudo da luz, entre que limites de vibrações se pode exercer, no estado normal, o sentido da vista.

Suponhamos que fazemos passar, através de um prisma, um raio de sol; se recolhermos sobre um écran esse raio refratado, notaremos que ele forma uma faixa luminosa, composta de sete cores, que se chamou de espectro solar. Os coloridos extremos são o vermelho e o violeta; além dessas duas cores o olho não percebe mais sensações luminosas. Entretanto, colocando-se saís de prata nessa parte obscura, eles são decompostos, o que prova que, além do violeta, existem radiações particulares que o olho não é capaz de apanhar, às quais o termômetro é insensível, mas cuja atividade química é poderosa. Além do vermelho, existem ondulações caloríficas invisíveis.

Chegamos, assim, a esta conclusão necessária, a de que o espectro completo formado pelas radiações solares se prolonga além do violeta e do vermelho, e que é só a parte média do espectro total que nossos olhos podem distinguir.

Existe, pois, luz que não vemos, há vibrações luminosas inapreciáveis à vista, porque a retina, que é o aparelho receptor, não pode registrar as vibrações luminosas muito rápidas para ela. Cálculos recentes mostraram que as ondulações etéreas, de menos de 400 trilhões por segundo, ou mais de 790, são impotentes para impressioná-la. O mesmo para com o ouvido e com os outros sentidos, de sorte que o homem é uma máquina animal dotada de aparelhos receptores, que funcionam entre fraquíssimos limites, comparados à infinidade da natureza.

Essa idéia é capital para a compreensão dos fenômenos espíritos. Só percebemos a matéria pela vista quando suas vibrações não ultrapassam 790 trilhões por segundo, mas, como vimos, há ondulações mais rápidas, que nos escapam. Ora, os fluidos perispirituais são matéria em estado de rarefação extrema; possuem um movimento vibratório muito rápido, de sorte que, em estado normal, nosso olho não pode ver os Espíritos. Mas, se pudéssemos diminuir o número das vibrações perispirituais, se conseguíssemos trazê-las aos limites compreendidos na visão, veríamos os Espíritos. Esse resultado pode ser atingido de duas maneiras:

1º- diminuindo o número das ondulações luminosas;

2º- aumentando o poder visual dos olhos.

É possível diminuir o movimento vibratório de um raio de luz? Não hesitamos em afirmá-lo, porque notáveis experiências feitas ultimamente vieram tornar essa verdade indubitável.

Os raios luminosos ultravioleta, do espectro, invisíveis até então, tornam-se visíveis quando são projetados em uma espécie particular de vidro, contendo um silicato de um metal denominado urânio. Esse vidro tem a propriedade de tornar visíveis os raios que, sem ele, não nos impressionariam os olhos. Se tomarmos um pedaço desse vidro e o iluminarmos, sucessivamente, à luz elétrica, à de uma vela, à de uma lâmpada de gás, e se o

colocarmos no campo de um espectro prismático de luz branca, vê-lo-emos brilhar conforme a cor da luz que lhe cair em cima. Se o iluminarmos com raios ultravioleta, notá-lo-emos com uma cor misteriosa, que revela a presença de raios até agora invisíveis aos olhos mortais.

Examinemos o caso em que a potência do olho pode ser aumentada; essa operação terá ainda, por fim, fazer ver os Espíritos. A alma, dissemo-lo muitas vezes, é uma essência indivisível, imaterial e intangível, que constitui a personalidade de cada indivíduo; ela é cercada de matéria quintessenciada, que lhe forma o invólucro e pela qual entra em relação com a natureza exterior. Esse corpo fluídico, em virtude de sua rarefação, possui um movimento molecular mais rápido que o dos gases e dos vapores, que já são invisíveis para nós. Logo, também ele não será visível, porque os olhos não têm, no estado normal, fibra que possa vibrar harmonicamente com ele.

Se um Espírito, porém, quer manifestar sua presença, entra em relação fluídica com o encarnado, assim como vimos precedentemente, e, estabelecida a comunicação, acumula pelo magnetismo espiritual, no nervo ótico, uma quantidade de fluido nervoso maior que de ordinário; certas fibras se sensibilizam e podem, desde logo, entrar em vibração correspondente à do invólucro do Espírito. Desde que se produz esse fenômeno, o ser, assim modificado, vê o Espírito e o verá enquanto a ação continuar.

Pouco a pouco, esta operação se vai renovando, grande número de vezes; as fibras adquirem maior aptidão vibratória, as ondas luminosas se propagam no organismo, seguindo a linha a que Hérbert Spencer deu o nome de linha de menor resistência, de sorte que a onda caminha, cada vez com mais facilidade, ao longo dessa linha e, por fim, ela mesma acaba por tomar naturalmente esse movimento vibratório, desde que a primeira molécula é agitada. O médium, na realidade, tem um sentido novo, devido à extensão do aparelho visual.

Nós o sabemos, quando o Espírito se quer tornar visível a muitas pessoas, é sempre obrigado a tomar ao médium fluido nervoso, mas a modificação se opera nele e não mais nos olhos

dos assistentes. Vimos que a simples alteração no movimento molecular de um corpo pode fazê-lo passar do estado transparente à opacidade. Da mesma forma, um vapor que se condensa, isto é, cujo movimento vibratório diminui, torna-se muito rapidamente visível, sob a forma de nevoeiro; enfim, que o vidro de urânio permite ver os raios do espectro, os quais, sem ele, seriam invisíveis.

O Espírito pode, portanto, agir de maneira análoga. Esse fenômeno pinta-nos fielmente o que se passa no caso da fotografia dos Espíritos. Estudemos esse novo gênero de manifestação.

Fotografia espírita

Estamos em presença de um fenômeno que suscitou muitas discussões e deu lugar a um processo célebre, em 1875. Os jornais, que se apresentam, em geral, como adversários dos fatos espíritas, não deixam de aproveitar a oportunidade de ridicularizar nossa doutrina e seus defensores.

A despeito das alegações de mais de 140 testemunhas, que afirmaram, sob palavra de honra, haver reconhecido personagens mortas de sua família, e obtido suas fotografias, aproveitaram a má-fé do médium Buguet para fazer acreditar ao público que nessas produções só havia, de um lado, velhacaria e, do outro, credulidade estúpida.

É incontestável que Buguet abusou da boa-fé das pessoas que confiaram em sua honestidade; os manequins encontrados em sua casa o provam suficientemente, mas não é menos certo que ele era médium, de fato, quando começou.

Quando se vêem pessoas sérias como Royard, químico, Tremeschini, engenheiro, a condessa de Caithness, o conde Pomar, o príncipe de Wittgenstein, o duque de Leuchtenberg, o conde de Bullet, o coronel Devolluet, O. Sullivan, ministro dos Estados Unidos, de Turck, cônsul, jurarem que reconheceram Espíritos, por serem a reprodução exata da fisionomia de seus parentes ou amigos mortos, é preciso ser cego para duvidar da realidade das manifestações.

Os juizes, entretanto, não hesitaram em condenar Leymarie, gerente da sociedade espírita, a um ano de prisão e 500 francos de multa, porque esperavam atingir nele o Espiritismo, doutrina que toca tão de perto o clero que não se pode deixar de sentir a sua ação na penalidade infligida àquele que representava o Espiritismo francês.

Sobre esse assunto, pensamos como Eugène Nus e diremos com ele:

“Nesta espécie de causas e em muitas outras, desconfio do Tribunal, tanto quanto do acusado. Se há neste mundo intrigantes, charlatães, impostores, inimigos da propriedade, da Religião, da Ciência e da família, há também, nas cadeiras com toga vermelha ou preta, homens que, com a melhor boa-fé do mundo, prestam serviços, acreditando lavrar sentenças.

Estou convencido de que na França, principalmente, e em alguns países civilizados, a justiça está em progresso relativamente a épocas anteriores. Estou perfeitamente convencido de que nossos juizes poriam na porta da rua, e talvez em Macas, o velhaco que tivesse a ousadia de propor-lhes, não importa por que preço, uma ordem de soltura em favor de um tratante. Não duvido um instante que o mais pobre e menos pago de nossos magistrados repelisse, com indignação, as ofertas de um Artaxerxes, que pleiteasse, para roubar a fortuna de outrem. Mas, desde que entram em jogo os preconceitos, as paixões políticas, religiosas e mesmo as científicas, acredito firmemente que já não há juizes, mesmo em Berlim.”

Se tivemos que experimentar uma condenação contra nós, foi porque nos desviamos da rota traçada por Allan Kardec. Este inovador era contrário à retribuição dos médiuns e tinha para isso boas razões. Em sua época, os irmãos Davenport muito fizeram falar de si, mas como ganhavam dinheiro com suas habilidades, Allan Kardec afastou-se deles, prudentemente. E foi bom que assim o fizesse, porque, depois do escândalo que obrigou esses industriais a sair da França, ele pôde continuar a ensinar o Espiritismo sem ser atingido pelo descrédito desses americanos fantasistas.

Eis as regras traçadas pelo mestre em *O Livro dos Médiuns*:
Recomendações de Allan Kardec.

Do charlatanismo e do Embuste

Médiuns interesseiros – Fraudes espíritas

Médiuns Interesseiros

“Como tudo pode tornar-se objeto de exploração, nada de surpreendente haveria em que também quisessem explorar os Espíritos. Resta saber como receberiam eles a coisa, dado que tal especulação viesse a ser tentada. Diremos desde logo que nada se prestaria melhor ao charlatanismo e à trapaça do que semelhante ofício. Muito mais numerosos do que os falsos sonâmbulos, que já se conhecem, seriam os falsos médiuns e este simples fato constituiria fundado motivo de desconfiança. O desinteresse, ao contrário, é a mais peremptória resposta que se pode dar aos que nos fenômenos só vêem trampolínices. Não há charlatanismo desinteressado. Qual, pois, o fim que objetivariam os que usassem de embuste sem proveito, sobretudo quando a honorabilidade os colocasse acima de toda suspeita?

Se for de constituir motivo de suspeição o ganho que um médium possa tirar da sua faculdade, jamais essa circunstância constituirá uma prova de que tal suspeição seja fundada. Quem quer, pois, que seja poderia ter real aptidão e agir de muito boa-fé, fazendo-se retribuir. Vejamos se, neste caso, é razoavelmente possível esperar-se algum resultado satisfatório.”

“Quem haja compreendido bem o que dissemos das condições necessárias para que uma pessoa sirva de intérprete dos bons Espíritos, das múltiplas causas que os podem afastar, das circunstâncias que, independentemente da vontade deles, lhes sejam obstáculos à vinda, enfim, de todas as *condições morais* capazes de exercer influências sobre a natureza das comunicações, como poderia supor que um Espírito, por menos elevado que fosse, estivesse, a todas as horas do dia, às ordens de um empresário de sessão e submisso às suas exi-

gências, para satisfazer à curiosidade do primeiro que aparecesse? Sabe-se que aversão infunde aos Espíritos tudo que cheira a cobiça e a egoísmo, o pouco caso que fazem das coisas materiais; como, então, admitir-se que se prestem a ajudar quem queira traficar com a presença deles? Repugna pensar isso e seria preciso conhecer muito pouco a natureza do mundo espírita, para acreditar-se que tal coisa seja possível. Mas, como os Espíritos levianos são mais escrupulosos e só procuram ocasião de se divertirem à nossa custa, segue-se que, quando não se seja mistificado por um falso médium, tem-se toda a probabilidade de o ser por alguns de tais Espíritos. Estas sós reflexões dão a ver o grau de confiança que se deve dispensar às comunicações desse gênero. Ao demais, para que serviriam hoje médiuns pagos, desde que qualquer pessoa, se não possui faculdade mediúnica, pode tê-la nalgum membro da sua família, entre seus amigos, ou no círculo de suas relações?”

“Médiuns interesseiros não são apenas os que porventura exijam uma retribuição fixa; o interesse nem sempre se traduz pela esperança de um ganho material, mas também pelas ambições de toda sorte, sobre as quais se fundem esperanças pessoais. É esse um dos defeitos de que os Espíritos zombeteiros sabem muito bem tirar partido e de que se aproveitam com uma habilidade, uma astúcia verdadeiramente notáveis, embalando com falaciosas ilusões os que desse modo se lhes colocam sob a dependência. Em resumo, a mediunidade é uma faculdade concedida para o bem e os bons Espíritos se afastam de quem pretenda fazer dela um degrau para chegar ao que quer que seja, que não corresponda às vistas da Providência. O egoísmo é a chaga da sociedade; os bons Espíritos a combatem; a ninguém, portanto, assiste o direito de supor que eles o venham servir. Isto é tão racional, que inútil fora insistir mais sobre este ponto.”

“Não estão na mesma categoria os médiuns de efeitos físicos, pois que estes geralmente são produzidos por Espíritos inferiores, menos escrupulosos. Não dizemos que tais Espíritos sejam por isso necessariamente maus. Pode-se ser um

simples carregador e ao mesmo tempo homem muito honesto. Um médium, pois, dessa categoria, que quisesse explorar a sua faculdade, muitos Espíritos talvez encontraria, que sem grande repugnância o assistissem. Mas, ainda aí outro inconveniente se apresenta. O médium de efeitos físicos, do mesmo modo que o de comunicações inteligentes, não recebeu para seu gozo a faculdade que possui. Teve-a sob a condição de fazer dela bom uso; se, portanto, abusa, pode dar-se que lhe seja retirada, ou que redunde em detrimento seu, porque, afinal, os Espíritos inferiores estão subordinados aos Espíritos superiores.

Aqueles gostam muito de mistificar, porém, não de ser mistificados; se prestam de boa vontade ao gracejo, às coisas de mera curiosidade, porque lhes apraz divertirem-se; também é certo que, como aos outros, lhes repugna ser explorados, ou servir de comparsas, para que a receita aumente, e a todo instante provam que têm vontade própria, que agem quando e como bem lhes parece, donde resulta que o médium de efeitos físicos ainda menos certeza pode ter da regularidade das manifestações, do que o médium escrevente. Pretender produzi-los em dias e horas determinados, fora dar prova da mais profunda ignorância. Que há de ele então fazer para ganhar seu dinheiro? Simular os fenômenos. É o a que naturalmente recorrerão, não só os que disso façam um ofício declarado, como igualmente pessoas aparentemente simples, que acham mais fácil e mais cômodo esse meio de ganhar a vida do que trabalhando. Desde que o Espírito não dá coisa alguma, supre-se a falta: a imaginação é tão fecunda, quando se trata de ganhar dinheiro! Constituindo um motivo legítimo de suspeita, o interesse dá direito a rigoroso exame, com o qual ninguém poderá ofender-se, sem justificar as suspeitas. Mas, tanto estas são legítimas nesse caso, como ofensivas em se tratando de pessoas honradas e desinteressadas.”

“A faculdade mediúnica, mesmo restrita às manifestações físicas, não foi dada ao homem para ostentá-las nos teatros de feira e quem quer que pretenda ter às suas ordens os Espíritos, para exhibir em público, está no caso de ser, com justiça,

suspeitado de charlatanismo, ou de mais ou menos hábil prestidigitação. Assim se entenda todas as vezes que apareçam anúncios de pretendidas sessões de *Espiritismo*, ou de *Espiritualismo*, a tanto por cabeça. Lembrem-se todos do direito que compram ao entrar.

De tudo o que precede, concluímos que o mais absoluto desinteresse é a melhor garantia contra o charlatanismo. Se ele nem sempre assegura a excelência das comunicações inteligentes, priva, contudo, os maus Espíritos de um poderoso meio de ação e fecha a boca a certos detratores.”

“Eis a linguagem da sã razão e da honestidade, e todo espírita digno deste nome deve repudiar resolutamente estas promiscuidades perigosas que rebaixariam nossa doutrina ao nível de cínica exploração. Somos, antes de tudo, pessoas honestas e declaramos formalmente que nada temos de comum com as pessoas, quaisquer que elas sejam, que fazem profissão de sua faculdade e assim desonram por sua conduta a doutrina que pretendem sustentar.

Nada conhecemos que seja tão repugnante quanto as fraudes que teriam por fim profanar o que de mais sagrado há no mundo: o túmulo dos mortos. É por isso que desacreditamos o senhor Buguet como ele merece e exortamos todos os espíritos a não se deixarem atrair por belas promessas, sempre que estiver em jogo um interesse puramente material.”

- - -

Voltemos ao nosso estudo e indaguemos se a fotografia dos Espíritos é possível.

A resposta é afirmativa, desde que Crookes a obteve; mas as condições ordinárias em que nos colocamos não são as mesmas do ilustre químico.

Nas experiências com Miss Cook, o Espírito fica completamente materializado, adquire a mesma tangibilidade de uma pessoa viva e não há então admirar que se lhe possa tirar o retrato. Na fotografia de que tratamos não se vê o Espírito e, no entanto, sua imagem é reproduzida. Isso se pode explicar do seguinte modo:

Sabemos que o médium vidente possui um aparelho visual, tornado mais sensível por meio da ação fluídica exercida pelo Espírito que se quer manifestar. O olho do médium é uma câmara escura que adquire, nesse momento, um poder considerável, registra vibrações que não podem ser percebidas por nós, no estado habitual, daí sua propriedade de ver Espíritos. Pois bem, a placa de colódio representa, no caso, o mesmo papel, não que seja, então, mais sensível, mas o Espírito toma fluidos ao médium e se materializa suficientemente para que seu invólucro reflita os raios ultravioleta que não vemos, e é graças a essa irradiação que se pode obter a imagem não percebida pelos nossos olhos.

Não temos consciência das vibrações luminosas que vão além do violeta e do vermelho; elas, porém, existem, impressionam os sais de prata e são refletidas pelo perispírito da entidade que se quer manifestar. Podemos supor que o fluido nervoso tomado ao médium substitui o vidro de urânio para os raios ultravioleta do espectro, diminui o movimento perispiritual, condensa, de alguma sorte, os fluidos de modo a torná-los capazes de refletir as radiações ectênicas.

Essa maneira de ver é tanto mais justa quanto as experiências tentadas por Thomas Slater, ótico, Estearn Road, 136, em Londres, demonstram que a luz ordinária não intervém nesse fenômeno. Assim, diz este pesquisador:

“Eu mesmo obtive fotografias espíritas por meio de um instrumento feito com vidros de um azul muito escuro, de modo que seria impossível impressionar a chapa, a menos que uma luz forte fosse projetada sobre a pessoa retratada; provava-se destarte que a luz lançada pelos Espíritos está completamente fora dos raios luminosos de nosso espectro, que são muito fortes, posto que os Espíritos nos sejam invisíveis.”

Em Bruxelas, um engenheiro químico, Bayard, obteve em seu laboratório, fotografias de Espíritos; apresenta ele minucioso relatório no livro *Procès des Spirites*, páginas 122 a 124. Finalmente, na América se conseguiram fotografias espíritas e o fenômeno não é mais contestado.

A despeito dos tribunais, é preciso reconhecer que o fato se pode produzir e, por estranhável que seja, nada tem de sobrenatural. Desde que se demonstra que os Espíritos existem, que têm um corpo fluídico que se pode condensar, em certas condições, é fácil compreender que possa ser fotografado, pois que se materializa até à tangibilidade, como o provaram as experiências de Crookes.

Estamos tão longe de conhecer as leis que regem as operações que nos são mais familiares; não há, portanto, que espantar o ver se produzirem incidentes que parecem, a princípio, inexplicáveis. Tomamos o seguinte exemplo na *Revue Spirite*, de Allan Kardec, de 1864. É um dos seus amigos quem fala:

“Habitava – diz ele – uma casa em Montrouge; estávamos no Verão; o Sol dardejante entrava pela janela; achava-se na mesa uma garrafa cheia d’água e sob a garrafa uma pequena esteira; de repente, a esteira pegou fogo. Se ninguém estivesse ali, podia haver um incêndio, sem que se lhe soubesse a causa. Procurei centenas de vezes produzir o mesmo resultado e nunca o consegui.”

A causa física da inflamação é bem conhecida; a garrafa representou o papel de lente; mas por que não se pôde reiterar a experiência? É que, independente da garrafa e da água, havia um concurso de circunstâncias que, de maneira excepcional, fizeram a concentração dos raios solares. Talvez o estado da atmosfera, dos vapores, as qualidades da água, a eletricidade, e tudo isso, provavelmente, em certas proporções. Daí a dificuldade de encontrar as condições precisas, e a inutilidade das tentativas para produzir um efeito semelhante.

Eis, pois, um fenômeno inteiramente do domínio da física, cujo princípio se conhece e que, entretanto, não pode ser repetido à vontade. Poderá o mais endurecido cético negar o fato? Por certo que não. Mas por que os mesmos cétricos negam a realidade dos fenômenos espíritas, em virtude de os não poder manipular a seu bel-prazer?

Não admitir, fora do conhecido, agentes novos, regidos por leis especiais, negar esses agentes, porque não obedecem às leis

que conhecemos, é, em verdade, dar demonstração de pouca lógica e mostrar um espírito bem estreito.

Por mais assombrosa que seja a fotografia dos Espíritos, eis uma amostra de fotografia natural mais extraordinária ainda, atestada, em 1858, pelo conhecido sábio Jobard:

“O Sr. Badet, morto a 12 de novembro último, depois de uma doença de três meses, tinha o hábito – diz a *Union Bourguignonne de Dijon* – de colocar-se a uma janela do primeiro andar, sempre que suas forças o permitiam, e aí ficava, com a cabeça voltada para a rua, a fim de distrair-se com a vista dos transeuntes.

Há alguns dias, a Sra. Peltret, cuja casa fica em frente à da viúva Badet, notou, na vidraça da janela dessa casa, o próprio Badet, com seu boné de algodão, sua figura emagrecida, tal como o tinha visto durante a doença. Grande foi a sua emoção. Ela chamou, não só os vizinhos, cujo testemunho podia ser suspeito, mas ainda os homens graves, que perceberam, distintamente, a imagem de Badet no vidro da janela, onde costumava colocar-se.

Mostraram essas imagens à família do defunto, que fez, imediatamente, desaparecer a vidraça.

Ficou, entretanto, confirmado, que a vidraça se havia impregnado com a figura do doente, que aí ficou daguerreotipada, fenômeno que se poderia explicar se, do lado oposto à janela, houvesse uma outra por onde os raios solares pudessem chegar ao Sr. Badet. Mas o quarto só tinha uma janela. Tal é a verdade inteira sobre o extraordinário fato, cuja explicação convém deixar aos sábios.”

Não é inútil dizer que não houve explicação nenhuma, o que nada tem de surpreendente, visto que o vidro foi destruído e não pôde ser analisado. O que queremos mostrar, nessa história, é a possibilidade da fotografia espontânea, e que, longe de ser ridículo, os espiritistas são pesquisadores conscienciosos, que caminham a par da Ciência, e que, quanto mais se estenderem os conhecimentos, tanto mais facilmente explicarão os fatos, que, a princípio, parecem sobrenaturais.

Mediunidade auditiva

A mediunidade auditiva consiste na faculdade de ouvir certos ruídos, certas palavras pronunciadas pelos Espíritos e que não impressionam o ouvido nas condições ordinárias da vida. É preciso distinguir, para essa faculdade, como para a precedente, dois casos:

1º- a intuição;

2º- a audição real.

A intuição se dá de alma para alma; é uma transmissão de pensamentos que se opera sem o socorro dos sentidos, uma voz íntima que ressoa no foro íntimo; embora os pensamentos recebidos sejam claros, não são eles articulados por meio de palavras e nada têm de material. Na audição, pelo contrário, as palavras são pronunciadas de maneira a serem ouvidas pelo médium, como se uma pessoa lhe falasse ao lado.

Allan Kardec, o grande iniciador, que quiseram fazer passar por impostor, protesta energicamente contra os espiritistas crédulos que pretendem atribuir os fenômenos mais comuns da vida à ação dos Espíritos. Ele recomenda a maior circunspeção na análise dos fatos e não cessa de dar conselhos, a fim de premonir seus adeptos contra os erros, as alucinações, as falsas interpretações. Eis o que ele escreveu a propósito da mediunidade auditiva:

“É bem preciso abster-se de tomar por vozes ocultas todos os sons que não tenham causa conhecida, ou simples tinidos de ouvidos, e sobretudo de acreditar que haja qualquer parcela de verdade na crença vulgar de que o ouvido que tine está nos advertindo que em alguma parte se fala de nós.

Estes tinidos, cuja causa é puramente fisiológica, não têm, aliás, qualquer sentido, enquanto os sons pneumatofônicos exprimem pensamentos e é somente por esse caráter que se pode reconhecer que são devidos a um causa inteligente e não accidental. Pode-se estabelecer, em princípio, que os efeitos notoriamente inteligentes são os únicos que podem atestar a intervenção dos Espíritos; quanto aos outros, há pelo menos

cem probabilidades contra uma de que sejam devidos a causas fortuitas.

Acontece com bastante freqüência que no estado de modorra ouvem-se distintamente pronunciar palavras, nomes, algumas vezes até frases inteiras, e isto com bastante força para nos despertar em sobressalto. Embora possa acontecer que em certos casos se trate realmente de uma manifestação, esse fenômeno nada tem de bastante positivo que impeça de se lhe atribuir uma causa qualquer, tal como a alucinação. O que se ouve por esse modo não tem, de resto, seqüência alguma; não acontece o mesmo quando se está completamente acordado, porque então, se é um Espírito que se faz ouvir, pode-se quase sempre trocar pensamentos com ele e travar uma conversação regular.”

Procuremos, agora, compreender como podem proceder os Espíritos, para nos fazerem ouvir palavras e por que meios produzem sons. Para este estudo é preciso ter um conhecimento da natureza do som. Sir William Thomson fez ultimamente notável conferência sobre o assunto. Mostremos suas principais observações.

Quais são as nossas percepções no sentido do ouvido? E em primeiro lugar, que é ouvir?

Ouvir é perceber pelo ouvido; mas perceber o quê? Há coisas que nós podemos ouvir sem o ouvido. Beethoven, atacado de surdez, durante grande parte da vida, não percebia nada pelo ouvido. Compunha as mais notáveis obras sem poder percebê-las pela audição. Ele se conservava, diz-se, perto de um piano, com um bastão, o qual tinha uma extremidade no instrumento e a outra em seus dentes, e era dessa forma que ouvia os sons emitidos.

A percepção dos sons não tem, pois, o ouvido como único órgão, e daí já se pode compreender que um médium escute sons sem se servir do ouvido. Mas queremos determinar a natureza da percepção habitual num homem em posse de todos os órgãos dos sentidos. É uma sensação de variação de pressão.

Quando o barômetro sobe, a pressão no tímpano aumenta; quando desce, a pressão diminui. Suponhamos que a pressão do ar cresça ou diminua, repentinamente, em um quarto de minuto, e, nesse curto espaço de tempo, o mercúrio se eleve de muitos milímetros, para cair, em seguida, com a mesma rapidez. Percebemos a mudança? Não; mas se a variação barométrica for de 5 a 10 centímetros, em meio minuto, grande número de pessoas a perceberiam. Aliás, esta afirmação não é teórica, ela é confirmada pela observação. Os que descem em uma campânula hidráulica experimentam sensação idêntica à que teriam, se o barômetro, por uma causa desconhecida, subisse, em meio minuto, de 10 a 15 centímetros. Temos, pois, a sensação da pressão atmosférica, mas nosso órgão não é delicado o bastante para permitir-nos perceber as variações entre o máximo e o mínimo do barômetro.

Quando se desce em uma campânula hidráulica, a mão não sente as alterações da pressão atmosférica; é de outra forma que se revela à nossa sensibilidade. Atrás do tímpano do ouvido existe uma cavidade cheia de ar. Uma pressão mais forte dum lado que do outro dessa membrana, produz uma sensação desagradável, que pode mesmo, numa descida brusca, produzir-lhe a ruptura.

Ouvir, portanto, um som, é perceber as mudanças súbitas de pressão sobre o tímpano, pressão que se exerce em curto lapso de tempo, e com força assaz moderada, para não determinar lesão ou ruptura, mas que é suficiente para transmitir uma sensação muito nítida ao nervo auditivo.

Se pudéssemos perceber pelo ouvido uma alta barométrica de um milímetro, em um dia, essa variação seria um som. Mas como nosso ouvido não é bastante delicado para isso, não podemos dizer que essa mudança seja um som. Se a diferença de pressão sobreviesse bruscamente e, por exemplo, o barômetro variasse de um milímetro em 1/100 de segundo, nós a ouviríamos, porque essa variação repentina da pressão atmosférica produziria um som análogo ao do choque de nossas duas mãos.

Qual a distinção entre um fenômeno sonoro e um som musical? O som musical é uma alteração regular e periódica de pressão, um aumento e uma diminuição alternativos de pressão

atmosférica, bastante rápidos para serem percebidos como som, e reproduzindo-se por períodos, com perfeita regularidade. Algumas vezes, os ruídos e os sons musicais se confundem. A duração, a irregularidade, os períodos mal separados têm por efeito produzir dissonâncias complicadas, que um ouvido não exercitado não compreenderá e tomará por um ruído.

O sentido da vista poderia ser comparado ao do ouvido, sendo ambos causados por variações rápidas de pressão. Sabe-se com que celeridade se devem produzir as alternâncias entre a pressão máxima e a mínima, para dar o som de uma nota musical. Se o barômetro variar uma vez em um minuto, não perceberemos essa variação como nota musical; mas, se por uma ação mecânica do ar, a pressão mudar mais rapidamente, essa alteração, que o mercúrio não pode indicar com rapidez, o ouvido a perceberá; se o período reproduzir-se 20, 30, 40, 50 vezes por segundo, ouvir-se-á uma nota grave; se acelerar, a nota elevar-se-á gradualmente, tornar-se-á cada vez mais aguda; se atingir a 256 períodos por segundo, teremos uma nota que corresponde ao dó grave de tenor.

Daí resulta que a palavra, sendo uma sucessão de sons, é produzida por variações de pressão atmosférica, determinadas pelas diferenças de volume da garganta e da boca, durante a emissão da voz. Mas se os Espíritos não têm garganta, o que fazem para produzir sons? Aqui ainda a ciência nos põe no caminho das explicações.

O ilustre inventor do telefone, Graham Bell, diz que, fazendo-se cair um raio luminoso intermitente sobre um corpo sólido, poder-se-á perceber um som. Tyndall atribui esse som à ação do calor sobre o corpo, e pensou que ele resultasse de mudanças alternadas de volumes, devidas a variações da temperatura. Se assim fosse, os gases e os vapores, dotados de poder absorvente, deviam dar sons muito fortes e a intensidade do som deveria fornecer o meio de medir o poder absorvente.

Foi o que se verificou pela experiência. Está, portanto, demonstrado hoje que se podem obter sons variados, desde os mais agudos até os mais graves, fazendo agir raios caloríficos sobre certos vapores. Ora, sabemos que, por sua vontade, os Espíritos

agem sobre os fluidos e já podemos imaginar por que forma podem produzir ruídos e palavras articuladas. Em vez de expelir o ar pela garganta, projetam sobre certos fluidos jatos caloríficos, e as vibrações desses fluidos produzem os sons que o médium percebe.

É evidente que essas palavras não têm necessidade de ser pronunciadas com a força que empregamos; o ouvido, no estado especial determinado pela mediunidade, é um instrumento extremamente delicado, que apanha as mais ligeiras alterações de pressão. Mesmo em estado normal, o ouvido é suscetível de grande sensibilidade.

Uma experiência recente nos dá prova disso. Podem-se fazer transmissões telefônicas sem receptor. Há bem pouco tempo Giltay, por meio de modificações introduzidas na construção do aparelho, chegou a dispensar completamente qualquer condensador. Duas pessoas seguram, cada uma com uma das mãos, um cabo; uma delas aplica sua mão enluvada sobre o ouvido da outra e esta última ouve sair dessa mão as palavras pronunciadas sobre o transmissor microfônico. Giltay explicou esse fato dizendo que a mão e o ouvido constituem as armaduras de um condensador, de que a luva representa a substância isolante. A experiência pode fazer-se de maneira ainda mais original; é como ela foi executada nas sessões da Sociedade de Física. Os dois experimentadores seguram os cabos como precedentemente e aplicam suas mãos livres sobre os ouvidos de uma terceira pessoa. Nessas condições, esta houve falar *as mãos* como se elas tivessem receptores ordinários.

O estado atual da ciência não permite esclarecer este modo de transmissão da palavra e esta é uma nova questão a juntar aos pontos obscuros que a telefonia encerra.²² Talvez não esteja distante a época em que estes fenômenos, inexplicáveis hoje, parecerão fáceis de compreender e a ninguém mais espantarão. Por enquanto, porém, a experiência é somente muito curiosa, como observa Hospitalier.

Tudo o que até agora se pode concluir é que o ouvido é um instrumento de incomparável delicadeza e de fina sensibilidade, pois que percebe vibrações em que a energia utilizada é de

extrema fraqueza. Isto nos ajuda a compreender como o médium audiente ouve a voz dos Espíritos, apesar de estes não poderem pronunciar as palavras e fazer vibrar os fluidos com a mesma intensidade que nós, os encarnados.

Não podemos furtar-nos a um legítimo sentimento de admiração ante as descobertas maravilhosas da ciência moderna; somos mormente exaltados com essas pesquisas, pois elas nos permitem compreender a ação dos Espíritos sobre os encarnados e enquadrar dentro das leis naturais fenômenos erradamente considerados sobrenaturais. O progresso afirma-se cada vez mais e podemos dizer que a posteridade ficará espantada das coisas que temos ignorado.

Mediunidade tiptológica

A mediunidade tiptológica é a faculdade que permite obter, por meio de um objeto qualquer, mesa ou outro, comunicações inteligentes, ou por efeito de deslocamentos, ou por pancadas no interior do objeto de que se serve.

A explicação desses fatos é muito simples no caso das pancadas. Graham Bell no-la indicou precedentemente. Quando o Espírito quer produzir um ruído na mesa, por meio do fluido nervoso do médium e do seu fluido perispiritual, ele forma uma coluna fluídica que lança sobre a superfície da mesa. Ora, sabemos que um raio calorífico que incide de modo intermitente sobre uma substância sólida, aí provoca sons; da mesma forma se poderá compreender a ação espiritual dos Espíritos na produção de pancadas.

Examinemos agora o caso em que a mesa se desloca sob as mãos do médium para executar movimentos variados. É natural supor, quando se sabe que os Espíritos podem materializar-se, que eles levantem o móvel e o façam deslocarem-se como nós. Não é assim que as coisas se passam e os próprios Espíritos nos vieram explicar como operam. Ouçamos Allan Kardec:

“Quando a mesa se move sob as vossas mãos, o Espírito evocado combina parte do fluido universal com o que desprende o médium, satura com ele a mesa, que é assim pene-

trada de uma vida fictícia. Preparada a mesa, o Espírito a im-
pele e a move sob a influência do seu próprio fluido, que des-
prende por sua vontade. Quando a massa que quer pôr em
movimento é muito pesada, ele chama em seu auxílio Espíri-
tos nas mesmas condições, e combinando seus fluidos, che-
gam ao resultado desejado.”

Para que a ação se produza, é preciso, pois, que a mesa, de
alguma sorte, seja animalizada. Os fluidos necessários são forne-
cidos pelo Espírito e pelo médium, porque este é o reservatório
do fluido vital, indispensável para animar a mesa. Já sabendo
como o Espírito manipula os fluidos, essa questão nada mais tem
de obscuro para nós.

A ação é, aliás, semelhante à que produzimos todos os dias.
Quando desejamos fazer mover um de nossos membros, o braço,
por exemplo, o Espírito é, antes de tudo, obrigado a querer; a
vibração dessa vontade se transmite ao fluido nervoso e o braço
executa o movimento prescrito por nossa alma. Se por uma causa
qualquer o fluido nervoso não circular mais nos nervos que
terminam nessa parte do corpo, a ação não poderá exercitar-se.

No caso das manifestações tiptológicas, o Espírito está ligado
à mesa por um cordão fluídico, que faz o papel do sistema ner-
voso, no homem; ambos servem para transmitir a vontade. É
claro que os fatos serão tanto mais acentuados quanto mais forte
for o Espírito, e os ditados inteligentes estão em relação com o
grau de adiantamento da alma que se comunica e com sua apti-
dão para servir-se dos fluidos.

Esses reparos permitem-nos responder aos incrédulos que se
espantam quando uma mesa se move e nem sempre lhes pode
responder às interrogações.

Podemos comparar o Espírito que age em uma mesa a um in-
divíduo que opera num manipulador do telégrafo de Morse. Se
esse operador não aprendeu o alfabeto convencional de que se
serve, enviará sinais ininteligíveis, mas se for versado na arte de
telegrafar, o receptor registrará frases perfeitamente claras.

Não nos admiremos, portanto, que um Espírito seja inábil a
manifestar-se, às primeiras vezes que o evocam, e temos notado

que essa inaptidão cessa muito rapidamente, quando o mesmo Espírito é chamado muitas vezes. É preciso que o desencarnado aprenda a maneira de operar, e nisso, como em tudo, é preciso certo tempo.

O que dizemos para a mediunidade tiptológica aplica-se indistintamente a todo gênero de manifestações de Espíritos. Vê-se que tudo é simples e compreensível em nossa maneira de interpretar os fatos, e só as pessoas que o fizerem de caso pensado continuarão a tratar-nos de loucos e alucinados.

Sem ter ido tão longe como nós, na teoria, Crookes estudou os fenômenos sob o ponto de vista material e, na espécie, chegou à certeza absoluta. Não podendo reproduzir, *in extenso*, a descrição de suas pesquisas, contentar-nos-emos com os seguintes reparos finais:

“Estas experiências deixam fora de dúvida as conclusões a que cheguei, em precedente memória, a saber: a existência de uma força associada, de maneira ainda inexplicável, ao organismo humano, e pela qual um acréscimo de peso pode ser levado a corpos sólidos, sem contato efetivo. No caso de Home, esse poder varia enormemente, não só de semana em semana, mas igualmente de uma hora para outra; em algumas ocasiões essa força não pode ser acusada pelos meus aparelhos durante 1 hora ou mesmo mais e depois repentinamente ela reaparece com grande energia. Ela pode agir a certa distância de Home, mas é mais poderosa perto dele.

Na firme convicção em que estava de que um gênero de força não poderia manifestar-se, sem o dispêndio correspondente de outro gênero de força, em vão procurei, durante muito tempo, a natureza da força ou do poder empregado para produzir esses resultados.

Mas agora que já observei melhor o Sr. Home, creio descobrir o que essa força física emprega para desenvolver-se. Servindo-me dos termos *força vital*, *energia nervosa*, sei que emprego vocábulos que, para muitos investigadores, têm significações diferentes; mas, depois de ser testemunha do penoso estado de prostração nervosa, em que algumas dessas ex-

periências deixaram Home, depois de o ter visto em estado de desfalecimento quase completo, estendido no chão, pálido e sem voz, não duvido que a emissão da força psíquica seja acompanhada de um esgotamento correspondente da força vital.”

Assim se justifica a primeira parte do ensino dos Espíritos, que revelaram a Allan Kardec a teoria das manifestações físicas. Com efeito, é dito em *O Livro dos Médiuns* que toda ação física produzida pelos Espíritos exige dispêndio do fluido nervoso do médium. Continuemos a citação:

“Para testemunhar manifestações dessa força não é necessário ter acesso junto aos possuidores de dons psíquicos (leia-se médiuns) de fama. Essa força é, provavelmente, possuída por todos os seres humanos, posto que os indivíduos dela dotados com grande poder sejam muito raros.

Durante o ano findo (outubro de 1871), encontrei, na intimidade de algumas famílias, cinco ou seis pessoas que possuíam essa força de maneira potente, capaz de me inspirar a confiança de que, por seu intermédio, poderia obter resultados semelhantes aos descritos, se os experimentadores operassem com instrumentos mais delicados e suscetíveis de marcar uma fração de grão, em vez de indicar somente as libras e as onças.”

Essa é a segunda confirmação de nossa teoria, que pretende que todos possuímos em germe a mediunidade. Enquanto esperamos o aparecimento de uma grande obra do ilustre químico sobre a força psíquica, citemos algumas de suas reflexões.

“Enquanto minhas ocupações mo permitirem, proponho-me continuar essas experiências de diversas maneiras e, de tempos a tempos, farei com que sejam conhecidos os seus resultados. Tenho confiança em que outros serão levados a prosseguir essa investigação sob a forma científica. Seja bem entendido, entretanto, que em qualquer experiência científica essas pesquisas devem ser conduzidas de perfeito acordo com as condições em que a força se desenvolve. Assim como nas experiências de eletricidade pela fricção, é condição indis-

pensável que a atmosfera esteja isenta de excesso de umidade e que nenhum corpo condutor toque o instrumento, enquanto a força é gerada; também se verificou que certas condições eram indispensáveis à produção e à ação da força psíquica, e se essas precauções não são observadas, as experiências não dão resultado.

Sou formal neste ponto, porque já se têm feito objeções desarrazoadas à força psíquica, pelo fato de não se desenvolver nas condições ditadas pelos experimentadores; estes, entretanto, repeliriam as condições que lhes impusessem para a produção de alguns dos seus trabalhos científicos.

Posso acrescentar que as condições requeridas são pouco numerosas, muito razoáveis e que de modo algum impedem a mais perfeita observação e a aplicação do mais rigoroso e exato *controle*.”

É notória, no mundo científico da Inglaterra, a realidade da força psíquica. Poucos descobrimentos suscitaram tantas discussões e experiências contraditórias. Quando, *a priori*, se ouvem negar fenômenos atestados pelas maiores sumidades da Inglaterra, da Alemanha e da América, vê-se, com espanto profundo, a que aberrações a rotina e o preconceito podem conduzir.

A fim de que nossos leitores sejam inteiramente edificados sobre o valor de nossa crença, damos o relatório do comitê da Sociedade Dialética de Londres sobre o Espiritismo.

Relatório da Sociedade Dialética

“Desde sua criação, em 11 de fevereiro de 1869, esta subcomissão realizou 40 sessões com o fim de estabelecer experiências e provas rigorosas.

Todas essas reuniões se realizaram nas casas particulares dos membros da comissão, a fim de excluir a possibilidade de mecanismos previamente dispostos ou de qualquer artifício.

Os móveis com que se fizeram as experiências foram os comuns. As mesas eram as de jantar, pesadas, que demandavam considerável esforço para serem postas em movimento. A menor tinha 5 pés e 9 polegadas de comprimento por 4 pés

de largura; a maior, 9 pés e 3 polegadas de comprimento por 4 pés e meio de largura; o peso estava em proporção.

Os quartos, as mesas e todos os móveis em geral foram cuidadosamente examinados muitas vezes, antes das experiências, durante e depois, para certeza de que não existia trapaça, instrumento, ou qualquer aparelho com o auxílio dos quais pudessem ser produzidos os movimentos mencionados aqui adiante.

As experiências foram feitas à luz do gás, exceto em pequeno número delas.

Vossa comissão evitou servir-se de médiuns de profissão, ou pagos; o médium utilizado era um dos membros de vossa subcomissão, pessoa colocada em alta posição social, perfeitamente íntegra, sem nenhum proveito pecuniário em vista e que nenhuma vantagem poderia tirar de uma fraude.

Vossa comissão fez algumas reuniões sem a presença de qualquer médium (é bem entendido que neste relato a palavra *médium* é empregada simplesmente para designar um indivíduo, sem a presença do qual os fenômenos não se realizariam ou se produziriam com menos intensidade e frequência), para ensaiar, obter por alguns meio efeitos semelhantes aos que se observam quando um médium está presente.

Nenhum esforço, entretanto, foi capaz de produzir qualquer coisa inteiramente semelhante às manifestações que se verificam em presença de um médium.

Cada uma das provas que a inteligência combinada dos membros de vossa comissão podia imaginar foi feita com paciência e perseverança. As experiências foram dirigidas com grande variedade de condições, e todo engenho possível foi posto em prática para descobrir meios que permitissem à vossa comissão verificar as suas observações e afastar qualquer possibilidade de impostura ou de ilusão.

Vossa comissão restringiu seu relatório aos fatos de que seus membros foram coletivamente testemunhas, fatos esses palpáveis aos sentidos e cuja realidade foi suscetível de uma prova demonstrativa.

Cerca de quatro quintos dos membros de vossa comissão principiou as investigações com o mais completo ceticismo, crentes de que os fenômenos eram o resultado da impostura, da ilusão ou de uma ação involuntária dos músculos. Somente depois de irresistível evidência, em condições que excluía aquelas hipóteses e depois de experiências e provas rigorosas, muitas vezes repetidas, é que os membros mais céticos, muito a contragosto, ficaram convencidos de que os fenômenos produzidos durante este longo inquérito eram fatos verdadeiros.

O resultado de suas experiências, prosseguidas por muito tempo e dirigidas com cuidado, foi, depois das provas verificadas por todos os meios, estabelecer as conclusões seguintes:

- 1º- Sob certas disposições de corpo ou de espírito, em que se achem uma ou mais pessoas presentes, produz-se uma força suficiente para pôr em movimento objetos pesados, sem emprego de nenhum esforço muscular, sem contato material de qualquer natureza entre esses objetos e o corpo das pessoas presentes.
- 2º- Essa força pode produzir sons, que se ouvem, distintamente, em objetos materiais, sem qualquer contato, nem relação visível ou material com o corpo das pessoas presentes; ficou demonstrado que os sons provêm daqueles objetos, pelas vibrações perfeitamente sensíveis ao tato. (Advertência aos senhores Bersot, Julei Soury e à Academia das Ciências, que admitiram como única causa do fenômeno o músculo rangedor.)
- 3º- Essa força é freqüentemente dirigida com inteligência.

Alguns desses fenômenos produziram-se em 34 das 40 sessões efetuadas. A descrição de uma dessas experiências e o modo por que foi dirigida mostrarão melhor o cuidado e o escrúpulo com o qual vossa comissão realizou suas investigações.

Desde que houvesse contato ou simplesmente possibilidade de contato pelas mãos ou pelos pés, ou mesmo pelas roupas

de um dos presentes, com o objeto em movimento ou produtor de sons, não se podia ter a convicção de que esses movimentos ou sons não fossem produzidos pela pessoa com quem houve o contato. Foi, pois, tentada a seguinte experiência:

Certa vez, quando 11 membros estavam sentados havia 40 minutos, em torno da mesa da sala de jantar, e quando já tinham sido produzidos movimentos e sons variados, voltaram eles, no intuito de uma experiência mais rigorosa, as costas das cadeiras para a mesa, numa distância de nove polegadas; depois ajoelharam-se nas cadeiras, colocando os braços nos espaldares.

Nessa posição, tinham os pés necessariamente voltados para trás, longe da mesa, e, por conseqüência, não podiam estar em baixo, nem tocar o assoalho. As mãos, estendidas acima da mesa, conservavam uma distância de 4 polegadas de sua superfície. Não poderia, portanto, haver qualquer contato com a mesa, sem que o fosse percebido.

Em menos de um minuto, sem que tocassem na mesa, ela se deslocou quatro vezes; a primeira cerca de 5 polegadas de um lado, depois, 12 do outro, em seguida, mais 4 e 6 polegadas, respectivamente.

As mãos dos presentes foram, depois, colocadas nos encostos das cadeiras, a um pé de distância da mesa, que se moveu cinco vezes, com um deslocamento de 4 a 6 polegadas.

Finalmente, as cadeiras foram afastadas da mesa, numa distância de 12 polegadas, e todos se ajoelharam nas cadeiras, como precedentemente, mas, desta vez, com as mãos nas costas e, por conseqüência, com o corpo colocado cerca de 18 polegadas da mesa; o espaldar da cadeira achava-se, assim, entre a mesa e o experimentador. A mesa moveu-se 4 vezes, em direções variadas.

Durante esta experiência decisiva, e em menos de meia hora, moveu-se a mesa 13 vezes, sem contato ou possibilidade de contato com qualquer pessoa presente; os movimentos se

realizaram em direções diferentes e algumas correspondiam ao pedido de diversos membros.

A mesa foi examinada com cuidado, virada em todos os sentidos, analisada peça por peça, mas nada se descobriu que pudesse produzir os fenômenos. As experiências foram feitas sempre em plena luz do gás, colocado sobre a mesa. Em resumo, vossa subcomissão foi mais de 50 vezes testemunha de semelhantes movimentos sem contato, em 8 noites diversas, nas casas dos seus membros, sendo postas em prática as mais rigorosas exigências.

Em todas essas experiências, a hipótese de um meio mecânico ou qualquer outro foi completamente afastada, porque os movimentos se fizeram em várias direções, ora dum lado, ora doutro, ora para cima, ora para baixo; esses movimentos teriam exigido a cooperação de grande número de mãos e pés e, em razão do volume considerável e do peso das mesas, não se poderiam produzir sem o emprego visível de um esforço muscular. Mãos e pés eram perfeitamente visíveis e nenhum deles se poderia ter mexido, sem que fossem logo percebidos.

A idéia de ilusão foi posta de lado. Os movimentos se realizaram em direções diferentes e as pessoas presentes foram deles simultaneamente testemunhas. Era um caso de *medição* e nunca de opinião ou imaginação.

Esses movimentos se reproduziram tantas vezes, em condições tão numerosas e tão diversas, com tantas garantias contra o erro e o embuste e com tão seguros resultados, que os membros de vossa subcomissão, céticos no princípio das investigações, ficaram convencidos de que *existe uma força capaz de mover corpos pesados, sem contato material*, força essa que depende, de maneira desconhecida, da presença de seres humanos.

A respeito da natureza e da origem dessa força, a Comissão nenhuma certeza pôde coletivamente obter, tendo adquirido, simplesmente, *a prova do fato de sua existência*.

Vossa comissão acredita sem fundamento a crença popular de que a presença de pessoas céticas contraria a produção ou a ação dessa força.

Em resumo, vossa subcomissão exprime unanimemente o parecer de que a existência de um fato físico importante se acha assim demonstrado, a saber: que se podem produzir movimentos de corpos sólidos, sem contato material, por uma força desconhecida até agora, que age a uma distância indefinida do organismo humano e é inteiramente independente da ação muscular. Essa força deve ser submetida a um exame científico mais profundo, a fim de se lhe descobrir a verdadeira fonte, natureza e poder...”

- - -

A Ciência reconhece, pois, os fenômenos espíritas. Crookes, nessa via fecunda, levando mais longe a investigação, demonstra que a força psíquica é governada por uma inteligência, que não a dos assistentes; além disso, uma dessas inteligências reveste temporariamente um corpo, diz que é a alma de pessoa que já viveu na Terra é lhe faz fotografar a imagem.

Se tais fatos não induzem à crença, cumpre renunciar a convencer os homens, porque nada mais positivo, mais tangível, foi apresentado nos ramos dos conhecimentos humanos, em favor de uma teoria.

A despeito dos senhores Lélut, Luys, Moleschott, Büchner, Cari Vogt e outros materialistas, não aceitaremos, no futuro, em nossas discussões, senão fatos estabelecidos cientificamente, não desejando mais disputar hoje, que possuímos certezas, contra hipóteses sem fundamento. Não são mais visionários, cérebros ociosos, que proclamam a autenticidade das nossas manifestações; é a ciência oficial da Inglaterra. Opunham-nos outrora Chevreul, Babinet, Faraday. Agora nós apresentamos Crookes, Warley, Oxon, de Morgan, A. Wallace e toda a sociedade dialética. Demonstrem nossos contraditores que esses homens ilustres estão em erro e nós acreditaremos; mas enquanto esperamos que o façam, deixamos o público julgar para decidir de que lado está à boa-fé, a ciência e a verdade.

Os transportes

Chama-se transporte (*apport*), um objeto qualquer que os Espíritos conduzem de um lugar para outro. Assim, pode-se ter, e é o caso mais geral, transporte de flores, de frutos, de objetos materiais, como anéis, medalhas e outros. É óbvio que esse fenômeno só é probante com a condição de ser produzido em circunstâncias tais que não seja possível a suspeita. Nessas experiências, convém operar com pessoas absolutamente idôneas e em locais conhecidos pelos experimentadores. Essas recomendações têm por fim acautelar os espíritas contra as fraudes, que nunca faltam, quando se trata de fatos extraordinários.

Eis o conselho de um Espírito muito competente sobre este assunto:

“É preciso, necessariamente, para se obterem fenômenos dessa ordem, contar com médiuns, a que chamarei *sensitivos*, ou seja, dotados dos mais altos graus das faculdades mediánicas de expansão e penetrabilidade, porque o sistema nervoso desses médiuns, facilmente excitável, lhes permite, por meio de certas vibrações, projetar em torno, com profusão, fluido animalizado.

As naturezas impressionáveis, as pessoas cujos nervos vibram ao menor sentimento, à mais leve sensação, que qualquer influência moral ou física, interna ou externa, sensibiliza, são indivíduos muito aptos a se tornarem excelentes médiuns para os efeitos físicos de tangibilidade e transporte. Com efeito, seu sistema nervoso, quase inteiramente desprovido do invólucro refratário, que isola esse sistema na maior parte dos encarnados, torna-os próprios ao desenvolvimento desses diversos fenômenos.

Em conseqüência, com um sensitivo dessa natureza e cujas outras faculdades não sejam hostis à entrada no estado mediúnico (ou a mediunização), obter-se-ão mais facilmente os fenômenos de tangibilidade, as pancadas nas paredes e nos móveis, os movimentos inteligentes e mesmo a suspensão no espaço da mais pesada matéria inerte; *a fortiori* obter-se-ão

esses resultados se, em lugar de um médium, tiverem-se à nossa disposição vários deles, igualmente bem dotados.

Mas da produção desses fenômenos à obtenção dos transportes há uma grande distância, porque neste caso, não somente o trabalho do Espírito é mais complexo, mais difícil, mas muito mais que isso, o Espírito só pode operar por intermédio de um único aparelho mediúnico, isto é, vários médiuns não podem concorrer simultaneamente para a produção do mesmo fenômeno. Acontece mesmo que, ao contrário, a presença de certas pessoas antipáticas ao Espírito que opera, entrave radicalmente sua operação. A esses motivos que, como se vê, não são sem importância, junte-se que os transportes necessitam sempre uma maior concentração e ao mesmo tempo maior difusão de certos fluidos e que, enfim, eles só podem obter-se com os mais bem dotados médiuns, aqueles, numa palavra, cujo aparelho electromediúnico seja o melhor condicionado.

Em geral, os *transportes* são e permanecerão excessivamente raros. Não preciso demonstrar-vos por que eles são e serão menos freqüentes que os outros fatos de tangibilidade; do que vos disse, deduzi-lo-eis por vós mesmos. Aliás esses fenômenos se revestem de tal natureza, que, nem só todos os médiuns não são próprios a sua produção, como os próprios Espíritos não os podem, todos, produzir. Com efeito, é preciso que entre o Espírito e o médium influenciado haja certa afinidade, certa analogia, em uma palavra, certa semelhança, que permita à parte expansível do fluido perispirítico do encarnado unir-se, combinar-se com a do Espírito que quer fazer um transporte. Essa fusão deve ser tal que a força resultante se torne, por assim dizer, uma – como acontece com as duas porções de uma corrente elétrica, agindo sobre o carvão, que produzem um só foco, uma claridade única.

Por que essa união? Por que essa fusão, perguntareis? É que, para a produção desses fenômenos, é preciso que as qualidades essenciais do Espírito motor sejam aumentadas com algumas das do mediunizado, já que o *fluido vital*, necessário à produção de todos os fenômenos medianímicos, é apanágio

exclusivo do encarnado e, por consequência, o Espírito operador é obrigado a impregnar-se dele. Só então ele pode, com o auxílio de certas propriedades do vosso meio ambiente, desconhecidas de vós, isolar, tornar invisíveis e fazer moverem-se certos objetos materiais e os próprios encarnados.

Não me é permitido, agora, desvelar-vos as leis particulares que regem os gases e os fluidos que nos envolvem mas, antes que alguns anos se tenham escoado e antes que haja passado uma existência de homem, a explicação dessas leis e desses fenômenos vos será revelada e vereis surgir uma nova variedade de médiuns, que cairão num estado cataléptico particular, logo que forem mediunizados.²³

Vós vedes de quantas dificuldades se acha envolvida a produção dos transportes; podeis concluir logicamente que efeitos dessa natureza são excessivamente raros e com mais forte razão porque os Espíritos a eles se prestam muito pouco, pois que motivam da parte deles um trabalho quase material, o que lhes constitui um aborrecimento e uma fadiga. Por outro lado, acontece ainda isto: é que muito freqüentemente, apesar de sua energia e de sua vontade, o estado do próprio médium lhes opõe uma barreira intransponível.

É, pois, evidente, e vosso raciocínio o sanciona, não duvido disso, que os fatos tangíveis consistindo em pancadas, movimentos e suspensão, são fenômenos simples, que se operam pela concentração e dilatação de certos fluidos, e podem ser obtidos pela vontade e o trabalho dos médiuns que sejam aptos a produzi-los, quando estes são secundados por Espíritos amigos e benévolos. Por outro lado, os fenômenos de transporte são múltiplos, complexos, exigem o concurso de circunstâncias especiais, não podem operar-se senão por um único Espírito, um só médium, e necessitam afora condições da tangibilidade, uma combinação toda particular para isolar e tornar invisível o objeto ou os objetos que constituem o motivo do transporte.

Todos vós, Espíritas, compreendeis minhas explicações e dai-vos conta perfeitamente dessa concentração de fluidos especiais para a remoção e a tutilidade de matéria inerte; credes

nisso, como credes nos fenômenos da eletricidade e do magnetismo, com os quais os fatos medianímicos têm plena analogia e dos quais são, por assim dizer, a consagração e o desenvolvimento. Quanto aos incrédulos, não sei o que fazer para convencê-los, com eles não me ocupo; convencer-se-ão um dia pela força da evidência, porque bem necessário será que se inclinem ante o testemunho unânime dos espíritas, que foram forçados a fazê-lo diante de tantos outros fatos que, primeiro, haviam repellido.

Para resumir: se os fatos de tangibilidade são freqüentes, os de transporte são muito raros, porque as condições são muito difíceis; por conseqüência, nenhum médium pode dizer “a tal hora e em tal momento, obterei um transporte”, porque, muitas vezes, o próprio Espírito se vê impedido de o fazer. Deve-se acrescentar que tais fatos são muito difíceis em público, visto que aí se encontram, quase sempre, elementos energicamente refratários, que paralisam os esforços do Espírito e, com mais forte razão, os do médium. Tende, ao contrário, por certo, que esses fenômenos se produzem espontaneamente; muitas vezes, sem a vontade dos médiuns, sem premeditação, quase sempre em particular, e raramente quando eles estão prevenidos; donde se deve concluir que há motivo legítimo de suspeição, quando um médium se gaba de os obter à vontade, ou de dar ordens aos Espíritos, como a servidores, o que é simplesmente absurdo.

Tende, ainda, como regras gerais, que *os fenômenos espíritas não foram feitos para ser dados em espetáculos* e para divertir os curiosos. Se alguns Espíritos a tal se prestam, só o fazem para os fenômenos simples e não para os que, como os de transporte, exigem condições excepcionais.

Lembrai-vos, espíritas, que se é absurdo repelir, sistematicamente, todos os fenômenos de além-túmulo, não o é menos, aceitá-los todos cegamente. Quando um fenômeno de tangibilidade, de aparição, de visibilidade ou de transporte se manifesta espontaneamente ou de maneira instantânea, aceitai-o; mas, não seria demais repeti-lo, não o aceiteis às cegas; que cada fato sofra um exame minucioso, aprofundado, severo.

Crede, o Espiritismo, tão rico em fenômenos sublimes e grandiosos, nada tem a ganhar com essas pequenas manifestações que hábeis prestidigitadores podem imitar.

Sei bem o que me ireis dizer – que os fenômenos são úteis para convencer os incrédulos; mas, sabei-o bem, *se não houvésseis tido outros meios de convicção, não teríeis hoje a centésima parte dos adeptos que tendes.*

Falai ao coração; é por aí que fareis as mais sérias conversões. Se acreditais seja útil, para certas pessoas, agir pelos fatos materiais, apresentai-os, ao menos em circunstâncias tais que não possam dar lugar a falsas interpretações; é preciso, sobretudo, que não vos afasteis das condições normais dos fatos, porque os fatos apresentados em más condições fornecem argumentos aos incrédulos, em vez de convencê-los.

Erasto

- - -

Deve-se notar com que sabedoria esse Espírito nos premune contra o entusiasmo errôneo dos fanáticos. Essas prescrições são adotadas por todos os espíritas sérios, e nesse número podemos contar o Sr. Vincent, que publicou, sobre os transportes, uma interessante brochura, em 1882. Digamos desde logo que se acham excluídas as hipóteses de fraude e embuste, visto que as precauções tomadas por Vincent apagam esses receios. Além disso, sendo notória a honestidade do narrador, podemos, sem hesitação, admitir-lhe o testemunho. Aliás, o que ele conta tem sido obtido muitas vezes, e as revistas espíritas estão cheias de exemplos semelhantes; damos, porém, preferência a esse escritor, não só pela maneira científica por que conduziu suas experiências, como também pela notável coincidência que existe entre as condições por ele observadas e as descritas pelo Espírito Erasto, como sendo indispensáveis.

Demos a palavra a Vincent, cujas sessões se efetuaram em sua casa, com portas e janelas fechadas:

“Chego, agora, ao primeiro transporte e eis o que encontro em minhas notas, com data de 28 de setembro de 1880:

Já há alguns dias magnetizo o médium todas as noites. Essa recomendação me foi feita pelo Espírito que quer produzir o transporte, a fim de bem dispor o sensitivo, que não é bastante forte para efeitos físicos, de modo a que seja possível obter espontaneamente com seus fluidos um tal fenômeno. Magnetizo-o, pois, ainda esta noite. Logo que adormeceu, chegou o Espírito. Eu o interrogo como se falasse a um espírito encarnado. Ele me entende e seu pensamento formula uma resposta que impressiona o cérebro do médium adormecido. Este me transmite, então, de viva voz, como se ela fosse emitida por seu pensamento, a frase que acaba de ouvir; faço, depois, outra pergunta, e a conversa continua até que o Espírito, percebendo o médium fatigado, me aconselha que o acorde.

– É provável – disse ele – que eu possa fazer amanhã meu transporte.

– E que nos trareis? – pergunto.

– Tenho dois objetos em vista. Estão ambos na Inglaterra, em Londres. Um é uma imagem que dei à minha irmã, no século passado. Há palavras inglesas, por trás. O outro é uma lembrança que o médium deu, outrora, a pessoa amiga. Trarei – acrescentou o Espírito – um ou outro, talvez ambos.

– Ireis, então, buscá-los na Inglaterra?

– Irei. Podes agora acordá-lo. Até amanhã.

– Acordo o médium. A sessão durou um quarto de hora.

No dia seguinte, 29 de setembro, magnetizo o médium às 9 horas da noite. O Espírito chega e me diz que vai produzir o fenômeno. Seguindo-lhe os conselhos, fiz o médium deitar-se no chão. O Espírito manda que apague a luz, o que faço. Colocado perto do médium, ouvir-lhe-ia os menores movimentos. Ele não se mexe.

Espero. Ao fim de dois ou três minutos, o médium me diz, sempre adormecido:

– Ele me apresenta alguma coisa, mas não posso tomá-la.

– Que lhe apresenta ele?

– Ah, põe-na a meu lado.

Dirijo-me, então, ao Espírito:

– Estais ainda aí?

Ele responde com voz fraca:

– Estou; voltarei, amanhã, e dar-te-ei pormenores. Acorda-o.

Acendo a lâmpada e encontro, ao lado do médium, uma imagem um tanto semelhante a essas gravuras que as jovens trazem em seus livros sagrados; num lado, há um desenho representando uma rosa colorida e, por trás, as seguintes palavras em inglês: *For my dear Rika, October, 1783*.

Em uma abertura, feita na imagem, acima da rosa, passam três pequenas fitas brancas, um pouco desbotadas. Numa, li, bordadas, estas palavras; *Eu sou o pão da vida*; na outra: *God is love*; e na terceira: *Cristo é minha vida*. As fitas têm algumas dobras, mas a imagem está intacta, e seria absolutamente impossível, rodeada como é, de um rendado muito frágil, que esse rendado não se amarrotasse e partisse, se o médium tivesse trazido consigo esses objetos para os colocar a seu lado. Repito, aliás, que ele não fez um único movimento durante a experiência. Acha-se como aniquilado nas almofadas em que o deitei e tenho muito trabalho em acordá-lo.

Acrescento que o médium ficou muito fatigado, durante a noite e no dia seguinte. Era como uma espécie de esgotamento; não havia dor, mas lassidão geral.

No outro dia, as 9 e meia da noite, magnetizo o médium; o Espírito chega.

– O médium ficou muito fatigado – diz ele – por esse transporte; assim, não convém prolongar-lhe o sono. Desejaria que lhe tivesse observado o coração e as pulsações. Terias notado que elas eram menos fortes que de costume, que ele não estava mais em seu estado ordinário.

– Podeis dizer-me como procedestes?

– Não tão bem quanto queria. *Foi por uma espécie de absorção do fluido vital*. Nós nos impregnamos dos fluidos do médium.

– Queria também perguntar como pudestes fazer com que esses objetos atravessassem a parede, desde que o quarto da experiência não tem chaminé, e as portas e as janelas estavam fechadas?

– Fui buscar os objetos de dia, com os fluidos tomados do médium. Desmaterializei-os nos lugares em que eles se achavam, porque estavam em duas casas diferentes; depois, quando eles se tornaram fluídicos, por essa primeira operação, transportei-os para aqui, *fazendo-os atravessar a parede, como eu mesmo a atravesso*. Tomei-os, em seguida, materiais, com outros fluidos tomados do médium, que acabavas de adormecer. A imagem fora dada por mim, antigamente, a minha irmã, chamada Frederika ou Rika, por abreviação, na época em que habitávamos Londres, depois de ter deixado a Alemanha. Quanto às três pequenas fitas, foi o médium quem as deu, há quinze ou dezesseis anos, a uma pessoa amiga, morta depois em Londres. Agora, acorda o médium.

Acordo-o; são dez horas e um quarto.

Tal é a história desse primeiro transporte. Durante muitos dias interroguei o mesmo Espírito para saber alguns detalhes sobre a maneira pela qual se operava o fenômeno. Ele dizia sempre que não me podia explicar melhor do que o houvera feito.

A 11 de novembro de 1880, outro Espírito deu esta resposta pela escrita medianímica:

– Pediste ao nosso amigo uma explicação do fenômeno dos transportes. O mais erudito Espírito não poderia resolver certos problemas, que explicaria por meio de aparelhos especiais, se vivesse na Terra. A *matéria cósmica* tem sempre o maior papel nas operações dos Espíritos. Analisar como se desagrega um corpo sólido com o auxílio dessa matéria, não é fácil, pois que o Espírito *nem sempre sabe exatamente como opera*. É preciso contar também com a vontade do Espírito que quer fazer alguma coisa. Em suma, os termos nos escapam. Sê indulgente e crê nos vossos amigos.”

Na descrição desse transporte, notamos que o estado do médium é vizinho da catalepsia e que houve perda de fluido vital. As explicações dos Espíritos não parecem trazer grande luz ao assunto, mas, com os conhecimentos que já possuímos, elas nos podem fazer compreender a maneira pela qual o fenômeno se realiza.

Notemos que o Espírito reconhece que ele age pela vontade, o que tínhamos estabelecido nos outros gêneros de manifestação. A vontade é o único agente de que dispõe para manipular os fluidos; é uma força que o Espírito dirige como quer.

Ele não percebe como os fenômenos se operam; verifica-os, mas não os pode analisar, assim como há alguns séculos acontecia com a nutrição, a respiração, que os homens ignoravam como se produziam. Ainda hoje, a geração é uma operação misteriosa, apesar das numerosas pesquisas feitas sobre o assunto. Tentemos, entretanto, investigar a maneira de se dar um transporte.

Vimos que os corpos podem ocupar estados diferentes, desde o sólido à matéria radiante; podemos, pois, compreender que o Espírito, por sua vontade e com os fluidos do médium, produzirá uma operação semelhante à da água, quando passa a vapor por meio do aquecimento; o fluido vital faz, na desmaterialização, o papel de calórico; como compreender, porém, que o corpo desmaterializado conserve a sua forma e as relações das moléculas entre si?

Se tivéssemos apenas que lidar com os corpos brutos, poder-se-ia supor que o Espírito forma, por sua vontade, uma espécie de invólucro fluídico e que ele encerra o corpo desmaterializado nesse tecido fluídico, mas não se conceberia como, voltando esse corpo ao estado de matéria, podem as moléculas recolocar-se em sua ordem normal. Vejamos uma hipótese que nos parece a mais racional:

Demonstramos que o homem tem um invólucro semimaterial e que os animais possuem um semelhante; há duplos fluídicos em todas as criaturas que têm vida, porque todas se desenvolvem segundo um tipo determinado, e é necessário que uma força fluídica o conserve em meio às contínuas mutações da matéria.

Assier estabeleceu esse fato para os animais e para as plantas, tanto pela lei de analogia, como pelas experiências diretas que se encontram relatadas no capítulo III do seu livro sobre a humanidade póstuma. Ele leva seu sistema mais longe ainda, e crê que o duplo fluídico se aplica, mesmo aos corpos brutos.

Se considerarmos que os metais cristalizam em tipos determinados, reconhecer-se-á que eles são também dirigidos por uma força fluídica e que podem possuir um duplo fluídico. Admitido esse fato, tudo se torna perfeitamente claro.

O Espírito que quer fazer um transporte tem apenas que volatilizar, de alguma sorte, a matéria do objeto sobre o qual opera, depois transporta esse duplo para o lugar que escolheu e lá ele toma ao fluido universal os elementos necessários à reconstrução do objeto material por meio do fluido vital.

Com as plantas a operação é a mesma. O duplo fluídico reproduz, molécula por molécula, todas as partes da planta, pois que, sendo-lhe o esboço, basta incorporar as moléculas do fluido universal, tornadas materiais pelo Espírito, e a planta aparece com todos os seus pormenores, sua frescura, seu colorido, aos olhos dos assistentes. Enfim, é sempre a mesma operação que se executa, quando um Espírito se quer tornar visível e tangível, como nas experiências de Crookes.

Não sabemos até que ponto nossa hipótese se aproxima da realidade, mas os fenômenos se produzem, é preciso explicá-los e a nossa teoria, até agora, é a que nos parece mais de acordo com o ensino espírita e os descobrimentos modernos.

Apêndice

Desde a época, já longínqua, em que apareceu a 1ª edição desta obra (1883), o autor teve a satisfação de verificar que algumas das mais importantes teorias aqui expostas tiveram a consagração da ciência.

Assim, todos os nossos conhecimentos sobre a matéria foram renovados pelo descobrimento dos fenômenos da radioatividade. O átomo não é mais a base indestrutível do Universo. As teorias materialistas de Büchner, Moleschott, Carl Vogt, Haeckel, etc. foram declaradas radicalmente falsas. Não é a matéria que produz a energia, como a conhecemos. Os fenômenos da radioatividade demonstram que partes constitutivas do átomo podem escapar-se dele, de sorte que, no fim de algum tempo mais ou menos longo esse átomo volta ao éter donde saíra.

Na obra de Allan Kardec, intitulada *A Gênese*, publicada em 1867, encontra-se, no capítulo dos fluidos, essa teoria nitidamente exposta pelos Espíritos, na metade do último século. Lê-se textualmente, à página 298.

“A matéria tangível, tendo por elemento primitivo o fluido cósmico etéreo, deve poder, desagregando-se, voltar ao estado de eterização, como o diamante, o mais duro dos corpos, pode volatizar-se em gás impalpável. *A solidificação da matéria não é, em realidade, mais que um estado transitório do fluido universal, que pode tornar ao estado primitivo, quando as condições de coesão cessarem de existir.*”

É este um fato que deve fazer inspirar a maior confiança no valor intelectual e científico dos guias do grande iniciador.

Além disso, tudo o que temos escrito sobre os fluidos, isto é, sobre os estados cada vez mais rarefeitos da matéria, é confirmado pela descoberta dos raios X e das ondas hertzianas, que são, incontestavelmente, manifestações dessas formas superiores da matéria cósmica, desconhecidas no último século.

É bom também assinalar que o estudo das manifestações extracorpóreas do Espírito, cuja importância já tinha sido assinala-

da por Allan Kardec e por nós, foi empreendido, desde 1883, pela Sociedade Inglesa de Pesquisas Psíquicas (*Society for Psychical Research*) e, depois, no novo mundo, pelo ramo americano dessa Sociedade.

Os sábios que a compõem chegaram a estabelecer, experimentalmente, a exteriorização de todas as formas do pensamento, à qual deram o nome geral de telepatia. Verificaram, ainda, casos de visão a distância, sem o socorro dos olhos, e fatos de premonição, em condições que estabelecem, absolutamente, a autenticidade desses fenômenos, cuja realidade já assinalei no curso desta obra.

Melhor ainda, lendo os relatórios publicados pela Sociedade, é fácil notar que o fenômeno de desdobramento do ser humano foi estabelecido com um luxo de provas que nada deixa a desejar.

Demonstramos, no 1º volume da nossa obra intitulada *Aparições materializadas dos vivos e dos mortos*, que os fantasmas dos vivos são de indiscutível realidade, porque foram fotografados, o que não deixa dúvida alguma a respeito de seu caráter objetivo. Pode-se produzir experimentalmente essa duplicação do ser humano; resulta, pois, daí que a alma, mesmo durante a sua passagem sobre a Terra, está sempre associada a uma forma de matéria quintessenciada, o que justifica nossas afirmações relativamente à existência do perispírito.

No 2º volume da mesma obra encontrar-se-ão documentos extremamente numerosos, que confirmam, por pesquisas ulteriores em todos os países, as notáveis experiências de materialização de Crookes. Assinalaremos, particularmente, as de Aksakof com Eglinton e a Senhora d'Espérance; depois, as pesquisas do Doutor Gibier, em Nova York, e as empreendidas durante 20 anos por uma legião de sábios, em companhia de Eusápia Paladino, principalmente no Círculo Minerva, em Gênova, e, enfim, as do professor Richet e nós, em Argélia, na Vila Cármen.

Vimos, pelos trabalhos de Crookes, que a realidade das manifestações resulta:

1º- da vista coletiva do fantasma, por todos os assistentes;

- 2º- das fotografias que puderam ser tiradas;
- 3º- das ações materiais exercidas pelo fantasma;
- 4º- da visão simultânea da aparição e do médium;
- 5º- enfim, a essas provas veio juntar-se outra, absoluta, a da moldagem de parte da aparição, moldagem insimulável, que é como um testemunho permanente da realidade objetiva do fantasma e do caráter realmente humano de sua materialização.

Esses últimos resultados foram obtidos, a princípio, na América, pelo professor Denton, depois na Inglaterra, por Mrs. Reimers e Oxley, Ashton e outros. (Ver detalhes: *As aparições materializadas dos vivos e dos mortos*, tomo II, capítulo III, pág. 247.)

Ultimamente, resultados semelhantes foram obtidos com o médium Kluski, no Instituto Metapsíquico Internacional.

Chegou-se a pesar, simultaneamente, ou sucessivamente, o médium e o Espírito materializado, e percebeu-se que a matéria que compunha o corpo do fantasma era tomada quase totalmente ao corpo do médium.

Nestes últimos anos, a Sra. Bisson estudou particularmente o início desse fenômeno, provocando a saída da matéria exteriorizada do médium, à qual se deu o nome de *ectoplasma*.

O conjunto dos fenômenos da mediunidade obteve, de alguma sorte, uma consagração oficial, com o haver o professor Richet apresentado à Academia de Medicina, em 1922, sua obra *Tratado de Metapsíquica*.

Se o autor não adotou, ainda, as conclusões espíritas que dela deduzimos (desse conjunto de fenômenos) não rejeita formalmente nossa interpretação. Tanto ele tem razão, que desde o último século, um grande número de homens de ciência adotaram formalmente a teoria espírita como a única explicação geral de todos os fenômenos.

Na Inglaterra, tivemos a alegria de contar entre os novos adeptos homens tais como o ilustre psicólogo Myers, o professor Barrett, Sir Oliver Lodge, eminente físico, e, nos últimos tempos,

o engenheiro Crawford; na América, o professor Hyslop, o Doutor Hodgson; na Itália, o célebre criminalista Lombroso, os Drs. Pio Foa, Vesani, Scozzi, Venzano, os professores, Botazi, Brofferio, Bozzano, Tumolo, o astrônomo Porro e outros.

Há um quarto de século vêm sendo empreendidas, sobre os fenômenos psíquicos, pesquisas em quase todos os países. Na França, Camille Flammarion publicou o resultado de seus trabalhos, em três volumes intitulados: *Antes da Morte*, *Em torno da Morte*, *Depois da Morte*, sob o título geral *A Morte e seu mistério*. Ele termina por uma afirmação nitidamente espírita.

Na mesma ordem de idéias, Warcollier nos dá, numa obra sobre a telepatia, o resultado de suas pesquisas e o Doutor Osty afirma, no seu livro *O Conhecimento Supranormal*, que certas pessoas têm a faculdade de apreender, anormalmente, o conhecimento de coisas que lhes são desconhecidas e de prever o futuro.

Como se vê, não nos enganamos em nossas previsões, visto que esses estudos entram, enfim, no domínio da ciência.

É uma profunda satisfação para os espíritistas verificarem que nenhuma de suas afirmações foi contraditada, vai para mais de meio século, e que, pelo contrário, as experiências empreendidas no mundo inteiro têm confirmado o valor de suas assertivas, tanto no ponto de vista experimental como filosófico.

Graças à inteligência e generosa iniciativa de esclarecido filantropo, Jean Meyer, foi criado, em 1919 em Paris:

- 1 - Um *Instituto Metapsíquico Internacional*, reconhecido de utilidade pública, do qual fazem parte eminentes cientistas, tais como o professor Richet, o conde Grammont e o professor Leclainche, membros da Academia de Ciências; Camille Flammarion, o Doutor Santolíquido, o Professor Tessier, o Doutor Calmette, inspetor geral do Serviço de Saúde; entre os membros estrangeiros, Oliver Lodge, Bozzano; como diretor o Doutor Geley.
- 2 - Na mesma data: *A União Espírita Francesa*, com sede em Paris, que, apesar de sua recente criação, reúne já 26 sociedades, de todas as regiões da França e das colônias.

A essas duas instituições incumbe dar as bases científicas para o estudo do Espiritismo e à difusão de sua filosofia o mais vigoroso impulso.

É pois com confiança que podemos considerar o futuro e o triunfo certo dessa grande e nobre doutrina.

FIM

Notas:

- ¹ Ver 4ª parte, sobre o sentido da palavra imaterial.
- ² “Insensescência” - expressão utilizada aqui como a qualidade do que não envelhece (o oposto de senescente, que significa aquilo ou aquele que está envelhecendo).
- ³ Dr. Robinet - *Philosophie Positive*, pág. 17.
- ⁴ *Revue de Philosophie Positive*, jan. 1880.
- ⁵ Embora o autor refira apenas o cérebro e o cerebelo, é mais correto dizer: o cérebro e o cerebelo, a protuberância anular e o bulbo raquidiano, a menos que se prefira dizer simplesmente o encéfalo.

Em verdade, podemos, com Testut, considerar o sistema nervoso do homem formado de duas classes de órgãos, agrupados em duas grandes divisões:

- 1) órgãos centrais - centros nervosos - que constituem o sistema nervoso central;
- 2) órgãos periféricos - nervos - que constituem o sistema nervoso periférico.

O sistema nervoso central é formado por um eixo de substância nervosa, que ocupa integralmente a cavidade óssea constituída pelo crânio e pela coluna vertebral; é o neuro-eixo, eixo encéfalo-medular ou cerebrospinal ou ainda mielencéfalo.

Dois órgãos proeminentes formam esse eixo nervoso: o encéfalo e a medula espinal, aquele de forma ovóide, ocupando a cavidade craniana, esta de forma tronco-cônica alongada, enchendo a cavidade ou canal existente na coluna vertebral, formada pelo empilhamento das vértebras. Deixando de lado, como faz o autor, a medula espinal e os nervos periféricos, encaremos apenas o encéfalo, pois é deste que faz parte o cérebro, a que o autor empresta interesse todo particular.

O encéfalo apresenta-se constituído de cinco partes que são, indo-se de baixo e de trás para cima e para frente:

-
- 1) bulbo raquidiano, também chamado medula oblongata, porque continua para cima a medula espinal, no eixo nervoso;
 - 2) protuberância anular;
 - 3) cerebelo;
 - 4) pedúnculos cerebrais - parte do encéfalo que liga as três partes;
 - 5) o cérebro - com os chamados hemisférios cerebrais.

São essas cinco as partes do encéfalo existentes no homem já devidamente desenvolvido. É útil, no entanto, para melhor compreensão da anatomia e da fisiologia nervosas, saber que no embrião, inicialmente, só existiam três vesículas primitivas chamadas cérebros anterior, médio e posterior. Mais tarde os cérebros anterior e posterior dividiram-se, cada um, em duas vesículas secundárias, do que resultaram no embrião mais desenvolvido, cinco vesículas cerebrais distintas, que se chamam: cérebro anterior definitivo, prosencéfalo ou telencéfalo, do qual se originaram os hemisférios cerebrais; cérebro intermediário, talamoencéfalo ou diencéfalo, que deu origem aos tálamos óticos, também chamados camas óticas; cérebro médio ou mesencéfalo, de que se originaram os pedúnculos cerebrais; cérebro posterior definitivo ou metencefalo, do qual se originaram o cerebelo e a protuberância anular; trácérebro, medula oblongata ou mielencéfalo, do qual se formou o bulbo raquidiano. No curso do seu desenvolvimento, entretanto, o cérebro intermediário, talamoencéfalo ou diencéfalo se integrou aos hemisférios cerebrais, provenientes do cérebro anterior definitivo, pelo que sob a designação geral de cérebro se estudam os hemisférios cerebrais e os núcleos da base cerebral - os tálamos óticos.

É ao cérebro assim compreendido, incluindo em seu conjunto os tálamos óticos, que se refere amplamente o autor, em harmonia, aliás, com o que se lê no *Tratado de Anatomia Humana* de Testut-Latarget, 2º tomo, pág. 896, 9ª edição, de Salvat Editores S.A., Barcelona, Madrid, 1960, que, data vênua, transcrevemos atualizada:

“O cérebro constitui a parte anterior e superior do encéfalo. Dos diferentes segmentos que entram na constituição do eixo cérebro medular, é há um tempo o mais volumoso, mais importante e mais nobre: a ele chegam, em definitivo, todas as impressões chamadas conscientes, recolhidas na periferia pelos nervos sensitivos e sensoriais e dele partem todas as incitações motoras voluntárias logo transportadas aos aparelhos musculares pelos nervos motores; o cérebro é, finalmente, o ponto onde têm assento as faculdades intelectuais, com as quais tem relações íntimas, que, nem por serem pouco conhecidas, deixam de ser indubitáveis.

Anatomicamente, compreende os hemisférios cerebrais propriamente ditos, com seus ventrículos laterais, e os tálamos áticos com o ventrículo médio, isto é, o cérebro médio (diencéfalo) e o cérebro anterior (telencéfalo). No curso de seu desenvolvimento, este incorpora o cérebro médio de tal maneira que no adulto não é possível separar no estudo um do outro.” - (N.E.)

⁶ É o nome dado antigamente ao que hoje mais freqüentemente se chama tálamos éticos, mas as duas expressões são sinônimas. - (N.E.)

⁷ *De la vie et de l'intelligence*, Paris, 1856.

⁸ Ver todas as atas nos cursos de Magnetismo do Barão du Potet.

⁹ A semelhança afirmada não existe entre as palavras portuguesas saúde e bondade e entre felicidade e doçura, mas existe realmente entre as palavras correspondentes francesas: *santé* e *bonté*, *bonheur* e *douceurr*. (N.E.)

¹⁰ Esta ordem não é a em que os fenômenos se apresentam habitualmente no hipnotismo, porém se nos afigura a mais lógica no ponto de vista teórico.

¹¹ Depois da primeira edição deste livro foi criado em Paris um Instituto Metapsíquico Internacional, para o estudo dos fenômenos espíritas, e numerosos sábios afirmam a autenticidade dos fatos.

¹² Isto foi escrito no século XIX; hoje todos esses fatos são do domínio da Ciência. (N.E.)

¹³ Guéridon - mesa pequena de um só pé.

¹⁴ Um moderno êmulo de Soury, Paul Heuzé, empregou os mesmos processos e teve a mesma atitude. Cabem-lhe as mesmas respostas.

¹⁵ Podemos aproximar destas observações as curiosas experiências que Zöllner fez em companhia de Slade. Ei-las, segundo a narração de Eugéne Nus:

“Zöllner, tendo arranjado dois anéis de madeira, torneada e inteiriça com um diâmetro interior de 74 milímetros, passou por eles uma corda de violino, fixou a corda com cera, pelas extremidades, na mesa. Sobre a cera apôs seu selo, deixando os anéis livres na corda. Era desejo dele ver os anéis entrelaçarem-se. Sentou-se à mesa, ao lado de Slade, e pôs as mãos sobre a corda no ponto sinetado. Uma pequena mesa estava diante dos anéis.

Após alguns minutos de expectativa – escreveu Zöllner –, ouvimos, na pequena mesa redonda junto a nós, um ruído, como se pedaços de madeira batessem uns nos outros. Levantamo-nos para pesquisar a origem deste ruído e, com grande surpresa, encontramos os dois anéis (que, cerca de seis minutos antes, estavam enfiados na corda de violino) em volta do pé central da pequena mesa, em perfeito estado.

Dessa forma – acrescenta Zöllner –, uma experiência anteriormente preparada não saiu conforme fora prevista; os anéis não foram entrelaçados um no outro, e, sim, transferidos da corda de violino para o pé da mesa redonda feito de bambu.

Houve, neste caso, desintegração momentânea da matéria dos anéis e recomposição desses mesmos anéis em torno do pé da mesa. Ainda que extraordinários possam parecer esses fatos, eles são, entretanto, reais, a menos que se acuse o ilustre sábio de mentir ao público.”

¹⁶ Vejam-se “Essais de psychologie, contemplations de la nature” e “Palingénésie philosophique”.

-
- ¹⁷ O que se formula em termos algébricos desta maneira: $S = K \log$, sendo K uma constante.
- ¹⁸ Esta afirmativa esperançosa de Delanne já parece confirmada com a verificação do **corpo bioplasmático** que os soviéticos descobriram ou, melhor, redescobriram com auxílio das câmaras Kirlian. (N.E.)
- ¹⁹ Se a ação é puramente mecânica, o Espírito não atua senão sobre os centros sensitivo-motores que dirigem os movimentos do braço e da mão; a ação é, pois, com efeito, muito difícil.
- ²⁰ No original:
Le roi Henry donne cette grande épinette
A Baltazarini, très bon musicien;
Si elle n'est bonne ou pas assez coquette
Pour souvenir, du moins, qu'il la conserve bien. (N.T.)
- ²¹ Esta quadra, em francês arcaico, corresponde à já ditada pelo Espírito de Baltazarini. A tradução, por consequência, é a mesma já apresentada.
- ²² Lembremos que Delanne escreveu esta obra no fim do século passado. (N.E.)
- ²³ As descobertas de Crookes não vos põem no caminho das explicações? É ainda uma confirmação da clarividência de nossos guias, pois que essa comunicação foi obtida em 1861.